

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

LOHANNA MACHADO

A internacionalização do romance brasileiro neste início de século: vencedores do
prêmio Portugal Telecom/Oceanos na França, Inglaterra e Estados Unidos

Versão corrigida

São Paulo

2023

LOHANNA MACHADO

A internacionalização do romance brasileiro neste início de século: vencedores do prêmio Portugal Telecom/Oceanos na França, Inglaterra e Estados Unidos

Versão corrigida

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Agostini Mello

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M149i Machado, Lohanna
A internacionalização do romance brasileiro neste início de século: vencedores do prêmio Portugal Telecom/Oceanos na França, Inglaterra e Estados Unidos / Lohanna Machado; orientador Jefferson Agostini Mello - São Paulo, 2023.
210 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. CH794.7.4.3 - LITERATURA BRASILEIRA. 2. CH793.1 - CRÍTICA LITERÁRIA. 3. CH764.5.2.9 - POLÍTICA CULTURAL. 4. CH764.5.2 - CULTURA. I. Mello, Jefferson Agostini, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Lohanna Machado

Data da defesa: 03/04/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Jefferson Agostini Mello

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 08/05/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Janus



CERTIFICADO DE DEFESA

CERTIFICO, para os devidos fins, que Sr(a). Lohanna Machado, número USP 10225692, defendeu no dia 03 de abril de 2023, no Programa de Literatura Brasileira do(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a Tese de Doutorado intitulada:

"A internacionalização do romance brasileiro neste início de século: vencedores do prêmio Portugal Telecom/Oceanos na França, Inglaterra e Estados Unidos"

CERTIFICO, ainda, que o(a) aluno(a) faz jus ao título de Doutora em Letras - Área: Literatura Brasileira, tendo sido a ata da Comissão Julgadora homologado pela Comissão de Pós-Graduação, em 03 de abril de 2023.

São Paulo, 05 de abril de 2023.

DocuSigned by:
Assinatura manuscrita em azul.
B62264D0E136410...

DEDICATÓRIA

Na forma do maior agradecimento, a Dedicatória só poderia ser às duas pessoas que dividiram comigo da forma mais íntima este longo doutoramento.

À minha filha Hilda, nascida no primeiro semestre de meu doutorado e que até à sua conclusão ainda resistia em aceitar dividir a atenção materna.

A seu pai, meu esposo Adonai, que tanto ajudou para que nossa família pudesse chegar satisfatoriamente sã e salva até aqui.

“A gente cresce / Vai melhorando em união”

AGRADECIMENTOS

❖ O passar dos anos me deixou ansiosa pelo momento de colocar o seguinte nome de forma destacada nesta seção: o de meu orientador Jefferson A. Mello. É porque se acumularam ocasiões para que eu me beneficiasse das afinidades de campo de estudo, dos puxões-de-orelha e incentivos na medida certa, da dedicação com que me ajudou a estruturar e dar direção à pesquisa, do contato que estimulava entre orientador e orientandos em forma de um grupo de debate que a pandemia não desfez. Por tudo isso, pelo generoso acolhimento de sempre, meu muito obrigada.

❖ Houve um tempo, infelizmente breve, em que havia quase tantas bolsas de pesquisa quanto pós-graduandos dispostos à dedicação que elas exigiam. Em 2017, a situação já era bastante diversa, ainda assim ingressei no doutorado nesse ano sabendo que, sem essa ajuda, não seria possível dar seguimento. A bolsa do CNPq veio e precisei ser imensamente grata a isso. Frequentemente questionava meu merecimento, pois fiz parte de um número cada vez menor de bolsistas.

❖ As consequências que o período pandêmico trouxe para a realização de meu trabalho foram amenizadas pela compreensão da Universidade de São Paulo. Agradeço, pois ela beneficiou a mim e muitos outros com extensões de prazo caridosas.

❖ Agradeço a Nielsen BookScan por atenciosamente ceder os dados de venda concernentes às edições no Reino Unido do *corpus* literário desta pesquisa.

❖ Gostaria de encerrar mencionando professores que foram importantes na trajetória acadêmica que chega, hoje, à conclusão desta tese. Certamente em muitos casos sem o saber, em contatos às vezes bastante breves, me inspiraram, ou acolheram, ou estimularam, são eles: Alfredo C. B. de Melo, Ana L. Teixeira, Antônio Nery, Elena Brugioni, Fernando Gil, João A. P. Grahl, João C. de C. Rocha, Lúcia Cherem, Luís Bueno, Luiz Jackson, Marcelo Paiva, Marcelo Sandmann, Márcia Abreu, Marcos Flamínio, Marie-Hélène Torres, Marilene Weinhardt, Otto L. Winck, Patrícia Cardoso, Piers Armstrong, Regina da C. da Silveira, Rejane Pivetta, Renata Telles e Sandra Stroparo.

“O público pergunta de Pelé e futebol, agora a bola passa; no fundo da sala, os próximos autores esperam.

Esperam sentados no banco sua vez de falar, sua vez de jogar.

Falam de prêmios e a editora que não cadastrou a todos, toca pro lateral, quase foi gol e o Prêmio São Paulo agora tem chances, e Paulo Coelho tão invisível não deixa ninguém mostrar os malditos personagens.

Lou fala uma frase, a mulher que traduz e tem o cachorro pega o microfone.

Essa obra foi escrita com um gatilho para acessar o Demônio.

Dão muita risada.

Finalmente acaba.”

Ferréz, O demônio de Frankfurt

RESUMO

Esta tese se constitui em uma proposta de estudo da internacionalização da literatura brasileira neste início de século. Em uma primeira etapa, cumpriu o seguinte itinerário: delineamento da evolução dos estudos em torno do que se convencionou chamar "literatura mundial"; levantamento dos empecilhos que, ontem e hoje, dificultam a circulação internacional da literatura brasileira; avaliação de seu grau atual de autonomização e dos investimentos em sua exportação neste período – que coincidiram com uma maior abertura ao outro nos estudos literários. Em um segundo momento, empreendeu-se um estudo de caso sobre a recepção de obras brasileiras vencedoras do prêmio Portugal Telecom/Oceanos traduzidas na França, Reino Unido e Estados Unidos. Foi então que “romance” tomou o lugar de “literatura” no título deste trabalho, pois nenhum dos poetas ou contistas premiados foi traduzido nesses espaços. *Corpus* constituído, avançou-se para uma investigação sobre o prestígio das mãos (das editoras, tradutores, críticos...) que apresentaram essas obras nesses campos de chegada. Isso incluiu o levantamento e análise dos textos críticos publicados sobre esses lançamentos em jornais, revistas, sites e blogs desses países. Tal leitura permitiu avaliar o que era posto em relevo pelos críticos literários estrangeiros diante das obras brasileiras em questão. Com essa trajetória, esta tese espera contribuir não só para a atualização do estado de coisas nesse campo, como também para uma reflexão crítica sobre as relações desiguais dentro da “República Mundial das Letras” e o lugar da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: internacionalização da literatura brasileira; literatura mundial; crítica literária; política cultural; prêmios literários.

ABSTRACT

This thesis constitutes a proposal to study the internationalization of Brazilian literature at the beginning of this century. In a first stage, it carried out the following itinerary: outlining the evolution of studies around what is conventionally called "world literature"; survey of the obstacles that, yesterday and today, hinder the international circulation of Brazilian literature; assessment of its current degree of autonomy and investments in its exportation in this period – which coincided with a greater openness to the other in literary studies. In a second moment, a case study was undertaken on the reception of Brazilian works that won the Portugal Telecom/Oceanos prize translated in France, the United Kingdom and the United States. It was then that "novel" took the place of "literature" in the title of this work, as none of the awarded poets or short story writers was translated in these spaces. With the *corpus* constituted, this work moved forward to an investigation into the prestige of the hands (of publishers, translators, critics...) that presented the novels in those fields of arrival. This included a survey and analysis of critical texts published about these launches in newspapers, magazines, websites and blogs in these countries. Such a reading made it possible to assess what was highlighted by foreign literary critics in the face of the Brazilian works in question. With this trajectory, this thesis hopes to contribute not only to updating the state of affairs in this field, but also to a critical reflection on the unequal relations within the "World Republic of Letters" and the place of Brazilian literature.

KEYWORDS: internationalization of Brazilian literature; world literature; literary criticism; cultural policy; literary awards.

RÉSUMÉ

Cette thèse constitue une proposition pour étudier l'internationalisation de la littérature brésilienne au début de ce siècle. Dans une première étape, elle a réalisé l'itinéraire suivant : esquisser l'évolution des études autour de ce qu'il est convenu d'appeler la « littérature mondiale » ; enquête sur les obstacles qui, hier et aujourd'hui, entravent la circulation internationale de la littérature brésilienne ; bilan de son degré actuel d'autonomie et investissements dans son exportation à cette époque – qui coïncide avec une plus grande ouverture à l'autre dans les études littéraires. Dans un second temps, une étude de cas a été menée sur la réception d'œuvres brésiliennes lauréates du prix Portugal Télécom/Océans traduites en France, au Royaume-Uni et aux États-Unis. C'est alors que « roman » a pris la place de « littérature » dans le titre de cet ouvrage, car aucun des poètes ou nouvellistes primés n'a été traduit dans ces espaces. *Corpus* constitué, la thèse avance à une enquête sur le prestige des mains (d'éditeurs, de traducteurs, de critiques...) qui ont présenté ces œuvres dans ces champs d'arrivée. Cela a compris l'enquête et l'analyse des textes critiques publiés sur ces lancements dans les journaux, les magazines, les sites Web et les blogs de ces pays. Une telle lecture a permis d'évaluer ce qui était mis en avant par les critiques littéraires étrangers face aux œuvres brésiliennes en question. Avec cette trajectoire, cette thèse espère contribuer non seulement à mettre à jour l'état des choses dans ce domaine, mais aussi à une réflexion critique sur les rapports inégalitaires au sein de la « République Mondiale des Lettres » et la place de la littérature brésilienne.

MOTS-CLÉS : internationalisation de la littérature brésilienne ; littérature mondiale; critique littéraire; politique culturelle; prix littéraires.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1 - PIB brasileiro – 2000 a 2021	57
Figura 2 - Acumulado de traduções por país.....	169
Figura 3 - Número de vendas por título. Data da atualização dos dados: Reino Unido, janeiro de 2023; França, agosto de 2021; Estados Unidos, setembro de 2021.	176
Figura 4 - Total de críticas, entrevistas, participação em listas, menções recebidas por cada publicação	181
Figura 5 - Interesse prévio dos críticos pela cultura brasileira	182
Figura 6 - Total de livros do <i>corpus</i> traduzidos por ano	183
Figura 7 - Ano de lançamento no Brasil das obras traduzidas	185
Tabela 1 - Vencedores brasileiros do prêmio Portugal Telecom/Oceanos. Traduzidos na França, Reino Unido ou Estados Unidos estão em negrito e itálico.....	72

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. “Pequenas literaturas” em tempos de “literatura mundial”	15
3. Batendo à porta para entrar: alguns entraves para a participação da literatura brasileira na literatura mundial	25
4. A autonomia do campo literário brasileiro em processo: políticas da internacionalização.....	41
5. As condições de chegada das traduções dos vencedores brasileiros do prêmio Portugal Telecom/Oceanos: preâmbulo	64
6. Estudo da recepção dos livros premiados traduzidos	74
6.1. <i>Nove noites</i> na França	74
6.2. <i>Nove noites</i> na Inglaterra	84
6.3. <i>Cinzas do Norte</i> na França.....	87
6.4. <i>Cinzas do Norte</i> na Inglaterra.....	91
6.5. <i>O sol se põe em São Paulo</i> na França	96
6.6. <i>O filho eterno</i> na França	101
6.7. <i>O filho eterno</i> na Inglaterra.....	104
6.8. <i>O filho eterno</i> nos Estados Unidos	106
6.9. <i>Leite derramado</i> na França	108
6.10. <i>Leite derramado</i> na Inglaterra	112
6.11. <i>Leite derramado</i> nos Estados Unidos.....	115
6.12. <i>Passageiro do fim do dia</i> na França.....	120
6.13. <i>O Drible</i> na França	123
6.14. <i>Maracanazo</i> na França	127
6.15. <i>A resistência</i> na França.....	129
6.16. <i>A resistência</i> no Reino Unido	132
6.17. <i>Simpatia pelo demônio</i> na França	139
6.18. <i>Antonio</i> nos Estados Unidos.....	146
6.19. <i>Antonio</i> na Inglaterra	151
6.20. <i>Acenos e afagos</i> nos Estados Unidos	152
6.21. <i>Torto arado</i> a caminho na Inglaterra e na França.....	162
6.22. Breves considerações sobre os não traduzidos	164
7. Exercício de síntese dos dados coletados	168
8. Considerações finais.....	186
9. Referências.....	189

1. INTRODUÇÃO

Assistimos neste início de século uma série de transformações sociais que tiveram impacto direto nas condições da produção, divulgação e consumo cultural no Brasil. Quanto ao processo de internacionalização da literatura brasileira, que então ganhou fôlego, já há estudos que se arriscam a dimensionar o recente fenômeno, seja através da recepção de um autor em específico, da participação do Brasil em feiras literárias, da história da literatura brasileira em determinado país... Assim como eles, esta tese é uma proposta de abordagem desse tema, e faz também seus recortes. O principal, é a escolha por trabalhar com a recepção de obras vencedoras de um importante prêmio literário brasileiro, o Portugal Telecom/Oceanos. A operação tinha interesse, pois permitiria contrapor as escolhas e avaliações estrangeiras com aquilo que, para a crítica brasileira, representa o melhor de sua literatura contemporânea.

Início por uma recuperação da “área de estudo”, ou “problema”, como diria Franco Moretti (2000), da literatura mundial. Partindo do pressuposto de que a literatura brasileira ocupa nela posição periférica, interessavam as discussões específicas que abordam seu histórico angloeurocentrismo, o que é traduzido e efetivamente circula internacionalmente. Por essa razão, embora tenha tentado cobrir os momentos-chave em que o termo literatura mundial, por uma razão ou outra, esteve em alta, a leitura tem um claro viés.

Em seguida, busquei catalogar fatores que interdita ou dificultam o interesse na tradução e leitura de literatura brasileira fora do Brasil. Era um passo importante para que pudesse, mais à frente, ter uma base com a qual discutir o porquê de se traduzir determinada obra e não outra, as condições dessas traduções, os entusiasmos e silêncios da crítica.

Ainda antes do estudo de caso, principal produto desta tese, era preciso demonstrar quais foram, afinal, as políticas culturais do país que tornaram possível, nesse período, o defendido crescimento do trânsito internacional da literatura brasileira. Internamente, essas políticas também influenciaram, e foram acompanhadas, por um salto na autonomização do campo literário brasileiro. Havia

ainda, claro, uma série de deficiências de difícil superação, e a chegada de uma interferência grave, da qual tratarei oportunamente, pôs em ameaça o que até então havia sido construído.

O estudo de caso foi uma investigação do prestígio com que obras brasileiras premiadas pela crítica nacional chegam nos grandes centros consagrados de hoje, que elegi como sendo França, Inglaterra e Estados Unidos. A escolha por trabalhar com obras premiadas permitia estimar se existe correspondência entre o que se celebra dentro e fora. O prestígio da editora, do tradutor, o quilate das críticas recebidas, a posição dos críticos no campo de chegada foram alvo de análise.

Após empreender uma investigação caso a caso com cada obra traduzida – além de um breve sobrevoo sobre as que, ainda, não o foram – fiz um esforço de síntese desses resultados.

Espero que, com tal trajetória, possa trazer dados e considerações novas para essa área de estudo, que conta já com produções, de dentro e de fora da academia, excelentes e instigadoras. Talvez, insistindo em falar do tema, possamos ser também de uma pequena ajuda para uma circulação mais equânime do conjunto de obras que formam a literatura mundial.

Por conta das características da pesquisa, há alta ocorrência de fontes em outras línguas, as quais foram traduzidas por mim.

2. “PEQUENAS LITERATURAS” EM TEMPOS DE “LITERATURA MUNDIAL”

Em 1827, Goethe disse a Johann Eckermann (2016, p. 228) uma frase que se tornaria célebre: “A literatura nacional hoje já não significa grande coisa, é chegada a época da literatura mundial (*Weltliteratur*)”, e todos devem trabalhar no sentido de apressá-la.”. O erudito, então já na maior idade, demonstra um enfado algo vanguardista com as literaturas nacionais, já que, conforme demonstra o substancioso estudo *La création des identités nationales*, de Anne-Marie Thiesse, o século XVIII foi o ponto fulcral da mudança de paradigma na definição dos territórios no sentido moderno. A crescente valorização da “identidade nacional” influenciou os românticos e entrou século XIX adentro. No “*check list* identitário”¹ que as nações se apressaram a arranjar, a literatura, tanto culta quanto popular, tinha um lustre especial. Embora isso signifique uma espécie de autocentramento das literaturas em suas circunscrições nacionais, em paralelo, o capitalismo tipográfico

buscou públicos cada vez mais amplos, mas ofereceu a eles produtos semelhantes, entre os quais se destacam romances franceses e ingleses, no original ou em tradução. Isso talvez tenha criado uma comunidade imaginada, em que se conhecem os mesmos heróis e se sofre pelas mesmas tramas [...] o que explica mais a conexão do que a distinção entre as nações (ABREU, 2016, p. 29-30).

Essa tese de Márcia Abreu, encontrada no seu *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos*, importa para nos lembrar que, embora as nações tenham trabalhado, em matéria de política de estado e da contribuição de artistas nacionalistas, para se distinguirem umas das outras, isso não eliminou o trânsito cultural entre os diferentes territórios. Ao mesmo tempo que se borra, então, qualquer ideia de pureza dos corpos nacionais, percebe-se que o privilégio de cruzar fronteiras foi principalmente da literatura francesa e inglesa. Ora, precisamente as

¹ “Hoje sabemos estabelecer a lista de elementos simbólicos e materiais que devem apresentar uma nação digna desse nome: uma história que estabeleça continuidade com os grandes antepassados, uma série de heróis modelos de virtudes nacionais, uma língua, monumentos culturais, um folclore, lugares altos e uma paisagem típica, uma mentalidade particular, representações oficiais – hino e bandeira – e identificações pitorescas – traje, especialidades gastronômicas ou animal emblemático” (THIESSE, 2001, p. 13-4).

duas nações que competiam por protagonismo no período (não só na esfera literária, é certo). Essa disputa, que se reflete também no que podemos chamar de um “poder” das línguas (diminuto no português e menor no Brasil), naturalmente deixava na sombra as outras literaturas – e é já um exemplo das relações desiguais que se estabelecem nesse meio.

Um século depois daquelas conversações com Goethe, em 1926, a revista *Books abroad* é fundada nos Estados Unidos por Roy Temple House (WORLD LITERATURE TODAY, 2022), futuramente indicado ao prêmio Nobel da Paz por seus serviços para a promoção da cooperação internacional. Ele pretendia preencher esta lacuna: não haviam revistas que cobrissem a literatura produzida no mundo de forma ampla. Em 1952 era ainda a única revista com esse direcionamento exclusivo, de uma crítica literária internacional. A mudança de seu nome para *World literature today*, em 1977, recupera o *Weltliteratur* de Goethe e é fruto de uma retomada de interesse no tema nessa década.

Edward Said (1995), na seção “Vinculando o império à interpretação secular” de *Cultura e imperialismo*, vê também na história da literatura comparada um espelho do imperialismo, tendo como consequência, por exemplo, que as principais línguas e nações europeias (somando-se logo os Estados Unidos) eram o início e o fim dos estudos, que só eventualmente se aventuravam por outras paragens. Constata que foi nos anos setenta que começaram a surgir mudanças e aberturas significativas nessa área, em certo sentido como uma reação política. É também dessa década a delimitação dos estudos de tradução em sua acepção mais moderna, quando passa a se interessar também por questões “que dizem respeito ao funcionamento das traduções em seus contextos de produção e recepção, ou seja, na cultura de acolhimento” (HEILBRON; SAPIRO. 2008, p. 27).

Posteriormente, em parte reflexo do progresso dos estudos culturais, nos anos 1990 as discussões em torno da “literatura mundial”² ganham novo impulso e, ao menos até o presente, têm se mantido no radar dos estudos literários. As editoras, por sua vez, acompanham esse fluxo, e sem seguir exclusivamente uma lógica de

² Fenômeno que pode ser considerado recente, nem mesmo o nome “Literatura Mundial”, como mais comumente se encontra no Brasil, é pacificado. Chama-se de “*World Literature*”, com traço e sem traço, “*Littérature-Monde*”, “*Weltliteratur*” e como sói acontecer com sinônimos e traduções, eles não querem dizer exatamente o mesmo.

mercado. São permeadas, vez e outra, por paixões e qualquer coisa como um sentimento de dever de disponibilizar ou dar a conhecer determinada obra e autor. Porém, como é sabido, a diversidade no mercado editorial se encolhe conforme o campo é dominado pelos grandes grupos econômicos, e a língua inglesa ultrapassa com folga mais da metade das traduções publicadas mundialmente.

A República Mundial das Letras, de Pascale Casanova, busca dar contorno, estrutura e alguma materialidade à chamada Literatura Mundial. Essa República, seu termo metafórico,

tem seu modo próprio de funcionar, sua economia gerando hierarquias e violências, e sobretudo sua história, que, escondida pela apropriação nacional (e portanto política) quase sistemática do fato literário, jamais foi até agora descrita. Sua geografia constituiu-se a partir da oposição entre uma capital literária (e portanto universal) e regiões que dela dependem (literariamente), e que se definem por sua distância estética da capital. Por fim, dotou-se de instâncias de consagração específicas, únicas autoridades legítimas em matéria de reconhecimento literário, e encarregadas de legislar literariamente; graças a alguns descobridores excepcionais sem preconceitos nacionalistas, instaurou-se uma lei literária internacional, um modo de reconhecimento específico que nada deve às imposições, aos preconceitos ou aos interesses políticos (CASANOVA, 2002, p. 26).

Se as formas desse “imenso edifício” permaneciam invisíveis, seria por repousarem “em uma ficção aceita por todos os protagonistas do jogo: a fábula de um universo encantado [...] onde se realiza na liberdade e na igualdade o reinado do universal literário” (CASANOVA, 2002, p. 26). Sua história e sua economia são “a história das rivalidades que têm a literatura como objeto de disputa e que fizeram – com recusas, manifestos, violências, revoluções específicas, desvios, movimentos literários – a literatura mundial.”.

Publicada na França em 1999, e no Brasil em 2002, *A República Mundial das Letras* teve sua estreia acompanhada pela publicação, em 2000, de um ensaio também bastante difundido de Franco Moretti, “Conjeturas sobre a literatura mundial”. Apesar da concisão, o texto é fruto de uma extensa pesquisa lendo obras literárias e críticas não ocidentais. Moretti (2000, p. 173) procurou relacionar a forma de operar do capitalismo internacional, “simultaneamente uno e desigual, com um centro e uma periferia vinculados num relacionamento de crescente desigualdade”, com o que chama de um “sistema mundial de literaturas inter-relacionadas”. A coincidência de

seus propósitos e a concomitância das duas obras refletem as preocupações que ocupavam a crítica literária na época.

Embora o interesse, como visto, venha de antes, após a publicação de *A república mundial das Letras* e “Conjeturas sobre a literatura mundial”, os estudos sobre a literatura mundial definitivamente ganharam corpo. Exemplos são o largo compilado de textos editados por David Damrosch, em 2013, *World literature in theory*, ou a seleção *Debating world literature* editada por Christopher Prendergast (2004, p. vii), já em 2004, com a afirmação, na primeira página, de que “A intervenção de Casanova é o ponto de partida para este arriscado empreendimento.”. As duas obras também transferem o ensaio de Moretti e o posterior “*More conjectures*” (na edição de Damrosch) da *New Left Review* para uma apresentação em livro. Mas o fenômeno não esteve restrito às esferas acadêmicas. Uma prova é o conhecido manifesto *Pour une "littérature-monde" en français*, de 2007, assinado por quarenta e quatro escritores, entre eles Edouard Glissant e Le Clézio (BARBERIE *et al*, 2007).

Em solo brasileiro, as obras de Casanova e Moretti foram bem recebidas pela academia e traduzidas com pouco atraso. Para além da munição que representavam contra o sistema que marginaliza literaturas como a brasileira, ela ocupava (seus escritores e também seus críticos) posição relevante nos dois trabalhos. Casanova tem como um de seus referenciais para tratar do Brasil o Antonio Candido de “Literatura e subdesenvolvimento”, e uma das obras que analisa mais detidamente é *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mario de Andrade³. Já Franco Moretti recorre aos estudos de Roberto Schwarz sobre a importação do romance para, junto à referência a Even-Zohar, chamar atenção para as metáforas econômicas (importação, empréstimo, dívida...) usadas para se referir à falta de simetria entre as relações literárias: “Uma literatura-alvo, em geral, recebe a interferência de uma literatura-fonte que a ignora completamente” (MORETTI, 2000, p. 175).

Menos que um objeto de estudo, para Moretti (2000, p. 174) a literatura mundial é um problema⁴ reclamando um novo método crítico. O método que propõe, da *distant reading*,

³ Cita brevemente também Oswald de Andrade, Joaquim Nabuco, Castro Alves, Machado de Assis e outros.

⁴ Enquanto para Moretti a literatura mundial é um “problema”, para o coletivo de pesquisadores da universidade de Warwick, especializados no estudo de literatura mundial, ela é uma extensão da

permite focalizar unidades muito menores ou muito maiores que o texto: expedientes, temas, tropos — ou gêneros e sistemas. E se entre o muito pequeno e o muito grande o próprio texto desaparece, bem, será um daqueles casos em que se pode justificadamente dizer: "Menos é mais". Se quisermos compreender o sistema em seu conjunto, teremos de aceitar perder alguma coisa. (MORETTI, 2000, p. 176).

Esse método diametralmente se opõe ao do *close reading*, popular do *new criticism* à desconstrução, e que exige para seu funcionamento a eleição de um cânone muito restrito, aqueles poucos que “valem a pena”⁵. Moretti (2000, p. 176-7) atribui a esse método de leitura da *distant reading* o desenvolvimento de sua teoria sobre a conciliação entre matéria local e influência formal ocidental no desenvolvimento do romance moderno nas culturas da periferia do sistema literário. Ao invés da leitura cerrada de romances de culturas como a japonesa, indiana, brasileira, Moretti recorreu a estudos críticos que analisassem o fenômeno do ponto de vista local. Comparando-os, armou sua teorização sobre um comportamento global uno – mas não uniforme, devido às diversas realidades locais, além da irregularidade da influência ocidental. Mais adiante, comentando as limitações, antes de tudo linguísticas, de uma pesquisa que priorizasse a leitura desses romances estrangeiros no original, defende a importância, para o estudo da literatura mundial, de que em algum momento se ceda o passo para especialistas da literatura nacional, numa espécie de divisão do trabalho (MORETTI, 2000, p. 179-80).⁶

O professor e crítico literário estadunidense Michael Wood, envolvido numa polêmica sobre as leituras internacionais de Machado de Assis, faz algumas

literatura comparada em um momento em que essa se reinventava “após os debates multiculturalistas e a crítica disciplinar ao eurocentrismo” (WREc, 2015, p. 4). Creio que as duas interpretações possam conviver. Ainda mais alinhados estão na relevância que a teoria do sistema-mundo de Wallerstein toma nas duas obras. Moretti (2000, p. 174-5) se utiliza dela como uma “hipótese” de leitura: “o capitalismo internacional é um sistema simultaneamente uno e desigual: com um centro e uma periferia (e uma semiperiferia) vinculados num relacionamento de crescente desigualdade.”. Já no WReC (2015, p. 8) há uma proposta de definir a literatura mundial como a literatura do sistema-mundo.

⁵ O que bem ou mal refletia também uma preocupação de ordem prática: a impossibilidade de ler e emitir juízo sobre tudo.

⁶ No que tange ao método de análise crítica que poderia compreender esses movimentos de dentro e fora, pertença, diferença, indiferença e apropriação das literaturas, Franco Moretti (2000, p. 179-81) adotou as conhecidas metáforas das árvores (“passagem da unidade à diversidade”, as várias literaturas nacionais) e ondas (“uniformidade abarcando uma diversidade inicial”, os diversos contatos linguísticos e culturais). As árvores seriam, então, o objeto de estudo da literatura nacional e “especializada”, enquanto as ondas seriam o material da literatura comparada e da literatura mundial.

considerações sobre a leitura nacional e não nacional que interessam a esse ideal de uma divisão de tarefas:

Para mim, a questão crítica, depois de feito o esforço de descobrir o que se pode descobrir sobre o contexto nacional saturado de determinada obra, é como devemos ligar nossa experiência de leitura a outros contextos, especialmente o nosso próprio [...] O leitor nacional [...] é por certo o melhor leitor, porque ao menos está preservado do vazio. O leitor internacional pode oferecer perspectivas que talvez falem ao leitor nacional [...], mas está sempre propenso ao gesto imperial, ou, na verdade, à pura vacuidade. Minha sugestão é que o suposto leitor internacional, tendo se tornado um leitor tão nacional quanto lhe é possível, possa proveitosamente voltar para casa e comparar [...] Um toque de comparação extranacional também não faria mal ao leitor nacional (WOOD, 2009, p. 188).

Logo, Wood expressa estima pela leitura nacional, mas pondera que o olhar externo pode enxergar pontos que ficaram cegos a quem vê “perto demais”. Já na proposta de “divisão de trabalho” de Moretti, os especialistas em literatura nacional ficam diminuídos diante do (gesto imperial?) “poder explicativo maior”, “conceitualização elegante” e menor “obtusidade” e “unilateralidade” dos estudos comparados. David Damrosch (2003, p. 517) parece concordar com Michael Wood quando considera que o especialista nem sempre está na melhor posição para avaliar os termos, que podem ser dramaticamente diferentes, com que uma obra se engaja com uma cultura diferente – o que não quereria dizer que as obras perdessem em trânsito os elementos ligados a seus contextos de escrita, de maneira que “O conhecimento do especialista é a principal salvaguarda contra a própria vontade do generalista de dominar textos que, de outra forma, facilmente se tornariam grãos para o moinho de um argumento histórico ou sistema teórico pré-formado.” (DAMROSCH, 2003, p. 517).

Outra diferença digna de nota é que Wood parece ter como foco a “leitura cerrada” de uma obra, enquanto Moretti trata em seu estudo da “leitura distanciada”. Como se vê, são impasses que impactam diretamente a forma dos estudos internacionais das literaturas periféricas. *Close reading* ou *distant reading*? Valorizar o contexto de produção ou enfatizar a transculturação? Levar em conta a crítica nacional especializada ou priorizar os estudos comparados? Uma coisa ou outra, ou uma coisa “e” outra?

Pascale Casanova (2002, p. 18) compreende que, embora os territórios e fronteiras literários possam ser diferentes dos políticos, são os mais desfavorecidos, os periféricos, os que percebem mais sensivelmente as marcas dessas diferenças. É verdade que, continua a autora, na República Mundial das Letras existem leis específicas que libertariam a literatura das “arbitrariedades políticas e nacionais”, porém essa liberdade seria um privilégio da literatura produzida “nas regiões mais independentes”, ou seja, com maior autonomia. Segundo Casanova (2002, p. 304), os excêntricos, lendo obras excêntricas, têm todas as chances de realizar uma leitura mais “‘realista’ (mais fundamentada historicamente) que a leitura central (des-historicizada)”, que pode ignorar a estrutura da dominação literária, a qual tem seu modo próprio de funcionar, mas que em países mais periféricos não está alheia às constrictões político-econômicas. O primeiro fator citado por Pierre Bourdieu, em *A economia das trocas simbólicas*, como um gerador de mal-entendidos nas trocas internacionais é justamente a separação das obras de seu contexto:

O fato dos textos circularem sem seu contexto, de não importarem junto consigo o campo de produção — para empregar meu próprio jargão — dos quais são o produto e dos receptores, eles próprios inseridos em um campo de produção diferente, reinterpretem-nos em função da estrutura do campo de recepção é gerador de mal-entendidos colossais. É evidente que se pode tirar da minha descrição, que acredito ser objetiva, conclusões otimistas ou pessimistas: por exemplo, devido ao fato de alguém que é uma autoridade em seu país não levar consigo sua autoridade, a leitura estrangeira pode às vezes ter uma liberdade ausente da leitura nacional, submetida a efeitos de imposição simbólica, de dominação ou mesmo de limitação. O que leva a pensar que o julgamento do estrangeiro é um pouco parecido com o julgamento da posteridade. [...] Na realidade, esse efeito é muito mais aparente do que real (BOURDIEU, 2002, p. VI).

Pesquisando nas bases Modern Language Association (MLA) e Dissertation Abstract International (DAI), Piers Armstrong (1999, p. 146-7) concluiu que, naquele momento (sua pesquisa foi realizada nos anos 1990), os estudos estrangeiros de Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, de maneira geral, ignoravam o que o pesquisador classificou como, no caso da crítica da obra de Guimarães: “Questões de etnia, identidade brasileira, testemunho sócio-histórico e política estão praticamente ausentes”; na de Machado: “em termos gerais, fica claro que Machado de Assis não é estudado como um meio literário para um fim sociológico ou brasileiro”; e na de Drummond: “internacionalmente sua poesia não é estudada em termos de identidade brasileira”.

Esses resultados de Armstrong corroboram o contexto como preocupação dos críticos nacionais. A leitura central des-historicizada pode ser então motivo de ressentimentos da parte do crítico nacional, como se nota no “Leituras em competição”, escrito pelo proeminente Roberto Schwarz em resposta às interpretações de Machado de Assis por Michael Wood, o qual parece ter sido visto, escrevendo para a *New York Review of Books*, como um símbolo da leitura central com a qual a do crítico nacional “compete”.⁷

Retomando, as literaturas periféricas são as mais vulneráveis a certas dinâmicas da vida intelectual, como as assim descritas por Bourdieu:

A vida intelectual, como todos os outros espaços sociais, é o lugar de nacionalismos e imperialismos, e os intelectuais veiculam, quase tanto quanto os outros, preconceitos, estereótipos, ideias pré-concebidas, representações muito sumárias, muito elementares, que se alimentam dos acidentes da vida cotidiana, das incompreensões, dos mal-entendidos, das feridas (por exemplo, aquelas que o fato de ser desconhecido em um país estrangeiro pode infligir ao narcisismo) (BOURDIEU, 2002, p. V).

É por isso que, em seguida, Bourdieu (2002, p. V) critica a lógica do *laissez-faire*⁸ em matéria de cultura, pois, por conta desses preconceitos, estereótipos, representações sumárias, tipicamente veiculadas pelo que segue chamando de intelectuais, frequentemente se faria circular o pior e, ao mesmo tempo, impediria o melhor de circular⁹.

Ser periférico, na configuração anglo-europeia da literatura mundial, não está ligado apenas ao continente de origem. Apenas para citar alguns exemplos, segundo Gomide (2011, p. 16), só no último reavivamento do interesse pela literatura russa não houve um fator político subjacente: “Mesmo o primeiro *boom* do romance russo, em fins do século XIX, que gestou-se a partir de uma polêmica literária sobre os impasses

⁷ Apesar de seu passaporte inglês, um machadiano proeminente como John Gledson poderia ser colocado no “time” de Schwarz, o que provaria, como bem observou Hélio de Seixas Guimarães (2017, p. 261), que “o nacional tem menos a ver com a nacionalidade do crítico do que com o empenho nas especificações das relações entre texto e vida social, o que certamente exclui um bom contingente de críticos brasileiros”.

⁸ Essa expressão, nesse caso, indica uma lógica que confia que um objeto cultural de boa qualidade seria “naturalmente descoberto” (lido, assistido, ouvido...) por um público largo.

⁹ Embora denuncie a falsidade da crença na internacionalidade da vida intelectual, dedicando sua fala a essa desmitificação, nem por isso Bourdieu (2002, p. XV) não deseja que essa internacionalidade (ou desnacionalidade) das “categorias de pensamento” pudesse existir como “primeira condição para um verdadeiro universalismo cultural”.

do naturalismo, tinha referenciais ‘nihilistas’ e ‘exóticos’ a motivá-lo.”. Paulo Rónai (1998, p. 35) cria que a língua húngara condenava irremediavelmente sua literatura ao isolamento. Frederico II da Prússia, em epígrafe de Casanova (2002, p. 23), também lamentaria, no século XVIII, a “pobreza da literatura alemã”, envergonhando-se de que “em certos gêneros, não podemos nos igualar a nossos vizinhos”. Há ainda o caso dos sistemas literários que não coincidem com a literatura nacional, como bem lembra Winck (2017, p. 139) citando o galego, quebequense, basco e iídiche. Casos delicados, pois a configuração do mundo dividido em estados, apesar da globalização e do capitalismo transnacional, ainda é o sistema vitorioso e “uma nação sem estado, ou marginalizada dentro de um Estado plurinacional, não deixará de enfrentar dificuldades na salvaguarda de sua identidade” (WINCK, 2017, p. 141).

Pertencer à América Latina pode nos excluir até mesmo do conceito de Ocidente, conforme argumento de Shohat e Stam (2006, p. 38), ainda que estejamos no hemisfério ocidental e falemos predominantemente línguas europeias. Seríamos uma espécie de lugar híbrido, simultaneamente africano, indígena e europeu.

Uma esfera das relações internacionais de importação e exportação de literatura, que foi em boa medida ignorada por Casanova no estudo supracitado, é a das feiras literárias. Estudando a atuação do Brasil e Argentina como países-tema na Feira do livro de Frankfurt, Muniz Jr. e Szpilbarg consideram que

Ainda que não implique reversão ou equilíbrio dos fluxos de tradução e versão, a participação de países convidados na Feira é o momento oportuno para que mercados não centrais se projetem de modo singular num espaço altamente hierarquizado. É como se tal presença fosse capaz de pôr em suspensão a estrutura fortemente desigual da circulação internacional de textos (MUNIZ JR., SZPILBARG, 2016, p. 677).

Em consonância com esse estudo, Carmen Villarino Pardo (2016) também corrobora a tese de que as feiras seriam espaços de uma nova diplomacia cultural e de ações de *soft power*¹⁰. Essas feiras não só possibilitam aos países homenageados (e a seus autores e editores) a compra e venda de direitos e participação no fluxo das traduções, como também, angariando críticas e êxitos internacionais, possibilita aos

¹⁰ Conceito cunhado por Joseph Nye (2009, p. 67-73), seria “a capacidade de obter o que deseja por meio de atração, em vez de coerção ou pagamentos. Surge da atratividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país”.

escritores convertê-los em mais prestígio no sistema nacional de origem (MUNIZ JR., SZPILBARG, 2016, p. 677). Por diversas razões, então, as feiras têm funcionado

como termômetro não apenas para medir o estado dos campos editorial, literário e cultural de um país, mas também o do campo do poder político e econômico. [...] [entendo] esse tipo de feiras também como espaços de uma nova diplomacia, a de tipo cultural, e de ações de *soft power* (“poder brando”) para os diferentes sistemas literários nelas representados, em geral, por países e editoras (PARDO, 2014, p. 136).

O Brasil tem ocupado posição de destaque em diversas feiras internacionais neste início de século. Para um país de economia semiperiférica isso não é nada mau e reflete que o crescimento econômico aliado a políticas públicas para a promoção da cultura não passa despercebido, o grande desafio sendo a manutenção do interesse estrangeiro quando os estandes são desmontados e se passa a olhar para o próximo homenageado.

Procurei traçar os contornos da literatura mundial enquanto área de estudo e, a partir de alguns de seus pesquisadores, especialmente aqueles atentos à dinâmica geradora de concentrações e periferias, entender seus reflexos no que concerne às “pequenas literaturas”. Na próxima seção, partindo desta base, levanto alguns problemas que dificultam o acesso da literatura brasileira, pensada de forma mais específica, ao fluxo da literatura mundial.

3. BATENDO À PORTA PARA ENTRAR: ALGUNS ENTRAVES PARA A PARTICIPAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA NA LITERATURA MUNDIAL

Neste capítulo, focarei especialmente nas características formativas da literatura brasileira, expectativas do leitor estrangeiro e insularidade da língua portuguesa, que parecem colocá-la numa posição desvantajosa no mercado de livros, sobretudo no mercado de bens simbólicos no plano internacional. Faço ainda algumas considerações sobre a produção de uma literatura mais cosmopolita contemporaneamente, indagando se esta poderia se inserir na literatura mundial de forma mais equânime.

Em um trecho muito parafraseado do prefácio à primeira edição d'*A formação da literatura brasileira*, Antonio Candido (2007, p. 11) afirmou que nossa literatura e a portuguesa não seriam daquelas das quais “um homem não precisa sair para receber cultura e enriquecer a sensibilidade”, tal qual seriam a francesa, italiana, inglesa, alemã... Comparada a essas, a brasileira seria uma espécie de “literatura menor”, talvez duplamente apequenada por partir da portuguesa, cuja estatura também não compete entre as “grandes”. O que justificaria, então, a defesa de que essa “literatura menor” deva ser lida internacionalmente? Tal pesquisa não faria sentido não considerasse que a literatura produzida no Brasil conta hoje com um número bastante relevante de obras cujas qualidades não se acanham frente aos leitores mais exigentes. Alinhada com o consultor de políticas públicas para o livro e leitura Felipe Lindoso (2013), podemos e devemos fazer parte dessa “República Mundial das Letras”, temos o que dizer nela e a literatura mundial ficaria mais pobre sem as vozes brasileiras.¹¹

Levar o contexto de produção de uma obra em conta tem uma longa e sólida tradição nos estudos literários e tem beneficiado a fortuna crítica de todos os grandes nomes da literatura. Esse tipo de abordagem, no entanto, tem enfrentado críticas severas no decorrer do último século e o estudo das obras do “terceiro mundo” me parece ter sido prejudicado em especial. Países como França e Inglaterra, por exemplo, são bem-sucedidos exportadores de sua cultura. Uma peça cultural alimenta

¹¹ Essa fala foi colhida do blog *O xis do problema*, onde Lindoso comenta questões do mercado editorial brasileiro. À essa época, Lindoso era também o editor da revista *Machado de Assis Magazine*, um caso sintomático que será abordado na próxima seção.

a outra de sentido, de maneira que não é necessário para um leitor regular ter lido parte da fortuna crítica de Baudelaire para estar informado minimamente sobre seu contexto de produção. É o mesmo que saber que na grade curricular brasileira de nível básico estudamos, de um lado, a “História do mundo”, leia-se, em grande medida a história da Europa, e de outro lado estudamos a história da colonização das Américas e a brasileira. Já o Brasil, dispensável dizer, é peça de pouca importância para os estudantes do hemisfério norte dentro da “História Mundial”, que dirá sua literatura. Os potenciais prejuízos não são pequenos. O diretor de uma prestigiosa coleção de literatura estrangeira, entrevistado por Gisèle Sapiro (2008a, p. 199), lhe afirmou: “um mínimo de universalidade é necessário para que a compreensão possa ocorrer na França. Às vezes temos textos tão ancorados em uma tradição, seja ela qual for, que quando não temos as chaves, não entendemos”.

Não se trata, no entanto, de querer que se busque a “influência nacional” nessas obras.

Pelo contrário: é a partir de sua maneira de inventar a própria liberdade, isto é, de perpetuar, ou transformar, ou recusar, ou aumentar, ou negar, ou esquecer, ou trair sua herança literária (e linguística) nacional que se poderá compreender todo o trajeto dos escritores e seu próprio projeto literário, a direção, a trajetória que tomarão para se tornar o que são. (CASANOVA, 2002, p. 61).

Para Casanova, trata-se de um novo método de interpretação que romperia com a tendência a des-historicizar as obras traduzidas. A operação favorece uma compreensão mais ampla do texto sem impedir que o leitor estrangeiro possa aproximá-lo de si. A importância do espaço de chegada dos textos traduzidos também não pode ser desprezada. Para David Damrosch

as obras tornam-se literatura mundial ao serem recebidas no espaço de uma cultura estrangeira, um espaço definido de muitas maneiras pela tradição nacional da cultura anfitriã e pelas necessidades atuais de seus próprios escritores [...] A cultura receptora pode usar o material estrangeiro de várias maneiras: como um modelo positivo para o desenvolvimento futuro de sua própria tradição; como um caso negativo de uma vertente primitiva ou decadente que deve ser evitada ou erradicada em casa; ou, de forma mais neutra, como uma imagem de alteridade radical contra a qual a tradição doméstica pode ser mais claramente definida (DAMROSCH, 2003, p. 513-4).

O esquema é interessante e dá conta de diversos casos exemplares, mas, inescapavelmente, reduz. Fiquemos com o “de muitas maneiras” e leiamos o seguinte como exemplos dessas possibilidades várias, não como três alternativas que limitam. Nosso escritor mais traduzido até o início deste século, Jorge Amado, foi uma espécie de “alteridade radical”, positivo, negativo ou neutro a depender do caso, mesmo porque é exótico e desperta leituras diversas, até dentro do território nacional. A literatura brutalista da escola de Rubem Fonseca e também a literatura marginal¹², como com *Cidade de Deus*, parecem-me ter despertado uma curiosidade algo semelhante, mas que aqui é mais essa vertente primitiva ou decadente que insiste em representar o Brasil em sua “face escura” de “violência, repressão, banditismo, droga, miséria e corrupção” (GALVÃO, 1998, p. 259)¹³. Mas fomos também modelos positivos como com Machado de Assis, que inspirou personalidades célebres como Susan Sontag e Woody Allen, no acolhimento de Clarice Lispector por Hélène Cixous no contexto da terceira onda feminista ou na admiração com a exuberância da escrita de Guimarães Rosa pela crítica bem-informada sobre a literatura sul-americana.

Correndo por fora, um escritor brasileiro tornou-se milionário e mudou-se para a Suíça. Sua imortalização na Academia Brasileira de Letras contribuiu para o descrédito que a instituição vinha enfrentando. As reações em cadeia, à época, dão boa imagem da falta de prestígio do escritor na outra “academia brasileira”, a universitária, que hoje quase se confunde com a crítica literária. Os números, no entanto, estão com folga em favor do “Mago”: vendas, dígitos bancários, homenagens, traduções – o que é outra forma de prestígio. Em “*Brasil in translation or, who reads a brazilian book?*”, Renata Wasserman pergunta-se o que há de brasileiro no maior sucesso de Paulo Coelho, o romance *O alquimista*, e acaba por concluir que o livro não é diferente

de qualquer mercadoria global usada globalmente e possível de ser produzida em qualquer lugar; por outro, desempenha um papel em uma economia internacional de textos, assim como as roupas feitas em Bangladesh ou dispositivos feitos na China desempenham um papel em uma economia internacional de “coisas” (WASSERMAN, 2014, p. 90).

¹² Em sua análise temática das obras de prosa publicadas na França entre 2000 e 2013, Spézia (2015, p. 74) confirma a predominância da violência e da pobreza como elementos a reunir as diferentes narrativas.

¹³ O que corresponderia, continua a autora, “a profundas necessidades da cultura (e da psique, talvez) dos outros”.

Não creio, portanto, que a literatura de nosso maior sucesso editorial se encaixe em nenhuma dessas categorias de Damrosch, em parte por suas características de “literatura de aeroporto”, mas também por sua falta de conexão com qualquer marca local que o distinguiria enquanto um “outro”. Ainda assim, pode-se manter que a circulação internacional mais bem-sucedida da literatura brasileira foi através do que poderíamos chamar de exotismo.¹⁴

Nos dias que correm, o cenário tem permitido outras impressões da recepção estrangeira de literatura brasileira que não essa. Carmen Villarino Pardo (2015, p. 273-4) reuniu em seu estudo “O espaço do sistema literário brasileiro contemporâneo nos intercâmbios culturais transnacionais” algumas declarações de profissionais do ramo que indicam que a “internacionalidade” interessaria mais que a “brasilidade” do escritor. Rissardo (2015, p. 2-3), em estudo sobre o Salão do Livro de Paris de 2015 (que homenageava o Brasil, e o contrapondo ao Ano do Brasil na França de dez anos antes), conclui que o eixo exótico e brutalista de fato predominam, mas que os incentivos à divulgação da literatura brasileira no exterior começavam já a frutificar no sentido de uma representação menos estereotipada da cultura do país (RISSARDO, 2015, p. 6-7).

¹⁴ O carro-chefe dessa corrente continua sendo Jorge Amado. Segundo Vejmelka (2014), nas últimas décadas suas obras teriam desaparecido dos catálogos estrangeiros, no entanto nas bolsas do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, em dados de 2013, Amado ainda conservaria o título, que havia conquistado no século passado, de autor brasileiro mais traduzido (FBN, 2013). Esse grande interesse despertado pelo autor sem dúvida está ligado às suas qualidades enquanto escritor popular, à propaganda soviética, também por uma boa gestão de sua obra por parte de seus herdeiros, mas considero central o interesse do leitor estrangeiro pelo Brasil exótico. Segundo o levantamento de Elizabeth Lowe (2013, p. 120-1), *Gabriela, clove and cinamon* foi um dos principais lançamentos de 1962 nos Estados Unidos e chamado “o melhor exemplo de um romance popular” por Jean-Paul Sartre. *Jubiabá* também teria recebido críticas entusiasmadas na França, incluindo uma de Albert Camus. Piers Armstrong (1999, p. 16) enuncia de forma clara que, se Jorge Amado foi a exceção entre os obscurecidos autores brasileiros na cena literária mundial, assim teria sido porque “A temática de Amado é compatível com a dos antropólogos sociais que situam a identidade brasileira no eixo carnaval Bahia-Rio, uma interpretação restritiva do patrimônio cultural do país”. Para o bem ou para o mal, a obra de Jorge Amado “marcou a visão mundial da literatura brasileira e do Brasil enquanto universo cultural, contribuiu para a criação e perpetuação de estereótipos, mas ao mesmo tempo foi abrindo caminhos para outros escritores” (VEJMEKKA, 2014). Ainda, o interesse por certos estereótipos da cultura brasileira é responsável pela repercussão não só de certa literatura, como a de Jorge Amado, mas também de certa produção ensaística, como o *Carnival, rogues and heroes: an interpretation of the brazilian dilemma*, de Roberto daMatta. Na University of Manchester, em 2008, um seminário sobre a “*Open-mindedness and Luso Tropicalism*” de Gilberto Freyre, ministrado pelo leitor brasileiro Daniel Serravalle de Sá (2009, p. 39), recebeu o maior número de inscritos em seu semestre.

Passo a tratar mais detidamente de diversas dificuldades que se interpõem a essa circulação, tendo em mente que “as obras vindas das regiões menos dotadas literariamente também são as mais improváveis, as mais difíceis de impor; conseguem quase milagrosamente emergir e ser reconhecidas” (CASANOVA, 2002, p. 26).

Para Moretti (2000, p. 178-9) a apropriação da forma estrangeira deglutida pela voz narrativa local, que por sua vez mobiliza a matéria local, comanda a forma dos textos nas regiões (semi)periféricas. Isso não gera necessariamente um produto de segunda linha, pelo contrário, a literatura latino-americana, de acordo com Silviano Santiago (2019, p. 17) em “O entre-lugar do discurso latino-americano”, pode ter contribuído para a “destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza” na cultura ocidental. Já Casanova (2002, p. 64) elogia a abertura dos escritores “dos confins” às últimas inovações estéticas internacionais, respondendo com sua lucidez, revolta e formas radicais.

Santiago (2004, p. 68), em texto posterior, mas cuja ideia base se encontra já no “Entre-lugar...”, fala de um caráter anfíbio da literatura brasileira, que traria em mistura o que chama de “política” e “estética”; contrário ao “primeiro mundo” onde esses campos existiriam, ainda segundo o autor, em separado. Isso falaria da condição de subdesenvolvimento do país. Ademais, e é central aqui, o leitor do “primeiro mundo” seria “radical no seu gosto artístico [...] Por isso é pouco propenso a acatar, por um lado, a discussão política na estética e, por outro, os floreios estéticos na política” (SANTIAGO. 2004, p. 68). Casanova (2011, p. 129) também endossa a tese de que a separação entre política e estética nas “literaturas nacionais mais antigas e ricas” é acentuada, enquanto nas “pequenas” é acentuada a preocupação com o nacional. Mais adiante, também concorda que o leitor “ocidental”, reproduzindo seus preconceitos etnocêntricos, despreza, minimiza o sentimento nacional na literatura.

Mas descartar a hipótese da fundação nacional da literatura em favor de sua autonomia absoluta é outra forma de perpetuar uma relação de poder, baseada no repúdio a outras literaturas. Uma maneira de restaurar uma medida de igualdade no tratamento crítico de diferentes literaturas seria por meio de métodos e instrumentos sensíveis ao fato de que o sentimento nacional é central em algumas literaturas, enquanto em outras é simplesmente objeto de uma amnésia coletiva. (CASANOVA, 2011, p. 130-1).

A literatura brasileira está enredada em referências a si mesma e à realidade nacional, o que penetra mesmo na forma dos textos. Segundo o sociólogo Renato Ortiz (2013) a intelectualidade brasileira teria uma “quase obsessão” pelos temas da nacionalidade e da identidade. Renato Lessa, ex-diretor da Biblioteca Nacional, em “*A word from the editor*” da última edição da *Machado de Assis Magazine*, antes de ter seus recursos suspensos, discorre sobre o tema pensando na internacionalização da literatura brasileira:

O escritor modernista brasileiro Mário de Andrade acreditava que um dos desafios enfrentados pela literatura brasileira era sua necessidade de combinar o local e o universal. Embora muitas vezes construída em torno de referências locais e regionais, não há razão para que essa tradição literária não aspire ao cenário mundial.

Não há razão para que, em princípio, a expressão literária deva ser relegada ao casulo do localismo. Quem poderia imaginar que um relato fictício de um dia na vida de um dublinense se tornaria uma das obras literárias mais importantes do século XX? [...] Em grande medida, toda a literatura é local. Ela se origina em algum lugar e fala uma linguagem específica. No entanto, uma das maiores façanhas da literatura é poder tornar o local universal, algo que pode ser compartilhado. (LESSA, 2015).

Frederic Jameson (1986, p. 69), assim como Santiago, também tratou dessas questões em seu “*Third-World Literature in the Era of Multinational Capitalism*”, no qual a afirmação de que toda a literatura produzida nesses países seja uma alegoria nacional gerou enérgicas reações.¹⁵ Ainda, em consonância com Silviano Santiago, para Jameson (1986, p. 69) a divisão entre estética e política (e entre o privado e o público, sexualidade, inconsciente e mundo público das classes, o econômico e o poder secular) é característica da arte produzida pela cultura capitalista (e portanto de primeiro mundo) podendo, assim, resultar mesmo naquela defendida aversão pelo caráter anfíbio de uma literatura como a brasileira: “Devo acrescentar que é precisamente essa proporção muito diferente do político para o pessoal que torna esses textos estranhos para nós à primeira vista e, conseqüentemente, resistentes aos nossos hábitos ocidentais convencionais de leitura?”.

¹⁵ Apesar das críticas recebidas, Jefferson Mello (2017, p. 3289) considera que “a alegoria nacional [...] é, para Jameson, uma arma para se lutar contra as iniquidades produzidas pelo capitalismo e para se chamar a atenção do Ocidente para a existência de um Outro que representa 2/3 dos habitantes do planeta”.

Há e houve ainda mais entraves à circulação da literatura brasileira na literatura mundial. John Gledson (2013, p. 9) levanta uma hipótese cabível a respeito do anonimato de Machado no “mercado da literatura universal”, o fato de ele estar sozinho: “Grandes sucessos literários de partes “exóticas” do globo, por alguma razão, tendem a ser coletivos, e cada escritor ameniza o estranhamento do outro”. Além do caso do *boom* hispano-americano, cita também os escritores russos da segunda metade do século XIX. Gledson argumenta que a literatura brasileira teria sido prejudicada por seus grandes nomes tenderem a

ser casos isolados em seu próprio país, impossíveis de se encaixar no modelo latino-americano, apesar de todos os esforços nesse sentido. Todos tinham personalidades muito fortes e muito distintas entre si, eram, além disso (com exceção talvez de Guimarães Rosa, o mais difícil de traduzir), decepcionantemente “não-exóticos” e não conseguiam satisfazer certas expectativas de como “deveria ser” a literatura latino-americana (GLEDSON, 2013, p. 10).

Essa é também a tese do primeiro capítulo de *Third world literary fortunes*. Piers Armstrong (1999, p. 16) procura dar matéria ao argumento de que os escritores brasileiros são mais difíceis de unir em um “projeto comum” que os hispano-americanos, “uma situação que acaba por lhes tornar menos vendíveis no mercado internacional”. Esse projeto comum do *boom* hispano-americano consistiria, de acordo com Armstrong, numa

identidade psicocultural regional específica da América Latina e seus contrastes com a Europa, com especial atenção à essência étnica, pela obrigação de conscientização política e sua lógica contingente de análise da identidade grupal e, sobretudo, pelo sentido de uma missão histórica de reescrever a história, expresso na mimese distorcida da obra de arte, mas também no discurso não objetivo do ensaio crítico sócio-histórico. (ARMSTRONG, 1999, p. 21).¹⁶

¹⁶ Temporalmente, o grupo de escritores brasileiros que melhor coincide com aquele do *boom* seria a chamada Geração de 45. Esse grupo teria uma mínima identificação formal entre escritores, podendo ser talvez melhor definido através de uma lógica negativa de diferenciação. Mas haveria uma consistência: “um curioso distanciamento de todos os aspectos culturais etnicamente exóticos e social e politicamente problemáticos que o público ocidental normalmente antecipa na literatura do Terceiro Mundo” (ARMSTRONG, 1999, p. 21). Trata-se de uma esquematização para servir a um argumento a qual pode ser alvo de críticas, mas tudo indica haver de fato uma diferença geracional e/ou de projeto que só de formas esquisitas e pouco eficientes congregou esses escritores brasileiros aos hispano-americanos.

Como bem identifica Maria Fumaneri (2017, p. 28), em “Literatura e subdesenvolvimento”, texto no qual Antonio Candido pensa as relações entre literatura e política, é possível se entrever um tom esperançoso no interesse dos centros autônomos pelas literaturas sul-americanas, motivado pela internacionalização ocasionada pelo *boom*. Na França, porém, apenas quatro obras brasileiras foram traduzidas no período de 1960 a 1969, só nas duas décadas seguintes o Brasil se beneficiaria dos efeitos do *boom* (TORRES, 2011, p. 123).¹⁷

Interessa explicar melhor um entrave que já foi sugerido, o argumento de que uma leitura descontextualizada, o ignorar das referências que a obra mobiliza, prejudicaria o interesse do leitor estrangeiro, o sabor da leitura, podendo mesmo gerar mal-entendidos. Em grande medida, é disso que trata a já bem conhecida polêmica envolvendo a leitura não nacional de Machado de Assis. No ensaio que deu início à contenda, “Um mestre entre ruínas”, o professor e pesquisador Michael Wood (2002) propõe um “mistério internacional” para a compreensão da obra machadiana: “Não há quem o leia sem considerá-lo um mestre – mas quem o lê, quem já ouviu falar dele?”¹⁸. Estranha fama, considerado mestre por nomes importantes da literatura e da crítica mundial, mas permanecendo um desconhecido, passado de mão em mão em um “clima de cumplicidades seletas”, na expressão de Roberto Schwarz (2012, p. 10-2). Autor do texto que acabou por encerrar a polêmica, Abel Barros Baptista (2009, p. 61) é um duro contestador da crítica brasileira que, acusa, teria dificuldade em compreender a “relação da literatura brasileira com a noção de literatura e a literatura mundial”. Também se empenharia

num esforço de enraizamento, de territorialização cuja finalidade é o estabelecimento da completa e harmoniosa significação brasileira da obra machadiana.

¹⁷ Este trabalho tem sempre em vista, principalmente, a recepção (ou falta de) da literatura brasileira nos centros consagradores, entendendo que é aí que as famas se constroem. Mas vale mencionar que, paralelamente, a máquina propagandista soviética financiava a tradução de dezenas de milhares de exemplares de livros de escritores brasileiros alinhados com o regime. A “cortina de ferro”, no entanto, em grande medida interditava que isso tivesse repercussão no oeste europeu.

¹⁸ Em diálogo com Daphne Patai, a respeito das vendas pífiás dos romances de Machado de Assis em língua inglesa, Gledson (2006, p. 282-3) concorda que, num caso como o de *Dom Casmurro*, talvez se tenha tentado vender “o romance errado”, promovendo-o como “obra-prima universal” e ignorando suas raízes brasileiras que, ademais, talvez causassem algum constrangimento ao leitor estrangeiro de primeiro mundo. Como contraponto, no 35º Salão do Livro de Paris, que homenageou o Brasil, Torres (2015) constatou uma procura significativa pelas obras de Machado de Assis, que estariam desde os anos oitenta se estabelecendo na França graças, atribui, aos esforços da editora Anne-Marie Métailié, especialista em literatura brasileira.

A primeira consequência negativa é a integração da obra de Machado num contexto que a empobrece, e que lança obstáculos a conexões críticas de alcance mais vasto (BAPTISTA, 2003, p. 40).

Analisando as traduções de *Dom Casmurro* realizadas por Helen Caldwell e Scott-Buccleuch, Gledson (2006) observa que elas “dispensam notas, como se esse apelo universal conferisse transparência ao romance”. Essas escolhas talvez sejam um reflexo da eleição de Machado a clássico mundial, o que teria tido como resultado, nas leituras internacionais, a ênfase em seus aspectos formais, apartando seus romances de seus contextos (GLEDSON, 2013, p. 11). A questão é complexa e opera simultaneamente em direções opostas. Se até mesmo escritores bem estabelecidos no cânone literário universal são passíveis dessas desnaturalizações, isso não significa que, de maneira geral, o cânone não seja formado por autores que são ao mesmo tempo universais e nacionais. Talvez a proximidade e familiaridade da crítica europeia com as condições de produção de seus próprios clássicos gere uma cegueira cujo efeito mais dificilmente enganaria um crítico periférico, a exemplo da argentina Beatriz Sarlo (2015, p. 48) para quem Balzac, Baudelaire, Dickens e Austen são inseparáveis do que se denomina literatura francesa e inglesa (enquanto um Jorge Luis Borges se quer que navegue “na corrente universalista da ‘literatura ocidental’”).

Cabe pontuar que não é o caso de deslegitimar a leitura de Borges, Machado e outros sob a chave “universalista”, eles sem dúvida se dão a ler dessa forma. A questão que defendo (como Schwarz com Machado e Sarlo com Borges) é que nuances importantes se perdem na escolha por essa leitura. As perdas que deveriam interessar especialmente aos pesquisadores do hemisfério norte são aquelas concernentes à tematização em forma e/ou conteúdo das tensões entre a influência da literatura dominante europeia, ao mesmo tempo familiar e estrangeira/estranha, e a influência de um sistema literário nacional “materno” que circunscreve a obra, o autor. É um tipo de investigação cara àquela literatura comparada que combate a homogeneização e o achatamento de diferenças. Se, para Baptista, é justamente a insistência no enraizamento nacional de uma obra a razão do desinteresse estrangeiro, de outro lado, argumenta-se que a leitura descontextualizada traz como resultado o mesmo desinteresse.

Haveria uma vertente da literatura brasileira que, alega-se, conseguiu ultrapassar algumas dessas dificuldades e se internacionalizar sem perpetuar estereótipos que satisfariam “o apetite internacional pelo Brasil”, o qual, segundo Armstrong (1999, p. 156), pensando a questão ainda nos anos 1990, estaria em irremediável desacordo com “a agenda da elite literária brasileira”. Silviano Santiago (2004, p. 70) evoca a produção de escritores vestidos de “anacoretas ou ascetas” que, em paralelo, tentariam produzir obras de “pureza artística” apesar da crueza da sociedade subdesenvolvida em que se veem imersos. Sem citar nomes, é talvez a ascensão de uma literatura brasileira mais cosmopolita o que o crítico tem em vista. Causa especial estranhamento a afirmação de que esses escritores alcançariam mais sucesso fora que dentro do Brasil e de que, se bem delimitadas dentro da “estética”, as tais obras brasileiras são acolhidas por esse rigoroso leitor do primeiro mundo. Santiago não trouxe outros esclarecimentos sobre esses dados que alega, entretanto, é tema que nos interessa.

Se a mistura entre estética e política, pessoal e político etc., é tão determinante para o desinteresse desse leitor estrangeiro, a escolha efetiva e bem realizada pelo estético solucionaria tudo e abriria portas para o *hall* da literatura mundial? E o que dizer sobre hoje, quando o identitário, isto é, a diferença, vira de repente marca de cosmopolitismo? Segundo a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2012, p. 161), que investigou romances brasileiros publicados pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco entre 1990 e 2004¹⁹, mais de 90% dos autores residem em capitais, sendo 60% nas cidades do Rio de Janeiro ou São Paulo. A realidade desses autores é, então, a de grande concentração urbana e de cosmopolitismo à brasileira, uma elite e certa classe média cosmopolita que bem vive com diferenças radicais em relação às classes mais pobres.

Na análise feita por Schøllhammer (2011) dos autores da “geração 00”, em seu *Ficção brasileira contemporânea*, lê-se que não haveria “brasilidade” nos temas e problemas das novas obras, à exceção da corrente brutalista, que sobrevive. Por sua vez, Mello (2017, p. 242), somando características da produção literária contemporânea erudita, acrescenta o desligamento desses “autores e de seus textos das discussões da esfera pública e a opção por temas de seu próprio universo”. Uma

¹⁹ Espera-se uma atualização dessa pesquisa pelo grupo de pesquisa coordenado por Dalcastagnè talvez para o ano de 2023.

literatura fechada em si mesma e que com pequenas adaptações poderia ter sido escrita em qualquer lugar. Vira-se a página da formação da literatura brasileira de Candido e daí resulta uma literatura conectada com as preocupações e formas das literaturas vindas de campos literários mais autônomos e pretensamente cosmopolitas²⁰, uma literatura supranacional, ocidental.²¹

Analisando os autores selecionados pela revista britânica *Granta*, em volume dedicado aos novos escritores brasileiros, Rissardo conclui que

a feição da prosa desses novos autores selecionados para viajar mundo afora se modificara: nem exotismo, nem brutalismo. O que desde então se vem atribuindo a essas ficções é o caráter cosmopolita, urbanizado e com marcas pouco visíveis ou mesmo totalmente ausentes de brasilidade. Bernardo Carvalho, Paloma Vidal, Daniel Galera, Carola Saavedra e Tatiana Salém Levy, entre tantos outros nomes da novíssima geração de ficcionistas brasileiros, mostram-se pouco interessados em enfatizar a cor local e, frequentemente, ambientam suas narrativas em terras estrangeiras, em “locais deslocados”, e enveredam por uma ficção de caráter mais universalista (RISSARDO, 2015, p. 3).

É importante delimitar o alegado caráter cosmopolita desses novos autores como vistos pela crítica internacional: ele não faz escapar aos condicionantes de se escrever numa língua cuja literatura é dominada no cenário literário mundial. Esse é um ponto central, por exemplo, na análise de Mello (2015, p. 169-70) sobre o que chama de uma ambiguidade na recepção de Bernardo Carvalho na França: um autor que sabe se colocar de maneira inteligente e eficiente no mercado editorial francês, mas sem conseguir escapar de todo à pecha de autor local/periférico. Em entrevista concedida à Radio France Brasil, na ocasião da divulgação da tradução de seu romance *O filho eterno*, Cristovão Tezza (2009) faz uma série de declarações sobre o tema: que o Brasil literariamente é um exílio, não tem a circulação internacional que mereceria, que o português é uma língua isolada, marginal, e que os problemas “imensos” do país acabam por tornar a literatura a menor das preocupações. Citando ainda um último escritor, no Encontro Internacional Conexões Itaú Cultural de 2016,

²⁰ Notar que cosmopolitismo da literatura contemporânea brasileira novamente segue uma tendência mundial, a qual reelabora com material próprio, portanto sem ainda se distanciar da lógica de Moretti.

²¹ O surgimento e ascensão da literatura marginal seria uma contracorrente da literatura erudita e autônoma, mas, segundo Mello (2017, p. 318), compartilha valores desse campo. Aproveito para pontuar que, embora essa vertente cosmopolita da literatura contemporânea brasileira seja verificável, nem por isso se deixou de produzir aquela literatura mais enraizada e comprometida com a vida social do país.

Luiz Ruffato (2016) toca no assunto afirmando que a escrita em português já é algo que determina seu lugar no mundo. Atento à tendência de certa literatura contemporânea de apagar as marcas do local para, supõe-se, alcançar o universal, Ruffato opina que é justamente a tensão entre local e universal o que faz a literatura.

O entrave criado por se escrever numa língua fraca no mercado mundial tem ainda outras consequências práticas. Muitas livrarias acompanham a divisão das bibliotecas separando a literatura estrangeira por países, ou então por línguas, logo, “Mesmo sendo cosmopolita, assim que escrever em português, terá sua obra nos menores cantos destinados à literatura lusófona” (MELLO, 2015, p. 167).²²

O temor de que a literatura brasileira tenha um interesse restrito a seu país de origem e a sua parca influência cultural, segundo a editora francesa Anne-Marie Métailié, em entrevista a Torres (2015), é da América Latina como um todo: “muitas obras com os mesmos temas, autores de 40 anos falando sobre problemas de classe média, de matrimônio... Este tipo de livro não nos interessa, já temos aqui”. A literatura cosmopolita de classe média, quando vem da periferia, é um produto estandardizado que não se destaca²³. O que ela procura, declara, é “uma voz única, um ponto de vista sobre o mundo só dele [do autor]”. Afirma não se tratar de exotismo, mas e de estereótipo?²⁴

Em outro contexto, no ensaio de Jameson (2011, p. 166) de 1986, o crítico já concordava com Métailié ao menos no que se refere a obras populares ou “socialrealistas”. Elas causariam no leitor “de primeiro mundo” uma sensação de já lido, além de que perceberiam a presença imaginada de um outro leitor, que poderíamos chamar de “leitor ideal”, e que não coincide consigo. Para esse leitor, o

²² Para além das constantes instabilidades econômicas e políticas e da condição ainda não superada de subdesenvolvimento, Roberto Schwarz também identifica na língua portuguesa uma barreira para a difusão da literatura brasileira e o lastro econômico e político que opera por trás dessa dificuldade: “comentando uma tentativa oficial de divulgar os escritores brasileiros na França, Mário de Andrade observava que a nossa arte seria mais apreciada no mundo se a moeda nacional fosse forte e tivéssemos aviões de bombardeio. Como não era o caso, íamos criando uma literatura de qualidade até surpreendente, que para uso externo permanecia obscura” (SCHWARZ, 2012, p. 9-10).

²³ Antonio Candido (2007, p. 640) vê com naturalidade a melhor recepção estrangeira de um romance como *Jubiabá* em relação a, por exemplo, *Angústia*, de Graciliano Ramos: o primeiro, “lhes traz uma Bahia colorida e brilhante”, enquanto em *Angústia* “vão encontrar problemas longamente versados pelos seus próprios escritores”.

²⁴ Ressalvas à parte a esta fala que ainda voltará a ser recuperada, Métailié presta um serviço notável na introdução da literatura latino-americana na França desde os anos 1980.

romance teria interesse social e novidade, enquanto para si ele pareceria convencional ou ingênuo. Em um estudo vinte anos mais recente, mais imerso no contexto da literatura contemporânea, Sapiro (2008A, p. 199) chegará ainda a conclusões semelhantes:

Essas pequenas literaturas devem, sem dúvida mais do que outras, ao mesmo tempo afirmar a sua universalidade, isto é, a sua filiação à grande literatura universal (intertextualidade, modelos) e marcar a sua originalidade em relação a esses modelos, bem como a sua especificidade. As literaturas da periferia são frequentemente definidas em relação às literaturas dotadas de um importante capital simbólico, o que às vezes induz em troca uma impressão de déjà vu e falta de originalidade.

Em *Cosmopolitan desires*, Mariano Siskind (2014) enfoca o “desejo de mundo” dos escritores latino-americanos e deixa de lado a não retribuição. Talvez tenha achado inócua a denúncia de um angloeurocentrismo do qual os próprios envolvidos já são bem cientes. No entanto, a defesa de uma literatura sem recalques (SISKIND, 2014, p. 6) pode se chocar contra uma marginalidade bastante palpável. Em entrevista para a *RFI*, Bernardo Carvalho (2018b) diz ter percebido com muita clareza uma conversa com editores franceses avinagrar tão logo atendeu ao pedido de resumir o enredo de *Simpatia pelo demônio*. Pôde inferir que o mal-estar se deu por conta da presença no romance, mesmo que lateral, dos atentados terroristas na França, como se, sendo brasileiro, não estivesse autorizado a falar ali entre eles de tema tão delicado. Carvalho diz já ter experimentado algo semelhante na recepção de *Mongólia*, especialmente quando começou a circular como obra traduzida; certa resistência devida, também, à não coincidência nacional. E acrescenta: “se fosse um inglês, um francês, um italiano, não haveria problema nenhum, não é? Mas o brasileiro está condenado a escrever sobre o que o estrangeiro quer que o Brasil seja”. Cita ainda o México e a Argentina como exemplos de países latino-americanos que conquistaram prestígio na Europa, enquanto o Brasil seria visto como incapaz de produzir “coisas intelectuais sérias”²⁵.

²⁵ Uma materialidade possível para essa impressão do autor pode ser um levantamento de obras de ciências humanas e sociais traduzidas em francês entre 1985 e 2002 no qual o português, entre onze línguas, não chegou sequer a ser citado, ficando, então, dentro dos 0,4% que representam o total das outras línguas-fonte (SAPIRO, G. POPA, I., 2008, p. 114).

A vertente cosmopolita, que tem ganhado força “geração 00” adentro, está ainda sob observação no que se refere à sua atratividade frente ao olhar estrangeiro. Esse “desejo de mundo” dos escritores brasileiros também é observado por Jefferson Mello (2017, p. 3264), que acrescenta o comparecimento “às feiras literárias [...], a busca por traduções em línguas estrangeiras, as chamadas residências em universidades no exterior”. Lembra, como um sintoma, a coleção Amores Expressos, da Companhia das Letras.²⁶

Por fim, ainda que possam ser galocêntricos os exemplos utilizados por Casanova (2002) para demonstrar casos de autores da periferia que ascenderam ao prestígio literário, eles nos mostram a importância de períodos de permanência em um grande centro para empreender uma luta corpo a corpo nos sistemas estrangeiros mais autônomos. Consequentemente, enfatizo, os dados apontam uma dura dificuldade de reconhecimento internacional aos escritores que, por opção ou falta de recursos, permanecem fincados em seus ambientes de origem menos favorecidos. Essa também é uma queixa da editora Métailié que afirma, em outra entrevista a Torres (2009), que “Para um livro dar certo no exterior, é preciso que o autor viaje, permitindo que o público local o conheça”.²⁷

Vimos no correr deste texto algumas das dificuldades que se interpõem à entrada de obras brasileiras no catálogo da literatura mundial. Convém retomar:

- I. Prevalência do campo de chegada em relação ao campo de partida, dificultando a apreensão do contexto de produção da obra traduzida, especialmente no caso das periféricas. (Aproveitei para tratar dos raros casos quando autores brasileiros tiveram circulação significativa, o que em certa medida corroborou a importância do campo de chegada em relação ao de partida).
- II. A impressão de se produzir nas periferias uma literatura “de segunda linha”, que importa formas e as reapropria com matéria local.

²⁶ Acrescento que a coleção é também sintoma do cosmopolitismo na literatura brasileira, tanto no projeto da editora Companhia das Letras, quanto nos produtos que, com exceção de Luiz Ruffato, foram fortemente desenraizados.

²⁷ Dá como exemplo o sucesso de escritores irlandeses e escoceses na França, ambos fortemente subsidiados pelo governo. Em contraponto, cita uma longa lista de trapalhadas do governo brasileiro presenciadas por ela. Justiça seja feita, já na data da entrevista se iniciaram melhoras significativas na exportação da cultura brasileira. Vou me referir a algumas a seguir.

- III. A mistura entre estética e política na literatura de países marcados pelo subdesenvolvimento e a “obsessão pelo nacional”.
- IV. A dificuldade de unir os escritores brasileiros em um “projeto comum”, o que, segundo Armstrong (1999, p. 16), lhes daria melhores condições de venda e circulação.
- V. Os prejuízos que a leitura descontextualizada pode trazer ao interesse por obras brasileiras.
- VI. Indago se, logo, a literatura brasileira mais cosmopolita estaria em melhores condições para superar alguns desses entraves.
- VII. Levanto ainda o problema da pequenez da língua portuguesa em termos de “poder” da língua e, por fim, a importância de que o escritor viaje para os grandes centros para a divulgação sua obra.

Quando tratarmos, mais adiante, da recepção crítica internacional de nossa produção contemporânea prestigiada nacionalmente, espero poder dar alguns passos a mais na compreensão desses fenômenos e os atualizar.

O cenário parece lamentável para quem confia na qualidade da produção da literatura brasileira frente à literatura mundial, mas fica evidente que as dinâmicas de tradução e recepção não ocorrem em termos de justiça. O crescimento econômico do país durante os três mandatos petistas trouxe uma visibilidade positiva no espaço geopolítico que respingou na cultura. O programa de traduções da Biblioteca Nacional (e sua alta demanda) é uma consequência, mas podemos citar também as homenagens com posições de destaque em diversas feiras literárias como Frankfurt, Salão do Livro de Paris e feira de Guadalajara, o “trabalho de formiguinha” dos enviados pelo programa de leitorado etc. Foram acontecimentos benfazejos que fizeram, à boca pequena, se falar aqui e ali de uma internacionalização da literatura brasileira. Tendo os governos subsequentes, ao que tudo indica, a cultura como inimiga, grandes retrocessos naquele cenário são esperados. Queria colocar esta como uma última dificuldade²⁸ para a participação da literatura brasileira na literatura mundial, a sujeição dos campos pouco autônomos às flutuações da política, como já apontado por Casanova (2002, p. 59). Em certa medida é disso que tratarei no próximo

²⁸ Sem insinuar que não haja ainda outras. Poderíamos comprar, por exemplo, a alegação bastante difundida de uma “crise da literatura” a qual sem dúvida traria consequências duras para as literaturas marginais.

capítulo ao identificar o papel decisivo que a política e a economia tiveram nos tímidos avanços da literatura brasileira rumo a uma maior autonomização.

4. A AUTONOMIA DO CAMPO LITERÁRIO BRASILEIRO EM PROCESSO: POLÍTICAS DA INTERNACIONALIZAÇÃO

N'A *República Mundial das Letras*, Pascale Casanova explorava um caminho aberto por seu orientador Pierre Bourdieu, cujo ponto de chegada foi a obra *As regras da arte*. Um conceito central vertido de uma obra para a outra é o de autonomia de um dado campo literário. Bourdieu reconstituiu a história da literatura francesa da segunda metade do século XIX, ou melhor, as “fases mais decisivas” e “uma série de cortes sincrônicos”, que teriam levado

à instauração desse mundo à parte que é o campo artístico ou o campo literário tal como o conhecemos hoje. Esse universo relativamente autônomo (o que significa dizer também, é claro, relativamente dependente, em especial com relação ao campo econômico e ao campo político) dá lugar a uma economia às avessas fundada, em sua lógica específica, na natureza mesma dos bens simbólicos, realidades de dupla face, mercadorias e significações, cujo valor propriamente simbólico e o valor mercantil permanecem relativamente independentes (BOURDIEU, 1996, p. 162).

Bourdieu (1996, p. 64) estuda os casos de Flaubert e Baudelaire (e de Paris) como principais personagens que contribuíram “para a constituição do campo literário como mundo à parte, sujeito às suas próprias regras”. Uma série de mudanças sociais operou no processo de autonomização do campo literário e artístico francês e nas transformações da relação desses com o campo político: o desenvolvimento da imprensa, o afluxo de uma população jovem sem fortuna que vinha a Paris tentar a carreira de escritor ou artista, a defasagem entre a oferta de empregos de cargos para diplomados do ensino secundário e o aumento do número desses diplomados e a sua concentração em Paris, as disputas pelos melhores empregos para sua prole, feita de cima para baixo, pela aristocracia, grande burguesia e pequena burguesia etc. (BOURDIEU, 1996, p. 70-1).

A França teria sido o primeiro país a alcançar esse alto grau de autonomia, ainda no século XIX. Nas regiões menos autônomas, no entanto, como pondera Pascale Casanova (2002, p. 59), a dissociação entre campo literário e campo político e econômico é menos proeminente. Esta seção surge do entendimento (e procura dar justificativa a ele) de que o ganho de autonomia do campo literário brasileiro gera

condições favoráveis para a internacionalização da sua literatura. Acredito que a profissionalização dos escritores, as políticas públicas de incentivo à difusão da cultura brasileira, a maior circulação do corpo acadêmico (sendo a academia o novo lar da crítica literária), o crescimento econômico e o novo posicionamento geopolítico do país são peças-chave nesse processo. Se com isso o campo literário brasileiro chegou a um ponto de autonomia que permita uma sobrevivência num momento de forte retração e desamparo público da cultura, é um fato ainda a ser verificado.

O capital literário de uma determinada língua pode ser medido por diversos indicadores, como o número de políglotas que a praticam e o número de tradutores (CASANOVA, 2002, p. 9). Quanto às traduções em si, segundo Heilbron e Sapiro (2008, p. 29), de maneira geral “quanto mais um idioma é central em um sistema de tradução, menos se traduz para esse idioma”.

O *Index Translationum* é uma plataforma digital da Unesco (2022) dedicada a mapear todo o fluxo de traduções no globo, para isso contando com livres contribuições de dados fornecidos, em geral, pelas bibliotecas públicas nacionais. O sistema é sujeito a falhas, sem dúvidas, por outro lado inexistente algo minimamente comparável com sua extensão, de maneira que se tornou uma ferramenta fundamental para a pesquisa na área. Infelizmente, quando do início desta pesquisa, seus dados já estavam bastante desatualizados, os mais recentes sendo de 2011. Coroando a perda, o *site* veio a definitivamente sair do ar por volta de 2019. Muitos lamentos foram feitos e, recentemente, o Index voltou ao ar, e não só isso, consta ter voltado a processar informações. Este trabalho não poderá se beneficiar das possíveis novidades que trará, mas poderá deixar um registro do estado de coisas na primeira década deste século.

No que se refere aos tradutores, de acordo com o Index, o português era a oitava língua que mais traduzia, estando o Brasil na 17ª posição entre os países que mais traduzem. Considerando o porte continental do país, os dados não impressionam como os dos diminutos, em termos populacionais, Polônia, Dinamarca, Hungria, Itália e outros que estão posições acima. Se então olharmos as traduções tendo o português como língua original há então uma queda vertiginosa, é apenas a 18ª

língua-fonte.²⁹ Contrapondo os dois dados vemos que, no balanço final, o resultado é um baixo valor de capital literário no caso brasileiro, perdendo principalmente pela fraqueza da língua portuguesa nas extraduições.

Lígia Vassallo (2011) considera que o quinteto oficial da ONU, que exclui a língua portuguesa, é um referencial importante para medir a pouca importância, no concerto mundial, dessa língua e do que se produz nela. Isso pode chamar atenção a quem lembrar que o português é a sexta língua mais falada no mundo, de acordo com a plataforma *Ethnologue* (2022). O que se depreende é que não há correspondência direta entre línguas mais faladas e línguas de maior prestígio ou capital literário. Contrapondo os dados de ambas as plataformas, o francês é a 14ª língua mais falada, mas é a segunda mais traduzida; o chinês está isolado na primeira posição em número de falantes, mas é a 16ª língua mais traduzida. Há outros indicadores, é claro, desse prestígio: o número de autores que escreveram originariamente nessa língua e que foram canonizados, o número de prêmios internacionais conferidos a escritores dessa língua etc., no que o português, e também o chinês, não competem. Nos termos de Casanova (2002, p. 9), essa distribuição desigual de capital literário gera uma relação de dominação entre línguas consideradas fortes ou fracas. Aqui pensarei a “fraqueza” da língua portuguesa não pelo viés político-econômico, mas pelo que Casanova (2002, p. 27, 33) chama de literariedade das línguas, relacionada com o prestígio dos textos escritos nelas, com seu poder e volume de capital linguístico-literário.

Nas periferias e semi-periferias a autonomização do campo literário, quando ocorre, é tardia. O caso francês, aliás, coloca aos países periféricos “paradigmas inatingíveis – e tampouco necessários”, segundo Maria Luísa Fumaneri (2017, p. 37), como se a questão da autonomia nesses países tivesse algo de “fora de lugar”. Em sua tese *Poesia e autonomia*, Fumaneri (2017, p. 22-3) buscou demonstrar que, na década de 1930, o campo literário brasileiro reuniu as condições estruturais necessárias para conquistar uma certa autonomização. O Modernismo deixou um caminho trilhado para os que viriam depois: uma tradição estabelecida, além do antropofagismo que transformava o que antes era deficiência em superioridade e de

²⁹ Chad Post (2017), diretor da Open Letter Books, analisando os dados dos livros publicados em inglês desde 2008, explica que, por trás dos números que põem as traduções da língua de países pequenos como Holanda, Noruega e República Tcheca na frente de um gigante como o Brasil, estão muitas vezes alentados incentivos econômicos de instituições governamentais – além de que muitos editores americanos teriam facilidade com esses idiomas, mas não com o português.

um conquistado “direito permanente à pesquisa estética”, em expressão de Mário de Andrade (FUMANERI, 2017, p. 5, 34, 37). Embora a aquisição de autonomia no campo literário brasileiro seja naturalmente um processo lento e de longa duração cujo deflagrar pode ser posto mesmo antes, como com a luta travada pelos escritores brasileiros para declarar independência em relação à literatura portuguesa, interessa aqui estudar suas etapas mais recentes.

A concomitância de uma série de eventos neste início de século demonstra haver sido um período efervescente para a internacionalização da literatura brasileira. Alguns exemplos são a atuação do projeto Conexões, os editais de bolsas da Biblioteca Nacional, especialmente o de incentivo à tradução, a Machado de Assis Magazine, a reformulação do programa de Leitorado, a abertura de novos Centros Culturais Brasileiros, a atuação de redes de brasilianistas, incontáveis eventos acadêmicos internacionais tematizando a cultura brasileira, as participações em grandes feiras literárias como país homenageado. Para tal bonança elegeria em especial dois “responsáveis”. De um lado, um período de especial abertura dos grandes centros às literaturas estrangeiras de representação minoritária, de outro, um esforço conjunto mobilizando diversos agentes e instituições brasileiras e que se justifica na crença de que, através dessas operações, estaríamos conquistando espaço numa República Mundial das Letras até então indiferente, pedindo licença para também sentar à mesa.

Justiça seja feita, o grosso do trabalho se deu direta ou indiretamente pela via pública, política de estado. O mérito não se dá pela originalidade, a ação participa de um movimento global dos governos em difundir suas culturas (e naturalmente são os países mais ricos que se saem melhor nessa corrida). A literatura é, então, um prisma, entre outros, da rica cultura brasileira, da cultura que se quer mostrar rica face às outras nações. Faz parte de uma estratégia, de algo que se sabe ter melhor efeito se movido de corpo inteiro, para a aquisição de uma respeitabilidade internacional quanto mais ampla, melhor. Tradicionalmente, é a literatura mais restrita que ganha com essa política (SAPIRO, 2011), mesmo que aquela que deixe entrever no correr das páginas, por exemplo, a pobreza econômica, a burguesia estúpida, a violência... Matéria do real que talvez some (engrandeça?) porque não impediu o surgimento de boa literatura e de um sistema literário interno vivo e dinâmico.

Passemos sem mais demora ao estudo da aquisição de autonomia no campo literário brasileiro à luz de dados atuais que elegi como mais palpáveis. Retomo: a profissionalização dos escritores, as políticas públicas de incentivo, a circulação da crítica universitária, o crescimento econômico do país e seu novo posicionamento geopolítico.

Na década de 1990, quando Luiz Ruffato (2013) comunicou aos amigos que iria tentar viver de literatura, diz que lhe recomendaram um psiquiatra. Ainda hoje falar em escritor profissional no Brasil gera alguma surpresa se isso significar um escritor de literatura que vive em grande medida dos ganhos que isso lhe traz. O campo da literatura infanto-juvenil alimentado por pais, leitores e não leitores, ansiosos por presentear os filhos com livros que auspiciariam inteligência e imaginação, parece ser o mais bem consolidado no que se refere à profissionalização do escritor. Há alguns fenômenos de *best sellers* literários brasileiros, embora esse mercado seja dominado ainda pela literatura estadunidense, como se pode observar nas prateleiras de qualquer livraria. Na segunda parte desta tese me debruçarei sobre a difusão e recepção estrangeiras de obras literárias brasileiras eruditas e premiadas, aqui também estarei interessada na profissionalização de escritores desse gênero de literatura.

Em sua dissertação *A profissionalização do escritor*, Larissa Nakamura faz uma compilação satisfatoriamente abrangente das possibilidades de capitalização do fazer literário hoje:

investimento na autopublicação em espaço digital ou físico, a participação em editais lançados pelo governo ou por empresas privadas em programas de residência ou de tradução para escritores, os prêmios literários (nacionais, internacionais, regionais, de instituições governamentais e privadas), os eventos literários no Brasil ou exterior (feiras, saraus, festas, salões, festivais etc.), os convites para palestras, conferências, leituras públicas, sessões de autógrafos, debates e conversas com alunos de escolas públicas sobre sua obra etc., a oferta de oficinas de escrita criativa, a organização de antologias, os trabalhos de encomenda (NAKAMURA, 2018, p. 38).

É verdade que, conforme a pesquisa já referida de Regina Dalcastagnè (2012, p. 160) com romances publicados pelas três maiores editoras do país entre 1990 e 2004, no que se refere à profissionalização dos autores, há predominância de jornalistas, com ampla vantagem, e professores universitários – que vêm já seguidos

de perto por profissionais cuja ocupação principal é a de escritor. Em números, no entanto, os autores desse grupo representam apenas 13,3% do total dos romances publicados.

Em um especial para o jornal *Folha de S. Paulo*, o escritor Santiago Nazarian (2014) realizou uma pesquisa (dita informal) com cinquenta escritores “de diversos perfis e estágios na carreira” sobre o tema da profissionalização do escritor. Entre os pesquisados estão nomes proeminentes da literatura contemporânea. Segundo os dados que apresenta, numa perspectiva otimista, um autor poderia tirar um lucro de R\$ 500 por mês com a publicação de um livro nos primeiros dois anos, o que não é suficiente para a quitação das contas. Apenas quatro dos escritores entrevistados deram a venda de livros como sua principal fonte de renda, sendo três autores de literatura infanto-juvenil. Nazarian, que vive principalmente de traduções, considera que é com essas outras atividades ligadas à literatura e à escrita, como as que citei de Nakamura (2018, p. 38), que os escritores podem complementar sua renda e, nos casos de maior sucesso, sustentar-se integralmente desses ganhos. De acordo com a pesquisa, ministrar oficinas literárias seria a maior fonte de ganhos, seguido de jornalismo e do que foi chamado de “renda familiar”. Apenas 11 dos 50 entrevistados declararam ter uma profissão sem relação com a literatura.

É verdade que a pesquisa é, de fato, informal, mas o “*corpus*” é relevante. Camila Dacome (2017, p. 97-8), estudando a trajetória dos escritores premiados pelo Portugal Telecom, faz coro ao perceber que os autores vêm de outras profissões e em dado momento passam a “se preocupar integralmente com a vida de escritor”, no que os prêmios, seu reconhecimento, e financiamento, sem dúvidas têm parte importante. Embora haja carência de dados, o crescimento da profissionalização dos escritores no Brasil já tem tomado ares de lugar-comum, como no estudo *Literatura e crítica no Brasil hoje*, de Jefferson Mello (2017). Ainda, segundo Nazarian, a maioria dos entrevistados considera a situação do escritor no Brasil hoje melhor que há vinte anos.³⁰

³⁰ Mas isso tudo fala muito do universo da ficção, os poetas ocupando posição marginal nesse sistema literário, posição provavelmente pior que em outros tempos. Wilson Alves-Bezerra (2019), em matéria para a revista *Cult*, lembra que nomes altamente consagrados da poesia contemporânea como Orides Fontela, Hilda Hilst e Roberto Piva morreram na penúria.

Algo difícil de conciliar é poder alcançar o ponto de viver da escrita, lucrando no campo econômico, sem abrir mão do sucesso no campo simbólico. De acordo com Nakamura (2018, p. 10), contemporaneamente haveria uma visão contrária à obtenção de lucro nas artes, e os artistas populares comercialmente seriam vistos de forma negativa, logo, a regra bourdiana (1996, p. 102) continuaria válida. Para Nakamura (2018, p. 16) isso se daria devido a uma romantização do artista e do fazer artístico, avessos aos ditames do mercado.³¹

Em artigo publicado em 2014, em um número da revista brasileira e americana *Brasil/Brazil* dedicado à internacionalização da literatura brasileira, quando todos estavam mais ou menos eletrizados pelas possibilidades que se abriam ou pareciam se consolidar para promover essa internacionalização, a professora Lúcia Helena lançava um balde de água fria. Helena (2014, p. 50) apontou um descompasso de difícil resolução entre o escritor e o intelectual com a lógica do mercado, “em patente desacordo com o cotidiano de promessas, brandidas pela planetarização da economia, de ascensão do escritor e de sua obra na circulação de bens de consumo que fazem sucesso, quando traduzida e divulgada no exterior”. Tal descompasso estaria menos ligado à condição de produtor de arte do escritor (produto que por si já é bastante controverso em termos de mercado), que à sua condição de escritor vindo de um país subdesenvolvido na dinâmica do capitalismo globalizado (HELENA, 2014, p. 62).

Isso não é de todo verdade, Michel Laub, em entrevista à pesquisa de Nazarian (2014), declarou ter tido a maior parte de sua renda no ano de 2014 vinda da venda de direitos para o mercado estrangeiro. Além disso, o prestígio de ser traduzido se reflete no mercado interno. Para os contemporâneos, a repercussão fora do país tem se mostrado profícua para atrair o público local para a obra de autores antes ignorados ou pouco lidos. Essa é, aliás, parece-me, uma importante função das feiras e eventos no exterior que, no mais, economicamente acabam no zero a zero, isso quando não se paga para se divulgar fora, segundo a fala da agente literária Lúcia Riff (2018).

³¹ Acrescento que o descompasso entre lucro simbólico e material fala também do consumidor de arte que se tem em alta conta, apreciando uma arte que é para o desfrute de poucos eleitos. Na mesma lógica, o que agrada a muitos não satisfaria a vaidade do leitor que se crê diferenciado, consumindo um produto diferenciado.

A dissertação de Nakamura (2018) sobre a profissionalização do escritor, tão logo defendida, tornou-se uma obra única sobre o assunto – e sofre as consequências da falta de referências bibliográficas para tratar do tema na contemporaneidade. Um ponto problemático que poderia ter sido evitado é não ter tecido maiores considerações relacionando o tema com o crescimento econômico do país no período estudado. Dos diversos relatos de autores recolhidos são constantes as reclamações quanto à remuneração, ao não tratamento da carreira de escritor como uma profissão legítima, à necessidade do parcelamento do tempo entre atividades intra e extraliterárias e entre a produção literária de cunho mais “pessoal” e a de encomenda.

Apesar da miopia do olhar lidando com fenômenos tão recentes, creio ser possível afirmar que houve, sim, melhoras e que o que antes era razão para consultar um psiquiatra tornou-se uma realidade possível àquela parcela da literatura erudita que alia produtos literários bem-acabados com o talento para o jogo. O jogo é saber agenciar-se ou ser agenciado, não fugir de propostas em nome de purismos, saber fazer circular seu nome pelas redes de relações literárias, ser participativo, disponível, ter facilidade para se fazer presente nos grandes centros, abrir-se para diferentes formas de capitalizar a escrita. É possível se destacar sem isso para os mais descompromissados que contam com outras fontes de renda, mas para se viver de literatura é preciso jogar esse jogo (o que pode ser apostar na mistificação do autor como *outsider*). Ainda assim, não há garantias, se as dificuldades diminuíram, ainda são muitas.

Paralelamente à alegada profissionalização do escritor brasileiro, fala-se em uma crise de seu mercado editorial. O jornal *Estadão* chegou a fazer uma pesquisa sobre o assunto com profissionais da área no final do ano de 2018, escrita pela jornalista Maria Fernanda Rodrigues. A matéria chama atenção para a queda de grandes nomes do mercado livreiro no Brasil, em data recente, notadamente o vertiginoso fechamento de lojas físicas das livrarias Cultura, Fnac e Saraiva. Interessa-nos mais os dados sobre a venda de livros, que também estão no negativo. O mercado tem se retraído desde 2014, segundo o presidente do Sindicato Nacional de Editores de Livros (Snel). O resultado de 2018, segundo a *Bookskan*, que monitora as vendas nas livrarias, fechou positivo, mas próximo ainda do zero (Rodrigues, 2018).

Os dados, aliás, disponibilizados pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL, 2022) são também desanimadores. O *release* da série histórica 2006-2021 da

Pesquisa de Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro diagnosticou que “Apesar da alta de 6% em 2021, o faturamento real do mercado editorial é decrescente”. Como confrontar os dados da defendida melhora nas condições que possibilitam que se viva de literatura com a crise do mercado editorial? Mencionamos que a venda de livros não representa uma grande fatia dos lucros dos escritores profissionais. O aumento do PIB respingou largas somas para a área da cultura na forma, justamente, dessas oficinas, palestras, prêmios, programas etc., que compõem significativamente o orçamento dos que têm a escrita como principal ocupação. Embora o governo protagonize vultosas compras de livros didáticos, ainda assim o mercado editorial brasileiro vive há anos aos soluços, a exemplo da comoção gerada pelo encerramento da editora Cosac Naify. Justiça seja feita, o ocaso de uma cultura leitora, livreira, salvo engano, é mundial.

A seguir, e na esteira da consideração de que são outros influxos que dão a maior sustentação financeira aos escritores profissionais, tratarei de iniciativas especialmente públicas, mas também privadas, que têm como fim fomentar a literatura brasileira. Mais especificamente, me interessarão aqui aquelas dedicadas à internacionalização da literatura brasileira.

No segundo semestre de 2015, Moema Salgado (então diretora do Centro de Cooperação e Difusão da FBN) e Fábio Lima (coordenador do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior) concederam uma esclarecedora entrevista à *Z Cultural* a respeito das políticas públicas em curso para difusão da literatura brasileira fora do país. O programa de incentivo a traduções foi inaugurado em 1991, mas teve uma existência vacilante até sua reformulação em 2011. Segundo Salgado (2015), antes de 1991 não existia nem mesmo o contrato de direito autoral entre o autor e a editora estrangeira. A criação do Programa obrigou certos cuidados jurídicos e exigências de cunho prático. Após sua reformulação, houve espaço para novas preocupações, como exigir um plano de distribuição e promoção do livro traduzido, observação da qualidade dos tradutores etc. Em dados fornecidos por Fábio Lima (2018) em novembro de 2017, haviam sido publicados, com a ajuda da Fundação Biblioteca Nacional, cerca de 990 obras, fora as aguardadas ainda no prelo. Cerca de 780 foram financiadas após a reformulação do programa em

2011.³² Bernardo Carvalho, Chico Buarque, Rubens Figueiredo e Julián Fuks são alguns dos contemplados.

A nova fase abriu ainda outras frentes, como o Programa de Intercâmbio, que veio responder à demanda de que a visita do autor brasileiro e sua participação em eventos auxiliariam na divulgação do livro traduzido, também o Programa de Apoio à Publicação de Autores Brasileiros na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, com políticas específicas, além do Programa de Residência de Tradutores Estrangeiros no Brasil, incentivando a imersão cultural, contato com autores e fontes primárias.

Também sob o comando da BN, a *Machado de Assis Magazine*, cuja primeira edição data de 2012, procurou ser uma ferramenta de divulgação de nossa literatura em língua estrangeira. Uma espécie de vitrine que, em última instância, busca chamar a atenção de editoras estrangeiras para autores brasileiros, especialmente os contemporâneos. A iniciativa não faria sentido se não houvesse um entendimento de que a língua portuguesa é insular, daí o investimento na tradução de pequenas "amostras" de literatura brasileira em inglês e espanhol, posteriormente em alemão, por conta da Feira de Frankfurt, e nos últimos números também em francês. Esse projeto, que teve bom fôlego durante todo o primeiro mandato da ex-presidente Dilma Rousseff, atualmente encontra-se suspenso. Os últimos números da *Machado de Assis Magazine* foram lançados em 2015.

Os Centros Culturais Brasileiros, os Leitorados e os Núcleos de Estudos Brasileiros fazem parte da Rede Brasil Cultural, instrumento central da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa, por sua vez de responsabilidade do Ministério das Relações Exteriores. O ensino do português brasileiro é a principal finalidade dessas diferentes frentes de atuação no exterior, sendo os Centros Culturais e os Núcleos voltados para o público em geral, e os leitores para o público universitário.³³ De acordo

³² A importância de grandes eventos editoriais com países temáticos se evidencia no aumento significativo de entrada de traduções do país homenageado no país-sede. É o caso, por exemplo, do Ano do Brasil na França em 2005, ano que teve o maior número de traduções de obras brasileiras na França registrados no período de 2000 a 2013, mais que o dobro da média, segundo pesquisa de Spézia (2015, p. 58). O mesmo fenômeno foi observado em Frankfurt por Fábio Lima (SALGADO, LIMA, 2015). A Alemanha teria o maior número de bolsas concedidas pela Biblioteca Nacional desde a reformulação do programa, concentradas nas imediações do ano de 2013, precisamente quando o Brasil foi homenageado em Frankfurt.

³³ O programa de leitorado, tomado de exemplo, neste início de século teve como alvo em especial países da América Latina, da África de expressão portuguesa e, na Ásia, a Índia e principalmente a

com a plataforma virtual da Rede Brasil Cultural (BRASIL, 2011), desatualizada e, por fim, sem financiamento, em 2011 estava presente em “quarenta e quatro países em cinco continentes, é formada por vinte e quatro Centros Culturais, quarenta Leitorados e cinco Núcleos de Estudo”. Entre 2004 e 2005 tentou-se a criação do Instituto Machado de Assis para a difusão da Língua Portuguesa, vinculado ao Ministério da Educação, mas o projeto não avançou desde então (BRASIL, 2005).

A menção a essas iniciativas é obrigatória, embora o foco desta tese seja o lugar da literatura brasileira no exterior, e não a língua portuguesa, por entender que uma coisa e outra não caminham dissociadas. O ensino de línguas leva consigo a cultura em suas diferentes expressões, entre elas a literatura. Tomando o programa de Leitorado de exemplo, na portaria que estabeleceu a reformulação do programa, publicada em 2006 e assinada por Fernando Haddad, define-se o leitor como “professor universitário, de nacionalidade brasileira, que se dedica ao ensino da língua portuguesa falada no Brasil, e da cultura e da literatura nacionais em instituições universitárias estrangeiras” (BRASIL, 2006, p. 28).

Um dos projetos de divulgação da literatura brasileira fora do país que merece destaque é o Conexões Itaú Cultural, patrocinado pelo banco privado Itaú que, por sua vez, utiliza fundos financeiros e incentivos fiscais do governo brasileiro. O projeto Conexões pôs em curso um mapeamento da presença da literatura brasileira na mídia, na pesquisa acadêmica e no mercado editorial. O banco de dados encontra-se disponível online e pode ser modificado pelos próprios pesquisadores e tradutores que se encontram no exterior, os quais são também convidados a responder a um questionário com perguntas consideradas pertinentes sobre o tema³⁴. A estimativa de Felipe Lindoso (2013), curador do projeto, era a de terem mapeado $\frac{1}{4}$ dos profissionais (professores, pesquisadores e tradutores) trabalhando com literatura brasileira no exterior, em dados de 2013. Entre 2007 e 2017, foram 347 mapeados ligados a 164

China. Esses foram, não por acaso, alguns dos principais parceiros econômicos dos governos petistas: Mercosul, BRICS e os países africanos com os quais o Brasil apela para a história comum da colonização e se apresenta, com a finalidade velada de fechar negócios, como um irmão que estende a mão (DINIZ, 2012, p. 147). É nesses países que interessou ao Brasil formar falantes de português, embora ainda existam números significativos de leitores e centros na Europa, pois era lá que estavam concentrados até a mudança de foco realizada por esse projeto de governo. Outro parêntese são os brasileiros que vivem no exterior, que o governo também tenta atingir através do ensino de português como língua de herança. No caso dos Estados Unidos, tradicional parceiro econômico do Brasil, os números de leitores são insignificantes apenas por conta das bolsas da Fundação Fulbright.

³⁴ Como “A língua portuguesa é um “obstáculo” para a difusão dos escritores brasileiros? Como se informa sobre a literatura brasileira? Como difundir a literatura brasileira no exterior?” etc.

instituições, segundo consta na retrospectiva de dez anos do projeto (GUIMARÃES, 2017). Além do aprimoramento e manutenção desse banco de dados, o Conexões também procura realizar encontros dentro e fora do país na área dos Estudos Brasileiros e produzir análises a partir desse material, além de ser constante na divulgação de notícias relacionadas ao tema. Com o aprofundamento da atual crise político-econômica, o projeto tem apresentado um visível declínio na frequência de suas atividades, o mapeamento sendo um dos afetados.

O Banco de dados do Projeto Conexões, embora falho quanto à eficácia dos métodos de obtenção de dados e à abrangência deles, aponta os Estados Unidos num primeiro lugar consolidado entre os pontos de concentração de estudos de literatura brasileira no exterior. A França, tradicional parceira de trocas culturais com o Brasil, segue de longe em segundo lugar, com cerca de $\frac{1}{4}$ do número de pesquisadores que atuam nos Estados Unidos, e é seguida de perto pela Alemanha. A ex-metrópole portuguesa, desinteressada, comparativamente, da literatura brasileira na esfera acadêmica, fica atrás de países como Itália e Espanha. Na América Latina, apenas Argentina e México contrariam a barreira cultural que sobrevive desde o Tratado de Tordesilhas (VASSALLO, 2011)³⁵ e aparecem em números relevantes.

Há ainda outras iniciativas privadas dignas de nota. A atuação de agentes literários teve uma intensificação de suas atividades acompanhando, naturalmente, a profissionalização do escritor. A mais em evidência é a Agência Riff (2022), que exhibe em seu *website* a carta de autores que representa, seja diretamente ou agenciando os direitos da família de autores já falecidos.³⁶ Para o que nos interessa aqui, a circulação da literatura de escritores brasileiros fora do Brasil, Lúcia Riff (in BASTOS, 2014, p. 203), proprietária da agência, não é muito otimista. Em entrevista, declara que os editores internacionais buscam principalmente nossos autores clássicos, e

³⁵ A pouca troca cultural entre a metade hispânica e a metade portuguesa do continente americano, conforme defende Vassallo (2011) remonta ao Tratado de Tordesilhas (1494) que “vetava todo tipo de contato e intercâmbio entre os territórios por ele divididos, desprezando oficialmente quaisquer conexões preexistentes e tendo a seu favor a selva no meio do continente austral para reforçar a barreira entre possíveis parceiros”.

³⁶ Alguns nomes já consagrados são Adélia Prado, Ariano Suassuna, Carlos Drummond de Andrade, Erico Verissimo, João Cabral de Melo Neto, José Rubem Fonseca, Luis Fernando Verissimo, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Mario Quintana, Rachel de Queiroz. Mais ainda, é uma vitrine de autores de atuação recente como Sérgio Rodrigues, Adriana Lisboa, Antonio Prata, Beatriz Bracher, Cristovão Tezza, Eliane Brum, Maria Valéria de Rezende, Ricardo Lísias, Santiago Nazarian, Veronica Stigger, Vitor Ramil entre outros.

especialmente a literatura que vai ao encontro de estereótipos do Brasil, expectativas às quais a literatura brasileira contemporânea, mais cosmopolita, não corresponde.

Há ainda o Brazilian Publishers (2022), parceria da Câmara Brasileira do Livro com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos. O grupo, criado em 2008, nos interessa por se dedicar exclusivamente à promoção do “setor editorial brasileiro no mercado global de maneira orientada e articulada contribuindo para a profissionalização das editoras”.

No que tange aos eventos não acadêmicos, para citar apenas alguns de data mais recente, além da Feira de Frankfurt (1994 e 2013), o Brasil foi destaque na Europalia (2011), no Salão do livro de Paris (2015 e 2017), na Feira do livro de Guadalajara (2001), de Bogotá (2012), comemorou-se o “Ano do Brasil” na França (2005) e Portugal (2012)³⁷. Entre esses, sem dúvidas ser convidado especial da Feira do Livro de Frankfurt tem sido a grande honra da perspectiva do mercado editorial mundial. Ter sido convidado por uma segunda vez é uma honra que o Brasil divide apenas com Holanda/Flandres (1993/2016). Muniz Jr. e Szpilbarg (2016, p. 680) interpretam que a motivação da escolha do Brasil por uma segunda vez se deu por conta da Copa do Mundo e Olimpíadas a serem sediadas no país em 2014 e 2016³⁸: “Essa somatória converte o Brasil em objeto crescente de interesse internacional e plasma uma imagem de grande potência que os agentes políticos, culturais e econômicos do país passam a capitalizar de distintas maneiras.”.

Quanto aos eventos acadêmicos dedicados à cultura brasileira (pensando aqui sempre a literatura em especial), além daqueles regulares de grandes organizações como BRASA (*Brazilian Studies Association*), ABRE (Associação de Brazilianistas na Europa) e REBRAC (Rede Europeia de Brazilianistas de Análise Cultural), há também participação relevante nos da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), na *Society for Latin American Studies* (SLAS), na *Latin American Studies Association* (LASA), na *American Comparative Literature Association* (ACLA)... Além disso, há

³⁷ Já nos anos 1990 o Brasil havia sido convidado de honra ou país-tema, além da Feira de Frankfurt de 1994, no Salão do Livro de Paris de 1998, no Liber de Madrid de 1997 e no Liber de Barcelona em 1998, mas, conforme Carmen Villarino Pardo (2014, p. 140-1) em um de seus estudos sobre feiras literárias, houve um aumento significativo dessas homenagens ao Brasil notadamente a partir do ano de 2007.

³⁸ A histórica rivalidade entre Brasil e Argentina, país convidado em 2012, não pode ser descartada como uma motivação adicional para o empenho público e privado brasileiro em tornar o país o homenageado do ano seguinte.

incontáveis eventos por iniciativa de departamentos de pós-graduação estrangeiros. A literatura brasileira é comumente estudada dentro de departamentos de Espanhol e Português ou de Línguas Românicas. Nesses, os estudos lusófonos costumam ter menos centralidade. Por sua vez, os estudos brasileiros costumam ficar atrás dos portugueses, um país cuja promoção de sua cultura no exterior está mais sedimentada e estável. Existem exceções, é claro. Departamentos de português que sobrevivem independentes dos estudos hispânicos, departamentos onde o estudo de cultura brasileira supera o interesse pela cultura portuguesa... Infelizmente tudo aponta que essas exceções seguem o sabor dos ventos, às vezes bastando a exclusão ou inclusão de um profissional-chave para tudo mudar.

A escolha por traçar algumas linhas a respeito da internacionalização do corpo docente brasileiro foi motivada pelo entendimento de que a crítica literária no país em grande medida migrou para as universidades. Jefferson Mello (2017, p. 6481) vai mais longe e afirma que é a vida cultural como um todo que “no Brasil passa quase que exclusivamente pela Universidade.”. Sendo assim, o fenômeno da internacionalização pulveriza o discurso brasileiro sobre a literatura brasileira nos *campi* e publicações estrangeiras e auxiliam, dessa forma, na promoção dessa literatura – considerando as universidades como o principal nicho de potenciais leitores. Em se tratando de internacionalização acadêmica no Brasil, é normal pensar-se primeiramente na circulação dos estudantes em intercâmbio, prática que se intensificou com o programa Ciências sem Fronteiras. No entanto houve também, de forma menos alardeada, uma internacionalização de nosso corpo docente. A expansão do sistema universitário e as novas condições econômicas do país possibilitaram trânsitos e trocas também bastante intensos para os docentes brasileiros (e brasilianistas). Franklin, Zuin e Emmendoerfer (2017, p. 139) compilam algumas das modalidades de internacionalização do *métier* acadêmico:

publicação de trabalhos em periódicos estrangeiros ou em língua estrangeira ou inglesa; cotutela para dupla titulação e/ou complementação da formação de origem (estágios de ensino/pesquisa e programas particionados sandwich); oferta de atividades de ensino, pesquisa e extensão em língua estrangeira; participar de eventos técnico-científicos no exterior; organizar edições de eventos internacionais no Brasil; programa de capacitação de funcionários nas universidades para atendimento ao público estrangeiro; criar e manter um órgão de relações internacionais; divulgar informações institucionais na internet em língua estrangeira; entre outros.

Diante dos resultados parciais do mapeamento do projeto Conexões que apontavam um número robusto de pesquisadores de nacionalidade brasileira trabalhando como brasilianistas fora do país, João Cezar de Castro Rocha (2015) defende uma reformulação do conceito mesmo de brasilianista, o qual tradicionalmente se restringe a pesquisadores estrangeiros. Essa reformulação atenderia a uma mudança do campo que, nos últimos anos, abriu-se para a importação de pesquisadores brasileiros, conforme aponta o banco de dados do programa Conexões.

Não podemos deixar de mencionar nominalmente a CAPES e o CNPq, instrumentos do governo responsáveis pela destinação de verbas para estágios no exterior, pós-doutorado, verbas departamentais que financiam, entre outros, viagens para a participação de eventos internacionais. Também há fundações estaduais como a FAPESP em São Paulo, Araucária no Paraná etc., e as cooperações bilaterais estabelecidas com instituições estrangeiras que promovem o trânsito de professores e estudantes. Estando mais comumente estabelecidas no âmbito das instituições públicas, essas parcerias voltam-se especialmente para a pesquisa e troca de experiência, enquanto nas privadas se privilegia o mercado de trabalho.

Essas são políticas e ações de cunho governamental, mas a academia também pode desempenhar um papel relevante na internacionalização da literatura brasileira através da comunicação direta e indireta com outras academias. Fitz (2014, p. 24-8) sugere o uso da literatura comparada como um método potencialmente efetivo de penetração e diálogo e é otimista quanto ao interesse que a literatura brasileira possa gerar em trabalhos dessa estirpe e mesmo quanto à naturalidade com que ela se daria a essa abordagem.³⁹ Para a realização de um tal projeto, essas pesquisas não podem, claro, ser postas em curso apenas na academia brasileira, precisam se internacionalizar através de publicações estrangeiras escritas na língua de chegada, em revistas, mas também por editoras, participação em eventos acadêmicos, proposição de parcerias interinstitucionais, de grupos de estudo transnacionais etc.

³⁹ Nesse entusiasmado artigo, o brasilianista Earl E. Fitz (2014, p. 28-33) chega a elaborar uma enumeração de quais sejam as categorias ou modos de estudo literário dentro da literatura comparada, dando a cada um exemplo de como a literatura brasileira poderia fornecer “muitas oportunidades excelentes para cultivar todas essas categorias”, e ainda propõe a colocação do Brasil numa posição de padrão ao lado do qual todas as outras literaturas americanas poderiam ser medidas.

Quero me voltar agora para um documento da CAPES, seu relatório sobre a internacionalização das instituições acadêmicas brasileiras publicado em 2017. Os resultados desse relatório são fruto das respostas a um questionário enviado pela CAPES a mais de quatrocentas instituições e respondido por cerca de 75% delas. Nota-se uma especial incidência de mobilidade passiva (quando o professor ou estudante brasileiro se desloca) também “publicações com coautoria estrangeira, número de publicações em revistas JCR e ainda número de convênios e acordos com países estrangeiros” (CAPES, 2017, p. 19). Esses dados ilustram a forma da internacionalização do corpo docente brasileiro que viaja com o fim de lecionar ou pesquisar, que se faz ler no ambiente acadêmico estrangeiro, que desenvolve ricas relações de parceria com profissionais de outras culturas. Essas parcerias também devem incentivar a mobilidade ativa (quando o pesquisador estrangeiro vem ao Brasil), o que defendo ser outro indicativo da internacionalização de nossos docentes.

Franklin, Zuin e Emmendoerfer (2017, p. 146), tomando como dado os beneficiados pelo Ciência sem Fronteiras, denunciam que a internacionalização, em grande medida, deixa de lado, segundo ou terceiro plano, as ciências humanas. No que se refere ao que é considerado prioritário pelas instituições de ensino superior pesquisadas pela CAPES (2017, p. 27), porém, a grande área das ciências humanas fica atrás apenas das ciências da saúde e disputa com a área das engenharias o segundo lugar. Resumidamente, é possível concluir que o estado de coisas não é mais incipiente, embora um número significativo de instituições afirme não possuir um plano de internacionalização e nem se considerar muito internacionalizadas (CAPES, 2017, p. 28), o que aponta que ainda há o que se possa melhorar nessa esfera. A pesquisa realizada por Ramos por meio de questionário enviado a diversos programas de pós-graduação concluiu que faltam

suporte administrativo e organizacional ao nível institucional ou departamental [...] [O apoio é] insuficiente, processos burocráticos e falta ou distribuição desequilibrada do fomento foram mencionados como as principais barreiras. Além disso, a ausência de uma estratégia nacional que definisse um sentido comum para a internacionalização das IESs nacionais e a falta de políticas institucionais adequadas dificultam o desenvolvimento de contatos internacionais e de intercâmbios científicos vigentes em redes de cooperação institucional mais significativas e sustentadas. (RAMOS, 2018, p. 19).

Estes são alguns dos desafios a serem enfrentados nos próximos anos para que esse processo de internacionalização da docência brasileira em nível superior, que tomou corpo nas duas últimas décadas, possa ser intensificado e difundido.

As ações de política externa dos governos petistas foram, em muitos sentidos, inéditas. Progressivamente o Brasil passou a exercer um papel de potência emergente, influenciando em decisões internacionais, tomando posições de liderança no continente sul-americano, passando a ser um exportador não só de produtos primários, mas também de tecnologia, serviços, tendo como foco de ação os países hispano-americanos, parte do continente africano e, no asiático, especialmente a China. Escolho a seguir alguns dados que podem ilustrar como o Brasil tem se desenvolvido entre 2003 e hoje. Com a chegada ao poder do Partido dos Trabalhadores em 2003 viu-se uma subida vertiginosa do Produto Interno Bruto (PIB), com uma breve estagnação em 2009 devido à crise mundial deflagrada no ano anterior. Após uma nova subida expressiva, há uma queda leve entre 2012 e 2014, mas em 2015 a crise política se traduz numa queda bruta e culmina na deposição de Dilma Rousseff em 2016.

FIGURA 1 - PIB BRASILEIRO – 2000 A 2021



Fonte: Banco Mundial (2022).

Em coerência com o crescimento do PIB, a pobreza teve uma queda quase vertical enquanto a renda *per capita* cresceu em proporção semelhante. A expectativa de vida aumentou com constância⁴⁰. O desemprego também decresceu com constância sendo de 12,4% em 2003 e chegando ao menor valor já registrado pelo IBGE em 2014, com apenas 4,8% de desempregados (PELAJO, 2015).

⁴⁰ Ainda de acordo com os dados disponibilizados pelo Banco Mundial (2022).

Podemos afirmar que a forma de penetração da economia brasileira nos mercados estrangeiros preferiu estratégias de *soft power*, de atração antes que de coação. O Brasil se projeta como “irmão”, “parceiro”, “amigo”, seduz com sua cultura e argumenta em favor dos acordos apelando para histórias, experiências e realidades comuns e mutuamente compreendidas entre o Brasil e o país-alvo (DINIZ, 2012, p. 147). Em *Soft Power: the means to success in world politics*, Joseph Nye (2009, p. 1548) já considerava a “atratividade” do Brasil digna de nota: “O Brasil projeta uma certa atração tanto por sua cultura vibrante quanto por sua promessa no futuro”.

Houve um fortalecimento do bloco do Mersosul, unindo-se com a Comunidade Andina para a formação da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) em 2008. O Brasil contava, então, com cerca de metade da população e do PIB do bloco, tomando assim uma posição de protagonismo. Essas associações privilegiam, protegem e dinamizam o livre-comércio dentro do continente, aumentando a independência de seus membros em relação a parceiros comerciais tradicionais, notadamente os Estados Unidos, conhecido por oferecer condições desfavoráveis aos países sul-americanos, o que pode ser estudado com profusão de exemplos em *As veias abertas da América Latina*, do historiador Eduardo Galeano (2005).

O novo posicionamento geopolítico brasileiro não está circunscrito ao seu continente. O país faz parte da coalisão de países emergentes conhecida como BRICS. A primeira cúpula do BRIC (ainda sem a África do Sul) data de 2009. Quanto à ONU, o Brasil teve papel determinante dirigindo a MINUSTAH, Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti, criada em 2004, e a UNIFIL, Força Interina das Nações Unidas no Líbano, desde 2011.

Alguns dados devem moderar o otimismo. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido entre 0,000 e 1,000, teve um aumento de cerca de 0,050 ao ano, passando de 0,698 em 2002 a 2014 a 0,752 e estagnando com a crise política de 2015. Não houve uma melhora diferente da tendência de crescimento que já se observava desde os anos 1990, conforme os dados fornecidos pelos *Human Development Reports* da ONU (UNDP, 2021). Isso aponta que não existe uma relação direta entre os dados apresentados anteriormente e o IDH que é, no entanto, talvez a referência internacional mais significativa de bem-estar social.

Um indicativo de relevância específica para a literatura, as taxas de analfabetismo, também mantiveram uma tendência de declínio já consolidada que não apresentou especial pronunciamento durante os governos petistas (IBGE, 2019). Entre 2004 e 2012 a taxa geral de analfabetismo decresceu apenas 3%, de acordo com o MEC (BRASIL, 2013). O Brasil também não conseguiu cumprir uma meta intermediária do Plano Nacional de Educação que esperava uma baixa de pelo menos 6,5% no número de analfabetos de 15 anos ou mais até 2015. Em 2016, o Brasil tinha ainda 7,2% de analfabetos nessa faixa etária (FERREIRA, 2017).⁴¹

Os resultados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que avaliam a leitura no Brasil trienalmente desde 2000 (há também avaliação de conhecimentos em matemática e ciência), também são desanimadores. É verdade que, entre os 32 países analisados em 2000, a concorrência foi bruta, pois o grupo era formado principalmente por países europeus. Feita essa ressalva, em 2000, de acordo com dados disponíveis no *website* do INEP (BRASIL, 2018), o Brasil ficou em último lugar. Em 2003 o Brasil manteve-se abaixo da média da OCDE. Em 2006 os resultados pioraram em leitura. Dos 57 países avaliados nesse ano, o Brasil ficou em média na 49ª colocação (digo em média, pois os resultados do PISA se expressam em média de erro). Em 2009 os resultados na leitura voltam a subir, chegando ao maior nível no período analisado, com 412 pontos, mas em 2012 há uma pequena queda para 410 pontos. Nesse ano, o PISA já contava com 65 países participantes e o Brasil ficou na 55ª posição em leitura. Em 2015, entre 70 países pesquisados, o Brasil ficou em 59º lugar em leitura. Como se vê, há uma certa estabilidade da posição brasileira nas últimas edições (e colocações) do PISA nos resultados em leitura, que não souberam evoluir com a passagem dos anos.

Fica claro que, se foi possível fazer crescer o PIB e a renda em ritmo acelerado, gerando emprego e afastando o Brasil do Mapa da Fome da ONU, isso não se irradiou no mesmo ritmo para a qualidade de vida que, conforme avaliação do IDH, continuou aumentando na mesma proporção com que vinha dos anos anteriores ao primeiro mandato do presidente Lula, e para a educação, visto que o analfabetismo tem caído de forma progressiva, mas lenta, e que os resultados no PISA apresentaram

⁴¹ É preciso, no entanto, matizar esses dados. A pesquisa do IBGE aponta que a maioria desse contingente é formada por idosos. Este cenário estaria mudando nas novas gerações (FERREIRA, 2017).

baixíssima melhora no correr dos anos. Foge da minha alçada desvendar a razão dessa assimetria, mas fica a pergunta: ela se deu porque não existe uma relação diretamente proporcional entre desenvolvimento econômico e “social”? Seria a melhora na qualidade de vida, na educação, no bem-estar social um processo naturalmente mais lento e gradual? Sabemos que a educação não foi negligenciada nesses governos, houve uma revolução no ensino superior, o estabelecimento do piso salarial dos professores, investimento maciço em material pedagógico na educação básica... Resta, no entanto, um país com ainda graves deficiências.

Isso lança uma sombra sobre aquela enumeração das conquistas relacionadas à profissionalização do escritor no Brasil, às políticas públicas para a internacionalização da literatura brasileira e do corpo docente. Os avanços significativos nessas esferas levam a esperar uma proporcional melhora na qualidade da educação, tão intimamente ligada à leitura, a base para um campo literário mais equânime. Resulta, por fim, uma situação algo aberrante. As proporções continentais do país podem ser uma explicação possível de como essas situações podem ter coexistido.

Discutimos a recepção da literatura brasileira fora do Brasil enquanto, no Brasil, lê-se pouco. O mérito da questão foge ao escopo do trabalho, mas não é possível separar, de todo, a intrincada relação entre subdesenvolvimento social, econômico e cultural. De acordo com Mello (2015, p. 166), no Brasil o consumo frequente de “A literatura erudita é hoje quase limitada a leitores especializados (escritores, críticos universitários, estudantes e doutorandos nas faculdades de letras ou ciências humanas)”. Complemento com um trecho da fala de Luiz Ruffato na Feira de Frankfurt de 2013, que caiu como um ácido sobre aquela euforia:

A reflexão que me interessa, na verdade, é: estamos vivendo um espasmo ou trata-se de uma tendência que se consolidará no tempo? Porque, não há dúvida, o mercado editorial brasileiro ainda está muito longe do ideal. Os livros continuam caros, as relações entre autor e editor são amadoras, raras as livrarias, a distribuição é pífia, existem poucos agentes, e, mais que tudo, temos um péssimo sistema de educação e uma deplorável elite que despreza a cultura de maneira geral e a livresca em particular. (RUFFATO, 2013).

Para a internacionalização da literatura brasileira, o que falta pôr em prática? Observadores externos, os pesquisadores estrangeiros de literatura brasileira

mapeados pelo projeto Conexões dão sugestões para incrementar a presença do país no mercado cultural estrangeiro através do questionário respondido no cadastro. Felipe Lindoso, curador, em um balanço publicado em seu *blog* pessoal, O Xis do Problema, em 2013, compila os seguintes dados:

A resposta mais frequente é o programa de bolsas de tradução (126), seguida por programas de cátedras de literatura brasileira no exterior (76); intercâmbio entre universidades brasileiras e estrangeiras (71); criação do “Instituto Machado de Assis” para promoção da cultura brasileira no exterior (66); presença de escritores brasileiros no exterior (56); festivais de literatura brasileira no exterior (41), além de respostas discursivas (57) e outras com menor frequência, que podem ser vistas no site mencionado. (LINDOSO, 2013).

Essas medidas supõem um investimento financeiro de parte do Estado, especialmente, investimento cujo retorno é incerto, ou melhor, tendo retorno, ele pode ser simbólico e não se traduzir em cifras. Essa é uma crença comum, a não capitalização da cultura, no entanto, recentemente foi divulgada uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas que chegou à conclusão de que a cada R\$ 1 investido em projetos financiados pela Lei Rouanet, R\$ 1,59 retornam para a economia do país (G1, 2018).

Em se tratando de cultura, não parece ser o Produto Interno Bruto de um país o fator primordial para que sua literatura seja lida, do contrário nossas livrarias hoje estariam recheadas de autores chineses, o que ainda não aconteceu. O entendimento das “relações diplomáticas culturais” passa pela economia, mas não se restringe a ela. Ainda que A República Mundial das Letras tenha um ritmo diverso do sistema econômico mundial, existem correspondências entre ambos e sucesso no campo econômico, se tal interesse houver, pode trazer ganhos significativos para o âmbito da cultura, “comprando” espaço na República, como uma nobreza de toga. Segundo Renato Ortiz, no mercado internacional o Brasil pode ser considerado uma marca forte, desejada, cujas riquezas seriam, entre as lembradas pelo sociólogo:

As sandálias havaianas, a cerveja Brahma, a caipirinha, a cachaça, o Legacy da Embraer, o café, a soja, o carnaval, o samba, o Cristo, o Rio de Janeiro, a Avenida Paulista, o Pelourinho, Olinda, a Amazônia, Bonito, os Pampas, as praias, Ilhabela, o aquífero Guarani, as dunas de Natal, Jericoacoara, a Natura, Silvio Santos, Paulo Coelho, Wilson Simonal e Tim Maia, Roberto Carlos, Xuxa, o Corinthians, o Santos e Pelé, a Vale, a Laranja, a USP, o

IBMEC, o Pré-Sal, a Amazônia Azul, o porto seguro para o mundo, a alimentação do mundo, a água do mundo (ORTIZ, 2013, p. 630).

Visão de fora, Boyd Tonkin (2006), crítico literário de peso na Inglaterra, relata em 2011, no *Independent*, sua percepção de que o Brasil tinha se tornado o país da moda em seu país, um “xodó”, com nome e bandeira estampados até em caixas de entregadores de pizza. Nessa mesma linha, Luiz Ruffato (2017), no 10º Encontro Conexões, disse perceber, participando de eventos literários fora do país, que “o mundo todo ama o Brasil”, mas o Brasil não saberia se vender culturalmente. Ieda Magri defende que as perguntas importantes a serem feitas, com o intenso investimento federal na exportação da literatura e cultura brasileira no início deste século, eram

tentar perceber em que termos se dá a recepção da nossa literatura e de como o chamado recentemente em debate na Argentina “gigante invisível” tenta tornar visível alguns dos seus traços. Trata-se sobretudo de tentar ler a porção que se mantém invisível e de como ela estabelece tensão com a outra, a visível em termos transnacionais (MAGRI, 2014, p. 44).

Nathalie Crom (2005b), jornalista literária de relevo que resenhou *Dribble* e *Neuf nuits* para o *La Croix*, publicou nesse mesmo jornal, quando do Ano do Brasil na França, um questionamento sobre a permanência da oferta cultural brasileira, vinda naquele ano em enxurrada. Dois anos antes havia sido o ano da China na França, e antes desse, outros que a memória já não lembra bem. Num certo sentido, com pequena extrapolação minha, questiona a inteligência com que se faz a transplantação dessas espécies exóticas para o solo francês. O problema, fica claro, não era o país homenageado daquele ano, nem as escolhas que faria ao correr dele, ainda a serem descobertas. É uma inquietação despertada pelo já visto. O que ficou de durável das literaturas chinesa e algeriana que haviam tido também um “*année*” nos anos anteriores, para não falar dos contemplados em períodos mais curtos, nas “*saisons*”? Isso não é diminuir a importância desses eventos, muito menos os dispensar. Como informa o trabalho de Spézia (2015, p. 58), entre 2000 e 2013 traduziu-se o dobro da média de literatura brasileira na França, especialmente em torno de 2005, quando da homenagem no Salão. Só isso já seria uma justificativa. Algo fica, mas creio que longe de nossas melhores expectativas (às quais pode

sempre faltar realismo). Traduzirmo-nos, segundo o brasilianista Earl Fitz (2014, p. 22), não garantirá o sucesso a longo prazo permitido por uma bem-sucedida política de difusão da língua portuguesa (especialmente na variante brasileira).

As políticas públicas petistas, responsáveis direta ou indiretamente por uma série dos acontecimentos anteriormente citados, merecem ser vistas com entusiasmo, mas, mesmo sem a interrupção antidemocrática desse programa de governo, haveria ainda um bocado de atraso a pôr em dia. Os progressos nesse período, no que diz respeito ao paradigma da autonomia de Bourdieu, se fizeram notar por Mello (2017, p. 206), que chama o campo brasileiro “heterogêneo”, “institucionalizado”, “profissional” e com “uma estrutura rica e variada”.

O crescimento econômico do país, a atenção do estado à cultura e à educação não são coincidências com a profissionalização do escritor brasileiro e a internacionalização dessa literatura e da pesquisa em torno dela. Logo, percebe-se ainda uma dependência no campo literário brasileiro dos influxos vindos das políticas públicas, de forma que a autonomização de seu campo literário é ainda algo em processo.

Casanova (2002, p. 59) pontuava que, nas regiões “menos dotadas de recursos literários”, a história literária é sempre relativamente dependente da política. Embora as ferramentas governamentais de promoção da cultura sejam de suma importância, mesmo nos países mais autônomos, para um país ainda subdesenvolvido, com uma literatura considerada “menor”, a situação é instável em especial, mais sujeita às intempéries econômicas e políticas. Os dados levantados nesse capítulo mostram com segurança, creio, avanços na autonomização da literatura brasileira neste início de século, estudada aqui especialmente sob o viés da internacionalização. A questão é se esses avanços se consolidaram o bastante para resistirem sem graves retrocessos à recessão econômica e a políticas mais recentes que pareçam ter a cultura como inimiga e a educação como a última prioridade.

5. AS CONDIÇÕES DE CHEGADA DAS TRADUÇÕES DOS VENCEDORES BRASILEIROS DO PRÊMIO PORTUGAL TELECOM/OCEANOS: PREÂMBULO

Então o novo século se principiou com clima de abertura e curiosidade cultural pelo outro. No Brasil logo se instaurou uma situação propícia, que soube tirar proveito da atmosfera fraterna para promover um movimento de exportação. Nesta seção do trabalho, mais que corroborar os dados quantitativos dos estudos de tradução, que já contam com algumas pesquisas apontando a melhora dos fluxos, gostaria de também acrescentar uma leitura qualitativa desses números, lendo-os na interface da sociologia da literatura e da crítica literária (mais especificamente, da crítica da crítica). Trabalhar com vencedores de um prêmio literário que tivesse prestígio entre a crítica nacional se mostrou uma abordagem interessante para, já de saída, aferir se o que se comemora internamente é também festejado fora. Para isso, mais que contabilizar as traduções, a intenção era aquilatá-las, procurar avaliar a notoriedade das editoras, tradutores e críticos que introduziram essas obras em campos de relevância internacional. Além disso, os lugares onde essas críticas foram publicadas, a circulação *in loco* dos autores, o desempenho das obras em listas de seleções, as escolhas das capas também foram alvo de análise.

Casanova (2002, p. 37) chama de “grandes cosmopolitas” os agentes de câmbio “encarregados de exportar de um espaço a outro textos dos quais fixam, por aí mesmo, o valor literário”. Mas há também o valor desses agentes, que determinará o peso de suas indicações e descobertas. Ter sua tradução realizada por um tradutor renomado, ser publicado por uma grande editora, numa série de prestígio, ter uma crítica elogiosa em uma coluna cultural conceituada, ser alvo de estudos acadêmicos por pesquisadores influentes... Essas são formas de chegada no campo restritivo estrangeiro que me ocorrem ter mais efetividade. Vale pontuar que, quando tratando de uma literatura premiada num concurso como o Oceanos, não é o sucesso na esfera econômica que está em jogo, o qual é bastante comum não ocorrer nem nacionalmente, mas sim no campo simbólico. Em mundo ideal, a tradução de uma obra celebrada no seu campo de origem seria recebida com algum interesse internacionalmente, mas “as obras vindas das regiões menos dotadas literariamente também são as mais improváveis, as mais difíceis de impor; conseguem quase milagrosamente emergir e ser reconhecidas” (CASANOVA, 2002, p. 26).

A alguns talvez cause estranhamento a preferência em trabalhar com o prêmio Portugal Telecom (posteriormente chamado Oceanos) ao invés do mais tradicional Jabuti. Em uma época em que o Jabuti tinha bem menos clareza a respeito de seus critérios e corpo de júri foi que o Portugal Telecom pôde se alçar com celeridade a um estágio de alto reconhecimento. Desde a primeira edição seus jurados são professores, ou críticos literários, ou jornalistas, ou escritores atuantes cujos nomes são divulgados. Como bem observa Dacome (2017, p. 90), “A isenção e a credibilidade do prêmio acompanham o prestígio que essas pessoas já possam ter.”⁴². O Oceanos também se mostrou um prêmio proveitoso por, na maioria de suas edições, concentrar os diferentes gêneros literários, podendo em um determinado ano se ter, por exemplo, um livro de poesia como primeiro colocado e romances em segundo e terceiro. Tudo ali está em, crê-se, pé de igualdade. Essa indistinção no momento de eleger quais as três (ou quatro, a depender da edição) melhores obras literárias publicadas no último ano pareceu mais interessante do que trabalhar sempre, por exemplo, com o primeiro colocado na categoria romance, na de poesia e na de contos.

Ao longo dessa trajetória não se deve perder de vista que, portanto, tratam-se de obras literárias de uma esfera erudita. Traduzidas, acrescenta-se ainda nova restrição de público. Embora ainda se encontrem editoras naquele sentido antigo, com um comprometimento em apresentar “a melhor literatura”, caridades só se por conta dos governos interessados em fomentar a exportação de sua cultura e outras excepcionalidades sem fins (diretamente) lucrativos. Quanto ao mercado editorial, segue cada vez mais dominado pelos grandes grupos.

Se a questão se dá em termos de prestígio, convinha selecionar os campos de chegada que seriam observados a partir da força de irradiação de seus vereditos literários⁴³, de maneira que me decidi pelas traduções realizadas na França, espaço de consagração tradicional, e seus concorrentes anglófonos Inglaterra e Estados Unidos da América. São os “destinos” desejados e procurados onde se situam editoras e jornais sonantes mundialmente e cujas línguas são também passaportes

⁴² Para um estudo minucioso da formação e primeiros anos do prêmio ver DACOME, 2017.

⁴³ “O imenso lucro que os escritores despojados encontraram e ainda encontram em ser publicados e reconhecidos nos centros – valorização da tradução, prestígio conferido por certas coleções que se tornaram símbolos de excelência literária ou mesmo pelas instituições literárias, orgulho garantido por certos prefácios, etc. – são alguns dos efeitos concretos da crença literária” (CASANOVA, 2002, p. 33).

de amplo alcance.⁴⁴ A maturidade de seus sistemas literários se reflete não só na detenção de instâncias de consagração internacionalmente reconhecidas como também na abertura ao não nacional – e mesmo numa suspensão (apenas aparente) de sua própria carga nacional em direção a um universal literário tão autoremissivo quanto for guiado por princípios ditados nesses mesmos países. Isso não poderia deixar de incluir a importação das grandes obras dos países de menor capital literário que, ao fim e ao cabo trabalham para a reafirmação de sua centralidade⁴⁵.

Há diferenças entre eles, claro. Os EUA são um espaço de desejo e uma máquina de postura quase agressiva na disputa por protagonismo em esferas que vão para muito além das artes. Naturalmente, também fazem uso da dinâmica da importação, mas fagocitam os artistas estrangeiros para torná-los parte de seu corpo de uma forma quão mais assimilada melhor. Assim, celebram e reafirmam sua centralidade com mais potência, ao mesmo tempo indústria cultural e língua mais influente do mundo (já que é menos o inglês que o “*american english*” a atual língua franca). Na literatura há um porém, uma especificidade, é uma área na qual fica especialmente evidente o quanto o país é, na substância, autocentrado, como comprovou a divulgação, feita pela Universidade de Rochester (2022), de que apenas 3% das publicações estadunidenses são traduções e, dessas, só surpreendentes 0,70% são obras de ficção e poesia.

Justiça seja feita, a Inglaterra também tinha o mesmo perfil editorial até o final do século passado, comportamento de ilha. Ainda, segundo Casanova (2002, p. 153), suas instâncias de consagração só raramente celebram textos produzidos em outras línguas que não o inglês. Mas, ao contrário da ex-colônia, e em acordo com as dinâmicas da globalização, os ingleses tem se afastado dos fatídicos 3%. Com um atraso aparentemente sintomático das grandes potências econômicas mundiais, e

⁴⁴ Embora essa pesquisa se volte para o “desejo de mundo” da literatura brasileira e a forma de sua retribuição, vale pontuar brevemente que o Brasil pode ser também “objeto de desejo”. Não existe uma periferia e um centro, mas periferias, centros e semi-periferias e as relações entre essas são várias. Os centros não são os mesmos para todos, embora haja os que se destaquem, e semi-periferias podem por sua vez servir de centro para regiões relegadas a uma posição ainda mais periférica. Há, por exemplo, o caso bem conhecido, inclusive referido por Casanova (2002, p. 158-9), da relação dos escritores de expressão lusófona nos PALOPs com escritores brasileiros que consideravam fazer um uso descolonizado da língua e da literatura.

⁴⁵ “[...] a translação linguística e literária é uma maneira de anexar, de desviar obras em proveito dos recursos centrais” (CASANOVA, 2002, p. 171).

sem o apelo popular estadunidense, abre-se de forma talvez lenta, mas bastante sólida, para as pequenas literaturas (ERIZANU, 2016).

A França é sempre o caso citado como contraposição. Tem um outro comportamento em relação a sua posição de centralidade, outra dinâmica em suas relações com o que lhe é externo. Não se autocelebra apenas observando o bem-sucedido interesse internacional por suas produções. Ela o faz sendo, além de tudo, calculadamente magnânima com o que se atrai por seu brilho (mais opaco hoje, contudo ainda inspirando respeito o sobrenome e o título) e, continuação dessa postura, o faz sendo mais receptiva e mais tolerante com o diferente que o “rival” americano.⁴⁶

As características do mercado editorial na França permitiram mesmo a fundação de editoras como a Métailié, originalmente especializada em literatura brasileira, que hoje disputa esse mercado restrito com editoras como a Chandeigne (cujos proprietários dirigem também a Librairie Portugaise et Brésilienne, localizada no Quartier Latin), Folies d’Encre e Anacaona (ignorando por um momento as grandes casas de edição), todas entusiastas dessa literatura, apesar dos desafios. Quanto às possibilidades de crescimento ou fixação nesse mercado, um dos mais sedutores do mundo devido à sua estabilidade, prestígio e abertura ao estrangeiro, Jean-Marie Ozanne, diretor da Folies d’Encre, foi pessimista. Em declaração para reportagem de Bolívar Torres (2016), explica que:

Na França, as vendas se dividem em três grupos: 35% para a literatura francesa, 30% para a anglo-saxã e a outra parte vai para o resto do mundo. Nessa parcela, o Brasil é muito, muito pequeno. A verdade é que vocês não estão mais na moda por aqui e são difíceis de vender, pois não fazem parte das expectativas dos leitores.

Há espaço, é verdade, como essa pesquisa virá a confirmar, mas também é verdade que a leitura de literatura traduzida, especialmente a das “pequenas literaturas”, é feita por um público bastante restrito no país como pode se confirmar

⁴⁶ Se a França hoje não recuperou o prestígio de antes, podemos encarar o continente europeu, especialmente a região oeste, como um contraponto, uma alternativa, para aqueles que, por uma razão ou outra, não se coadunam com a hegemonia estadunidense. Nesse grupo, a França teria ainda um papel de destaque, seguida pela Inglaterra e Alemanha.

em dados abundantes trazidos pela obra *Translatio*, organizada por Gisèle Sapiro (2008).

Apesar da barreira editorial, os Estados Unidos, pioneiros no que viria a se chamar brasilianismo, são hoje a maior concentração de pesquisadores de literatura brasileira em países estrangeiros, de acordo com o mapeamento do programa Conexões. Uma explicação possível para a coexistência entre um número expressivo (comparativamente) de brasilianistas nos Estados Unidos e um, na prática, parco interesse real em se ler e publicar literatura brasileira pode ser, de um lado, a pujança do sistema universitário americano e suas pretensões globais, e de outro, a condição histórica dos Estados Unidos enquanto um chamariz de imigrantes, porém com os brasileiros sendo um grupo ainda minoritário.

E por que não estudar também a recepção na Alemanha, Portugal, Argentina...? Fábio Lima (2018) explica que o primeiro lugar da Alemanha no número de bolsas conferido pela Biblioteca Nacional se deu por conta da Feira de Frankfurt, mas que, passada a feira, o interesse pela literatura brasileira decaiu vertiginosamente. Seria um reducionismo resumir assim a questão, claro. O Index Translationum, por exemplo, já mostrava a Alemanha como um país cujo mercado de traduções era bastante ativo. Mas é aí que devemos fazer uma intervenção, lembrando da importância para esta pesquisa do prestígio do sistema literário de chegada, no que a própria língua acaba por ser um entrave para a difusão dos vereditos alemães, em comparação a dos países selecionados. Pelas proximidades evidentes, Portugal poderia ser um interlocutor incontornável, no entanto, estava atrás até mesmo de países como a Romênia na busca por fomento à publicação de autores brasileiros, tendo ainda como base os dados de Fábio Lima.⁴⁷ Se quiséssemos dar valor à vizinhança, a Argentina seria provavelmente a melhor escolha, mas, dados do

⁴⁷ Creio também servir de parâmetro para esse histórico desinteresse lembrar que o primeiro livro inteiramente dedicado a Machado de Assis publicado no país foi *A formação do nome*, de Abel Barros Baptista, em 1991, e que, na lista de países onde trabalham brasilianistas inscritos no programa Conexões, Portugal encontra-se em nono lugar. Bárbara Bulhosa, diretora-executiva da editora Tinta-da-China, que lançou no Brasil, em 2016, a coleção “Grandes escritores portugueses”, admite que, embora o trânsito de escritores seja dificultoso nas duas vias, a entrada de escritores brasileiros no mercado português é ainda mais difícil (AGÊNCIA LUSA, 2016). Umberto de S. Cunha Neto (2018, p. 91), que passou dois semestres estudando em grandes instituições de ensino superior portuguesas durante seu mestrado sobre a recepção de Bernardo Carvalho em Portugal, percebeu a escassez de oferta de disciplinas sobre literatura brasileira nos cursos de Letras do país, cenário muito diferente do brasileiro. Ventilam-se mudanças, como a própria abertura do prêmio Oceanos, em sua reformulação, para premiar, sem fronteiras, obras escritas em português.

Index Translationum, ela fica atrás da ex-metrópole europeia nas traduções de literatura brasileira.⁴⁸

Tão interessante quanto olhar o mapeamento do Conexões (ITAÚ CULTURAL, 2022) através do país de atuação dos brasilianistas, que nos permite ver onde se concentram as alocações para tais pesquisas (na frente, EUA, França, Alemanha, Espanha e Itália), é olhar o país de nascimento dos pesquisadores no que estão nas primeiras colocações, ignorando o próprio Brasil: EUA, Argentina, Alemanha, Itália e México. Chamo atenção novamente para a proeminência dos EUA como centro de pesquisa acadêmica e sua não correspondência com o mercado editorial; para a não aparição de Portugal em ambos recortes; e para a significativa queda de posições da França quando se trata de olhar para o local de origem dos pesquisadores, no que se lê que é um país que recebe estrangeiros em desproporção com o interesse nativo.

Por fim, Felipe Lindoso (2011, p. 2) enxerga que a tradução para o inglês é central para que as obras consigam traduções em outras línguas, pois elas seriam muitas vezes lidas primeiro nesse idioma, mesmo que a tradução, posteriormente, seja direta do português. Lembra-me Casanova (2002, p. 172-3), para quem a tradução em uma “língua literária” (ela pensava sem dúvidas no francês, mas hoje assistimos o acatamento ao domínio do inglês, como nas amostras da *Machado de Assis Magazine* que só nos últimos números publicou excertos em francês) era condição necessária para a obtenção de um “certificado de literariedade”.

Para uma efetiva circulação da literatura brasileira fora do Brasil, depende-se do despertar de interesse entre políglotas, descobridores, editores e tradutores estrangeiros em um cenário em que a língua portuguesa não tem prestígio no mundo

⁴⁸ É também de data muito recente a intensificação das relações literárias entre o Brasil e seus vizinhos de fala espanhola no continente americano, de acordo com estudo de Lígia Vassallo (2011). Essa pesquisadora também utiliza a recepção de Machado de Assis como parâmetro para denunciar a falta de sincronia: o Brasil passou a se interessar pela literatura hispano-americana desde os anos setenta e tem publicado essa literatura “no momento de seu lançamento internacional”, enquanto só no final do século XX “o oitocentista Machado de Assis está sendo descoberto entre os hispânicos”. Milton Hatoum (2008) também considera que o desinteresse não é mútuo e que o Brasil consumiria mais literatura latino-americana que o contrário (mas responsabiliza em parte o próprio país e a parca promoção de sua língua). Ainda hoje, na Argentina, a literatura brasileira é estudada fora da literatura latino-americana, como uma literatura estrangeira (TENNINA, 2017). Assim como em Portugal, também no caso argentino há sólidos indícios de melhora nessas relações como atesta, por exemplo, o lugar de nascimento dos brasilianistas computados pelo Conexões. Porém, a título de exemplo, nem mesmo somando Espanha e todos os países latino-americanos as traduções para a língua espanhola das obras vencedoras do prêmio Oceanos/Portugal Telecom, que serão matéria de estudo mais à frente, suplantam as publicadas na França.

literário. As dificuldades já se apresentam a partir daí. Esses grandes intermediários “extraem sua autoridade de sua pertença nacional que também é, paradoxalmente, a caução de sua autonomia literária” (CASANOVA, 2002, p. 38). São eles os verdadeiros descobridores nas disputas por poder simbólico. Se um intelectual brasileiro descobre um grande romancista chinês isso não terá repercussão internacional. Sem o reconhecimento do centro e pelo centro a admiração brasileira é mera curiosidade. Ainda, esses intermediários são frequentemente responsáveis por uma apresentação pura, des-historicizada, desnacionalizada, despolitizada da literatura, tornando-se responsáveis “pelos mal-entendidos e contrassensos que caracterizam as consagrações centrais” apontando para “a cegueira etnocêntrica dos centros” (CASANOVA, 2002, p. 40).

Michael Wood (2009, p. 188) não queria ser tido por um desses leitores de comportamento “predatório” de que fala Schwarz, também discorda que uma resenha no tradicional *New York Review of Books* seja publicar “no centro do mundo”. O desconforto de Wood me remete a Bourdieu discorrendo sobre o choque que gera o uso da palavra “interesse” para se referir àqueles que são “selecionadores” e “descobridores” de obras estrangeiras. Que interesse têm eles em fazer o que fazem e nas escolhas que fazem?

penso que aquele que se apropria, com total boa-fé, de um autor e que se torna seu introdutor tem benefícios subjetivos totalmente sublimados e sublimes, mas que são mesmo assim determinantes para compreender que ele faça o que faz. [...] O que chamo de “interesse” podem ser as afinidades ligadas à identidade (ou homologia) das posições em campos diferentes [...] Publicar o que gosto é reforçar minha posição no campo tal, quer queira ou não, quer saiba ou não, e mesmo que esse efeito não entre de modo algum no projeto de minha ação (BOURDIEU, 2002, p. VII).

Enquanto de um lado estão postos esses “descobridores”, de outro estão os escritores ansiando serem descobertos. Ser traduzido é tido como uma consagração e é uma das armas principais na luta por legitimidade literária:

Para um escritor dominado, lutar pelo acesso à tradução é, na verdade, lutar pela sua própria existência como membro legítimo da república mundial das letras, pelo acesso aos centros, aos órgãos críticos e consagratórios, para ser lido por quem decreta que o que eles leem vale a pena ler, etc. (CASANOVA, 2002, p. 14).

Casanova (2002, p. 9) propôs uma fórmula para “entender os problemas reais (e na maioria das vezes negados) da tradução de um texto”. Essa fórmula tangencia o estudo restrito do texto em si, se debruçando, numa outra visada, sobre a posição que essas traduções ocupam e também a posição das línguas de partida e chegada. Trata-se

de situar o autor traduzido no campo literário mundial, e de duas maneiras: uma segundo o lugar que ocupa em seu campo literário nacional e outra segundo o lugar que esse espaço ocupa no campo literário internacional; para, por fim, analisar a posição do tradutor e dos diversos agentes consagrantes que participam do processo de consagração da obra (CASANOVA, 2002, p. 9).

É sob essa orientação que passo agora a conduzir as inquirições sobre a recepção crítica internacional das obras brasileiras vencedoras do prêmio Oceanos/Portugal Telecom que foram traduzidas. Não deixarei também de, está claro, indagar as razões pelas quais algumas dessas obras premiadas não despertaram interesse dos agentes tradutores. Conduzo essa etapa da pesquisa apoiada na ideia de que “Quanto maior o prestígio do mediador, mais nobre a tradução, mais ela consagra” (CASANOVA, 2002, p. 17).

TABELA 1 - VENCEDORES BRASILEIROS DO PRÊMIO PORTUGAL TELECOM/OCEANOS. TRADUZIDOS NA FRANÇA, REINO UNIDO OU ESTADOS UNIDOS ESTÃO EM NEGRITO E ITÁLICO.

ANO	POSIÇÃO	AUTOR	TÍTULO
2003	1	Bernardo Carvalho	Nove Noites
2003	1	Dalton Trevisan	<i>Pico na veia</i>
2003	2	Sebastião U. Leite	<i>A regra secreta</i>
2003	3	Mário Chamie	<i>Horizonte de esgrimas</i>
2004	1	Paulo H. Britto	<i>Macau</i>
2004	2	Sérgio Sant'Anna	<i>O voo da madrugada</i>
2004	3	Luiz A. de A. Brasil	<i>A margem imóvel do rio</i>
2005	1	Amílcar B. Barbosa	<i>Os lados do círculo</i>
2005	2	Silviano Santiago	<i>O falso mentiroso</i>
2005	3	Edgard T. Ribeiro	<i>Histórias mirabolantes de amores clandestinos</i>
2006	1	Milton Hatoum	Cinzas do Norte
2006	2	Alberto Martins	<i>História dos ossos</i>
2006	3	Ricardo Lísias	<i>Duas praças</i>
2007	2	Dalton Trevisan	<i>Macho não ganha flor</i>
2007	3	Teixeira Coelho	<i>História natural da ditadura</i>
2008	1	Cristovão Tezza	O filho eterno
2008	2	Beatriz Bracher	Antonio
2008	3	Bernardo Carvalho	O sol se põe em São Paulo
2009	1	Nuno Ramos	<i>Ó</i>
2009	2	João G. Noll	Acenos e afagos
2009	3	Lourenço Mutarelli	<i>A arte de produzir efeito sem causa</i>
2010	1	Chico Buarque	Leite derramado
2010	2	Rodrigo Lacerda	<i>Outra vida</i>
2010	3	Armando Freitas Filho	<i>Lar</i>
2011	1	Rubens Figueiredo	Passageiro do fim do dia
2011	3	Marina Colassanti	<i>Minha guerra alheia</i>
2012	3	Nuno Ramos	<i>Junco</i>
2012	2	Dalton Trevisan	<i>O anão e a ninfeta</i>
2013	1	José L. Passos	<i>O sonâmbulo amador</i>
2013	2	Eucanaã Ferraz	<i>Sentimental</i>
2013	3	Cíntia Moscovich	<i>Essa coisa brilhante que é a chuva</i>
2014	1	Sérgio Rodrigues	O drible
2014	2	Everardo Norões	<i>Entre moscas</i>
2015	1	Silviano Santiago	<i>Mil rosas roubadas</i>
2015	2	Elvira Vigna	<i>Por escrito</i>
2015	3	Alberto Mussa	<i>A primeira história do mundo</i>
2015	4	Glauco Mattoso	<i>Saccola de feira</i>
2016	2	Julián Fuks	A resistência
2016	3	Ana M. Marques	<i>O livro das semelhanças</i>
2016	4	Arthur Dapieve	Maracanazo e outras histórias
2017	2	Silviano Santiago	<i>Machado</i>
2017	4	Bernardo Carvalho	Simpatia pelo demônio
2018	1	Marília Garcia	<i>Câmera lenta</i>
2019	3	Nara Vidal	<i>Sorte</i>
2020	1	Itamar Vieira Jr.	Torto arado
2020	3	Maria V. Rezende	<i>Carta à rainha louca</i>
2021	2	Edimilson de A. Pereira	<i>O ausente</i>

Fonte: Associação Oceanos (2023)

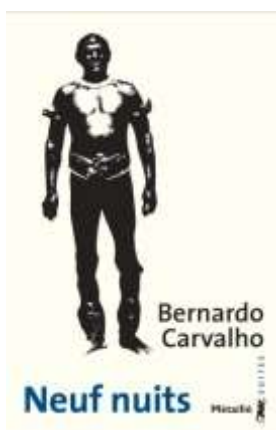
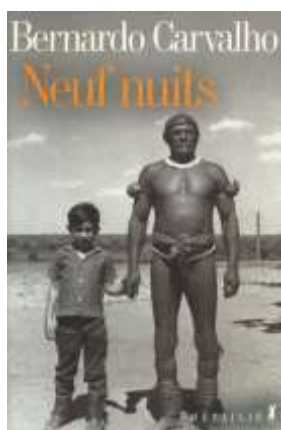
Na eventualidade de leitores que não conheçam alguma dessas obras traduzidas, no início dos respectivos subcapítulos, além de informações de data de publicação, nome da editora, imagem da capa etc., disponibilizei a tradução das sinopses elaboradas por suas respectivas editoras estrangeiras. Me pareceu, assim, que teria uma dupla utilidade para o leitor, uma consulta rápida a alguns dados objetivos e a facilitação do acesso a com que palavras essas editoras apresentaram esses seus lançamentos.

A fim de tornar o texto menos repetitivo, informações mais completas sobre determinada editora, tradutor, crítico... constam apenas em sua primeira ocorrência. Um exemplo: quando um tradutor esteve à frente de mais de uma obra, isso será referenciado em cada uma, mas apenas a primeira será acompanhada de uma descrição do perfil do profissional.

A ordem com que os livros aparecerão a seguir está de acordo não com o lançamento ou premiação no Brasil, mas com as datas de suas traduções.

6. ESTUDO DA RECEPÇÃO DOS LIVROS PREMIADOS TRADUZIDOS

6.1. NOVE NOITES NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2002
Ano de lançamento na França - 2005

Editora - Métailié

Tradutor - Geneviève Leibrich

Sinopse - Em agosto de 1939, o antropólogo norte-americano Buell Quain cometeu suicídio durante uma de suas estadas com os índios Kraho na Amazônia. Ele tinha 27 anos, acabara de receber uma carta que queimou e deixou algumas outras. As circunstâncias exatas do suicídio nunca foram elucidadas.

Obcecado por essas informações, o autor inicia uma investigação. À medida que

avança, acumula-se uma impressionante rede de coincidências que se confunde com a memória do pai que negociava com os índios destas regiões para onde levava o menino nas férias escolares.

Em contraponto, podemos ler as cartas de um amigo de Buell Quain, testemunha de seu desespero. Ele revela as contradições e os desejos de um homem sozinho em um território estrangeiro, confrontado com seus próprios limites e com uma alteridade absoluta. O leitor não pode evitar a referência a Conrad, de *Coração das trevas*.

Num estilo luminoso, este romance excepcional é construído em uma série de mudanças constantes entre ficção, invenção, memórias e realidade. Seus personagens, prisioneiros das circunstâncias, mantêm vínculos precários e neuróticos com uma realidade imprevisível (MÉTAILIÉ, 2023c).

Bernardo Carvalho, com seu *Nove noites*, está marcado como o primeiro vencedor do prêmio Portugal-Telecom, junto a Dalton Trevisan, em 2003. Afirmando-se como um dos principais escritores em atuação no país hoje, Carvalho volta a receber o prêmio em 2008, com *O sol se põe em São Paulo*, e, em 2017, já prêmio Oceanos, por *Simpatia pelo demônio*, respectivamente em terceiro e quarto lugar.

Na França, Carvalho foi anteriormente traduzido pela editora Rivages, que publicou três de seus seis primeiros livros. A partir de *Nove noites*, tem publicado exclusivamente pela editora Métailié no país (a qual pôs primeiramente *Mongólia* no mercado francês). *Neuf nuits* sai em 2005.

A Éditions Métailié era originalmente especializada em literatura lusófona e hispanófona e, naturalmente, de pequeno porte. Como bem observa Jefferson Mello

(2015, p. 163), isso não impediu a conquista de uma boa reputação entre os leitores mais exigentes, o que compartilha com outras editoras pequenas, como se verá. Entre essas, é certo que a Métailié tem uma posição destacada quando se trata de literatura brasileira. Aqui mesmo se nota: das dez obras vencedoras do Portugal Telecom/Oceanos traduzidas na França, quatro levam o selo da Métailié. Além de ter se tornado a tradutora exclusiva da obra de Bernardo Carvalho na França, sua fundadora, Anne-Marie Métailié foi uma dedicada divulgadora de Machado de Assis no país. Ambos são, aliás, os escritores brasileiros mais publicados por ela, seguindo Luiz Ruffato em terceiro lugar. Avaliando seu catálogo, que acumula mais de quarenta anos, percebe-se que, inicialmente, Anne-Marie Métailié, que seguiu curso de Antonio Candido na Sorbonne entre 1964-1965, se empenhou na publicação de literatura brasileira (COSTA, DANTAS, 2021). Provavelmente os resultados foram desanimadores, pois a frequência da aparição desses títulos no catálogo diminuiu com o passar dos anos, e mesmo a reformulação do programa de bolsas da BN não causou alteração perceptível nesse cenário.

A tradutora de *Nove noites* para o francês é Geneviève Leibrich, responsável também por um número significativo de traduções de escritores portugueses consagrados e bem recebidos na França. Notadamente, foi quem introduziu José Saramago no país. Do Brasil, além dos aqui pesquisados Bernardo Carvalho e Chico Buarque, dos mais célebres escritores contemporâneos, assina também traduções de nomes como Graciliano Ramos, Dalton Trevisan e Luís Fernando Veríssimo. Logo, no contexto da transplantação da literatura lusófona para o francês, trata-se de uma profissional de importância. Já no sistema literário de seu país, nota-se que é uma figura bastante anônima⁴⁹. Poliglota e nascida em 1935, suas primeiras publicações datam do início da década de oitenta.

Segundo estudo de Mello (2015, p. 164), Carvalho é um dos escritores brasileiros contemporâneos mais resenhados pelo jornalismo cultural na França. Dentro do recorte de obras promovido por esta pesquisa, isso se confirma. Seu nome figura no Figaroscope como um célebre escritor estrangeiro (LE FIGARO, 2023). Tendo sido correspondente da Folha de S. Paulo em Paris e Nova York, se mostrou

⁴⁹ Mello (2015, p. 169), que pesquisou também suas traduções na Rivages, afirma que “os tradutores dos romances de Carvalho, que poderiam atribuir maior valor simbólico à sua obra, não ocupam nenhuma posição central no campo literário francês”.

um ator com inserção ímpar no mercado editorial francês. Já no estadunidense, talvez pela maior resistência do país à publicação de estrangeiros, quanto mais das pequenas literaturas, talvez por um maior interesse do autor em investir na Europa, Carvalho segue ainda sem traduções. Para a França, o então jornalista foi enviado em 1984 (CARVALHO, 2005a). Esse trânsito facilitado no país também se expressa no quanto o autor tem sido presente na divulgação *in loco* de seus lançamentos⁵⁰, concedendo entrevistas no idioma com desenvoltura. Tendo estreado no Brasil em 1993 com *Aberração*, traduzido na França em 1997, a partir de então tem sido publicado no país com pouco atraso. Entre suas mais de dez obras lançadas, apenas *Onze*, *Teatro* e *Medo de Sade* não foram vertidas para o francês. Como escritor e crítico, Bernardo Carvalho também contribuiu para o jornal francês *Libération*, ainda que de forma bastante esporádica. Por fim, Carvalho acompanhou a montagem de sua peça *Dire ce qu'on ne pense pas dans des langues qu'on ne parle pas* no festival de teatro de Avignon em 2014⁵¹ (a qual foi publicada também nesse ano em livro pela pequena editora Les solitaires intempestifs, especializada em teatro).

Carvalho conquista na França uma editora que, admirada, publica sistematicamente suas obras tão logo travou contato com elas. Conhecido por ambientar seus romances em espaços diversos e com frequência internacionais, uma das expressões de sua falta de comprometimento com a velha “construção do nacional”, *Nove noites*, no entanto, foi o único a ser reeditado tanto em língua francesa quanto inglesa. Não será acaso que, entre todas suas obras, tenha sido a que trata em grande medida da Amazônia e dos povos autóctones brasileiros a mais bem-sucedida internacionalmente. Volto a dizer, o Brasil é também exótico dentro de si mesmo: a classe média metropolitana consome o grosso da literatura e *Nove noites* é sua obra mais premiada e reeditada também em território nacional.

⁵⁰ Pascale Casanova (2002, p.14) asseverou: sem empenho do autor, e/ou de seus divulgadores mais bem relacionados, em se fazer conhecer no campo-destino desejado, a dependência da sorte aumenta significativamente. Carvalho demonstra ter consciência disso.

⁵¹ *Dire ce qu'on ne pense pas dans des langues qu'on ne parle pas* foi apresentada pelo Teatro da Vertigem. O grupo, conhecido por suas instalações inusitadas (nesta ocasião, utilizou-se de diversos espaços do Hôtel des Monnais em Avignon), já havia trabalhado com BC em 2006, quando escrevera o texto de *BR3*, peça instalada sobre o rio Tietê. Essa nova peça, incentivada pelo projeto Villes en scène, estava entre as mais aguardadas do festival, mas recebeu uma avaliação dura de Fabienne Darge (2014) no jornal *Le Monde*, acusando o texto de ser “uma escrita que pouco tem a invejar dessas sitcoms que inundam todo o continente sul-americano”. Curiosamente, em 2005 o autor escrevera no *Libération* uma crítica à forma de trabalho do grupo Vertigem, que haveria forçado grande interferência em seu texto anterior, *BR3* (CARVALHO, 2005b).

O autor costuma viajar ao país para divulgar seus romances recém-lançados junto à editora. Consta que, no caso de *Neuf nuits*, Bernardo Carvalho participou do Festival Étonnants Voyageurs, de Saint-Malo, o qual tem como mote o apagamento de fronteiras. Além disso, concedeu uma série de entrevistas, que serão logo abordadas. Passando às críticas que se seguiram à publicação de *Neuf nuits*, lisonjeia um escritor quando o crítico demonstra leitura de suas obras precedentes. E que dirá um escritor periférico, ainda que a prática seja comum, até necessária ao *métier*. No caso de Carvalho na França, a referência, então, é notadamente *Mongolia*. Um exemplo é o jornalista televisivo Philippe Lefait, que entrevistou Bernardo para o canal France 2 (CARVALHO, 2005a) em 2005 e faz uma leitura interessada de suas obras publicadas na França. Mesmo caso na entrevista dada à escritora Sophie Pujas (2005a) para a *Avoir à lire* (plataforma virtual francesa que se dedica à divulgação cultural de 2001 até hoje).

Estando no início de sua relação com a *Métailié* (*Mongolia* havia sido lançado há um ano), nessa entrevista a Pujas, Carvalho não esconde seu incômodo com a escolha editorial de enfatizar o traço autobiográfico do livro, pondo a conhecida foto do pequeno Bernardo ao lado do índio imponente. Parece querer apresentar a obra dizendo que não se trata de um qualquer escritor brasileiro carioca e cosmopolita que imagina e ficcionaliza a distante Amazônia, há experiência real. Nas edições brasileiras a foto fora originalmente posta no final do livro. O efeito, então, “produz ironia, contraste entre o geral e o particular” (MELLO, 2015, p. 168), e chega até mesmo a não aparecer, como na edição de bolso da Companhia das Letras, que conta apenas com as fotos postas no interior do romance, referentes a Buell Quain. Em 2012, quando *Métailié* reedita o livro, a vontade do autor é atendida e a figura do menino é excluída da imagem na capa, restando o indígena. No Brasil, curiosamente, segue-se o contrário. A terceira e última edição da Companhia faz em 2015 a mesma escolha que *Métailié* fizera em 2005. O apelo autobiográfico, e a associação do escritor com o que mesmo dentro do país letrado é exótico, funciona também em território nacional.

No mesmo dia em Pujas (2005b) publicou sua entrevista com Carvalho, ela também publica sua crítica do romance em texto separado. Em seus dois parágrafos, já adianta boa parte do que se verá a seguir nesta pesquisa: o autor é um “intelectual” e o livro é “vertiginoso”, “fascinante”, “entrelaçado”, “complexo”, “labiríntico”, um

“mergulho alucinatório”, comparável a Joseph Conrad, mistura de autobiografia com “ficção pura e simples” e um “jogo sabiamente orquestrado” que demanda uma leitura ativa. De diferente, temos que Sophie Pujas toca na relação tensa e frequentemente ignorada, creio que porque tabu, entre narrador e indígenas. No site da editora (MÉTALILIÉ, 2023c), há referência a uma terceira produção de Pujas em torno do romance, publicada na revista católica *La vie*. O trecho citado se assemelha à estrutura de uma entrevista, ou ao menos à recuperação de palavras do próprio autor sobre a obra. Destaco a ideia da exigência do romance a um leitor ativo, aparentemente endossada por B. Carvalho, e aparecendo também no subtexto da crítica no *Avoir à Lire*.

Voltando uma última vez à “polêmica” da capa francesa do romance, na revista *L'Express*, Christine Ferniot (2005), jornalista e crítica literária de carreira, traz uma ideia das leituras que essa escolha editorial inspira (o mesmo texto foi também publicado na revista *Lire*): “Essa foto em preto e branco já é um convite à viagem, uma forma de indicar que, nesse livro, tudo pode ser verdade já que Bernardo estava lá, com seu olhar envergonhado e seu aniversário de seis anos recém-comemorado”. E são, de fato, a viagem do leitor à “uma terra distante e misteriosa” e a sedução do biográfico, do legítimo, algumas das atratividades perceptíveis de *Nove noites* para esses leitores especialistas. Daí também as referências aqui e ali encontradas, na França e Inglaterra, a Tabucchi, Calvino, Naipaul e acima de tudo Conrad, cujo *Lord Jim* é citado à propósito à certa altura no próprio romance. É notável que esses críticos, embora muitos tenham conhecimento sobre a literatura latino-americana, priorizam associar Carvalho a grandes nomes da literatura anglo-europeia, mais facilmente conhecidos pelo leitor potencial. A operação também lisonjeia o autor brasileiro, posto ao lado desses clássicos com equivalência.

Dessas referências depreendemos que não se trata também apenas da curiosidade do biográfico e do desconhecido os elogios ao romance. Sébastien Lapaque, escritor e intelectual premiado com, entre outros, o Prix Goncourt de la Nouvelle, em 2002, por *Mythologie Française*, escreve para o *Figaro* (LE CHOIX DES LIBRAIRES)⁵² que “Nove noites é uma montagem genial, misturando ficção, arquivo,

⁵² Esse lançamento francês de *Nove noites* é o mais distante temporalmente entre as obras traduzidas que compõem este corpus, e a ferramenta de pesquisa utilizada se limita ao que se disponibilizou ou se produziu para ser acessível em meio eletrônico. Certamente por esse maior distanciamento, foi um dos casos em que ficou clara a indisponibilidade de algumas críticas. O *website Les choix des libraires*

história, etnologia, reportagem” além de sua construção em “um sutil jogo de *mise en abyme*”. Complementarmente, Isabelle Lasalle (2005), jornalista da *France Culture*, considera que a série bem elaborada de “mudanças constantes entre ficção, invenção, memórias e realidade” estão na origem da pulsão de contar histórias e de toda a literatura.

É notável que a forma do romance é o que mais se discute e elogia. Isso aparece com força também na crítica de Nathalie Crom (2005a), profissional de destaque, com capacidade para dedicar-se quase que integralmente ao jornalismo literário. Publicada quando Crom ainda era empregada pelo tradicional jornal católico *La croix*, embora misture sem pudores o autor “pessoa física e jurídica”, defende a obra como um híbrido que “extrai dessa heterogeneidade essencial seu poder de fascínio, sua força de convicção”. A Amazônia é mal citada e o que lhe encanta (o autor é chamado “talentoso e extremamente ambicioso”) é sua engenhosidade, sua construção que torna o livro “Uma rica e profunda reflexão sobre a dúvida”.

Pelo peso do nome do veículo e do resenhista, a crítica de Gérard de Cortanze (2005) para o *Le Monde* foi talvez o ponto alto da recepção de *Nove noites* na imprensa cultural francesa. Trata-se de um escritor que, até essa data, já havia angariado cinco prêmios literários em seu país, o mais distinto entre eles sendo o Renaudot, por seu romance *Assam*. Novamente, a forma engenhosa de *Nove noites* é alvo das atenções e Cortanze ainda elogia no autor, para além dela, seu interesse pela “busca de sentido”. Nesse texto, a Amazônia é um lugar como outro, não a “misteriosa Amazônia”, lar de “intrigantes indígenas”. Ela se amplia, é metáfora do planeta que o homem destrói lentamente.

As duas críticas seguintes, também em veículos importantes, trazem, cada, uma observação inusitada sobre o escritor. A primeira, no *Livres Hebdo*, é de Véronique Rossignol (2005, p. 45). A revista tem grande prestígio na França e Rossignol tem uma longa carreira dentro dela como crítica literária. O título da resenha diz tão somente “Amazônia”, possível tática jornalística que não se converteu em peso desmedido ao tema no correr do texto. Já de início, outro elemento chama atenção, agora no primeiro parágrafo. O escritor, então com 45 anos, é dito ter um “visual

que, buscando ser um apoio ao mercado editorial, reúne, além das informações básicas sobre os lançamentos, também um resumo de sua recepção crítica na imprensa, ajudou a ter um acesso parcial de uma parcela delas. É o caso desse texto de Lapaque.

adolescente”, aos olhos dessa crítica francesa. Observação esquisita, em se tratando de Bernardo Carvalho, mas que, de qualquer forma, logo fica para trás no longo texto. Rossignol já havia lido *Mongolia* e aparecerá ainda comentando *Le soleil se couche à São Paulo* (e Chico Buarque). Dedicar-se à aproximação do livro recém-lido com o anterior, destacando o estado de perquirição e a presença do enigma de uma desapareção que assombra. Elogia o manejo habilidoso na “paródia” de diferentes gêneros literários (diário pessoal e de viagem, pesquisa jornalística, romance epistolar e policial...). Para essa crítica, a descrição realizada por Carvalho da descrição da estada entre os krahô foi “um grande momento” da etnografia distanciada e da autoderrisão. Já as páginas que falam do pai do narrador seriam, segundo ela, as mais “fortes” do livro, porém não foram abordadas por outros críticos.

Michèle Gazier (2005), escritora, editora e tradutora de uma extensa obra, trata de *Neuf nuits* no *Télérama*, no qual contribui desde a década de oitenta. Nessa crítica, se debruçou sobre a mistura entre o real e o imaginário, o evento e a fábula, que técnica e narrativamente são, de comum acordo, os pontos fortes do romance. A surpresa está (novamente) no parágrafo de abertura. O que na crítica de Rossignol é só algo curioso, aqui toma um ar talvez mais preocupante, quando Gazier relaciona à estada do autor em Paris e Nova York seu aprendizado sobre que “o imaginário e o real, o acontecimento e a fábula, nunca cessam de dialogar”. Ora, nesse raciocínio, não poderia ter sido o país onde se formou como leitor a escola de formulações tão elegantes.

O romance também foi resenhado na *Les inrockuptibles*, uma das mais conhecidas revistas culturais francesas, embora por uma Judith Steiner (2005) sem distinção. Aqui também a pessoa do escritor é alvo de comentários singulares (que, em certo sentido, respondem os anteriores), adverte: há que se ter cuidado, desconfiar de “seus ares de escritor de viagem, de seu *pedigree* de repórter/correspondente, estrangeiro/antropólogo, de sua modéstia de documentarista”. Daí se segue uma crítica bastante elogiosa. Destaco duas imagens, a do “*puzzle* narrativo” e dos livros de Bernardo Carvalho como “blocos de literatura pura de uma evidência que opera apenas no retrogosto” – talvez quando o leitor se veja enganado, e brinde a isso. Por fim, Steiner faz uma bela enumeração dos êxitos de *Nove noites* (percebidos por boa parte de seus críticos), válidos, sem dúvidas, para outros romances do escritor, em especial *O sol se põe em São Paulo*, que virá adiante: I) aridez da linguagem, II)

sofisticação da estrutura, III) multiplicação dos pontos de vista, IV) combinação singular de precisão de observação, V) inteligência aguda, VI) humor seco, VII) “uma escrita mascarada por uma clareza enganosa, uma simplicidade distorcida, tudo participa o mesmo impulso em direção a uma impossibilidade [de uma revelação libertadora]”.

Chronic'art, ou *Chro*, é uma plataforma cultural online com seções dedicadas a cinema, séries, música, jogos de vídeo game, livros e histórias em quadrinhos. Incluía uma avaliação de 1 a 5 dos livros resenhados, no que vi que Carvalho não impressionou Morgan Boedec (2005) (escritor de baixa notoriedade), que lhe conferiu nota 3, embora não houvesse comentários depreciativos sobre a obra. Recentemente, o *site* deixou de trabalhar com essas aferições de nota, constando hoje apenas o texto da resenha. Lida sozinha, é bastante elogiosa e interessada, apesar de uma incômoda utilização do nome do escritor em momentos em que conviria substituí-lo por narrador. Além da comparação frequente com Conrad, Boedec cita, ao lado desse, o escritor suíço e francês Blaise Cendrars.

Neste parágrafo, condensei resenhas das quais foi possível acessar apenas trechos. No *Libération*, *Neuf nuits* recebeu outra crítica elogiosa, agora de Philippe Lançon (LE CHOIX DES LIBRAIRES). Nessa época, Lançon era um escritor estreante, além de jornalista, apenas na década seguinte viria a receber distinções nessas áreas.⁵³ Dessa forma, quero destacar que, no que se refere ao efeito na época, Lançon não era ainda o nome que representa hoje, embora sua contribuição para esse jornal, fundado por Jean-Paul Sartre, já contasse, então, mais de dez anos. Lapaque (LE CHOIX DES LIBRAIRES), já referido, no *Le Figaro*, foi o crítico que mais enfatizou a importância do ambiente no livro, insinuando que talvez a busca pela “Eldorado amazônica” seja a maior motivação a guiar o leitor tanto ao livro quanto ao final da leitura. Por fim, a capa de uma edição inglesa de *Nove noites* traz indicação de que o livro teria também sido resenhado na revista francesa LGBTQI+ *Tetu*.

Aproveito para adiantar que, com uma frequência considerável, esses resenhistas franceses e anglófonos tem alguma proximidade com o Brasil ou a América Latina em sua bagagem. Entre os já citados, o caso mais notável, me parece, é Gérard de Cortanze. À época já laureado, se aproximou dos círculos latino-

⁵³ Seu nome hoje é tragicamente ligado ao atentado ao Charlie Hebdo do qual foi um dos sobreviventes.

americanos de Paris nos anos setenta tendo, então, amizade com Cortázar, Carlos Fuentes e outros. Como editor, trabalhou entre 1978 e 85 em uma coleção da Flammarion dedicada à América Latina e Espanha – na qual publicava também literatura brasileira, com destaque para Carlos Drummond de Andrade. Outro caso relevante é o de Lapaque que, pesquisando a passagem de Bernanos no Brasil no início dos anos 2000, aproximou-se do país e tomou grande interesse por sua literatura, chegando a escrever um livro aqui ambientado em 2012. Philippe Lançon, embora desconheça ligações particulares ou profissionais com o Brasil, enquanto crítico literário é um apaixonado por literatura latino-americana. Sobre Michèle Gazier, encontrei uma referência à sua admiração pelo romance *Elogio da loucura* (1998), de Patrícia Melo (ROUSSEL-GILLET; THOIZET, 2019). Essa mesma autora também parece ter encantado a crítica Christine Ferniot que, no mesmo ano da publicação de *Neuf nuits*, escreve sobre Melo de forma interessada e elogiosa, comentando suas obras lançadas no país até então.⁵⁴

B.C. foi apresentado por essas mãos, boas mãos, e chega, em 2005, a ter *Neuf nuits* selecionado para concorrer ao Femina (LE MONDE DES LIVRES, 2005) e ao Médicis para romance estrangeiro e, segundo informações fornecidas por Métaillé (2008), não sem chances. Foi selecionado ainda, por uma parceria *France Culture-Télérama*, como um dos destaques da *rentrée littéraire* de 2005.

Uma segunda edição não vem apenas suprir uma carência por um livro que ainda se deseja ou ainda tem potencial de mercado e está indisponível, mas também ocasiona uma nova entrada na cena editorial e oportunidade de angariar novos leitores. Saída, na França, em 2012, não conduziu a novas críticas nos meios tradicionais, que, afinal, já haviam resenhado o livro, mas o autor participou do Festival América daquele ano (LIBRAIRIE MOLLAT, 2012) e Olivia Rosenthal (2013) selecionou *Neuf nuits*, em 2013, para uma lista de sugestão de escritores reconhecidos para o próximo verão, a pedido da revista *Les Inrockuptibles*.

Também, uma entrevista com Bernardo Carvalho foi publicada na revista cultural impressa *Transfuge*. A responsável foi Ariane Gardel (2015), personalidade de currículo muito variado passando, além da crítica literária e editoração dessa

⁵⁴ Não se trata de uma coincidência, certamente, na virada do século sabemos que Patrícia Melo teve relevante sucesso fora do país na esteira do interesse pelo Brasil da violência e caos urbano, inclusive recebendo diversos prêmios internacionais.

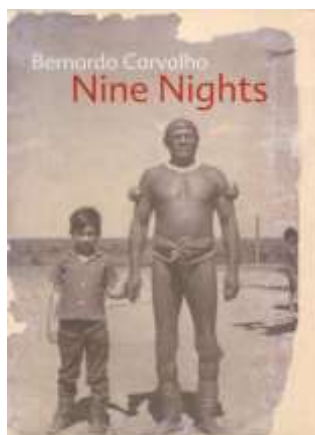
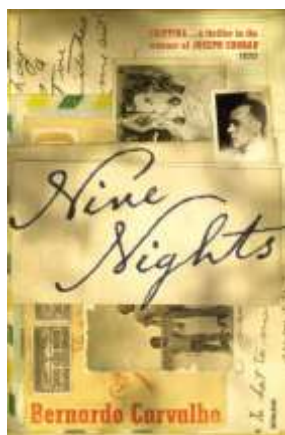
revista, por trabalhos como escritora, roteirista de cinema e teatro, professora e comediantes. Embora não tenha tido acesso à revista em mãos, foi possível consultar o seu índice, que caracteriza Carvalho como “um dos melhores escritores brasileiros”. No site da editora Métailié (2023c), um trecho de Gardel é reproduzido e deixa clara a personalização do escritor: para Gardel, Buen Quain é pretexto para Bernardo revisitar a própria infância. É possível perceber também por outros meios que novos leitores se fizeram e se encontram impressões de leitura em blogs pessoais e redes sociais de leitores até recentemente.

Em 2014, novamente o autor vai à França participar do Festival Étonnants Voyageurs. Carvalho e Patrícia Melo concederam entrevista ao *France Culture* (CARVALHO; DELFINO; MELO, 2014) e *Neuf nuits* é o livro de referência, ainda que tenha publicado, no meio tempo, *O sol se põe em São Paulo* e *O filho da mãe* naquele país.

Já cinco anos após a segunda edição de *Neuf nuits*, o romance volta a aparecer na mídia francesa de forma algo inusitada, em um programa especial da France Culture sobre Percy Fawcett (DELORME, 2017), um explorador britânico que desapareceu na Amazônia nos anos vinte e que acabara de ter um filme lançado sobre sua história. Buell Quain foi lembrado à propósito. Carvalho se comunica em francês diretamente de São Paulo. Seus interlocutores estão menos interessados no romance ou em Quain do que na oportunidade de tratar com um escritor brasileiro sobre a Amazônia: seus mitos, seus mistérios, e se a região é relevante no sistema literário nacional – o que o autor nega, talvez quebrando expectativas, mas em acordo com a guinada cosmopolita da literatura brasileira contemporânea.

Três vezes premiado no Brasil, no prêmio aqui em estudo, e três vezes traduzido na França. O segundo dado teria pouco valor, não tivesse sido acompanhado, também, de aclamações críticas à altura do reconhecimento doméstico. O empenho da editora e do artista em fazer livro e autor circularem, alcançarem leitores, promovendo entrevistas e conversas, também não deve escapar de vista. Coroando-o como o grande nome desta seleção, como se verá, as conquistas de Bernardo Carvalho com *Nove noites* se repetirão em medida satisfatória na recepção francesa de seus outros dois livros agraciados pelo Portugal Telecom/Oceanos, *O sol se põe em São Paulo* e *Simpatia pelo demônio*.

6.2. NOVE NOITES NA INGLATERRA



Ano de lançamento no Brasil - 2002

Ano de lançamento na Inglaterra - 2007

Editora – Vintage e William Heinemann

Tradutor - Benjamin Moser

Sinopse - *Em agosto de 1939, um brilhante e privilegiado etnólogo americano de 27 anos comete suicídio no Brasil, deixando para trás sete cartas sugerindo diferentes motivos. Para alguns, ele disse que havia contraído uma doença terrível; para outros, ele alegou que não conseguia se recuperar do caso de sua esposa com seu irmão (embora ele não fosse casado nem tivesse irmão). Intrigado com o mistério, nosso narrador reúne as evidências fragmentadas e parte em busca da verdade, ficando obcecado, em pouco tempo, com a ideia de que havia uma oitava carta.*

Deslizando entre fato e ficção, realidade e ilusão, este romance impressionante e assustador de um dos escritores contemporâneos mais notáveis do Brasil segue a busca pessoal de um homem pela certeza - uma missão que lentamente o leva à loucura; um Marlowe assombrado pelo destino de seu próprio Kurtz. (PENGUIN, 2023)

Nine nights chega à Inglaterra no início de 2007, através do selo William Heinemann, da editora Cornerstone. Integrante da gigante Penguin Random House, a Cornerstone tem como característica a publicação de livros em capa dura/*hardcover*. Um acontecimento poucos meses após esse lançamento, ainda em 2007, pode indicar uma boa expectativa sobre *Nove noites*. A editora Vintage (também do grupo Penguin), criada pelo icônico Alfred A. Knopf em 1954 para venda de livros de qualidade em edição acessível, publica novamente o romance, dessa vez em formato brochura/*paperback*. Todas as críticas encontradas seguem e se referem à edição da Vintage.

A polêmica foto do Bernardo criança ao lado do grande índio do Xingu aparece em ambas as capas inglesas. Na edição da Cornerstone, toma conta de toda a capa, passando apenas por um tratamento de envelhecimento. Já a capa da Vintage faz uma colagem de imagens sobrepostas, na qual a foto do autor é uma entre outras: há fotos (também de Quain), cartas, envelopes e selos que creio fazerem um bom papel de complementação à indicação, também na capa, de que se trata de um “*thriller* à maneira de Conrad”, citando crítica da revista francesa *Tetu*. Aliás, na página

dedicada ao livro no *site* da editora, as referências críticas são todas francesas. Menos interessante do que observar que a publicação saía antes na França e já tinha lá suas críticas, é notar como os vereditos franceses importam e vem referendar a publicação inglesa.

Nove noites foi vertido para o inglês pelo americano Benjamin Moser, nome que viria a ser bastante ventilado na academia brasileira e nos estudos brasileiros após a publicação de *Why this world: a biography of Clarice Lispector* em 2009 nos Estados Unidos. A obra foi finalista no *National books critics circle awards* e um *Notable book* do ano de 2009 no *New York Times*. Porém, em 2007 Moser era quase um anônimo, mesmo sua carreira como crítico literário ainda não havia começado em grandes veículos.

A distância temporal e o fato de Carvalho ter conquistado efetivamente algo que podemos chamar de uma carreira internacional⁵⁵, permitiu contar com pesquisas precedentes relativas à sua chegada tanto na França quanto na Inglaterra, de maneira que não só não partimos do zero como temos com quem dialogar, como as já referidas pesquisas sobre a recepção estrangeira do autor em Portugal (CUNHA NETO, 2018) e na França (MELLO, 2015). Não tendo tido acesso aos livros físicos que compõem o *corpus* inglês dessa pesquisa, me informo a partir de uma dissertação defendida na UNIR que, semelhante aos casos franceses, a edição inglesa de *Nove noites* (a autora analisa a da Vintage) é bastante econômica, não havendo, por exemplo, notas de rodapé (PEREIRA, 2016, p. 85-6).

Em 2004, o autor teve lançado na Inglaterra, pela independente Canongate, a tradução de seu romance *Medo de Sade*. Isso parece ter sido irrelevante na chegada de *Nine nights*, que veio por outras editoras e cujos críticos, dos quais tratarei a seguir, não demonstraram ter tido contato com esse romance anterior.

Na Inglaterra, sua crítica mais relevante foi, sem dúvidas, no *The Times*: pelo veículo, pela autora, e também porque os outros textos encontrados são apenas notas de lançamento. Neste jornal sua leitora foi Christina Koning, escritora inglesa bastante premiada, especialmente na década de 1990, chegando a 2007 ainda como um nome

⁵⁵ “Acho que tenho muita sorte de ser publicado fora, a maioria dos meus livros foi muito bem recebida pela crítica. Na França, vendo relativamente bem como estrangeiro” (CARVALHO, B. 2013).

sonante. Koning (2007), tendo nascido em Bornéu e passado a infância na Venezuela e Jamaica, tematiza o colonialismo em algumas de suas obras mais conhecidas e teve a carreira marcada também por sua longa experiência como *travel writer* e crítica literária, notadamente para o *The Times* e *Cosmopolitan*. Embora mais que uma nota, ainda assim a crítica é bastante breve, mais resumo que análise, e segue o que parece ser uma estrutura fixa de quem resenha a toque de caixa. A conclusão, ao menos, é positiva: “Perturbadora, onírica e sombria, esta obra prende a atenção até o fim”.

Nisso é diferente do *The Guardian*, segundo e último jornal inglês que fez notícia do lançamento. *Nine nights* é tratado em um parágrafo por Isobel Montgomery, figura anônima sobre quem não pude extrair informação. A nota é um tanto negativa, logo, incomum. Montgomery (2007) a conclui dizendo “Enquanto Carvalho cria um espaço mental e físico com uma atormentadora falta de âncoras, Quain carece do carisma necessário para compartilharmos o fascínio do narrador por seu personagem e o mistério por trás de sua morte”.

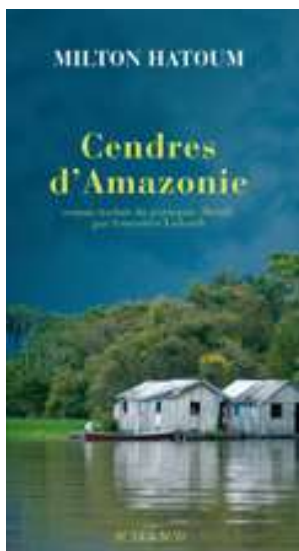
Embora novamente breve, e com um atraso de cinco anos depois do lançamento, *Nine nights* recebe outra crítica bastante prestigiosa, pois escrita por Jonathan Franzen (2012), que já figurou como “O grande escritor americano” na capa da revista *Time* em 2000. Franzen escolhe *Nine nights* e *Budapest*, de Chico Buarque, quando convidado em 2012 pelo *The Guardian* a participar da aguardada seleção “*Books of the year*”. Possivelmente, deve ter chegado ao livro através do convite para participar da Flip daquele ano, o que explica a extemporaneidade. Diz não se sentir comprometido a citar livros publicados em 2012; cita os que leu naquele ano e mais o impactaram. Evoca o *Coração das trevas*, mas para dizer em seguida que, paulatinamente, o andamento de *Nove noites* se torna mais poderoso. Em sua referência ao Brasil, vai contra a corrente das críticas predecessoras, demonstrando reconhecimento e interesse no que diz respeito ao contexto nacional do romance, que se posicionaria entre uma tomada de consciência da dupla identidade brasileira, país colonizado e colonizador.⁵⁶ Tendo destacados sempre suas técnicas e efeitos, Franzen parece buscar em *Nove noites*, também, sentidos possíveis. No caso, um

⁵⁶ Ainda nessas poucas linhas, fechando o texto, afirma que a conclusão do romance, com os “truques” de fato/ficção do autor, segue o “assombrando” meses após a leitura.

que exigiria do leitor estrangeiro algum nível de localização do romance no tempo e espaço.

No ano seguinte a essa crítica, já 2013, Bernardo Carvalho esteve na Inglaterra participando de uma edição inglesa da FLIP, Flipside. É colocado como um dos principais nomes da literatura brasileira, junto a Milton Hatoum (CANAL LONDRES TV), mas não identifiquei efeitos posteriores em sua recepção inglesa. Depois de *Nove noites*, o autor não voltou a ser traduzido no país. Como se vê, uma repercussão desproporcionalmente negativa em relação à francesa. Quero acreditar que lhe faltou antes uma Anne-Marie Métailié, somado talvez até mesmo a um interesse pessoal – claramente maior pela França –, do que tomar a vereda que opõe o gosto das duas críticas. Mesmo porque, um livro também altamente exigente como *Leite derramado* repercutiu melhor em língua inglesa.

6.3. CINZAS DO NORTE NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2005
Ano de lançamento na França - 2008
Editora - Actes Sud
Tradutor - Geneviève Leibrich

Sinopse - *Manaus: uma ilha febril e trágica encravada no coração da Amazônia. Luxo vistoso para os herdeiros da borracha e miséria endêmica para os malditos desta terra encharcada. Dois meninos são forçados a escolher na maioria entre a obediência e a revolta: um órfão esforçado espera encontrar no direito a justiça social, enquanto o filho rebelde de um fazendeiro busca na arte a salvação do mundo. São amigos para a vida e para a morte, e é a necessidade da diferença do outro que cimenta a sua relação. O filho boêmio está em luta contra o pai, o grosso húnus da província, a moral dominante; tantas posições radicais o fizeram invejável para um amigo certamente livre de qualquer autoridade parental, mas que não foi educado para escolher. São as duas faces de uma geração criada sob o jugo da ditadura. Cada um persegue quimeras, incapazes como são de soltar as mandíbulas de uma opressão familiar e geográfica antropofágica. A modernidade corrói a identidade dos espaços simbólicos*

primitivos da Amazônia, ecoando suas feridas íntimas. Dos seus sonhos de futuro, só restam as cinzas, levadas pelo rio-mar, e Milton Hatoum lança aqui uma pedra fundamental na construção da sua singular "Comédia Humana". Nascido em Manaus em 1952, Milton Hatoum formou-se na Faculdade de Arquitetura de São Paulo e estudou literatura latino-americana na Paris-III. Lecionou na Universidade da Califórnia (Berkeley), na Universidade Federal do Amazonas, e traduziu G. Flaubert e E. Said. Seus três romances receberam o Prêmio Jabuti. Cendres d'Amazonie ganhou o prêmio Portugal Telecom e o prêmio Livro do Ano/Ficção (2005). Foram publicados na França: Récit d'un Certain Orient (Le Seuil, 1993) e Deux frères (Le Seuil, 2003). Milton Hatoum mora hoje em São Paulo (ACTES SUD, 2023).

Milton Hatoum, assim como Bernardo Carvalho, residiu por um período na França, em seu caso, como estudante de Literatura Comparada na Sorbonne. O contexto da mudança de ares foi mais turbulento, uma fuga das perseguições da ditadura da qual também foi um dos alvos. Tendo residido primeiramente na Espanha, essa estadia na França se deu nos primeiros anos da década de 1980, logo, anos antes da publicação de seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*, de 1989. Voltando para o Brasil, exerceu carreira de docente de literatura e língua francesa na Universidade Federal do Amazonas entre 1984 e 1999, fatos que nos permitem creditá-lo como fluente no idioma. Talvez uma espécie de primeiro ensaio de seu posterior afastamento da profissão acadêmica para se dedicar exclusivamente à de escritor, Hatoum hospeda-se na França, em 1991, para um sabático criativo às expensas da Maison des écrivains étrangers et des traducteurs (MEET, 2023).

Em entrevista concedida a esta autora e a Wanderley Corino Filho, Hatoum se diz surpreendido pela repercussão internacional de seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*, traduzido em diversos idiomas com pouco atraso. O mesmo se seguiu com *Dois irmãos*. Para Hatoum, o motivo desse sucesso foi “um interesse no drama familiar e na confluência de duas culturas: a brasileira da Amazônia e a dos imigrantes árabes nessa região”, mas as resenhas também falam da “linguagem, do mito, da estrutura das narrativas, da tradução” (HATOUM, 2018, p. 24-25). Logo, o próprio autor percebe a chave regionalista das leituras sobre suas obras, como demonstrado antes por Cunha Neto (2018, 63-6), mas ressalta: não só. Lançado após dois sucessos de crítica, *Cinzas do Norte*, embora vencedor dos prêmios Jabuti, APCA e do primeiro Portugal-Telecom, enfrentou uma recepção menos calorosa que os romances anteriores.⁵⁷

A editora francesa de seus dois primeiros romances, a Seuil, terceira em número de prêmios no país após Gallimard e Grasset, aparentemente não se interessou na publicação de *Cinzas do Norte*, que chega através de uma editora menor, a Actes Sud, em 2008. Milton seguirá com a Actes Sud até o presente (*Deux frères* será reeditado nela em formato bolso em 2015). Para a publicação de *Cendres d'Amazonie*, contaram com a colaboração do Centre national du livre, uma conquista

⁵⁷ Fábio de Souza Andrade (2005), resenhando o livro para a Folha de S. Paulo, lamenta que, não tendo correspondido às expectativas de mais “arroubos experimentalistas” neste novo romance, narizes se torceram entre os que, acusa, “não creem na possibilidade de atualização crítica do romance de tradição flaubertiana”.

que creio poder ser atribuída ao prestígio da editora no mercado editorial francês, somado ao seu perfil de menor porte, e o reconhecimento internacional das duas obras precedentes de Hatoum.

Geneviève Leibrich aparece novamente, agora traduzindo *Cinzas do Norte*⁵⁸, e ainda reaparecerá como tradutora de *O sol se põe em São Paulo* e *Leite derramado*, firmando-se com folga como a tradutora mais presente nesta seleção. Na entrevista citada, Hatoum (2018, p. 25) reafirma sua atuação presente junto aos tradutores de sua obra e elogia a qualidade das traduções francesa e inglesa. Em ambas, no caso de *Cinzas do Norte*, houve uma alteração significativa no título: Norte se torna Amazônia. Previu-se que a conjugação de “Norte” e Milton Hatoum não geraria as mesmas associações nesses outros leitores.

Quanto à capa, aproveito para comentar conjuntamente a escolha inglesa. Na francesa, uma foto que destaca casas de palafita entre o rio e a mata. Nas duas capas inglesas optaram por desenhos semelhantes aos da botânica o que, por sua vez, remete às incursões que levaram gerações de naturalistas, especialmente europeus, à Amazônia. Fora do país, então, a Amazônia está em destaque no título e nas ilustrações. No Brasil, até o momento há três capas, a primeira edição e a edição de bolso da Companhia das Letras e uma edição no contexto de uma coleção literária do jornal Folha de S. Paulo. A primeira, tem na capa um menino e uma mulher de costas frente à uma faixa de água sem horizonte, que pode se referir ou não a um rio muito largo. A capa da edição de bolso traz o desenho de um barco tradicional do turismo nos rios amazônicos. A capa da edição da Folha de S. Paulo traz imagem de pernas de alunos uniformizados correndo, o que se liga ao ambiente escolar durante o período militar ficcionalizado pelo autor e dispensa integralmente referências regionalistas. Apesar do título original mais aberto e dessa última capa, considero que

⁵⁸ As duas primeiras obras de Milton Hatoum chegaram na França pelas mãos de Cécile Tricoire, outro nome importante da tradução português-francês. As duas tradutoras contribuíram uma com a outra em traduções pela editora Métailié entre as décadas de oitenta e noventa. Cécile Tricoire assina a tradução de obras fundamentais da literatura brasileira, como *A menina morta*, e verteu o sucesso editorial *Le tuer* (O matador) de Patrícia Melo. Ao contrário de Leibrich, Tricoire é uma figura menos nebulosa e mais relacionada. Foi por anos, entre as duas décadas mencionadas, integrante da ADEPBA (Association pour le Développement des Études Portugaises, Brésiliennes, d'Afrique et d'Asie lusophones), associação ainda atuante, exercendo mesmo cargos de chefia. Não encontrando traduções de Tricoire após a virada do século, apenas uma notícia recente informando a criação de um ateliê de leitura em Asnières-sur-Vègre, aparentemente, houve uma desistência dessa linha de trabalho. A partir de *Órfãos do Eldorado*, o tradutor de Hatoum para a Actes Sud passa a ser Michel Riaudel, professor na Université de Poitiers e importante articulador da difusão da cultura brasileira na França (em 2005 Riaudel já havia traduzido *Nas asas do condor*, obra infanto-juvenil de Hatoum).

há um equilíbrio entre os três países, respeitando a maior necessidade remissiva da publicação estrangeira.

Os primeiros romances de Milton Hatoum tiveram boa recepção internacional, porém, *Cendres d'Amazonie* passou quase ignorado na França. A exceção é uma crítica de Pierre Rivas ao *La Quinzaine Littéraire* (2008). Esse professor, da Universidade Paris Nanterre, foi um admirador da cultura e literatura brasileira, chegando, em seu livro *Diálogos interculturais*, a defender uma revisão da direção das influências, que não seriam apenas unilaterais, por exemplo, França->Brasil. Quanto ao *Quinzaine Littéraire*, com quase sessenta anos, segue até hoje publicando mensalmente em formato impresso. A crítica de Rivas a *Cendres d'Amazonie* compõe uma seleção sua de lançamentos de literatura brasileira naquele ano de 2008, completada por *Le vol de l'ibis rouge*, de Maria Valéria Rezende, e *Panamerica*, de José Agrippino (então recém-falecido). Segundo Rivas, a obra de Hatoum estaria sendo progressivamente reconhecida, apesar das limitações que a literatura brasileira sofreria na França. Fazendo relações entre seus três primeiros romances, Hatoum estaria cada vez mais “enfrentando a realidade histórica”, o que *Cinzas do Norte* faz frontalmente contra o período da ditadura militar. Romance de formação, no qual a figura paterna é importante, destaque ainda outro paralelo de Rivas entre os romances: em *Cinzas...*, não se trata do pai libanês “do sonho oriental e patriarcal”, mas do português, “ávido de sucessos econômicos e reconhecimento social”.

Seis meses após o lançamento de *Cendres d'Amazonie*, um texto crítico sobre o autor chega às páginas do *Le Monde*, porém, reporta e comenta a publicação de *Órfãos do Eldorado* no Brasil. Nesse texto de Jean-Pierre Langellier (2008), jornalista especializado em questões africanas e correspondente do jornal no Rio de Janeiro à esta época, *Cendres d'Amazonie* tem apenas o título citado como parte do conjunto das obras de Hatoum.

Seus dois romances anteriores justificam a espera por uma recepção mais à altura de autor que havia sido tão celebrado. Contudo, Hatoum continuou a ser publicado no país e, em 2018, recebeu o prêmio Roger Caillois. O prêmio foi criado em homenagem a esse célebre escritor, crítico literário e sociólogo francês que, quando voltou à França após ter se abrigado na Argentina durante a Segunda Guerra, iniciou, com a editora Gallimard, a coleção “Le croix du sud”, que veio a introduzir no país a literatura fantástica hispano-americana. O próprio Caillois foi o tradutor de Jorge

Luis Borges. Fundado em 1991 em parceria com o PEN Club, o prêmio em seu nome divide suas atenções igualmente entre autores latino-americano e francófonos. Após trinta anos de fundação, Milton Hatoum é apenas o terceiro brasileiro contemplado, depois de Haroldo de Campos e Chico Buarque.

6.4. CINZAS DO NORTE NA INGLATERRA



Ano de lançamento no Brasil - 2005

Ano de lançamento na Inglaterra - 2008

Editora - Bloomsbury

Tradutor - John Gledson

Sinopse - *Mundo é um rebelde* - o rebento amargurado de uma família rica, cuja vocação artística entra em conflito com os planos dinásticos do pai. *Ashes of the Amazon* traça seu vôo determinado do centro carregado de riqueza de sua família - a fazenda Vila Amazônia - através do Rio de Janeiro e depois para os mundos efervescentes da década de 1970 em Berlim e Londres.

Em *Ashes of the Amazon*, Hatoum leva a sério a recomendação de Flaubert de escrever "a história moral de sua geração", com resultados extraordinários. Este é um belo, maduro e envolvente romance de um dos mais importantes escritores sul-americanos de seu tempo. (BLOOMSBURY, 2023).

Na Inglaterra, o caso de *Cinzas do Norte* é todo outro. *Ashes of the Amazon* chega em 2008 através de um grande grupo editorial inglês, o Bloomsbury, e não através de uma editora independente. Tem duas apresentações, capa dura e *paperback*. Liz Calder, uma das fundadoras da Bloomsbury, tem ligação com o Brasil: viveu no Rio de Janeiro na segunda metade dos anos 1960 e foi uma das idealizadoras da Festa Literária Internacional de Paraty. Em teoria, a editora seria uma oportunidade excelente de entrada no mercado inglês dado seu porte, avolumado após o sucesso estrondoso e durável da série *Harry Potter*, porém, entre os romances trabalhados aqui, apenas *Cinzas do Norte* teve seus direitos comprados pela editora.

O tradutor foi John Gledson, hoje professor aposentado do Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade de Liverpool. Em 2008, quando a tradução é lançada, Gledson já havia publicado no Brasil, pela Companhia das Letras, seus principais estudos sobre Machado de Assis, os quais foram bem-recebidos e

assimilados pela crítica nacional. Uma pesquisa rápida pode indicar, por exemplo, o quanto o pesquisador é requisitado a dar entrevistas para as principais revistas acadêmicas brasileiras, um sinal de seu prestígio no meio. Gledson ainda está enredado na que é talvez a mais clássica e difundida polêmica literária brasileira: “teria Capitu traído ou não Bentinho?”, consequência de discussões animadas sobre o narrador implícito e estrutura do romance. Em um momento em que a teoria “contra” o narrador parecia já consolidada, o lançamento de *Em nome do apelo do nome*, de outro pesquisador estrangeiro, Abel Barros Baptista, procura desestabilizá-la e entra em confronto direto com Gledson (além de Schwarz).⁵⁹

Gledson talvez seja o tradutor que mais traz prestígio, entre os pesquisados, à obra traduzida, enquanto um brasilianista, já no momento do lançamento, reconhecido internacionalmente. Um estudo de Costa (2016), sobre as traduções de John Gledson das obras de Milton Hatoum, chama a atenção para que, na quarta capa de *Ashes of the Amazon*, uma das quatro críticas que o acabamento editorial escolhe como *promotional statements* destaca a qualidade de sua tradução, o que evidencia “mesmo que de forma simples, a importância da competência literária do tradutor para o sucesso da obra literária traduzida” (COSTA, 2016, p. 118). Não quero dar a entender que esse professor seja reconhecido em outros meios com o prestígio que carrega no contexto dos estudos brasileiros, nem por isso a situação não é grandemente preferível ao anonimato (ou próximo disso) de outros tradutores.

Os dois primeiros romances de Hatoum já haviam chegado à Inglaterra através da Bloomsbury e de John Gledson, começando por *Dois irmãos*, em 2002. Após *Ashes of the Amazon* a editora não voltará a publicar o autor. Terão as vendas sido decepcionantes? Seu próximo romance, *Órfãos do Eldorado*, será publicado pela pequena Canongates Books (a mesma de *Medo de Sade*) – ainda com tradução de Gledson.

Diferente da tendência que conferi de forma material nas edições francesas das obras pesquisadas, segundo informação que colho da tese de Costa (2016, p. 130) sobre o escritor, Gledson recheou essa edição com um glossário com 46 verbetes (em geral referentes à fauna, flora e culinária), o que, a meu ver, intensifica a alteridade do

⁵⁹ A polêmica seria retomada quando do lançamento da tradução (feita por Gledson) d’Um mestre na periferia do capitalismo, resenhada por Michael Wood na *The New York Review of Books*, ao que já me referi.

romance ao remeter o leitor com frequência para fora do texto, a fim de se informar sobre determinado vocábulo exótico.

Hatoum não guarda laços com a Inglaterra como os que teve com a França e também com os Estados Unidos, onde passou por algumas universidades como professor e escritor visitante⁶⁰. Temos registro de sua ida à Inglaterra em 2002 para o lançamento de *Two brothers*, acompanhado de perto por Liz Calder. Autor e editora, na ocasião, participaram do tradicional festival de Hay, em Hay-on-Wye (VASCONCELOS, 2002).

O que pode ajudar a explicar a desproporção, tanto na publicação de duas apresentações do livro quanto no número de resenhas, como se verá, entre Inglaterra e França creio ser a promoção desse autor pela agência RCW. Nesta seleção, Milton Hatoum, Chico Buarque e Julián Fuks estão aos cuidados de Laurence Laluyaux, diretora da seção das traduções. Francesa, Laluyaux, após passagem pelos EUA, radicou-se em Londres, sede da RCW. Nos romances pesquisados desses escritores, sua presença na mídia cultural inglesa, em contraponto à francesa, foi bastante expressiva.

Ambas apresentações de *Ashes of the Amazon*, capa dura e brochura, referendam o romance já na capa com uma recomendação de A. S. Byatt: “Um mundo tornado real por um escritor muito bom”. Byatt é uma autora inglesa relevante, especialmente nos anos noventa. Vencedora do Booker Prize, está na lista do *The Times* dos cinquenta maiores escritores britânicos pós-1945. Sua novela *Morpho eugenia*, de 1992, cita a Amazônia, local de onde seu protagonista naturalista acabara de voltar. “*Very good writer*” não é dos adjetivos mais empolgantes que se podem ler nestas resenhas, e não encontrei a fonte do texto, ainda assim, a associação com o nome dessa escritora agrega valor.

É verdade que a Bloomsbury não voltará a publicar Milton Hatoum após *Ashes of the Amazon*, mas partimos de uma crítica, na França, para comentários em alguns dos principais jornais ingleses. Especialmente elogioso é o texto de Daniel Hahn

⁶⁰ *Relato de um certo Oriente* foi publicado nos Estados Unidos em 1994 sob o título *The tree of the seventh heaven* na editora Atheneum. A tradução foi feita por Ellen Watson. Quando a Bloomsbury se interessou, após a publicação de *Dois irmãos* e mais de dez anos da publicação norte-americana, em lançar na Inglaterra uma nova edição de *Relato...* John Gledson foi convidado a retrabalhar a tradução de Watson.

(2008), no *Independent*. Hahn é um tradutor premiado de escritores lusófonos e figura recorrente em júris literários e guias de leitura na Inglaterra. De data posterior, é ele o tradutor de *A resistência*, de Julián Fuks, para a língua inglesa. Quanto a *Cinzas do Norte*, Hahn considera que as questões que o livro coloca estão ligadas a problemas sociais de um país específico, é verdade, “mas seu poder vem de grandes tensões que os transcendem: de conflito geracional, de amargas decepções, do papel do artista, de reacionário *versus* revolucionário”. Estamos do lado avesso do exótico. Embora as outras críticas façam voos mais rasos de análise, o que se destaca em todas é menos o ambiente que a relação entre arte e pobreza, realismo e idealismo etc. Há mesmo uma, publicada no *Financial Times*, de um James Urquhart (2009) anônimo no campo, que ignora completamente o espaço amazônico, clichês brasileiros ou mesmo referências históricas, focando tão só na figura energética de Mundo numa narrativa claustrofóbica.

A mais consagrada, creio, é a que recebe de Maya Jaggi (2008), no *The Guardian*. Jaggi é uma crítica literária célebre na Inglaterra e que cumpre uma função descentralizadora no sistema literário inglês. Filha de imigrantes indianos, tem interesse pela literatura sul-americana. Elogiosa, sem enfoque no exótico, trata especialmente do enredo de forma comentada e atenta.

Já no *Telegraph*, Hatoum recebeu sua crítica mais negativa no país, escrita por Laura Thompson (2008), escritora ainda sem distinções. É também uma crítica que não omite a atratividade que lhe desperta o exótico na obra precedente de Hatoum. Incomodada com o novo livro, chega a cogitar se algo não se perdeu na tradução, embora elogie o trabalho de Gledson. “A prosa invariável; a falta de foco narrativo, de modo que são necessárias cerca de 50 páginas para entender quem são esses personagens; o tema muito martelado - tudo isso é claramente deliberado. No entanto, não traduz bem”. O problema parece estar nas escolhas do autor. A conclusão do texto é uma tentativa malsucedida (intencionalmente?) de elogiar o que não nos agrada: “Essa é uma poderosa peça de escrita. No final de *Ashes of the Amazon*, eu tinha plena consciência de sua grandeza; o que torna ainda mais lamentável que eu não pude deixar de ficar feliz quando acabou”. O acontecido chama atenção por não serem comuns críticas negativas aos romances trabalhados, fato que pode ter motivos variados: antes de tudo o crivo pelo qual livros dessas origens passam antes de

conquistar essas traduções, também boa-vontade prévia dos resenhistas e críticas encomendadas são algumas hipóteses.

A tradução de Gledson, por exemplo, é mais de uma vez elogiada, como na crítica de Anita Sethi (2009) para o *Times Literary Supplement*, que destaca seu “lirismo”. Sethi, excepcionalmente, faz referência às obras progressas do autor, observando haver tensões sociais que se refletiriam em disputas familiares que conectariam todos os romances. É também uma escritora que ainda não conquistou destaque no campo, mas uma jornalista que trabalhou em alguns dos principais periódicos britânicos. Tem diferentes linhas de frente nessa ocupação, a crítica literária sendo uma delas, mas não diria sua maior especialidade. Esse seu texto não está mais disponível, apenas sua cópia no site oficial de Milton Hatoum.

Outra crítica já não mais disponível, à qual temos acesso apenas através de uma curta citação na página com informações sobre *Ashes of the Amazon* no website da Bloomsbury (2008), é a de Ángel Gurría-Quintana, novamente no *Financial Times*. O trecho celebra novamente a qualidade da tradução de Gledson e afirma que *Cinzas do Norte* é mais um passo bem dado na carreira literária de Milton Hatoum. Esse jornalista mexicano, residente na Inglaterra, tem uma relação próxima com o Brasil. Tendo aprendido português com a esposa brasileira, veio cobrir a Festa Literária Internacional de Paraty para o *Financial Times* em 2006, logo tornando-se um mediador sempre presente nos eventos seguintes. Como se verá ao longo dos textos, Gurría-Quintana faz uma ativa cobertura dos lançamentos brasileiros em solo inglês nas colunas desse importante jornal.

A estada (ou exílio) do personagem Mundo na Inglaterra não foi digna de menção pelos críticos.

Na Inglaterra, então, o nome de Milton parece ressoar mais que na França, quando da aparição de um novo lançamento de sua lavra. Embora a França tenha traduzido uma maior quantidade de obras vencedoras do Portugal Telecom/Oceanos, temos aqui um primeiro e não último caso em que, em matéria de repercussão nos meios de crítica literária de uma mesma obra traduzida, os países anglófonos a superaram.

6.5. O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2007

Ano de lançamento na França - 2008

Editora – Métailié

Tradutor - Geneviève Leibrich

Sinopse - *Em São Paulo, certa noite, o dono de um restaurante japonês aborda um dos últimos consumidores e pergunta: “Você é escritor?” Essa pergunta inesperada transformará o cliente no narrador de uma história vertiginosa que começa no Japão durante a Segunda Guerra Mundial e continua até hoje no Brasil.*

Setsuko narra um triângulo amoroso banal: uma dança da morte entre uma jovem de boa família, o filho de um industrial e um ator ambíguo e obscuro. Então, avançando tortuosamente em direção ao seu centro secreto, a trama revela outra intriga feita de arrogância e humilhação, cujas raízes mergulham na história do Japão em guerra e suas consequências na emigração japonesa para o Brasil.

Aos poucos o narrador percebe que essa história, sobre um pária, um primo do imperador e o escritor Junichiro Tanizaki, é também a sua própria história de imigrante japonês de segunda geração, fundada na humilhação e no exílio. Ele irá até o final desta surpreendente narração que é também sua única chance de redenção. (MÉTAILIE, 2023b).

Excluindo *Maracanazo*, por ter sido publicado, sob encomenda, na França antes de o ser no Brasil, *O sol se põe em São Paulo* é a tradução com menor atraso entre as pesquisadas. Contemplado com o terceiro lugar do prêmio Portugal Telecom de 2008, seu lançamento, na verdade, data de 2007 e a Métailié o lança no mercado francês no ano seguinte ainda antes do autor ver-se, além de traduzido, premiado. Segue com a mesma editora e a mesma tradutora, Geneviève Leibrich. A capa enfoca o Japão, e não São Paulo: uma pessoa com traços asiáticos espia por trás de uma grande cortina negra, o que dá pista não só sobre a presença do antípoda sol nascente, mas também da presença de segredos a serem revelados.

Entre os três países pesquisados, a França é onde a crítica literária está menos restrita à sua apresentação em texto escrito, havendo também espaço na rádio e na televisão, como já se viu no caso de *Neuf nuits*. Com seu novo lançamento, *Le soleil se couche à São Paulo*, Bernardo Carvalho foi convidado a participar do programa *Dans quelle éta-gère*, do canal *France 2*. Apresentado por Monique Atlan (2008), jornalista e apresentadora televisiva especializada em literatura, os episódios têm em média apenas dois minutos e consistem em uma brevíssima apresentação do livro pelo autor, com uma ainda mais breve intervenção da interlocutora. Nesse caso, Atlan

faz referência ao efeito de miragem e de sombra e à utilização da mentira no romance. Os dois últimos pontos, como se verá, terão profusa recorrência.

Quanto aos textos críticos, começo com Sébastien Lapaque (2008a, 2008b), talvez o leitor de Carvalho na França mais digno de nota, em parte pelo prêmio Goncourt que o acompanha, em outra por não ter deixado de resenhar nenhum dos três romances do autor que compõem este trabalho. Os meios onde escreve também são dignos de seu nome. Sobre *Le soleil se couche à São Paulo*, escreve dois textos diferentes, o primeiro em setembro, no local *L'Opinion Indépendante*, e o segundo dois meses após, no *Le Figaro*. Lendo o conteúdo de suas críticas nota-se com facilidade que se trata de um verdadeiro admirador. A primeira, no *L'Opinion*, fala da “situação identitária singular” tramada pelo escritor e já se nota o interesse de Lapaque pela imigração japonesa no Brasil, que reaparecerá no *Le Figaro*. Aí, Lapaque esbanja um pouco seu conhecimento sobre a imigração japonesa que – vantagens para o escritor – estava em vias de comemorar seu centenário. Já o romance, conclui, é “denso e magnífico”.

Disputando as atenções dadas a Bernardo Carvalho, Philippe Lançon (2008) também resenhou seus três romances vencedores do Portugal Telecom/Oceanos. Sua crítica no *Libération* é mais robusta e mais afastada das referências externas. Lançon reencontra no narrador o estado de “espanto paranoico do viajante”, com cujo trabalho Carvalho se destacaria.

Frente ao lançamento de *Le soleil se couche à São Paulo*, novamente Dominique Aussenac (2008) tratará do autor na revista *Le Matricule des Anges*. Conhecedor de sua obra traduzida na França, inicia o texto tratando da literatura de B. Carvalho em termos gerais: o autor teria obsessão com *mises en abîmes* e é profuso em inversões. No novo romance, “a leitura volta a ser uma experiência, um mergulho no desconhecido onde perdemos o rumo, duvida-se de tudo, confrontando-se com as Trevas, esbarrando na loucura e na morte”. Em determinado momento, cartas na mesa, diz que a história avança à maneira de um *polar/thriller*, adjetivo usado também na crítica inglesa a respeito de *Nine nights*.

Nesse espírito, para André Clavel (2008), em resenha para o jornal *L'Express*, Carvalho é um “anjo do bizarro” orquestrando jogos de espelhos e máscaras, miragens, identidades que se apagam, no que seria seu romance mais vertiginoso.

Logo, temos aqui outro conhecedor da obra do autor. Clavel cita *Les ivrognes et les somnambules* de uma forma que indica ter o acompanhado desde então. Uma honra, pois trata-se de um crítico suíço que conquistou grande respeitabilidade em seu país e na França, nome que já foi tido como indispensável nos periódicos, além do *L'Express*, *Lire*, *America* e *Le temps*. Clavel foi um importante divulgador da literatura estadunidense e, cedo, dedicou sua atenção à literatura estrangeira (ARMAN, 2019). O novo romance de Carvalho lhe desperta uma imagem curiosa: é “como se Borges, Calvino e Hitchcock tivessem marcado um encontro em um restaurante de São Paulo”, evocados como mestres predecessores de um “mentir-verdade”.

Véronique Rossignol (2008) escreve novamente sobre Bernardo Carvalho na *Livres Hebdo*. Para a crítica, com esse novo romance, Carvalho foi ainda um passo além na qualidade da clareza. Sua leitura mais original é a percepção da “terrível mecânica de acerto de contas a longo prazo” dos protagonistas (humilhados, traídos), tecendo vinganças com consequências que ignoram.

A *Les Notes* (2008) é uma revista eletrônica da Union Nationale Culture et Bibliothèques Pour Tous. Na crítica que contém sobre o romance, ao qual se atribuiu nota 4/5, não consta quem a escreveu. Em um único condensado parágrafo traz, no entanto, muito do essencial do livro do ponto de vista técnico e deixa em segundo plano precisar ao leitor acontecimentos do enredo: leitor e narrador são envolvidos em uma espiral de mentira/verdade; se pensa se aproximar de uma revelação, é para descobrir outros segredos; o papel do escritor está no cerne do romance; a construção é complexa; a narração, sofisticada; o escritor, talentoso; a leitura, prazerosa.

Após o narrador viajante espantado e paranoico identificado por Lapaque, em crítica de Michel Doussot (2008) fala-se em narrador em estado de “perplexidade”, tornando-se portador das “paixões intensas” dos personagens de cujas histórias se incumbe de transmitir via escrita. Essa crítica se encontra no *website* do tradicional guia turístico francês *Routard*. Abrigando conteúdos de várias ordens, as críticas literárias se encontram dentro de um contexto de “Inspirações”, via literatura, para as viagens – e como também uma outra maneira de viajar. Doussot é um jornalista dedicado à esfera cultural, porém não costuma trabalhar em meios de grande destaque. Em um *blog* pessoal, Doussot (2023) reúne escritos inéditos seus junto a referências aos publicados em outros meios (como o *Routard*). Nota-se seu grande interesse pela cultura brasileira, especialmente a música, mas também o turismo,

literatura e cinema. Em suas “seleções” de cultura brasileira, fica claro o apetite pelo “Brasil profundo”, pelo que o país possa representar de um verdadeiro outro. Trata-se de uma autêntica curiosidade da qual, antes de falar em preconceitos europeus, teria mais valia destacar aqui o tom verdadeiramente admirado desses seus textos.

Em um pequeno *blog*, *Carnets de Sel*, cujos artigos se assinam apenas por S. L. (2008), há uma resenha curta, com clara intenção de despertar curiosidade no leitor e revelar pouco. Destaca a mentira como o motor do trabalho de *mise en abyme* do romance. Tratava-se de um *blog* dedicado à literatura e “aberto ao mundo”. Dois anos após, em 2010, o *blog* migra para uma plataforma maior (Wordpress) e, desde 2018, atua como uma pequena editora independente.

Devido à data afastada, como com *Neuf nuits, Le soleil se couche à São Paulo* também já não tem mais disponível em sua integralidade uma parte substancial do conteúdo das resenhas que se lhe dedicaram. Felizmente também neste caso foi possível mensurar de forma satisfatória o número de críticas recebidas à época e mesmo ter acesso a pequenos trechos delas graças ao compilado realizado pela editora na seção “Dans la presse”, na página dedicada ao romance (MÉTALIE, 2023b). Ainda que algumas, no que se refere ao prestígio do crítico ou da plataforma, sejam de grande relevância, devido a esse contato indireto elas serão elencadas apenas a partir deste ponto.

Raphaëlle Leyris, formada em Literatura Comparada, também é outra crítica de profissão escrevendo em meios de grande prestígio: *Les inrockptibles*, no caso aqui, e também no *Monde des Livres*. Formada em Literatura Comparada, esforça-se por dividir suas atenções também com a literatura estrangeira. Mais uma vez, vê-se um leitor que demonstra não estar lendo o autor pela primeira vez e que felicita ter encontrado de novo (no caso de Leyris) o mesmo “brio na sobreposição de estratos do texto e o perpétuo adiamento da revelação dos segredos”.

Na associação de periódicos *Le Courrier de l'Ouest/Presse Ocean/Le Maine Libre*, Carvalho é resenhado por um Frédérique Bréhaut sem notoriedade. Embora a velocidade das transições no romance seja frequentemente referida, aqui quase se tem um exagero da sensação desse efeito devido à presença do adjetivo “explosivo” para definir o entrelaçamento dos destinos dos personagens.

No *Chronic'art*, a resenha sobre esse livro de B. Carvalho não teve o autor citado no site da editora, embora elas costumem vir assinadas. Infelizmente, também o trecho selecionado mais resume de forma enxuta o enredo do que deixa entrever verdadeiras impressões e opiniões de leitura.

Na *Que tal Paris ?*, plataforma dedicada à divulgação das culturas espanhola, portuguesa e de suas respectivas ex-colônias na França, volta a referência a Bernardo Carvalho como um autor contemporâneo brasileiro “excepcional”.

Le soleil se couche à São Paulo foi resenhado também nas páginas da revista impressa *L'amateur de cigare*, destinada a apreciadores de charutos. O autor foi Victor Dillinger, ligado à editora Gallimard. Bem ao espírito da elegância masculina evocada em muitas capas, Dillinger recomenda o livro para os já fatigados das leituras leves de verão: a obra é pungente e densa, entende-se, para “leitores sérios”.

Ainda, através de um artigo da prof.^a Agnes Rissardo (2013) dedicado à recepção francesa de BC, sabe-se de uma última crítica a *Le soleil se couche à São Paulo*, publicada na revista *Page des libraires*. O autor é Jean-François Delapré, um dos livreiros independentes que participam dessa revista que existe desde o final dos anos 1980. Com sua livraria situada em Lesneven, no extremo oeste da França, começou também carreira de escritor à mesma época desse lançamento de Carvalho. No trecho destacado não resta dúvidas de que, já conhecendo o autor, “grande romancista”, “arquiteto da intriga”, para Delapré, trata-se de seu “mais belo romance” até então.

Encerrando a narração de mais um excelente desempenho de Bernardo Carvalho na França, seu novo romance volta a lhe dar destaque no prêmio Médicis, ficando entre os finalistas (SOLYM, 2008).

No verão de 2009, ano seguinte ao desse lançamento, temos notícia de nova estada de Bernardo Carvalho na França. Ele participou ao lado de Anne-Marie Métaillé, que festejava os trinta anos de sua editora, do festival Le Marathon des Mots (INSTITUTO CERVANTES, 2009). Cobrindo com seus eventos a região da Occitana, tem adquirido crescente destaque entre os festivais do país. *Le soleil se couche à São Paulo* era, nesse evento, seu romance mais recente a ser divulgado.

Embora com aparentes pequenas perdas em relação a *Neuf nuits* no número de críticos e veículos importantes dando notícia desse novo lançamento, resta claro o processo de formação de um círculo de leitores profundamente interessados pela obra de Bernardo Carvalho na França. Isso ficará ainda mais claro após a cobertura do lançamento de *Sympathie pour le démon*. Já em relação à Inglaterra a perda é grande, já que o autor não voltou a ser publicado em língua inglesa, o que faz de *O sol se põe em São Paulo* o primeiro caso, de cinco, das obras deste *corpus* que foram publicadas apenas na França.

6.6. O FILHO ETERNO NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2007
Ano de lançamento na França - 2009
Editora - Métailié

Tradutor - Sébastien Roy

Sinopse - *Cristovão Tezza conta a história de um pai e seu filho com síndrome de Down. Sem qualquer resquício de sentimentalismo ou comiseração, o discurso do narrador sobre o pai surpreende. Impulsionado pela análise seca de sentimentos íntimos e emoções abortadas, o leitor descobre a originalidade desse ponto de vista que transforma a experiência humana em literatura. O pai do pequeno Felipe não tem nome, foi hippie, fez teatro, é um escritor que acumula rejeições das editoras, é dependente da esposa, numa prolongada posição de adolescente. O nascimento de uma criança com síndrome de Down o colocará diante de uma realidade que o questiona. Ele tentará primeiro fugir desejando o desaparecimento da criança, depois seu aperfeiçoamento através de várias práticas e ginásticas da moda, até descobrir as pequenas vitórias da vida, a paixão compartilhada pelo futebol.*

Mais do que a história de uma criança anormal, há aqui uma bela reflexão sobre a paternidade e o amadurecimento de um ponto de vista sobre o papel do pai. Essas reflexões evitam emoções fáceis. O excepcional distanciamento literário desse texto rendeu ao autor os mais prestigiados prêmios do cenário literário brasileiro. (MÉTAILIÉ, 2023a).

Além de Bernardo Carvalho, Métailié foi também a editora d' *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza, entre as obras que compõem esta seleção. Lançado no Brasil em 2007, chega relativamente com pouco atraso na França, em 2009, sob o título *Le fils du printemps*. A capa não apela para clichês, nem mesmo retrata um pai e um filho.

Seu tradutor, Sébastien Roy, é formado em Letras Modernas pela Université de Poitiers. Graduado, parte para Moçambique, onde fica três anos trabalhando como professor de francês e intensificando sua relação com a língua portuguesa e cultura

lusófona. Após uma estada em Angola (sobre a qual escreverá seu único livro enquanto autor, *Fragments d'Angola*, de 2006), vem ao Brasil onde, em 2010, se forma mestre em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês na USP, sob orientação de Leyla Perrone-Moisés. Percebemos, pelas datas, que sua tradução d'*O filho eterno* foi um trabalho paralelo ao mestrado (sua dissertação versava sobre o relato de viagem na obra da escritora suíça Ella Maillart). Até onde pude traçar, seus trabalhos de tradução começaram após sua chegada ao Brasil. A *Actes Sud* lhe encomenda, em 2008 e 2012, dois livros de Patrícia Melo. Em datas próximas, em 2009 (Tezza) e 2013 (*Traduire Hannah*, de Ronaldo Wrobel), publica na editora Métailié. Traçado seu percurso profissional, deve-se destacar que Sébastien Roy não é um nome reconhecido no cenário erudito francês.

Um *best seller*, vencedor de diversos prêmios literários, traduzido em número bastante expressivo de idiomas, sabemos que *O filho eterno* trata de um tema sensível e seu conteúdo abertamente autoficcional, aliás um gênero de invenção francesa e bastante conceituado naquele país, contribuiu para sua grande celebração. A mudança de título na França não tem razões profundas, apenas já se tinha no país um romance com o título *Le fils éternel*, da autoria de Claude Delarue. Nem por isso “O filho da primavera” não está fincado na obra: já no início do romance está sugerido como um poema escrito pelo pai enquanto aguarda conhecer o filho.

Cristovão Tezza não tem relações com a França dignas de nota. É representado pela Agência Riff, a principal agência literária brasileira. Em entrevista à RFI Brasil (BRANDÃO, 2009), o autor comenta brevemente a atuação dela, tentando tirar o maior proveito da repercussão que esse livro em específico estava trazendo para seu nome. Ainda nessa entrevista, Tezza diz que as primeiras leituras francesas que lhe chegaram tinham sido positivas, embora saiba “que um livro demora muito para se consolidar”.

Le fils du printemps recebeu o prêmio literário Charles-Brisset, conferido pela Association Française de Psychiatrie. Sabemos que Métailié quis investir no lançamento da obra, inclusive com o convite para que o autor estivesse presente. Inscrevê-lo para um prêmio literário de uma associação psiquiátrica foi uma decisão inteligente da editora, que já havia sido premiada com um Charles-Brisset em 2002 por uma tradução do espanhol José Manuel Fajardo e, no ano anterior ao prêmio de Tezza, por uma tradução da portuguesa Lídia Jorge.

De algumas críticas não há registro integral em meio eletrônico. No site da *Métailié* (2023a) consta um pequeno trecho de um Daniel Martin, em um *Centre France Dimanche*, para quem a prosa de Tezza foi “impecável”. Já no trecho recortado do jornal local *La Marseillaise*, da escritora consolidada Claudine Galéa, não é possível depreender sua impressão do romance. Através de um catálogo de vendas da agência Vikings do Brasil (WALKER, 2017), que intermediou editoras do país com as de países nórdicos da Europa nas duas direções, há trecho de crítica a *O filho eterno* no *Les Inrockuptibles*. As frases do romance são ditas “talhadas à foice” e a história, “ácida”, qualidades de valor, já em seguida afirma ser, talvez, a grande revelação de literatura estrangeira na *rentrée* daquele ano.

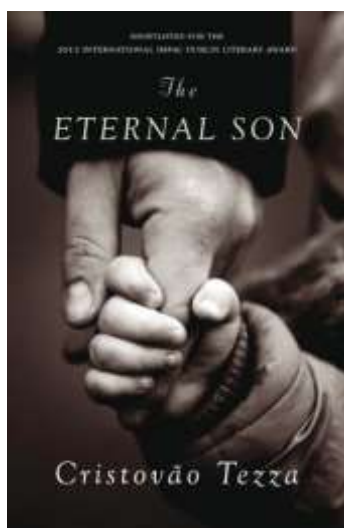
Disponíveis integralmente temos ainda uma crítica na *Nouveau Magazine Littéraire*, no site de turismo *Comptoir des voyages*, na *BibliObs*, vinculada ao *Le Nouvel Observateur*, e na revista *Psychologies*. A primeira é breve, mas concentrada, escrita pelo jornalista cultural televisivo Philippe Lefait (s.d.) (aquele mesmo que havia entrevistado Bernardo Carvalho sobre *Neuf nuits*). Elogia o recorrente: o que há de brutal na sinceridade, e também a força e densidade. No *Comptoir des voyages* (2017), é interessante notar que o romance aparece (já em 2017) em uma seleção de dicas de grandes obras para se conhecer a literatura brasileira. Ela vai, em ordem cronológica, de Machado de Assis a Cristovão Tezza, passando por Guimarães Rosa, Jorge Amado, Clarice Lispector e Luiz Ruffato. Uma grande honra para Tezza, sem dúvidas, mas uma seleção bastante polêmica dentro da crítica nacional ao destacar, do melhor da literatura contemporânea, esses dois nomes que, independente dos méritos, não são tão unânimes. Assinado pela “Redação”, o romance traria, apesar da falta de “sentimentalismo ou comisseração”, uma “bela reflexão sobre a paternidade”.

No *BibliObs*, o texto é escrito por uma desconhecida Jennifer Richaud (2009), mas que nos comunica que um ano após o lançamento brasileiro, e um ano antes da tradução francesa, vencia o Femina o romance *Où on va, papa ?*, de Jean-Louis Fournier, uma carta de amor aos filhos deficientes movida a humor negro e quebras de tabu. Feliz coincidência, segundo a autora, que espera que se passe a tratar mais às claras os sentimentos negativos que cercam a quebra de expectativa gerada pelos filhos com necessidades especiais. Traço de sua boa repercussão na esfera da psicologia, há ainda um comentário não assinado e breve, mas elogioso, na revista

Psychologies (s.d.). Ele também cita *Où on va, papa ?* para marcar a diferença: Fournier emociona, Tezza perturba com um olhar duro sobre a paternidade.

As críticas francesas de *Le fils du printemps* não tiveram a mesma estatura das recebidas pelo outro autor da Métailié, Bernardo Carvalho, seja pelas pessoas, meios, ou mesmo a força da admiração transmitida. Mas o prêmio Charles-Brisset, mesmo que dentro de um nicho bastante específico, é já como um atestado do bom trabalho da editora na promoção desse livro. Tendo sempre em mente os limitadores que inibem a circulação da literatura brasileira, parece um bom desempenho.

6.7. O FILHO ETERNO NA INGLATERRA



Ano de lançamento no Brasil - 2007

Ano de lançamento na Inglaterra - 2013

Editora - Scribe

Tradutor - Alison Entrekin

Sinopse - Neste multipremiado romance autobiográfico, Cristovão Tezza luta contra uma vergonha fantasmagórica quando seu filho, Felipe, nasce com síndrome de Down. Do choque inicial do diagnóstico a um novo mundo de hospitais e terapia, Tezza delicadamente entrelaça a história da vida de seu filho com a sua. Felipe, que vive em um eterno presente, torna-se um jovem extraordinário, mas Tezza anseia por uma existência 'normal' que está sempre fora de alcance. Ele deve se forçar a aceitar suas próprias limitações - uma guerra interna que dura décadas. Com perspicácia convincente e honestidade, Tezza nos leva profundamente em sua mente enquanto desafia sua compreensão da família, paternidade e amor. *O Filho Eterno* é uma obra-prima inesquecível de um dos melhores romancistas brasileiros (SCRIBE, 2023).

O filho eterno, traduzido como *The eternal son*, não teve sua primeira publicação em língua inglesa na Inglaterra ou Estados Unidos, mas na Austrália, pela Scribe Publications. A Scribe é uma editora independente, de pequeno porte, mas conseguiu expandir-se para a Inglaterra (onde publica quase o mesmo número de livros ao ano que no seu país-base) e posteriormente para os Estados Unidos. Nessa primeira publicação de *The eternal son*, em 2010, é possível constatar que o romance angariou bom número de críticas na mídia especializada australiana. Foi com essa publicação que a Biblioteca Nacional inscreveu o romance no prestigioso prêmio

IMPACT, de Dublin, no qual figurou entre os dez finalistas. Após essa trajetória, *The eternal son* ganha uma edição inglesa em 2013.

Cristovão Tezza foi ainda agraciado com um dos grandes nomes da tradução do português para o inglês da atualidade, o da australiana, radicada no Brasil, Alison Entrekin. Estando, ambos, entre os finalistas do IMPACT, também Entrekin esteve perto de embolsar parte dos 100.000€ que o prêmio divide entre autor e tradutor. Seu trabalho é reconhecido em seu país, onde já foi seguidamente considerada, na categoria destinada a tradutores, ao NSW Premier's Literary Awards, um dos prêmios literários mais bem pagos da Austrália. Vencendo-o, enfim, em 2019, o júri destaca suas traduções de Chico Buarque, Paulo Lins e Clarice Lispector. Nesse mesmo ano, no Brasil o nome da tradutora também estava em evidência, impulsionado pela divulgação do Itaú Cultural, que financia sua retradução de *Grande sertão: veredas*.

Por fim, na Inglaterra, *The eternal son* foi resenhado apenas uma vez, no jornal *Express*, pelas mãos da jornalista especializada em assuntos relativos à família e parentalidade Giulia Rhodes (2013). Destaca-se o elogio à coragem de admitir fraquezas. O elogio é recorrente na crítica desse livro também em esfera nacional, mas não se trata só disso, há também um lado perverso nas falas do narrador, menos abordado.

Não uma resenha, uma menção, *The eternal son* foi escolhido, entre outras obras, por Ángel Gurría-Quintana (2013) na ocasião de um convite do jornal *Financial Times* para elencar as melhores traduções publicadas no ano de 2013. Nesse ano, Gurría-Quintana, já mencionado como um dos críticos de *Ashes of the Amazon*, começou a estabelecer ainda outras relações profissionais com o Brasil: passa a traduzir do português, além do espanhol.

Caso atípico, *The eternal son* foi resenhado no *website* estadunidense *Bookoxygen*, vinculado a Elsbeth Lindner, uma experiente editora e crítica, ainda que em meios com circulação reduzida. Atípico, pois a edição lida é a inglesa, não a estadunidense. A autora da resenha é Shirley Whiteside (2013), que chegou à área do estudo da literatura já na terceira idade. Diz não ver razão para o pai fictício ser destituído de qualidades redentoras, o que faz se perguntar se o livro não seria uma espécie de autoimolação do autor biográfico. Comenta que o que a levou até o fim do livro foi a leitura das “pequenas vitórias” de Felipe e sua vida dentro de um “aqui e

agora”, o que Whiteside diz poder ser tomado como uma “lição”. A autocomiseração do narrador, continua, a instava a desistir do livro. Há uma diferença significativa em relação aos críticos anteriores, a quem o mesmo não causou tal aversão. A explicação talvez reste em uma dificuldade de lidar com esse gênero da autoficção, que tem ainda algo de novo (comparativamente), ou em uma ideia de “função” da literatura ofendida pela elaboração de Tezza. Lindner, depois de ter levantado as aclamações a Entrekín, critica sua tradução, que traria estruturas do português desagradáveis ao leitor anglófono. O incômodo, lembrando, também não foi relatado pelos outros leitores.

Logo, ao contrário do que acontecera na estreia australiana, o lançamento na Inglaterra passou quase despercebido. Venho defendendo a importância do trabalho ativo das editoras. Aqui, a mudança de continente claramente enfraqueceu o poder de ação e influência da Scribe, que à época ainda estava iniciando seu processo de expansão. Também é digno de nota a frequência com que o livro foi, na França e Inglaterra, tematizado em contextos “extraliterários”: seu prêmio, na primeira, foi conferido por um júri de psiquiatras; uma das resenhas naquele país foi em uma revista de psicologia; na Inglaterra, sua única resenha não foi escrita por uma crítica literária, mas por uma jornalista dedicada a temas familiares cujo texto dedicado a *The eternal son* foi uma exceção.

6.8. O FILHO ETERNO NOS ESTADOS UNIDOS



Ano de lançamento no Brasil – 2007

Ano de lançamento nos Estados Unidos - 2013

Editora - Tagus

Tradutor - Alison Entrekín

Sinopse - Neste romance autobiográfico multipremiado, Cristovão Tezza leva os leitores à mente de um jovem pai cujo filho, Felipe, nasceu com síndrome de Down. Desde o choque inicial do diagnóstico e através de sua crescente compreensão do mundo dos hospitais e terapias, Tezza entrelaça a história da vida de seu filho com a sua. Felipe, que vive em um eterno presente, torna-se um jovem extraordinário; para Tezza, no entanto, a história é um acerto de contas consigo mesmo e com suas próprias limitações e, finalmente, um acordo com as sublimes ironias e arbitrariedades da vida. Ele luta com o fantasma da vergonha, como se a condição de seu filho fosse uma indicação de seu próprio valor, e anseia por um mundo "normal" que está sempre fora de alcance. Ler este livro envolvente é como entrar por um alçapão na mente do escritor, onde nada é censurado e tudo é constantemente examinado e reinterpretado (TAGUS PRESS, 2023).

Em 2013, enquanto a Scribe lançava *The eternal son* na Inglaterra, a editora universitária Tagus, vinculada ao Centro de estudos e cultura do português da UMass Dartmouth, lançava essa tradução de Alison Entrekin nos Estados Unidos. De perfil acadêmico, a editora começou naquele mesmo ano uma série específica para publicar literatura brasileira, com enfoque nos contemporâneos. Publicou quatro obras em seu primeiro ano e, progressivamente, perdeu o fôlego, passando longos intervalos sem novos títulos para o catálogo. Não encontrei repercussão do lançamento de *The eternal son* no país.

As capas das duas edições referidas evocam um pai e um filho de mãos dadas. Na americana, o ato e o ambiente aparentam pacificação, um andar junto ainda que em terreno acidentado. A capa da Scribe permite uma dúvida sobre se a mão adulta não é demasiadamente lassa em relação à infantil, que a segura com firmeza. A capa brasileira da primeira edição é feita de título e nome do autor sobre fundo em cor sólida. Na segunda edição há uma criança de costas na borda do que parece um túnel de cimento, como os encontráveis em parquinhos infantis. Vê-se, portanto, nas edições brasileiras uma maior economia e descrição.

Apesar do desempenho ruim da edição universitária, é apenas nos Estados Unidos que Cristovão Tezza publicou, até o momento e em condições não muito superiores, outras traduções (*Breve espaço* e *Beatriz e o poeta*). São do selo de unidades de publicação da Amazon que, embora ofereçam preços convidativos nas edições em *ebook* e venda pelo seu *site*, não tem por tradição se empenhar na divulgação dessas obras.

6.9. LEITE DERRAMADO NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil – 2009

Ano de lançamento na França - 2012

Editora - Gallimard

Tradutor - Geneviève Leibrich

Sinopse - *Prisioneiro de sua história e de seu leito de hospital, Eulálio Montenegro d'Assumpção se confronta com seu passado. A presença de uma enfermeira, de sua filha ou de sua falecida mãe, mantém nele a necessidade de explorar memórias que se chocam ao buscar o caminho das gerações que o antecederam e o seguiram. A sua visão do patrimônio familiar matiza-se ao longo da memória que evolui, intromete-se em lugares insuspeitos na sombra permanente da dúvida. Nascido no início do século XX, conta a evolução do Brasil através das figuras da dinastia Assumpção. Em sua história, a fertilidade e a hereditariedade voltam como uma obsessão através da imagem do leite. Ela invade os pensamentos para revelar um cotidiano feito de ciúmes e da busca da honra que Eulálio está condenado a repetir.*

Com uma pena ritmada e colorida, Chico Buarque nos mergulha nos meandros de uma mente assombrada por fantasmas familiares. No limiar da morte, as figuras fundem-se numa ronda angustiada e levam-nos a questionar o movimento da história. *Quand je sortirai d'ici* é um texto intenso que examina a memória de um homem comprimido por sua genealogia e aquela de toda a nação brasileira (GALLIMARD, 2023).

Desde seu primeiro romance, Chico Buarque chega na França com relativo pouco atraso e pela tradicional e prestigiosa editora Gallimard. Nesta seleção, *Leite derramado* é o segundo romance, até o momento, traduzido por uma grande editora (o anterior foi *Ashes of the Amazon* que saiu pela Bloomsbury). Volta aqui a tradutora Geneviève Leibrich, da qual tratamos quando de sua tradução de *Nove noites*. Ela verteu para o francês as duas últimas traduções de Chico Buarque publicadas no país, *Quand je sortirai d'ici* e *Le frère allemand*⁶¹. O primeiro título, que talvez não soe familiar, foi como se traduziu *Leite derramado* e coincide com as primeiras palavras da narrativa de Eulálio d'Assumpção. A escolha não é comum. Alguns críticos fazem a pausa: “*Quand je sortirai d'ici (dans l'original Lait répandu)*”, e demonstram perfeita compreensão da metáfora e da expressão idiomática, o que faz perguntar se não foi uma má escolha abrir mão do título original que, mesmo sem ser de uso a expressão em francês, ainda assim, além da fidelidade, seria mais evocativo e intrigante.

⁶¹ *Essa gente (Ces gents-là)* tem estreia marcada para fevereiro de 2023 com tradução de Mathieu Dosse. *Court-circuit* e *Embrouille* foram traduções de Henri Raillard, tradutor com passagem pelo Brasil e envolvimento com o cinema brasileiro. *Budapest* é uma tradução de Jacques Thiériot, tradutor empenhado de literatura brasileira (notadamente Clarice Lispector) e ex-professor da Aliança Francesa no Brasil (décadas de 60 e 70) e um dos fundadores, em 1987, do College International des Traducteurs Littéraires em Arles.

A Gallimard lança *Quand je sortirai d'ici* em duas edições, na tradicional coleção *Du monde entier* e, um ano após, também pela Folio, sua linha de edições de bolso que tem um amplo alcance até mesmo internacionalmente (o que refletiria, supõe-se, uma confiança no potencial comercial do livro). A editora tem operado dessa forma, publicando sempre primeiro pelo selo Gallimard antes do Folio, embora com intervalos de tempo que variam. Seu único romance que, por hora, não recebeu uma segunda edição foi *O irmão alemão*.

Um artigo publicado em 2009 na revista *O eixo e a roda* (PERES, 2018) propõe, contra a exclusiva nacional, especialmente forte nesse artista, que se faça uma releitura completa da obra de Buarque sob a chave da (defende-se) significativa influência da cultura francesa, importante na sua formação intelectual e paixão confessa. A primeira ida do artista para o país foi ainda menino, acompanhando o pai Sérgio Buarque de Hollanda. Em seu breve exílio durante a ditadura, esteve no país apenas de passagem, pois buscou pela Itália, com a qual tem relações de descendência. O cantor conserva uma residência em Paris onde, de tempos em tempos, se instala para pequenos sabáticos⁶². Mais recentemente lá esteve a fim de ter maior tranquilidade para a escritura de seu último romance, *Nossa gente* (RFI, 2019).

Na França, a bossa nova foi especialmente bem recebida, e Buarque foi apresentado aos ouvidos do país da *chanson* através dessa via. Embora sua música seja categorizada mais comumente como samba ou MPB, suas influências musicais e a forma como elas aparecem, sem dúvidas, apontam, também, sua familiaridade com a bossa nova. Os franceses o puderam conhecer em sua própria voz e em versões gravadas por artistas célebres do país, como Georges Moustaki, Nougaro e Dalida. Uma geração mais nova conheceu o artista através de uma propaganda apelativa da marca Schweppes, de 1988, que tocava “Essa moça tá diferente” e teve repercussão considerável.⁶³ No ano seguinte, Chico Buarque gravou um show ao vivo

⁶² Seu documentário *À flor da pele* (HOLLANDA, 2005) foi gravado em Paris. Em cenas breves, passeia por ruas da cidade seguido pela câmera e, por fim, senta-se em um café discreto para o início da entrevista. É também discreta e prosaica a vida que descreve levar nessa cidade que admira – de forma talvez mal retribuída. Reitera seu gosto em trabalhar nesse retiro.

⁶³ No canal *Olá, Brasil* (2017), de um francês residente no Brasil e que conta com mais de 300 mil inscritos, há um vídeo de 2017 intitulado “Chico Buarque é famoso na França?”. O professor Alexis entrevista franceses de suas relações que, perguntados, declaram não conhecer o cantor, mas, quando cantarola “Essa moça tá diferente”, rapidamente todos se lembram da música, embora não tivessem conhecimento de quem era seu compositor.

em Paris na casa de espetáculos Le Zenith. De fundo, se ouve uma plateia expressivamente lusófona, natural visto que o grupo é significativo na França. O álbum é também uma oportunidade para ouvir a pronúncia francesa do escritor, correta e pouco afetada.

A capa de *Quand je sortirai d'ici*, na Du monde entier e na Folio, é a imagem de uma mulher morena jovem, deitada, olhos cerrados, maquiada, expressão relaxada. Sobreposto à imagem aparentemente fotográfica há um enredamento de linhas e formas abstratas. A edição francesa sugere Matilde em primeiro plano, embora se afaste dela com a mudança de título. A edição americana escolhe pôr o Rio de Janeiro em evidência, com uma fotografia do Calçadão de Copacabana. Já a edição inglesa põe na capa um homem na terceira idade, pensativo (talvez melancólico). Juntas, contemplam os três grandes temas do livro. Há quem o leia como romance histórico (a partir do RJ), há quem destaque a importância da figura de Matilde (como a de Capitu, em *Dom Casmurro*) e há os que se seduzem com a maestria com que Buarque joga com a memória (a sua não confiabilidade e a do narrador). Uma coisa não anula a outra, claro, e as resenhas tentam abarcar todos esses aspectos, se demorando mais em um ou outro conforme o leitor, como espero deixar demonstrado.

Antes do romance vem o escritor. Não é como se não fosse quase um formato rígido começar uma crítica de um livro se referindo a quem seja seu autor, mas com um Chico Buarque fora de seu país é notável o esforço em tentar dimensionar para seus leitores o quilate do distante brasileiro – além de quando, especialmente no caso dos franceses, tentam despertar suas lembranças de antigas canções ouvidas na rádio ou televisão.

Quand je sortirai d'ici figurou no *Le Monde* graças a Véronique Mortaigne (2012), uma jornalista de carreira, envolvida com a crítica cultural, e escritora de biografias. Tem interesse especial pela música e viveu no Brasil entre 1975 e 1981. Sua resenha tem apenas um parágrafo, mas a leitura é interessada e elogiosa, usa metáforas originais como a do “mil-folhas familiar” e a do “engarramento” da memória.

No *Libération*, o romance foi resenhado por Mathieu Lindon (2012), jornalista e escritor conhecido por privilegiar temas homossexuais. Poucos meses antes, Lindon havia recebido um prix Médicis pelo romance autobiográfico *Ce qu'aimer veut dire*

(publicado também no Brasil). Lindon tenta extrair algo do título francês: o “*ici*” evocaria perguntas. Onde o aqui? O hospital, a vida se desatando, a genealogia infernal? A crítica de Lindon tem algumas peculiaridades que não aparecem em outros textos, em especial sua consideração de que “Ninguém tem as reações certas nessa história”. Sua leitura não se interessa pela tão frequentemente evocada “alegoria do Brasil”, nem por Matilde, nem diretamente pela não confiabilidade do narrador. Lindon parece conquistado por outros aspectos, mais relativos ao trabalho com a linguagem e a expressão.

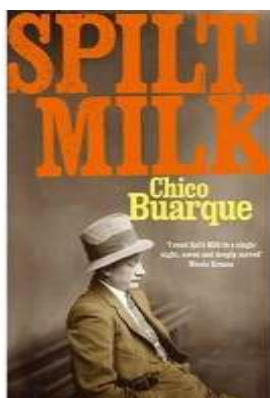
Véronique Rossignol (2015), que resenhara *Le soleil se couche à São Paulo* no *Livres Hebdo*, dá vez também para o lançamento dessa obra do, sua palavra, “imenso” Chico Buarque. A saga de mais de dois séculos da família Assumpção (e do Brasil) é dita balzaquiana – com toques cariocas. Fala em “cronologia aleatória da senilidade”, monólogo desbragado, com *loops* e obsessões mórbidas, para quem quer que esteja ao lado do leito, ou ninguém. Rossignol confia na história da esposa vítima de morte trágica, perdendo de vista a brincadeira com as possibilidades abertas, os desmentidos. Por outro lado, tem o trunfo de ligar “a travessia virtuosa e concentrada do século, e uma fina e documentada ficção das origens” à cultura de “filho de historiador” do autor.

Há apenas mais uma crítica digna de nota na França, a da Zone Critique, que já foi finalista no prêmio Rive Gauche na categoria revistas literárias. Yann Solle (2013), advogado que não exerce a crítica literária de forma profissional, elogia a tradução de Leibrich, que faria jus à pena melodiosa e colorida do autor. Destaca a importância das figuras femininas e o longo alcance do romance, horizontal e verticalmente, em apenas duzentas páginas: “Isso se dá numa espécie de entre-lugar permanente, entre a sobriedade e a ostentação, entre a lucidez e a loucura, entre a esperança e a resignação, entre a vida e a morte”.

Ficam por aí, nos meios tradicionais, as críticas francesas desta que talvez seja a grande obra-prima de Chico Buarque no romance. Seu recheio profundamente brasileiro, a familiaridade do escritor com o país de chegada, onde até mesmo reside parcialmente, sua reputação, ainda que amarelecida, como cantor, não se converteram em atenções especiais quando da aparição de *Quand je sortirai d'ici*. Trata-se também de um primeiro caso de recepção crítica mais ampla nos países anglófonos que na França, para um mesmo romance.

Momento de retribuição, em 2017 Buarque é condecorado pelo prêmio Roger Caillois. Assim como aconteceria em seguida com Milton Hatoum, que recebe esse prêmio em 2018, quando já havia publicado, após *Cendres...*, o *Orphelins de l'Eldorado* e *La ville au milieu des eaux*, também a condecoração de Chico Buarque está mais próxima ao lançamento de *Le frère allemand* que de *Quand je sortirai d'ici*. Considerações a respeito disso devem ser feitas à luz de que é um prêmio conferido pelo conjunto da obra.

6.10. LEITE DERRAMADO NA INGLATERRA



Ano de lançamento no Brasil - 2009

Ano de lançamento na Inglaterra - 2013

Editora – Atlantic Books

Tradutor - Alison Entrekin

Sinopse - *O centenário Eulálio Assumpção chegou ao fim de sua longa vida. De sua modesta cama em um hospital público do Rio, enquanto sua mente vacila, ele conta grandiosamente seu passado para as enfermeiras que passam, sua filha visitante e o teto caído. Suas histórias excêntricas aparentemente nada mais são do que as divagações de um moribundo, mas conforme ele se sobrepõe a cada memória confusa, elas começam a se fundir em um tributo brilhante e amargo para ele e para o Brasil. Traçando sua própria queda da aristocracia, o monólogo febril de Eulálio se estende ao longo do último século, desde seus ancestrais construtores de impérios até seu tataraneto traficante de drogas. Ele confronta seu pai senador, que esbanjou a fortuna da família com mulheres e cocaína, e relembra a mãe imperiosa que ele sempre decepcionou; mas à medida que ele passa por cada episódio de mudança, ele nunca para de procurar por Matilde, a garota com pele cor de canela, que dançou seu caminho até seu coração e depois o quebrou quando desapareceu (ATLANTIC BOOKS, 2023).*

Assim como *O filho eterno*, *Leite derramado* foi publicado nos três países, mas com desempenho significativamente melhor, alavancado pelas edições inglesa e estadunidense. Outras coincidências, partilham o mesmo ano de lançamento de suas edições anglófonas, 2013, e a mesma tradutora, Alison Entrekin. Buarque havia publicado seus romances na Inglaterra até então pela Bloomsbury e, semelhante ao caso de *Ashes of the Amazon*, a partir de *Leite derramado* ocorre um aparente desinteresse da grande editora, pois esse romance publicou-se pela independente Atlantic Books. A despeito de sua baixa estatura frente aos grandes conglomerados, a Atlantic, como a Métailié e outras, medem-se por outras réguas: respeitabilidade do trabalho, qualidade das obras publicadas, prêmios recebidos etc. apesar das

limitações financeiras. Contudo, também a Atlantic Books não voltará a publicar Chico Buarque. Seu romance seguinte, traduzido como *My german brother*, saiu na Inglaterra pela editora Picador.

Como Hatoum, aqui também Chico Buarque estava nas mãos da grande agência literária internacional RCW e, novamente, se nota uma conversão em bom desempenho, tendo sido superior a repercussão das edições em língua inglesa comparativamente à francesa.

Na tradução, como adiantado, está Alison Entrekin, nome em evidência hoje no trabalho do português brasileiro para o inglês. Assim como sua tradução de *O filho eterno*, *Spilt milk* foi listado para o prêmio literário de Dublin, porém *long listed*, enquanto *The eternal son* avançou um passo a mais.

Chico Buarque, à época da febre da bossa nova, foi um nome que circulou menos nos dois países anglófonos, mesmo porque, embora tenha esse gênero musical entre suas influências, não pode ser chamado um bossanovista. Na Inglaterra, “A banda” chegou a fazer parte da Band of Irish Guards, uma das corporações que se apresentam durante a troca da guarda no Palácio de Buckingham (XEXÉU, 1988), mas não encontrei outras referências.

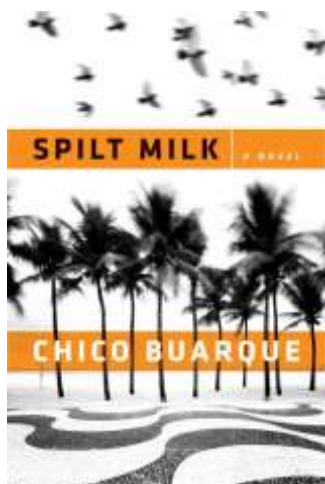
Na Inglaterra, creio que a crítica mais prestigiosa foi a escrita por Ian Thomson (2012) para o *Telegraph*, embora aqui tenhamos um erro de leitura quanto à idade de Eulálio, 150 anos, dando ares de fantasia ao livro que teria um “improvável narrador”. Thomson é um escritor inglês que se fez notável após sua aclamada biografia de Primo Levi, de 2002. Parte de sua produção bibliográfica tem como base vivências no Haiti e Jamaica, com destaque para *The Dead Yard: Tales of Modern Jamaica*, de 2009, sua segunda obra mais repercutida. Há nas críticas frequentes referências à “pele cor de canela” de Matilde que, embora não mencionada, faz recordar *Gabriela, clove and cinnamon*, provavelmente a primeira lembrança da literatura brasileira para algumas gerações de leitores estrangeiros (mas não Capitu). Thomson também evoca Beckett e García Márquez, dupla que, além de cair bem com os imaginados 150 anos do narrador, está de acordo com o foco da leitura que faz do romance, o alegórico. Thomson é informado sobre a questão da “importação europeia” do Brasil nos costumes (como os da família Assumpção) e na literatura, citando até mesmo o “*now-famous book*” *Manifesto antropofágico*.

O crítico a trazer *Spilt milk* para as páginas do *The Guardian* é, na verdade, especializado em teatro. Alfred Kickling (2013) se refere a Buarque de forma bastante elogiosa: “Compositor, romancista e dissidente político, Chico Buarque é Leonard Cohen, García Márquez e Che Guevara do Brasil reunidos em um só”. Mas é um texto de apenas um parágrafo, e ainda creio que não escolhe sempre o que é mais fulcral para destacar.

Quanto às revistas literárias, *Spilt milk* foi resenhado de forma entusiasmada na *Litro Magazine* por Bella Whittington (2012), editora assistente na Transworld Publishers, uma divisão da Penguin Random House. Whittington é um caso interessante, pela honestidade: o romance “não soa como se fosse particularmente complicado, intrigante ou comovente, mas é”. Ela admite ter entendido “do que se tratava” só próxima ao final, se dando conta de que precisava voltar ao início e reler tudo. Se diz “seduzida” por Eulálio (e pelo Brasil) “contra todas as probabilidades”, já que se trataria de um narrador esnobe e racista. Alguns trechos causam estranhamento, como quando fala de uma suposta bravura de Eulálio e que o romance seria “uma celebração da vida e sobrevivência”.

Ficam por aqui as críticas inglesas, em certa medida equivalentes às francesas. A verdadeira surpresa esteve, na verdade, em sua publicação no menos acessível Estados Unidos e em ter tido nesse país, junto a *Nove noites* e *O sol se põe em São Paulo* na França, as melhores repercussões críticas entre as obras estudadas.

6.11. LEITE DERRAMADO NOS ESTADOS UNIDOS



Ano de lançamento no Brasil - 2009

Ano de lançamento nos Estados Unidos - 2013

Editora – Grove Press

Tradutor - Alison Entrekin

Sinopse - *De uma das figuras mais amadas do Brasil e autor premiado do aclamado romance Budapeste, Leite Derramado é uma história cativante de amor perdido, fortunas desperdiçadas e uma família em declínio, perfeitamente entrelaçada com várias gerações da história brasileira* (GROVE ATLANTIC, 2023).

Embora *Spilt milk* tenha sido publicado primeiro na Inglaterra, por uma diferença de poucos meses, foi nos Estados Unidos onde o romance recebeu mais atenção midiática em suplementos literários de jornais e revistas tanto centrais quanto periféricos. Sua editora, que já havia publicado *Budapest*, é uma independente respeitada, com já décadas de história na cena editorial do país, a Grove Press.

No *New York Times*, Larry Rohter (2012) assina a resenha. Rohter teve uma longa carreira como correspondente do jornal no Brasil e publicou alguns livros sobre sua perspectiva do país enquanto jornalista estrangeiro. Sua apreciação do livro é bastante elogiosa, demonstra uma leitura atenta do romance e dialoga com outros textos críticos a respeito. Sua atenção pende para o que o livro incorpora das “raízes do Brasil”, mas sem deixar nada importante de fora. Rohter chama a atenção para que Buarque atraiu admirações de nomes “da moda” da nova literatura estadunidense, como Jonathan Franzen e Nicole Krauss graças à publicação anterior da Grove, *Budapest*.

No *Washington Independent Review of Books*, *Spilt Milk* é resenhado por Ellen Prentiss Campbell (2013), escritora premiada e crítica literária em veículos relevantes. Já de início, tece um paralelo entre Eulálio e *Rei Lear* e demonstra bom conhecimento da personalidade Chico Buarque: “Leite Derramado sintetiza os muitos dons complementares de Buarque: a linguagem do poeta, o ritmo do dramaturgo e o ouvido do músico para o ritmo pulsante da fala”, uma das leituras mais peculiares do

romance. Inicia sua análise afirmando: “*Memórias de visão e som inundam o fluxo de consciência do narrador, servindo tanto como descrição quanto como símbolo*”. A partir daí, passa a dar exemplos de cenas em que crê que a cor e a música são elementos importantes da narrativa.

Spilt milk também foi resenhado no *The Wall Street Journal* pelo crítico profissional Sam Sacks (2012). O texto traz a crítica de três lançamentos e apenas Chico Buarque não é anglófono. Sacks faz uma elaboração interessante a respeito do discurso de Eulálio, que contraporía uma demência crescente com uma lembrança “ferozmente lúcida”. Também adjetiva a crítica de Buarque aos “costumes” sociais e raciais brasileiros de “maliciosa”, e dá o exemplo da transição de cor e de *status* da família aristocrática, a partir do casamento com Matilde até o bisneto negro, acompanhado da falência econômica. Acrescento que, afinal, através desse bisneto, traficante de drogas, a família volta a ascender economicamente.

Novamente Ángel Gurría-Quintana (2012), no mesmo *Financial Times*, escreve também sobre *Spilt milk*, na que talvez seja a melhor crítica entre essas. Eleva Buarque à categoria dos mais notáveis escritores contemporâneos e enfatiza a importância do narrador não confiável e do uso de Buarque da ocultação, gerando tensão na narrativa. (Falta lembrar Machado de Assis, afinal, o grande mestre dessa técnica.) Outro mérito seria a maneira aparentemente despreocupada, muitas vezes gentilmente bem-humorada, com que questões como racismo, preconceitos de classe, de gênero, vão sendo costuradas no tecido do texto. A tradução de Alison Entrekin é enaltecida.

No *Los Angeles Times*, *Spilt milk* chega através de David L. Ulin (2012), crítico reconhecido, escritor e editor. Ulin elogia a dupla leitura que o livro permite, ação e metáfora, “*um ponto de virada tanto para o narrador quanto para a cultura em que ele reside*”. Parte dessa dinâmica, o que mais o impressiona “não é que de alguma forma consiga interiorizar mais de 100 anos de história brasileira, mas, sim, a forma como também existe quase fora dessa história, fora do tempo”. Matilde nas críticas é frequentemente citada através “pode ou não”. Pode ou não ter traído, fugido, falecido, se suicidado, se internado etc. Mas, na crítica de Ulin, a em geral acordada não confiabilidade do narrador é questionada. Para ele a questão não é de “má fé”, mas

sim que a memória de Eulálio seria tão (não) confiável quanto a de qualquer centenário.⁶⁴

Na revista *The American Reader*, *Spilt milk* é resenhado por uma jornalista investigativa especializada em relacionamentos. O texto de Emily Witt (s.d.) está entre os mais bem informados sobre a carreira musical de Chico Buarque, elogiando os recursos líricos e o trabalho com as palavras de suas letras, além do papel da música popular durante a ditadura militar brasileira. Witt é escritora e colaboradora no *New York Times* e *Observer*. Também em 2013, Witt teve um texto publicado na revista brasileira *Piauí*, na qual está listada como colaboradora. Voltando à crítica no *American Reader*, ela é grandemente dedicada ao Chico Buarque músico, qualidade das letras e da atitude política e, quando faz a transição para o Buarque romancista, seu maior investimento nas últimas décadas, Witt soma uma carreira e outra, e tendo aparentemente o que chama de “alegoria nacional” como um valor, Witt insinua o merecimento de um prêmio Nobel.

Na revista *Zyzyva*, que completou 35 anos em 2020, sua comentadora foi Lucy Schiller (2012), uma escritora especializada em “não-ficção”. Embora essas referências sejam quase invariáveis, Schiller é uma das que se esmeram no detalhamento da importância de Chico Buarque na cultura brasileira e na resistência à ditadura. Parece também especialmente interessada no arco da história brasileira visto através da história da família Assumpção, ainda que daquela forma peculiar e acidentada.

Spilt milk é resenhado também, já em 2014, na revista eletrônica *Pop Matters* a qual, como o nome esclarece, abrange a cultura de massa, embora mantendo ainda um certo gosto erudito. A comentadora é Jennifer Makowsky (2014), resenhista e escritora sem expressividade. Makowsky resume *Spilt milk* da seguinte maneira: “[o romance] enfatiza o significado de uma vida plenamente vivida, apesar de sua brevidade”, o que me causa estranhamento. Segundo ela, nos Estados Unidos, Chico Buarque seria mais conhecido enquanto escritor, o que pode ser uma questão geracional, pois há já cerca de duas décadas o cantor tem investido mais na carreira de escritor.

⁶⁴ Conhecêsse Bentinho e Capitu o crítico reveria esse trecho?

Embora não seja uma revista dedicada propriamente à cultura, a *CounterPunch* é uma reconhecida revista política, com viés de esquerda, e que já teve personalidades como Edward Said entre seus colaboradores. Charles R. Larson (2013), professor emérito de literatura na American University, foi o autor do texto, que é uma análise sobre três obras latino-americanas. Fica claro que não se trata de uma fonte de leitura comum para esse professor, e a ideia é partilhar essas suas “descobertas” que diz quebrarem expectativas de encontrar realismo mágico ou “enredos tradicionais”. Ao lado das outras de Martín Adán e Alejandro Zambra, todas elogiadas, pode-se defender uma predileção por *Spilt milk*, “capaz de nos envolver e ler sem fôlego até o final”. Apesar disso, também teve dificuldade com as armadilhas do autor implícito, dando como certo que Matilde teria abandonado Eulálio por outro homem.

Como adiantado, *Spilt milk* foi largamente comentado na imprensa jornalística dos Estados Unidos e assim chega também mesmo em jornais mais regionalizados como o *Cleveland*. Seu autor é um jornalista do periódico que não se dedicava à crítica literária até suas últimas três contribuições (sendo a última sobre *Spilt milk*), e sim às matérias jornalísticas em sentido mais estrito. Felipe Nieves (2012) faz uma boa leitura do romance, destacando o narrador não confiável, e tenta argumentar uma similitude entre a saga dos Assumpção e a dos Buendía, de *Cem anos de solidão*. Entre suas críticas de língua inglesa, três lembraram García Márquez. Associação pouco comum na crítica brasileira, me fez lembrar Michael Wood (2009, p. 188) opinando que o leitor internacional, apesar do distanciamento, pode talvez oferecer perspectivas que falem ao nacional – graças ao distanciamento.

Outra aparição em um jornal pequeno é a no *Santa Fe New Mexican*. O autor é um jornalista local especializado em racismo, Casey Sanchez (2013). Para Sanchez, Chico Buarque é um desconhecido fora da América Latina. Nota-se o quanto as observações variam nesse sentido, a depender de quem fala, de onde, de que geração, dos meios culturais frequentados, país, e conforme o que significa “ser conhecido” para um artista brasileiro com as características de Buarque, tudo sujeito às subjetividades. Alguns pontos do livro claramente incomodam esse leitor: com aquela família queria um Eulálio rebelado, não um “frouxo”. O que o “redime”, e por extensão a história, seria, conclui, Matilde. O mais rico me parece é a associação da obra de Faulkner, um escritor de temas e preocupações bastante demarcadas, com a

história “de uma classe alta sul-americana que não conseguiu se conformar com seu país radicalmente mudado”.

Spilt milk também é rapidamente comentado no *The Daily Beast*, jornal americano de notícias e opinião com bom espaço para a cultura. Aparece numa seleção semanal de indicações literárias de Jimmy So (2012), editor da seção cultural do jornal. Evidência das leituras apressadas, So se engana (segunda ocorrência) e entende que Eulálio teria 150 anos, e dessa forma considera que se trata de literatura fantástica e, novamente, a referência a Beckett e ao absurdo aparece. A leitura demonstra superficialidade, parecendo não ter apreendido bem o sentido do romance e as suas forças, ainda assim, é elogiosa.

Na *Publishers Weekly* (2012), que tem a função de informar editores, livrarias, agentes, dos últimos lançamentos por meio de pequenas resenhas, *Spilt milk* recebeu, creio, seu pior comentário. O texto conclui: “Há muito o que gostar, embora mais um senso de grandeza arrebatadora da história, ou um contador de histórias mais enérgico, o tornasse mais eficaz”. Não assinada, a resenha é bastante enxugada e resume a história a um homem centenário, de família proeminente, que, hospitalizado e com memória às vezes não confiável, rememora o passado. Tudo isso é verdade, mas mal deixa imaginar outros atrativos, como, por exemplo, uma narração que mimetiza as voltas em parafuso, a confusão, os caprichos desse narrador imaginado.

Na *Shelf Awareness* a resenha é acompanhada do nome do autor. *Spilt milk* aparece dentro das “Nick pic’s” de Nick DiMartino (2012), da University Book Store, o qual é também escritor. Suas Nick pic’s, mensais, têm notoriedade. Num texto objetivo, tenta em frases curtas cobrir diferentes aspectos e personagens do livro, a fim de demonstrar todo seu colorido e variedade. Entre esses trechos, DiMartino faz um bom arremate do proeminente narrador desse romance: “Contra todas as probabilidades, esse velho resmungão, desajeitado e medíocre se torna querido para nós, e o resumo confuso e conturbado de sua vida torna-se surpreendentemente simpático”. Surpresa que paira também em outros textos: como acabamos simpatizando com esse protagonista de posições e opiniões tão condenáveis?

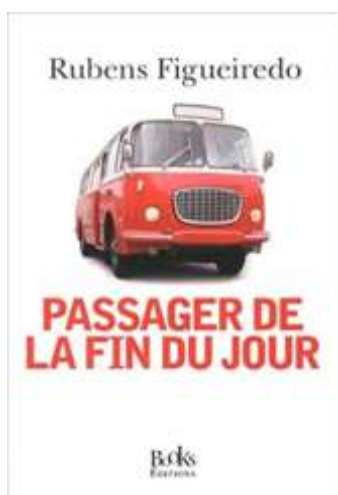
Com algo de semelhante a essas duas últimas ocorrências, embora menos conhecido que ambas, temos ainda uma resenha no *Complete Review*. O criador do site, Michael Orthofer (2013), quis se dedicar ao trabalho de reunir em um local todas

as críticas publicadas sobre determinado livro nos Estados Unidos e, no caso de *Spilt milk*, o fez com excelência. Orthofer é também membro do National Book Critics Circle e jurado em alguns prêmios de tradução. Isso não traria qualquer vantagem para esse romance, pois, reconhecimentos devidos, o crítico parece ter tido problemas em achar coerência na história em meio às guinadas bruscas entre passado e presente.

Em consideração aos seus hoje mais de dez anos de existência e trabalho dedicado, cito ainda um blog, *Tzer Island* (2012), de um autor intencionalmente anônimo. Resenha positiva da qual destaco o elogio à economia, de Buarque, no uso das palavras.

Mesmo Machado de Assis sendo um escritor brasileiro fartamente traduzido em francês e inglês, e tendo lá seu reconhecimento dentro de um público seletivo, é possível nesta altura perceber o quanto ele escapou às leituras internacionais de *Leite derramado*. O que, para a crítica nacional, foi uma óbvia filiação de Chico Buarque com o grande nome da literatura brasileira, não me parece uma perda sem significância.

6.12. PASSAGEIRO DO FIM DO DIA NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2010

Ano de lançamento na França - 2013

Editora - Books

Tradutor - Dominique Nédellec

Sinopse - Pedro administra uma pequena livraria de bairro no centro de uma metrópole brasileira. Como todo fim de semana durante seis meses, para encontrar Rosane, sua noiva, ele vai de ônibus até o distrito de Tirol, um subúrbio degradado a 40 quilômetros de distância. Durante uma viagem, enquanto rumores de motim agitam as tensões e fazem com que o ônibus se desvie de sua rota inicial, Pedro, cujo pensamento divaga, nos traça um retrato sensível de um Brasil pouco conhecido. Na mochila, um livro barato sobre a passagem de Darwin por seu país, que ele lê intermitentemente: a brutalidade do mundo animal e a do mundo humano respondem uma à outra. Nascido em 1956 no Rio, Rubens Figueiredo foi duas vezes vencedor do Prêmio Jabuti, o equivalente brasileiro do Goncourt, e em 2011 ganhou o Prêmio Cidade de São Paulo e o Prêmio Portugal Telecom (BOOKS ÉDITIONS, 2023).

O próximo romance traduzido na França, entre os vencedores brasileiros do Portugal Telecom/Oceanos, foi *Passageiro do fim do dia*, em 2013. Esse romance de

Rubens Figueiredo foi publicado pela Books Éditions sob o título *Passager de la fin du jour*. A Books havia chegado há pouco no mercado e, junto à Tagus, são as menores editoras nesta pesquisa. Mais precisamente, ela foi um braço da revista impressa *Books*, do ensaísta Olivier Postel-Vinay. Apesar de suas, então, mais de três décadas de experiência jornalística em diversos meios franceses, sua empresa não conseguiu se firmar e encerrou as atividades em 2020, após doze anos de existência. A editora e a revista tinham orientação política à esquerda, e talvez venha daí o interesse pela ambientação e trato com o tema desse romance, sua única publicação de um escritor americano.

A tradutora também é um nome novo, Dominique Nédellec, que por essa época intensifica carreira no fluxo português-francês. Nédellec, mesmo não sendo uma figura reconhecida do campo literário e/ou intelectual francês, é uma personagem interessante, dessas que exercem no correr da vida diferentes funções dentro do variado universo material da literatura: trabalhou em agências literárias, editoras, livrarias e foi *bouquiniste* no Sena. Também se aventurou longe de casa, sendo responsável pelo Bureau du livre na embaixada francesa da Coreia do Sul e, tendo vivido em Lisboa de 2002 a 2006, tornou-se tradutora da língua portuguesa (entre as duas experiências, atuou também no *Centre régional des lettres de Basse-Normandie* em Caen).

A capa da editora Books é uma escolha inusitada. Traz um ônibus, como a edição brasileira, mas diferente dela, cujo veículo é em nada diferente de um circular urbano comum, o da editora francesa é estilo *vintage*. Foi meramente uma capa com um ônibus vermelho bonito qual uma Kombi bem preservada e que vai bem com o título ou se tentou causar a impressão de que aquele passageiro trafega em espaço economicamente carente? Essa última hipótese, embora verdadeira em relação ao romance, causa algum estranhamento, já que o enredo é contemporâneo e a frota brasileira de ônibus urbanos deixou de se parecer com o ônibus da Books há algumas décadas.

Foi a própria tradutora Nédellec quem o jornal *20 minutes* entrevistou a respeito do livro. É um jornal popular na França, dedicado a passageiros de transporte público, o que é bem a propósito, e conta com seção dedicada à literatura. Nessa entrevista, Nédellec (2013) defende a leitura do livro, argumentando sobre a proximidade dos dois países. Não é somente o distante Brasil que carrega (como no romance) “As

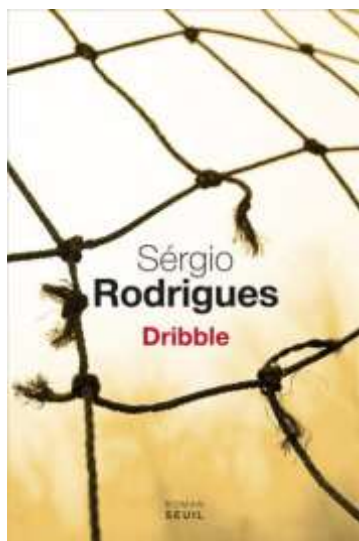
desigualdades mais gritantes, as injustiças mais flagrantes”, mas também a “nossa paisagem (urbana, mental, global)”.

Na França, as rádios noticiosas ainda têm espaço considerável, com destaque para o grupo *Radio France*, de alcance internacional, do qual faz parte o *France Culture*, já citados. *Passager de la fin du jour* é comentado na menos tradicional, mas ainda bastante conhecida rádio *Europe1*. Ela sofre, no entanto, mais claramente os efeitos da evolução tecnológica e das mudanças de hábito que fizeram diminuir a importância desse recurso comunicativo. Nicolas Carreau (2013) foi o divulgador do romance, é um jornalista e crítico literário com dois programas nessa rádio: “La voix est libre” e “Dans la bibliothèque de...”. Carreau assinala que o romance mostra o Brasil do choque social, não o dos cartões postais. Elogia o paralelo elaborado por Figueiredo entre seu narrador e Darwin neste contexto: um observador e uma natureza estranha, o mal-entendido entre o naturalista e o escravo, o pesquisador que adentra o território desconhecido, toma o que lhe interessa e retorna para seu meio. Quando sua interlocutora lhe pergunta sobre o autor, Carreau lamenta: “como sempre, muito conhecido no Brasil e muito pouco aqui”.

Na pesquisa, foi claramente perceptível que houve um empenho da jovem editora em enviar *Passager de la fin du jour* para leitores de pequenos *blogs* dedicados à literatura, que chegam a agradecê-la textualmente. Em um deles, *Au café littéraire de Céline* (2013), a pouca bagagem da leitora fica patente na sua afirmação de que não se lembrava de ter lido, antes, um romance sem capítulos. No *Magazine Culture* (2013), a leitora, que se identifica como Antigone, se diz “profundamente tocada pela visão do Brasil dada pelo autor”.

O romance também concorreu (e foi contemplado) ao auxílio da FBN para tradução de livros brasileiros no exterior. Ainda, caiu no radar do francês François Weigel que, na sua pós-graduação entre a UFRJ e a Université Blaise Pascal, se dedicou ao estudo da representação urbana do Brasil na literatura. Veio a publicar um artigo sobre o romance e tratou dele em uma apresentação no contexto do Salão do Livro de Paris de 2015, que tinha o Brasil como convidado de honra. Vindo de um escritor do Brasil, totalmente desconhecido na França, de uma editora com tão poucos recursos, de uma tradutora iniciante, vê-se que o livro teve seus trunfos.

6.13. O DRIBLE NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2013

Ano de lançamento na França - 2015

Editora - Seuil

Tradutor - Antoine Volodine e Ana Isabel Sardinha Desvignes

Sinopse - *Depois de vinte e seis anos de afastamento, Murilo, um jornalista esportivo que teve seu auge no Rio dos anos 1960, convida o filho Neto para ir pescar em encontros pontuados pela exibição de grandes momentos do futebol. Devotando um verdadeiro ódio a esse pai tirânico, Neto aguarda um pedido de perdão e uma explicação para o desaparecimento de sua mãe, Elvira. Mas Murilo contenta-se em entregar-lhe um manuscrito onde se fala de um visionário e brilhante jogador de futebol, desde o seu glorioso início até ao seu trágico fim.*

Quando pai e filho se encontram, a história de um relacionamento doloroso e incrivelmente perverso se desenrola. Inspirando-se na arte do drible sobre a qual há muito meditava, Murilo acaba armando uma armadilha maquiavélica para o filho - o futebol ditando sua última vingança (SEUIL, 2023).

A recepção de *O drible* na França começou antes da sua publicação no idioma. Lançado pela Seuil em 2015, o “burburinho”, para usar suas palavras, em torno do romance teria sido a razão de um convite do jornal *Le Monde* para que publicasse, durante a Copa do Mundo de 2014, um folhetim que fosse ambientado no “universo do futebol”, o qual recebeu o título *Jules Rimet, meu amor* (RODRIGUES, 2014). No ano seguinte, Rodrigues foi novamente convidado a escrever para o *Le Monde*, agora para uma crônica inspirada no amistoso que iria ocorrer entre Brasil e França em março de 2015 (RODRIGUES, 2015), mês do Salão do Livro que homenageou o Brasil naquele ano, e um mês após o lançamento de *Dribble*. Com tantas atenções recebidas, é claro que Rodrigues fez parte do grupo de escritores que teve sua participação presencial no Salão patrocinada pelo Ministério da Cultura (CONEXÕES ITAÚ CULTURAL, 2014). O título do folhetim faz referência à célebre taça, duas vezes roubada, e a editora (Seuil) de *Dribble* o inscreveu para um prêmio também em homenagem a Jules Rimet, que contempla obras publicadas na França que mesclam literatura e esporte.

Uma grande editora francesa, lançado no país no ano em que o Salão do Livro homenageava o Brasil, publicidade no *Le Monde*, antes mesmo de partir para as críticas literárias que se seguiram já é possível perceber que *Dribble* chega na França pela porta da frente. Mas não só por isso. Pode gerar surpresa, mas são raros na

literatura brasileira romances dignos de nota que tratam de futebol de forma significativa na tecitura literária, e dispensável dizer que esse esporte faz parte dos temas chamarizes para produtos vindos do Brasil. Há ainda outro trunfo, um Prix Médicis entre os tradutores do romance, Antoine Volodine. Não o Brasil, mas Portugal, e mesmo Macau, fazem parte do percurso literário desse escritor. Tradutor mais atuante do russo para o francês, suas traduções do português foram feitas em parceria com Ana Isabel Sardinha Desvignes, professora na Paris 3 Sorbonne Nouvelle, na qual está enquadrada em departamento, pós-graduação e centro de pesquisa que estudam os países lusófonos e a América Latina.

Dribble é publicado dentro da coleção *Cadre vert*, espécie de *Du monde entier* da concorrente Gallimard. A arte da capa traz a imagem de uma rede de gol na qual, no centro, uma linha está rompida. Uma tradução imagética interessante do enredo do romance, e que também auxilia na divulgação do conteúdo interno raro não só na literatura brasileira. Todas as edições do romance, aliás, trazem de alguma forma o futebol na capa. Todavia, na sinopse elaborada pela Seuil, o drama familiar é o centro e o esporte é mera costura e quase não dá abertura para que se infira que o futebol clássico brasileiro, história, comentários e fantasias, ocupe um número relevante de páginas. Dessa forma, é digno de nota que a editora tenha, em certa medida, aberto mão dessa exploração, diferente das brasileira e espanhola.

Como disse, *Dribble* chega na França pela porta da frente e assim foi resenhado por alguns de seus principais periódicos que contam com seções dedicadas à literatura.

Na *Livres Hebdo*, há referência a duas ocorrências ligadas ao livro na revista, mas ainda disponível está apenas a resenha de Sean James Rose (2015), jornalista em grandes veículos. Não a capa do romance nem uma foto esportiva, mas uma foto do autor acompanha o título, o qual, ele sim, traz à cena o futebol: “*Métaphysique du ballon rond*”. Rose defende que a conversa sobre futebol esconde questões existenciais. Explora a metáfora que dá título ao livro: o pai dribla o filho e não lhe concede as respostas que mais deseja. Uma “narrativa virtuosa”, celebra o crítico.

Também no *La Croix*, apesar do título “*Football et cruauté dans la baie de Rio*” e a imagem que acompanha o texto (uma foto de David Luiz jogando pela seleção brasileira), o jornalista Gilles Biassette (2015) afirma que o futebol no romance é pano

de fundo, a história é sobre “o homem”, “jogador ou não”. A atuação de Biassette no jornal é especializada em assuntos americanos variados, especialmente a política e o que cerca os Estados Unidos.

No *L'Express* a crítica foi Marianne Payot (2015), vice-editora-chefe da seção *Livres*. Payot dá destaque para o detalhe de que o narrador faz parte daquele grupo, menos minoritário do que se pensa, de brasileiros que não gostam de futebol – no entanto o seu pai o respira. Fora isso, a crítica é muito breve e mal deixa perceber o conflito pai-filho.

A crítica saída pelo *Le Figaro* e escrita pelo já citado Sébastien Lapaque (2015), escritor francês condecorado pelo Goncourt, está dentro de uma seleção, preparada por ele, de seis obras brasileiras a se notar naquele Salão do Livro que homenageava o Brasil. *Dribble* é a primeira a aparecer, seguida por *Reproduction* (B. Carvalho), *L'enfant caché* (G. de Oliveira Neto), *Hanoi* (A. Lisboa), *À Lisbonne j'ai pensé à toi* (L. Ruffato) e *Depuis que la samba est samba* (P. Lins). Destaca o conflito familiar, mas com os adendos: esse pai é um grande comentarista de futebol; os encontros entre eles são pontuados “assistindo aos grandes momentos do futebol”. Lapaque é o único a comentar sobre que, por trás das revisões do passado, Murilo (o pai) pensa elaborar um livro “total”, paralelo entre futebol e prosa de ficção, o que acrescenta uma nova camada ao romance. Lapaque ainda vai além da indicação de que o livro costura futebol e história do Brasil, mostra o aspecto cultural do “balipédio” (referência sua à crônica “Canto de amor e de angústia à Seleção de Ouro do Brasil”, de Vinicius de Moraes), mas também o contracultural. Conclui que essa primeira obra de Rodrigues publicada na França faz “uma entrada espetacular em cena”.

No *site* oficial de Sérgio Rodrigues (2015), temos acesso à crítica do *Le Monde*, afinal o solicitante de seu romance é *Jules Rimet, meu amor*, mas que não está hoje disponibilizada virtualmente pelo jornal. O autor foi Frédéric Potet, que era jornalista nesse periódico de forma mais compromissada desde 2013. O futebol, além da literatura, é um de seus interesses. Rodrigues destaca daí um trecho bastante elogioso, naturalmente, mas que, de qualquer forma, deixa claro o prazer da leitura. Mesmo Potet sendo um aficionado pelo esporte, também ecoa: é pano de fundo, o centro é “toda a dor de uma relação pai-filho envenenada por não-ditos e segredos vergonhosos [que] reveste esse *thriller* psicológico de uma formidável maestria”.

A organização Espaces Latins, com seus quase quarenta anos, tenta aproximar os franceses da América Latina, e conta para isso com a revista *Nouveaux Espaces Latins*. Em 2015, não deixou passar a ocasião da homenagem ao Brasil no Salão do Livro, à qual dedicou um de seus números: “*Avalanche brésilienne*” (LA NOUVELLE QUINZAINE, 2015). A resenha de *Dribble* aparece na seção “Atualidades” e coube à Claude Grimal (2015), professora-pesquisadora da Universidade Paris Nanterre na área das literaturas americanas. Grimal recomenda a leitura para os que gostam de futebol, cultura *pop*, intrigas familiares, mas o livro ficaria devendo em termos de estilo e tradução: diz ser a língua “aproximativa” e haver “efeitos de escritura bastante vulgares”. A dupla de tradutores, de fato, não tem experiência substancial na tradução português-francês, mas são críticas que não se repetem. Passando ao romance, complementa “a história, os momentos futebolísticos, as alusões à cultura e à história brasileiras dos anos 60 aos 80, tornam a leitura agradável”. No saldo final, não foi uma crítica entusiasmada.

Dribble, na verdade, aparece duas vezes nessa revista, a outra em espaço menos nobre, na seção “News Hebdo”, que ocupa apenas o website, não as edições impressas. O autor dessa resenha é o professor de espanhol e cronista Christian Roinat (2015), autor de um guia francês para se conhecer romances e novelas hispano-americanas. Em sua opinião, nessa mistura entre futebol e literatura, o problema é menos a raridade que a má qualidade das narrativas. Roinat destaca os paralelos do romance com o período ditatorial. Pelo uso das camadas do romance que até aqui já foram satisfatoriamente levantadas, para o crítico “sob a aparência de um romance de massa para amantes de futebol, oferece uma composição literária soberba que é aliada a uma análise psicológica muito fina”.

Cerca de um ano após o lançamento, novamente no *Le Monde* (BOUCHEZ, GATINOIS, 2016), uma fala de Sérgio Rodrigues é recuperada em um artigo que precede a final dos Jogos Olímpicos de futebol de 2016 entre Brasil e Alemanha, que se reencontravam após o fatídico 7x1. Trata-se de um *tweet* do autor sobre a necessidade de romper com a paralisia. Ao lado de seu nome, acompanha “*auteur de Dribble*”.

Como adiantado, *Dribble* é lançado na França em um contexto favorável. O resultado, pelo menos, em número de críticas deve ter atendido às expectativas geradas. Até aqui, foi o mais comentado após os romances de Bernardo Carvalho.

6.14. MARACANAZO NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2015

Ano de lançamento na França- 2015

Editora - Folies d'Encre

Tradutor - Philippe Poncet

Sinopse - *Em 1950, ocorreu o “Maracanaço” (trauma do Maracanã), que ainda assombra a nação brasileira: a derrota da seleção brasileira, a Seleção, contra o Uruguai na final da Copa do Mundo. Arthur Dapieve imagina outro “Maracanazo”, o da seleção espanhola contra o Chile, pela primeira rodada da Copa do Mundo de 2014. No lendário estádio do Maracanã, idêntico confronto ocorre entre um torcedor espanhol inscrito no legado do franquismo e uma jovem chilena cujos pais são sobreviventes da ditadura militar... Regras, excessos e violência do futebol aplicadas ao amor bélico entre torcedores, o campo de futebol como metáfora do campo social, concentrado de histórias e machismo (FOLIES D'ENCRE, 2023).*

A Copa do Mundo de 2014 trouxe de volta fantasias sobre o País do Futebol. Seria realizada no próprio, o Brasil. Além de Sérgio Rodrigues, outro escritor brasileiro se beneficiou da ocasião na França, Arthur Dapieve. Sérgio Rodrigues escreveu *Jules Rimet, meu amor* a convite do Le Monde e publicou *Dribble* com atraso mínimo. Paralelamente, Dapieve recebeu convite da editora Folie d'Encre para a escrita de *Maracanazo*, o qual só seria lançado (e premiado) depois no Brasil, como *Maracanazo e outras histórias*. Importante pontuar quando o autor conta com agenciamento, o que é o caso aqui: Dapieve é promovido pela Riff, provavelmente a agência brasileira mais atuante hoje.

Esse livro, que pela extensão podemos chamar uma novela, tem como fundo um fato então bastante recente, a derrota da seleção da Espanha, considerada um dos maiores times da história, contra a do Chile na primeira etapa da Copa do Mundo de 2014. Menos de um ano depois desse evento o *Maracanazo* saía traduzido na França, porém escapa, com quase um mês de atraso, da data concentrada do Salão do Livro que homenageava o Brasil.

A Folie d'Encre é uma editora criada por Jean-Marie Ozanne, fundador de uma tradicional (e precedente) livraria parisiense. Embora de pequeno porte, como editor Ozanne também conquistou respeitabilidade e é um profissional ativista nos ramos da edição e do livro. A Folies d'Encre está entre um grupo seletivo de casas francesas que podemos enumerar como simpáticas à literatura brasileira, engajada em se ocupar da parcela menos comercial da literatura. Algumas das traduções mais recentes

publicadas pela editora foram de literatura brasileira, notadamente Moacyr Scliar, admirado pelo tradutor que assina esses volumes, Philippe Poncet.

Poncet trabalhou como editor na Folies d'Encre entre 2009 e 2011. Tradutor do português e espanhol, é mais um indicativo da proximidade da casa com o Brasil. 2009 coincide com suas primeiras traduções, as quais continuam a sair por essa editora, sendo uma exceção *Black music*, precisamente de Dapieve, que foi publicado pela Asphalte. Trata-se de um romance que, de fato, foge do perfil das obras brasileiras selecionadas por Ozanne, as quais passam longe da vertente brutalista. Podemos dizer, aliás, que procura passar longe do exótico brasileiro como um todo, apesar de um *Maracanazo* no catálogo, certamente impulsionado, além da Copa, pela relação prévia criada entre Poncet e Dapieve.

A capa traz o natural, um jogador de futebol. Na edição brasileira, pela Alfaguara, talvez pelo acompanhamento das "Outras Histórias" que não se relacionam com o tema, a capa não faz referência por imagem ao esporte. Por outro lado, ela destaca de forma intencionalmente exagerada a primeira palavra do título, ocupando quase toda a capa, o que é outra forma de apelar ao leitor, sendo o Maracanaço tão evocativo.

Maracanazo concorreu ao lado de *Dribble* no prêmio Jules Rimet. Ele então contava com apenas três anos de existência e haviam competido por ele entre cinco e três livros cada ano. A criação do prêmio pode ter sido um estímulo a mais para essas traduções, já com contexto justificável. Em 2015 foram seis concorrentes e venceu *La surface de réparation*, do francês Alain Gillot.

A única crítica rastreável de *Maracanazo* na mídia francesa foi em uma revista esportiva pública, da federação UFOLEP. O parágrafo é assinado pelo editor-chefe da revista, Philippe Brenot (2015), e começa introduzindo o que foi o Maracanaço para, em seguida, explicar que esse de Dapieve é outro, entre Espanha e Chile na Copa do Mundo de 2014. Passa para o romance improvável, "nem leve, nem romance de água de rosas", na "Disneyland" para torcedores montada em Copacabana e, por fim, ao tom geral do texto. Embora se pretendendo mais resumo que resenha, passa uma impressão positiva.

Como se vê, a tentativa semelhante da Folies d'Encre teve um resultado bastante inferior ao de *Dribble*. A Seuil, como visto, fez nisso um grande investimento,

talvez até mesmo fora das possibilidades, ou intenção, da Folies. Ainda, perdeu-se a oportunidade de lançar *Maracanazo* a tempo no Salão do Livro, o que me parece um erro grave.

6.15. A RESISTÊNCIA NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2015

Ano de lançamento na França - 2018

Editora - Grasset et Fasquelle

Tradutor - Marine Duval

Sinopse - Após o golpe de 1976, um casal dissidente deixou a Argentina e foi para o Brasil acompanhado de um bebê confiado a eles por uma parteira. É então no exílio que dão à luz Sebastián e sua irmã. Agora escritor, Sebastián se pergunta sobre as origens de seu irmão mais velho adotivo, de cuja família biológica quase nada sabemos. O autor viaja a Buenos Aires para conhecer as Avós da Praça de Maio, organização que reúne mulheres cujos netos foram roubados de seus pais pelo regime militar. Através desta busca histórica, mas também pessoal, Sebastián tenta compreender os silêncios constrangedores de sua família e a distância que esse irmão mantém. Ele busca na linguagem e na literatura respostas para suas perguntas, assim como para os enigmas que ainda hoje assombram tantas famílias argentinas.

Coroado pelos maiores prêmios literários brasileiros e portugueses, *Ni partir ni rester* é uma obra marcante sobre adoção e exílio. Graças à sua linguagem atormentada e poética, Julián Fuks consegue construir um texto comovente sobre a resistência – política, íntima, familiar, cultural e memorial (GRASSET, 2023).

Outro debutante na cena literária francesa foi Julián Fuks. No Brasil, já desde seu primeiro livro publicado, tem sido consideravelmente bem recebido. Chegando na França em 2018, por meio de seu romance mais celebrado até então, *A resistência*, houve uma alteração significativa no título na passagem de um idioma para o outro. Escolheu-se *Ni partir ni rester*, a fim de evitar associações com a Resistência francesa, uma expressão fortemente remissiva. Mais precisamente, o primeiro texto de Fuks (2013) na França foi um artigo publicado cinco anos antes no *Le Monde*, no qual o “jovem escritor brasileiro” tece considerações (positivas) sobre as manifestações de 2013. Consequência da direção que elas tomaram, reaparece no mesmo jornal em 2018, agora acompanhando a publicação de sua primeira tradução, em uma reportagem sobre as reações dos intelectuais brasileiros contra a ascensão do candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro (RÉROLLE, 2018).

Assim como todas as obras aqui estudadas, *A resistência* chega no país-destino titulada em seu país de origem. A partir dessa premissa, os resultados são vários. Fuks teve alguns trunfos, a meu ver o principal sendo a editora. O livro foi adotado pela Grasset et Fasquelle, duas editoras tradicionais, hoje fundidas e filiadas ao conglomerado Hachette. O nome Grasset é certamente o que carrega mais peso histórico, a editora que publicou *Du côté de chez Swann* após Proust ter recebido outras três negativas. O lançamento de *Ni partir ni rester* ocorreu em março de 2018 dentro da coleção *En lettres d'ancre*, criada um ano antes e dedicada a reunir a literatura estrangeira publicada pelas editoras.

A capa, representando uma porta com maçaneta e um vão para uma chave que não está, evoca segredos de intimidade familiar e de conspirações de militância guerrilheira. É essa capa que aparece em toda a publicidade, crítica e nas livrarias virtuais que ainda comercializam o livro. No entanto, deparei-me de forma muito lateral com uma segunda capa de uma aparente segunda apresentação do livro. Retrata um quarto de casa muito simples, duas camas de solteiro sugerindo talvez o quarto dos dois irmãos, mas significativamente mais precário do que o livro transparece (mais provavelmente seria o quarto não visto e citado brevemente onde o irmão adotivo foi dado à luz). Sendo o primeiro caso, poderia indicar uma interferência de uma ideia do que seja um quarto de dormir típico brasileiro, desconhecendo o quanto a classe média é pasteurizada, ao menos no Ocidente. O destino (uma livraria virtual) ao qual o *link* com a imagem remete, quando aberto, mostrar a capa de sempre. Não é a primeira vez que esses livros aparecem com duas capas, referentes a uma edição de capa dura e outra brochura, e apenas uma é comentada e comercializada, ficando a outra (sempre a de capa dura) quase fantasmática.

A tradutora de *Ni partir ni rester* é um nome novo aqui, e também na sua atuação nesta linha de trabalho. Marine Duval é franco-brasileira, egressa da área de Letras na Université Paris-Sorbonne, e é editora desde 2018 da pequena Éditions du sous-sol. Além do romance de Fuks, consta em seu currículo a tradução de *Fim*, de Fernanda Torres.

A publicidade em torno do estande brasileiro no Salão do Livro de Paris de 2018 foi quase indissociável da atuação do Printemps littéraire brésilien. Fundado em 2014 por Leonardo Tonus, professor de Estudos Brasileiros na Université Paris-Sorbonne, tem como objetivo a promoção da cultura lusófona. Iniciando suas atividades em

Paris, sem demora estendeu sua atuação a outros países, tendo seu último evento anual envolvido um planejamento de atividades presenciais na França, Itália, Bélgica, Portugal, Alemanha e Estados Unidos (suspensas por conta da pandemia de covid-19 durante o ano de 2020). No que tange a Fuks, é possível afirmar que, no destaque de imagens e citações, era o grande nome a ser vendido na ocasião. No Salão do Livro, participou de uma mesa redonda na Grande Scène, sob mediação de Leonardo Tonus, na qual se falava na língua do país, com exceção de Fuks que se expressou em português sem aparente tradução de um intérprete. O tema geral da conversa foi a perda de identidade (FUKS, 2018a). Fuks participou ainda de um evento na Sorbonne, também com a intermediação do Printemps littéraire, e gravou uma entrevista para a RFI Brasil (FUKS, 2018b).

Em termos de repercussão na mídia literária tradicional francesa, no entanto, os frutos foram escassos. Há uma crítica no *Le Monde* e não mais. A autora é Ariane Singer (2018), crítica e jornalista literária nesse jornal e vinda da área de Letras – Espanhol. Sem ligações rastreáveis em específico com o Brasil, escreve com frequência sobre livros dentro do universo hispânico e também judeu. Procedimento padrão, mais importante, creio, com um estrangeiro que publica sua primeira tradução no país-destino, inicia com as credenciais de Fuks: seus prêmios e reconhecimento no país de origem. Uma fórmula: novo aqui, mas célebre em seu país. Após uma apresentação também do enredo do romance, elogia sua construção baseada no vago, no indício, no suposto. Além da construção, também a reflexão do autor sobre "a responsabilidade de uma linguagem que se arriscaria a congelar em palavras uma realidade difícil de apreender".

Considero que uma boa editora e uma crítica dedicada no *Le Monde*, para um escritor brasileiro estreante, não é pouco, mesmo que, no mais, pareça ficar aquém das expectativas de venda e repercussão.

6.16. A RESISTÊNCIA NO REINO UNIDO



Ano de lançamento no Brasil - 2015

Ano de lançamento na Escócia - 2018

Editora – Charco Press

Tradutor - Daniel Hahn

Sinopse - *Um jovem casal, envolvido na luta contra a ditadura militar na Argentina dos anos 1970, deve fugir do país. A brutalidade e o terror do regime estão se aproximando deles. Amigos estão sendo 'desaparecidos'. Seus nomes estão em uma lista. O tempo está se esgotando. Ao partirem, levam consigo o filho pequeno, adotado após anos tentando ter um filho sem sucesso. Eles constroem uma nova vida no Brasil e as coisas mudam radicalmente. A família cresce quando o casal tem mais dois filhos: um filho e uma filha.*

Resistance se desenrola como um retrato íntimo da formação de uma família em circunstâncias extraordinárias, contada do ponto de vista do filho mais novo. É um exame da identidade, dos laços familiares, das diferentes formas que o exílio pode assumir, do que significa pertencer a um lugar, a uma família, ao próprio passado.

Já vencedor do Prêmio Jabuti de Livro do Ano 2016 (Brasil), do Prêmio Literário José Saramago 2017 (Portugal) e do Prêmio Anna Seghers 2018 (Alemanha), *Resistance* demonstra notável coragem e habilidade de uma das estrelas literárias em ascensão no Brasil (CHARCO PRESS, 2023).

A Resistência é ainda outro caso de romance traduzido tanto na França quanto na Inglaterra e que, ao contrário do que se poderia pensar, dada a fama – não sem embasamento – que a França conserva ainda de oásis da literatura em tradução, teve uma recepção melhor entre os ingleses, assim como o caso de *Ashes of the Amazon*. Os únicos romances publicados em ambos os idiomas e que tiveram na França resultados significativamente superiores foram *Nove noites* e *O filho eterno*, ambos pela editora Métailié.

A tradução inglesa de *A resistência* tem uma das melhores repercussões do conjunto. É verdade que, quanto mais próximas temporalmente, mais seguro se torna asseverar que as críticas mais relevantes dessas traduções estão cobertas. Não simplesmente pela proximidade, facilitando que *links* antigos não tenham se perdido ou sido apagados, também pela sempre crescente migração do papel para o virtual. *Resistance* foi publicado em 2018 pela editora independente Charco Press, situada em Edimburgo, o que se mostrou uma localização interessante, já que o diálogo imprescindível com Londres foi efetivo e se lucrou duplamente com uma relação doméstica com a Escócia, sua mídia e eventos literários próprios, como o First book award do Edinburgh International Book Festival, do qual Fuks participou.

A Charco Press foi fundada pela argentina Carolina Orloff e seu esposo, o neozelandês Sam McDowell. Orloff é o grande nome da dupla, com um premiado currículo acadêmico na área da literatura hispano-americana. Sua editora é dedicada à publicação de autores contemporâneos latino-americanos, partindo da premissa de que este espaço literário é rico em diversidade, mas desconhecido dos leitores anglófonos. Mais precisamente, segundo Sam McDowell (s.d.), são a única editora do Reino Unido com esse foco exclusivo. Também na França vimos editoras simpáticas às literaturas estrangeiras minoritárias, mas nenhuma com essa proposta. Vale dizer, no entanto, que a Charco Press é bastante jovem e a editora Métailié, por exemplo, percebeu já nos seus primeiros anos que, ao menos naquela época e para suas expectativas, seu leque necessitava maior abertura. Também vale pontuar que a Charco Press tem, entre seus cerca de trinta autores publicados até o momento, apenas um brasileiro, Fuks. Ainda, nesse primeiro gesto de abertura à literatura brasileira, fê-lo através de um escritor filho de argentinos e com um romance que tematiza a ditadura argentina.

É perceptível o respeito da editora pelos tradutores. Daniel Hahn, citado nesta pesquisa por uma crítica elogiosa ao *Ashes of the Amazon* no *Independent*, foi o escolhido para trabalhar o texto de Julián Fuks. Nesse intervalo de tempo, ele já havia se tornado um tradutor premiado e reconhecido. Ao gosto do tempo, com o tema da literatura brasileira fora do Brasil em alta, o prêmio Jabuti inaugurou em 2017 (junto a outras) a categoria “Livro brasileiro publicado no exterior”. Em 2019, *Resistance* foi a tradução vencedora.

A repercussão positiva de *Resistance* na mídia inglesa se deve, em boa medida, a um trabalho de caráter exclusivo de sua editora em relação a seu lançamento. Fundada dois anos antes, em 2016, e publicando seus títulos com parcimônia e empenhada divulgação, seus bons resultados apontam que, para autores vindos da periferia, pouco ou nada conhecidos no país-destino, esse tipo de tratamento é um diferencial em relação às grandes editoras e seus tantos lançamentos, ocupando-se com as obras de melhores expectativas de lucro, que a publicidade potencializa⁶⁵.

⁶⁵ Bem ou mal, muitas seguem publicando as literaturas restritas com o capital adquirido pelas obras populares e, quando o fazem, preservam aqueles ideais antigos de se fazer divulgar boa literatura mesmo se quase nada apelativas para o grande público.

Além de ter sido comentado em diversos jornais e revistas, ter concorrido ao prêmio e estado presencialmente no festival escocês citado, Fuks também foi a Londres e participou de conversas sobre sua obra em livrarias dessa capital. Em uma dessas oportunidades, teve como debatedor o renomado crítico literário Boyd Tonkin⁶⁶ e, em outra livraria, esteve junto a seu tradutor e editora. Fuks esteve presencialmente tanto na França quanto no Reino Unido e, nesse último espaço, a editora, nota-se, fez disso um aproveitamento exemplar, semelhante ao da parceria entre Métaillié e Bernardo Carvalho.

Antes de chegar às resenhas propriamente, lembro ainda que Fuks foi contemplado por um programa de promoção à cultura da fabricante inglesa de relógios Rolex. Isso se deu entre 2016 e 2017, após a publicação com significativa repercussão de *A Resistência* no Brasil. Nesse programa, Fuks (“aprendiz”) teve custeada uma estada para troca criativa com o “mentor” Mia Couto.

Por fim, ao final de 2017, portanto meses antes de seu lançamento em língua inglesa, *Resistance* já constava na lista “Unmissable culture of 2018”, no *The Guardian*, assinada por Alex Preston (2018) – premiado escritor e jornalista. Concretizou-se, de fato, como um prenúncio de sua estreia bem-sucedida. Como no *Le Monde*, em outubro de 2018, Fuks (2018c) apareceria no *Guardian* comentando a eleição de Jair Bolsonaro para presidência do Brasil. Seu livro recém-publicado tem, sem dúvidas, relação com o convite, e sua fala será citada com alguma frequência por seus resenhistas (especialmente atraídos pelo trecho no qual convoca uma oposição ao novo governo por meio das artes).

No mesmo jornal, foi publicada uma longa crítica assinada pela escritora Lisa Appignanesi (2018), que tem como uma de suas áreas de maior interesse a literatura comparada. Foi presidente da PEN inglesa e ocupa uma cadeira na Royal Society of Literature. É um nome que confere prestígio às obras a que se dedica e o romance de Fuks foi centro de um texto longo e interessado. Para Appignanesi, *Resistance* é uma autoficção intensa e hipnótica. Dado um envolvimento profissional da autora com a área da psicologia, tendo sido mesmo membra dos Trustees do Freud Museum de Londres, é possível imaginar seu entusiasmo com as possibilidades abertas pelo

⁶⁶ Nesse mesmo ano, 2018, Tonkin lançou seu guia *The 100 Best Novels in Translation*, reflexo do interesse sobre o tema, pelo qual também atua, além da vitrine das críticas, na dos prêmios.

narrador ser filho de psicanalistas. Não que se abstenha de outros pontos. Demonstra, por exemplo, bom conhecimento do movimento Mães/Avós da Praça de Maio. Além disso, faz também a operação de tentar aproximar o livro estrangeiro do conhecido para o público de chegada, argumentando que as características das experiências traumáticas se expressam de forma semelhante na psique humana, de maneira que a identificação seria facilmente alcançada. Aproveito para adiantar que a tradução de Daniel Hahn, para um bom número de críticos, mereceu menção honrosa, como é o caso nesse texto do *Guardian*.

No *Financial Times*, *Resistance* pode ter recebido uma atenção a mais ligada a um acontecimento infeliz para a crítica literária inglesa e irlandesa: foi a última resenha publicada por Eileen Battersby (2018), um dia antes de um acidente fatal de automóvel. Battersby tinha a vida profissional dedicada à crítica literária e, num período mais recente, passara a explorar com maior atenção as literaturas estrangeiras, especialmente as vindas de línguas menores e de pequenas editoras. O título e lide dessa crítica destacam a centralidade da Argentina dos anos setenta no romance e é só no primeiro parágrafo que se descobre que o autor é brasileiro e que o protagonista e sua família vivem também neste país. Para além disso, o Brasil não aparece no texto, demonstrando que, para Battersby, a importância do país-destino dos fugitivos não é relevante. Uma leitura que se pode tentar justificar, mas causa empobrecimento, já que o país vizinho vivia também uma ditadura, mesmo que (argumento do livro) arrefecida e de repressão inferior àquela. Feita essa ressalva, a crítica é elogiosa: Fuks, considera, seria um “óbvio” competidor para o Man Booker International. O romance é chamado “cerebral”, reflexivo, e usaria de forma efetiva o recurso das repetições. Mais uma vez, há menção interessada das camadas que a leitura do manuscrito pelos pais do protagonista proporciona – além dos elogios ao tradutor.

No *The Times Literary Supplement*, *Resistance* foi comentado por Ellen Jones (2019), uma tradutora e acadêmica da área do espanhol. Em 2019, Jones teve uma tradução do escritor guatemalteco Rodrigo Fuentes publicada na Charco Press, o que deve ter sido o ponto de contato com o romance de Fuks. As mesmas apresentações: “escritor premiado” ou “livro premiado”. Se no país já se sente essas necessidades de chamar a atenção do leitor desavisado para que não se trata de “um livro qualquer de um escritor qualquer”, que dirá da crítica de traduções de línguas minoritárias na

circulação literária mundial. Aqui, como também na maioria das análises, a crítica divaga sobre os múltiplos sentidos do título da obra, alguns com mais maestria, outros mais limitados; Jones acrescenta ao ter levantado a questão já desde a epígrafe do romance. À parte dos elogios rotineiros ao controle emocional e prosa reflexiva do narrador, para Jones o romance faria parte de uma nova ficção da América Latina, voltada para “memórias sombrias de brutalidade e perda”. Nesse contexto, realça a importância do lançamento em paralelo às eleições de 2018.

Ainda na Inglaterra, uma aparição menos usual, até mesmo pelo formato, foi a entrevista de Fuks para o *podcast* bissemanal *M24: Meet the Writers* vinculado à revista *Monocle*. É uma revista cultural em amplo sentido, há textos sobre costumes, design, negócios, textos com dicas de restaurante etc., também organiza eventos e tem pretensões internacionais. A entrevistadora foi Georgina Godwin (2018), que acumula funções na área das artes e jornalismo, como eventos literários, júris, e longa experiência como entrevistadora de personalidades da indústria criativa. Com 27 minutos de duração, a postura que toma nessa entrevista com Fuks é a de incentivar, com perguntas breves, que o autor fale sobre sua obra, o que mostra afinidade com o título do programa. De seus comentários mais pessoais, destaco Godwin elogiando uma das passagens do livro (o irmão do protagonista tentando explicar como sente a depressão) dizendo “uma das passagens mais comoventes e brutalmente honestas sobre depressão que eu já li”. Dessa forma, ainda que aparecendo pouco, pode-se entrever a impressão positiva causada pelo romance. Além dos elogios devidos a Hahn, também elogia o inglês de Fuks. Ao final, Godwin chama a autoficção de “palavra da moda” e Fuks concorda com o enquadramento.

Já na Escócia, além da participação no festival literário citado, Fuks foi resenhado no *The Skinny*, uma revista cultural importante da região e para além dela, ainda conservando versão impressa. Assina o texto Gary Kaill (2018), co-fundador da editora independente Lunate. Kaill fala em “exame forense do passado” e “formalidade inabalável” que, julga, poderiam afastar leitores, mas, para os que quisessem enfrentar o “desafio”, seriam recompensados com “um romance de peso considerável repleto de compreensão humana”. A seguir, elogios de praxe a Hahn e, nesse caso, também à “conterrânea” Charco Press.

Ao menos dentro da especificidade das traduções que estudamos aqui, viu-se que não é comum a mídia cultural estadunidense cobrir os lançamentos feitos dentro

do Reino Unido (e também o contrário, a exemplo de *Hugs and cuddles*). Mérito da editora e do romance, que transitou consideravelmente bem também do outro lado do oceano, a começar pela *World literature today*, revista icônica à qual me referi brevemente no primeiro capítulo. Aliás, à exceção de João Cabral de Melo Neto, que venceu o prêmio Neustadt, vinculado à revista, em 1992 (com Silviano Santiago entre um dos jurados), a literatura brasileira é pouco presente, o que engrandece a importância da atenção dada a Fuks. Da comentadora, Andrea Shah (2019), graduada e mestre nos Estados Unidos na área de Letras, com especialização em espanhol e português, destaco, mais uma vez, o elogio ao jogo metaficcional com a leitura e crítica feita pelos pais do protagonista de seu manuscrito.

Um segundo caso, a *Words without borders* também conta com uma crítica de *Resistance*. Outros romances estudados até aqui também apareceram nessa revista, porém apenas com um trecho do livro reproduzido, sem comentário de acompanhamento. A respeito de *Resistance*, quem assina o texto é Lily Meyer (2018) que iniciou sua carreira como tradutora do espanhol para o inglês e, mais recentemente, busca se firmar como escritora, angariando já alguns prêmios menores. Meyer trabalha aqui um conceito de “falha da escrita”, um recurso que Fuks teria usado com excelência. Resistindo ao drama e ao exagero, o autor resistiria quase até ao impulso de contar histórias. Seu narrador parece se decepcionar com o empreendimento de contar a história do irmão e não demora a perceber que não é capaz de fazê-lo, por ser demasiadamente autoconsciente. A “falha”, porém, é apenas do narrador-personagem, “Na versão de Daniel Hahn, a prosa de Fuks é calma, encantadora, com um efeito quase de maré: transporta o leitor sem esforço.”. Ainda, segundo Meyer, Fuks seria um “mestre” no que tange à estrutura.

Resistance foi resenhado também em outra antiga e tradicional revista dos Estados Unidos, a *Kirkus Review* (2019), fundada em 1933 com o propósito de ser uma ferramenta de auxílio a livreiros diante das misteriosas listas das editoras. As resenhas, que procuram ser um guia imparcial, não vêm assinadas, de maneira que não é possível identificar quem ficou incumbido da cobertura do lançamento. Uma pena, pois, embora conciso, é um texto de qualidade. O romance é chamado elegante e ensaístico, mas é também talvez a única crítica a lhe fazer ressalvas dignas de nota. Com sua narrativa recursiva e narrador autoquestionante, o crítico pondera que o livro pode parecer estático, algo que se “cozinha a fogo baixo”, porém diz compreender as

razões da escolha de Fuks por esse ritmo que, afinal, encobriria turbulências e desesperos.

Na *Music & Literature, Resistance* foi tema de crítica de Sam Carter (2018), editor assistente da revista *Asymptote*, de alcance mais amplo. Ambas compartilham o interesse de cobrir de forma ampla a parcela subrepresentada da literatura internacional. Sam Carter inicia introduzindo alguns conceitos de Donald W. Winnicott, psicanalista citado de forma significativa no romance, o que não havia sido ainda trazido, mesmo por Lisa Appignanesi. O texto é uma leitura profunda de um crítico que transparece competência e interesse. Complementando a ideia da “falha da escrita”, de Lily Meyer, Carter destaca o esforço para encontrar a palavra exata, “ou fazer com que as erradas funcionem de alguma forma”. Após o elogio que se fez de praxe à tradução de Hahn, Carter ainda faz referência a considerações de Fuks sobre a autoficção, demonstrando conhecimento dos escritos do autor para além da literatura.

Próximos das últimas menções dignas de nota, Fuks figurou na prestigiosa *The New York Times Magazine*, ainda que de forma breve e junto a outras obras recém-vertidas para a língua inglesa: uma coleção de textos de Eliane Brum e *Blue Flowers*, de Carolina Saavedra. Essa seleção foi feita por Sheila Faria Glaser (2020), que participa da editoração do suplemento e é também tradutora (destaco sua tradução do caboverdeano Germano Almeida, o que evidencia seu contato com a língua portuguesa). Após elogiar a competência de Hahn, admira a “preocupação com o narrar” de Fuks no contexto da autoficção, o como (ou mesmo quando) falar daqueles que conhecemos.

Em último lugar, uma crítica locada em um *blog*. Não há uma decisão explícita sobre a citação ou não desse gênero de suporte, ficando mais a cargo das circunstâncias. Quando a editora Books, por exemplo, vê valia em enviar exemplares de *Passager de la fin du jour* para determinados *blogs* de leitores, ou quando a editora Métailié considera válido citar pequenos *blogs* na lista “Dans la presse” de seus lançamentos, creio ser importante deles dar notícia. No caso de *Resistance*, o responsável pelo *blog Lonesome Reader* é um jovem escritor já premiado e que compõe o júri de alguns prêmios literários. O inglês Eric Karl Anderson (2018) é também um *booktuber* e seus vídeos de mais destaque variam entre 10 e 75 mil visualizações. Embora Anderson tenha adquirido a tradução de *A resistência* tão logo lançada, o que o motivou a lê-lo sem demora foi o contato com o já citado texto do

The Guardian no qual Fuks comenta a eleição de Bolsonaro (indícios de que esse gênero de aparição pública pode de fato cativar um novo leitor). Passando à resenha, Anderson elogia alguns aspectos do livro (profundidade, método), mas creio que foi o único a caracterizar suas circunstâncias como muito específicas, ainda que para concluir que, apesar disso, pôde refletir sobre “a própria família e país” defendendo, por fim, seu “potencial de universalidade”.

A *Resistência*, semelhante a *Leite derramado* e *Nove noites*, demonstrou ser um romance que desperta múltiplos interesses em seus leitores, capaz de atraí-los por razões variadas. Demonstrando satisfação com os resultados obtidos com essa publicação, a Charco Press lançou em agosto de 2021 a tradução de seu romance seguinte, *A ocupação*.

6.17. SIMPATIA PELO DEMÔNIO NA FRANÇA



Ano de lançamento no Brasil - 2016

Ano de lançamento na França - 2018

Editora - Métailié

Tradutor - Danielle Schramm

Sinopse - “Minha vida acabou há três anos, na véspera do meu 53º aniversário, na entrada de um teatro em Berlim. Pelo menos foi aí que comecei a morrer.” Sussurrada no ouvido de um homem armado com explosivos, em um quarto de hotel logo após um atentado com bomba, essa frase dá uma ideia da tensão que tece esse romance do começo ao fim.

Enviado ao Oriente Médio em uma zona de combate para pagar o resgate de um misterioso refém, o Rato enfrenta as consequências de uma crise desencadeada por um relacionamento romântico destrutivo. Beirando a loucura, mas raciocinando com raiva fria, ele tenta entender o que o tornou presa de um amante tóxico que transformou a submissão em uma poderosa arma de guerra.

Uma análise impressionante do mal, poder e desejo (MÉTAILIÉ, 2023d).

Além de ter tido três de seus romances premiados pelo Portugal Telecom/Oceanos, Bernardo Carvalho teve os três traduzidos na França, pela Métailié. Para *Sympathie pour le démon*, a tradutora escolhida foi Danielle Schramm, que verte para o francês obras em espanhol e português de Portugal, Brasil e Angola. Filha de pai argentino e mãe francesa, e tendo vivido a infância e adolescência no Brasil, conta até o momento vinte traduções publicadas, sendo a primeira de 2007, o que demonstra um bom fluxo de trabalho nesse nicho.

Em consonância com o título e o pano de fundo do romance, a capa é dramática: título escrito em vermelho sobre imagem da explosão de um grosso bombardeio com fumaça negra e cor de fogo. O ambiente desértico do entorno contribui para a associação com as guerras do Oriente Médio. A capa da edição brasileira também é apelativa visualmente, mas me parece que se vincula à ideia da violência num sentido mais primevo. Embora perfeitamente justificável pela trama, a escolha da Métaillé evidencia a presença de um tema sensível na França, devido às diversas consequências de seu fluxo imigratório árabe.

Também dessa vez Bernardo Carvalho circulou pela França para a promoção de seu novo romance. Com a livraria Mollat, o encontro se deu durante o festival literário Correspondances de Manosque, que acontece sempre após as Rentrées Littéraires anuais. Nessa ocasião, em seu francês desenvolvido, Carvalho (2018a) é, inicialmente, incitado a resumir livremente o romance, em seguida, é inquirido sobre a relação entre a violência transnacional que tematiza no livro e a internacionalmente sabida violência vivida no Brasil. Em dado momento o autor faz uma observação que, ao longo das críticas, se mostrará interessante: “não é uma tese, é um romance”. Pouco mais de um mês antes dessa entrevista, a livraria também havia dado espaço à Anne-Marie Métaillé (2018) para a defesa de sua nova publicação. Após a consideração de que a última obra publicada de B. Carvalho, *Reproduction*, era experimental e talvez por isso tenha encontrado um número de leitores menor que o esperado, Métaillé afirma, já antecipando que será tido como um excesso, que considera *Sympathie pour le démon* à altura de Proust.⁶⁷

B. Carvalho também participou do festival Lettres du Monde, da região da Nova Aquitânia. Conforme a pista do nome, o festival busca dar espaço para escritores estrangeiros. Carvalho esteve entre os cinco escritores convidados a comentarem suas obras na Universidade Bourdeaux Montaigne (2019). Foi acompanhado do português Rui Barreira Zink, cujo romance *Oso* foi igualmente publicado pela Métaillé

⁶⁷ Mello (2015, p. 164) faz uma diferença entre a editora Anne-Marie Métaillé, que poria em evidência os aspectos menos formais da obra do escritor (como o medo e a paranoia, segundo entrevista dada ao pesquisador), e a leitura da crítica francesa, que destacaria os aspectos estéticos e políticos. Igualmente verifico que a editora tende a ressaltar, na obra de Carvalho, enredo e temas. Nesse caso creio que valha se perguntar se isso não seria uma estratégia de *marketing*, a opção por comunicar de seus produtos as qualidades que julga mais acessíveis e atrativas para um público que se quer sempre o mais amplo possível. Talvez seja por isso também que Métaillé reiteradamente afirme sua melhor comunicação e investimento no trabalho junto aos livreiros, vendedores de livros como ela e, ainda de acordo com suas declarações, mais influentes no angariamento de leitores que a crítica especializada.

e guarda semelhanças de enredo com o brasileiro. Essa participação foi precedida por uma resenha no jornal local *Sud Ouest*. O autor, identificado apenas como P. B. (2019), menciona que, no evento, o já traduzido em mais de dez línguas Bernardo Carvalho terá como mediador o escritor Christophe Dabitch. Sobre o romance em si, em um pequeno parágrafo, fala da mistura entre o “turbilhão” da guerra e o do amor – atravessado pela perversidade.

Na *RFI*, Carvalho (2018b) faz referência à sua participação em uma roda de bate-papo entre escritores e livreiros em Lyon. Após ter sido convidado a uma breve apresentação de seu livro, teria causado subitamente uma mudança de humor entre os livreiros, até então receptivos. Segundo o que disse poder compreender, foi a surpresa, negativa, de ver um escritor brasileiro tratando de temas como terrorismo e atentado, ou seja, um estrangeiro se utilizando de algo que não tem vivência e é delicado no país de chegada. Carvalho complementa que, na recepção crítica de *Mongolia*, também houve questionamento sobre a legitimidade do romance e opina que, fosse ele um escritor inglês, francês ou italiano a escrever a mesma proposta, o tratamento seria outro.

Seguindo-se a esses trechos, nessa mesma entrevista há outras observações amargas sobre a recepção ou possibilidades de acesso da literatura brasileira na literatura mundial, comentários que foram preciosos no contexto desta tese e trabalhados em momento oportuno. No que se refere especificamente à recepção de *Sympathie pour le démon*, vale talvez coser o amargor de então com a má recepção de seu romance anterior na França, *Reproduction*. Sendo uma entrevista em contexto de recém-lançamento, seria compreensível se o escritor estivesse com expectativas pessimistas.

Sébastien Lapaque (2018) reaparece para comentar, agora, *Sympathie pour le démon* no jornal *Le Figaro*. O texto é algo entre resenha, entrevista e descrição do encontro com o autor no país. Já na lide, a violência de que trata o livro de Carvalho é associada àquela que estigmatiza o Brasil. O encontro, inclusive, se deu um dia após a confirmação da eleição de Jair Bolsonaro e Lapaque escreve que o escritor brasileiro estaria com um “humor muito sombrio”. Os adjetivos escolhidos para o elogio da obra demonstram, em parte considerável dos textos críticos, se não em todos, verdadeira admiração pelo romance, notadamente a eficiência das escolhas formais (aliás elogios frequentes também em *Neuf nuits* e *Le soleil se couche à São Paulo*) e

a amplitude e qualidade do trabalho em torno do tema da violência. Para Lapaque, um romance “incrível”. Faz comparações elogiosas com grandes nomes da literatura mundial, especialmente a francesa. De mais peso, para Lapaque as reflexões sobre a violência encontradas nesse romance de Carvalho lembram o filósofo francês René Girard. No que o livro rescende ao gênero policial, compara-o à John le Carré e quis ainda informar em seu texto que Bernardo Carvalho é “leitor de Melville, Faulkner e Bernanos”.

No *Libération*, novamente e no mesmo jornal Philippe Lançon (2018) resenha Bernardo Carvalho, porém agora após o atentado ao *Charlie Hebdo*. Um apaixonado por literatura brasileira, dedica ao *Sympathie pour le démon* um texto consideravelmente extenso. Com o título trocista “*La fable du Rat et du chihuahua*”, escreve longamente sobre o triângulo entre os dois personagens e Palhaço e cita o romance *Les liaisons dangereuses*. Com trânsito na área do humor, Lançon elogia a ironia que sente, discreta, sempre presente no romance.

O professor Christian Roinat (2018), que escreveu uma crítica a *Dribble* para a *Nouveaux espaces latinos*, nessa mesma revista trata também desse lançamento mais recente de Carvalho. Com uma característica única entre as outras resenhas, e em harmonia com sua formação e com o meio onde escreve, Roinat explora a obra considerando seu local de produção. Relaciona o intrincamento do romance à fusão de fronteiras literárias, geográficas e físicas promovidas pela literatura do *boom*. Esses escritores hispano-americanos, que até então costumavam ficar restritos a seu ambiente, paulatinamente iriam expandindo as possibilidades de ambientação de suas obras, como o próprio B. Carvalho, cujo protagonista transita entre a América do Sul, Norte, Europa, Ásia e África. Para além do para cá e lá, Roinat elogia a condução da narrativa como um todo e o tratamento do tema das “crueldades amorosas”. Declaradamente fascinado pelo romance, diz lhe lembrar Stendhal e Proust.

Sympathie pour le démon é também resenhado na revista *Transfuge*, impressa e detentora de uma equipe editorial volumosa. Sua criação foi incentivada pelo observado abandono da cultura na imprensa convencional. Assina a crítica Damien Aubel (2018), importante figura da redação. Encontra-se textos mais recentes de sua autoria comentando uma exposição sobre os problemas ambientais e sociais da Amazônia e uma entrevista com Anne-Marie Métaillé. Para Aubel, *Sympathie pour le démon* “é uma dança de amor e morte tão contemporânea quanto cruel e brilhante”.

Pontua que temas como Oriente Médio e narcisismo são bons, mas facilmente se “documentalizam” ou parecem tratados de psicologia. Seria preciso um grande escritor para não cair nessas armadilhas como, compara, Bernardo Carvalho, DeLillo, William Gass ou Bolaño. Elogia ainda a escrita em camadas, uma mais evidente, outra que se revelaria aos poucos, e ainda uma que permitiria se ler no verso da história.

Revista menor, regional (agora no sudeste da França), mas impressa, com cerca de 15 anos de atuação e apoio do Ministério da Cultura, o *Journal Zibeline* também publica uma crítica a *Sympathie pour le démon*. Aparece na seção “Livro da semana”, da jornalista Maryvonne Colombani (2018), profissional sem outras referências relevantes. Aqui temos o único elogio à tradutora: o livro teria sido, segundo Colombani, “maravilhosamente traduzido”. A crítica também recomenda que os possíveis leitores não se deixem enganar pelos paratextos, que podem erroneamente fazer parecer que se trata do “enésimo” romance tematizando o terrorismo, seria apenas um pano de fundo de um romance altamente reflexivo sobre violência, amor-paixão e desejo de um absoluto inalcançável. Nota-se nesta altura que há grande recorrência no trato desta obra de Carvalho como um exercício de reflexão sobre dados temas, ou problemas, quase como uma proposta formal que flerta com o romance filosófico.

Linda Lê (2018), escritora franco-vietnamita, escreve uma crítica a *Sympathie pour le démon* na revista cultural *En attendant Nadeau*. Apesar do meio exclusivamente virtual e os apenas cinco anos de existência, nota-se que é uma revista bem cuidada. Linda Lê demonstra ter lido *Neuf nuits*, *Le soleil se couche à São Paulo* e *Reproduction* e parece considerar que os temas do novo romance são atrativos para o público francês e manipulados com maestria. Os célebres Georges Bataille e René Girard são lembrados não pela primeira vez.

Sympathie pour le démon foi matéria de crítica também em *blogs* e esses meios fizeram par com publicações da imprensa cultural num sentido mais tradicional, como suplementos e revistas, no material selecionado para a seção “Dans la presse” da página dedicada ao romance no site da editora (2023).

Um desses *blogs* que foram considerados dignos de menção é *Le Littéraire*, o qual ainda é possível chamar uma revista virtual cultural, já que dispõe de uma equipe editorial com divisões de função, endereço físico etc. Mas é como *blog* que os próprios

caracterizam a plataforma e é também a impressão passada por seu *template* e navegabilidade. Quem resenha *Sympathie pour le démon* é Serge Perraud (2018), figura bastante anônima e constando apenas que, no corpo editorial, seria responsável pela cobertura de histórias em quadrinhos. O livro claramente lhe causou ótima impressão e Perraud chega a enumerar os tipos de violência abordados por Carvalho os quais, segundo o crítico, cobririam “todas as facetas atuais” da violência. Elogio exorbitante, mas que vai de encontro ao ponto mais frequentemente celebrado no livro, a exploração variada e sistemática desse tema.

Outro portal citado pelo site da editora e que se pode chamar uma revista eletrônica é o *Addict-Culture*, mais bem cuidado visualmente e contando também com uma equipe grande de colaboradores, de maneira geral jovens sem maiores referências. O encarregado da resenha de *Sympathie pour le démon* inclusive apresenta-se com um apelido, Gringo Pimento, o que nos diz no máximo uma provável proximidade do autor com o idioma espanhol. O texto de “Gringo Pimento” é simples, mas usa palavras precisas em seus comentários e resumo da obra. Declara já ter lido *Reproduction*, mas que a leitura foi penosa, exigente, embora tenha saído com uma boa impressão. O motivo era dizer que chegou em *Sympathie pour le démon* receoso, mas que se deparou com um livro “cativante”.

Em outro *blog* dedicado à cobertura cultural, mas menos bem cuidado e mais informal, *Sympathie pour le démon* é lido também no *Froggy's delight*, por um professor de história e geografia e crítico amador, Jean-Louis Zuccolini (2018). O início de seu texto dá a impressão de já ter lido ao menos um outro escritor sul-americano trazido pela editora. Para Zuccolini, a progressão de eventos do romance, que pode deixar o leitor confuso (de uma forma planejada), causaria efeito como o de uma série viciante ou um bom filme de suspense: acompanha-se com interesse a história do Rato e chihuahua ao mesmo tempo que paira a dúvida sobre a bomba que pode explodir a qualquer momento.

No *blog Les Obsédés Textuels*, a crítica foi escrita por Cédric Bru (2018), estrela de menor grandeza, mas com longa produção crítica para revistas literárias e, diz-se, bem relacionado com editores e escritores. O *blog* é cuidado por ele mesmo e seus elogios ao romance e seu enredo giram em torno do enigma e do engano, do perceber-se levado a suposições erradas. Sobre a violência, Carvalho a teria analisado com um escalpelo, “mostra com particular acuidade a relação ambígua e

cruel entre amor e poder, sexo e abandono. Um texto perturbador e sublime”. Novamente, o texto do escritor faz lembrar René Girard, mas aqui também Adorno e Walter Benjamin.

Um último *blog* citado pela editora e que, em um primeiro olhar, aparenta amadorismo e insignificância é o *Fairy Stelphique* (2018). Em um segundo olhar, percebe-se que há um certo séquito para um *blog* de compartilhamento de leituras de uma autora anônima (sabe-se apenas seu primeiro nome), com um aspecto parado no tempo e, afinal, um gênero de rede social (o que os *blogs* eram inicialmente, precursores do “diário virtual” e interações consequentes) em declínio em tempos de outras mais apelativas. Mas lá está, tem leitores e influencia leituras, como se vê nas próprias reações à sua crítica a *Sympathie pour le démon*. Fã de Paulo Coelho (LA CAVERNE DU POLAR, 2019) e em conexão direta com a editora Métailié, a “Fada” faz algumas declarações desencontradas com o romance em questão. Diz adorar na literatura hispano-americana a “força dos sentimentos” e a “energia” transmitida, associações banalizadas e que fazem recordar as recepções da literatura do *boom*, da exótica miscigenação, dos amantes latinos, da violência e pobreza.

Está claro que Bernardo Carvalho vem sendo tido na França como escritor de obra refinada, colhendo comparações com alguns dos maiores nomes da literatura (e filosofia) mundial. O elogio à sua originalidade, somado a uma baixa carga de referências do autor ao seu país de origem nesta obra, me remete novamente àquela declaração de Métailié (2015), de que não é de exótico que se trata, o que procuraria, é a “voz única”. Sendo tão especialmente apegada a esse escritor, é possível perceber uma coerência.

6.18. ANTONIO NOS ESTADOS UNIDOS



Ano de lançamento no Brasil - 2007

Ano de lançamento nos Estados Unidos - 2021

Editora – New Directions

Tradutor - Adam Morris

Sinopse - *Benjamin, prestes a ser pai, descobre um trágico segredo de família envolvendo patrimônio e decide desvendá-lo. Os envolvidos mais imediatamente estão todos mortos, mas seus três confidentes mais próximos ainda estão vivos - Isabel, sua avó; Haroldo, amigo de seu avô; e Raul, amigo de seu pai - e cada um contará uma versão diferente dos fatos.*

Ao coletar esses fragmentos de memórias, que oferecem vislumbres pessoais sobre questões de classe e política no Brasil, Benjamin irá juntar as peças do doloroso quebra-cabeça da história de sua família. Como um romance de Faulkner, o brilhante Antonio de Beatriz Bracher mostra a amplitude de eventos passados e a complexidade de desvendar segredos há muito enterrados (New Directions, 2023).

As duas obras seguintes, de Beatriz Bracher e de João Gilberto Noll, são as que chegaram em tradução com o maior atraso. Contudo, a espera valeu, ambas colheram méritos significativos. Em primeiro lugar, por estarem na lista mais seleta das obras que conseguiram se publicar nos Estados Unidos. Em segundo, no caso de *Antonio*, pois o faz pela editora New Directions, a mais tradicional e reconhecida desse país entre as que publicaram obras desta pesquisa. Foi a primeira editora de muitos escritores estadunidenses que viriam a ser célebres e é consideravelmente aberta à literatura estrangeira – muito embora antes de tudo europeia e de países de fala inglesa. Um de seus *best sellers* históricos foi uma seleção de contos de Jorge Luis Borges. Entre os brasileiros, destaco as publicações de Clarice Lispector e Luís Fernando Veríssimo.

Em *Antonio*, outro aspecto positivo é seu tradutor, Adam Morris. Mesmo que não possa ser classificado como um profissional influente no meio erudito de seu entorno, ele se aproxima do caso de Alison Entekin, cujo nome cresce no Brasil e em seu país de origem dentro das esferas (em expansão, aliás) específicas de reconhecimento ao trabalho dos tradutores. Morris já coleciona alguns prêmios de tradução nos Estados Unidos e é também escritor, editor e PhD em Literatura pela Universidade de Stanford. Além de Bracher, de quem traduziu primeiro *Não falei*, Adam Morris também traduziu a poeta Hilda Hilst e é um dos nomes por trás das traduções de João Gilberto Noll que chegaram no país uma após a outra nos últimos anos.

Há ainda outro trunfo, quando a New Directions recebeu a proposta de Morris (2021) para *Não falei*, a editora firmou contrato com a condição de que, na sequência, houvesse uma nova tradução da mesma autora, o que aumenta a projeção da aposta. Por fim, o livro conquistou um número significativo de resenhas, e (com uma exceção) de bom teor, rendendo alusões a William Faulker. Concluo a enumeração adiantando a edição inglesa que se seguiu ao lançamento norte-americano, ainda que por uma casa bastante menor e sem alcançar repercussão, utilizando-se do texto de Morris; e há ainda uma versão em *audiobook* do mesmo texto, distribuída pelo site Audible, vinculado à Amazon, opção de leitura consideravelmente difundida nos Estados Unidos.

Precisando melhor a decalagem, *Não falei*, de 2004, publica-se nos Estados Unidos em 2018. Seu romance seguinte, *Antonio*, de 2007, publica-se com o mesmo nome em 2021. Sua capa traz desenhos que lembram olhos no lugar dos O's do título e da especificação que segue abaixo dele: “*a novel*”. Insinuação talvez de segredos a serem espreitados.

Beatriz Bracher também é uma escritora agenciada pela Riff.

Antonio não teve uma circulação tão ampla quanto *Spilt milk*, mas o suficiente para reforçar a impressão de que o criticado fechamento dos Estados Unidos à literatura estrangeira possa estar, afinal, passando por um processo de abertura. Cerca de um mês antes da publicação oficial, um trecho do livro é publicado, enquanto material inédito, na revista recém-fundada *Caesura* cuja pretensão, conforme consta em entrevista com seu criador, é ser “um fórum para experimentação ambiciosa além dos tabus e esquemas do mundo da arte contemporânea” (WYATT, 2021). Precedendo o trecho traduzido de Bracher, há um parágrafo assinado por Adam Mahler (2021), jovem tradutor literário do português (em seu caso, de Portugal) como Morris. Talvez por isso os elogios à tradução, presentes na maior parte das críticas, aparece especialmente pronunciado aqui. Mahler também está entre os resenhistas que demonstram ter lido a obra anterior de Bracher publicada no país. Especificamente sobre *Antonio*, destaco os elogios ao emaranhado, ao jogo entre os três narradores e ao que chama de escrita multivocal.

A resenha talvez mais sonora, no jornal *The Nation*, foi a mais empenhada em extrair o que haveria de “brasileiro” no livro, e é com um desses trechos que a editora

abre a apresentação do romance em seu site (NEW DIRECTIONS, 2023): “Antonio não se parece inteiramente nem como a obra de um único autor nem como um conto popular, impulsionando-o para um espaço limítrofe que permite a Bracher abordar seu verdadeiro tema: a violência duradoura, a misoginia e o racismo da sociedade hierárquica do Brasil”. Assim como podemos nos perguntar se é mesmo esse o “tema real” de Antonio, há outros pontos problemáticos. Já na lide de Kyle Paoletta (2021), escritor iniciante e crítico literário, informa o leitor de que se trata de um romance que, através da história de uma família, “conta a larga história de desigualdade e violência na vida brasileira”. Acompanhando, há a foto de um homem passando por uma trilha em mata fechada. Nem interior de Minas Gerais, nem rio São Francisco, onde estiveram alguns personagens; mas sim a distante Amazônia. E nem mesmo dentro de território brasileiro, pois na descrição da foto consta que a fotografia é de área colombiana. Convencida de que uma explicação dos problemas do Brasil é o fundamento do texto, afirma que o efeito *Rashomon* (clássico de Kurosawa) de entrecruzamento de narrativas não é o foco. Enumerando problemas que seriam longa e tipicamente brasileiros, tornando o que se lê em um completo Outro, trata-se de uma crítica na contramão das que se verão na sequência.

No *The New York Times*, Antonio apareceu numa seleção semanal de indicação de lançamentos. Foram quatro romances, cada um recebendo de três a quatro parágrafos de atenção. O responsável pela coluna é o bem circulado Anderson Tepper (2021), que conseguiu o privilégio de poder se dedicar exclusivamente à crítica literária. Ele está entre os que já haviam tido um primeiro contato com a autora em *I didn't talk*, o que por si acaba sendo um sinal de sua boa repercussão: leitores que, conquistados, retornam. Bracher e Morris foram merecedores de elogios também no novo romance que se apresenta. Resenha que tenta atrair para o livro que se indica sem revelar em excesso, destaca sua interpretação de que “segredos e mentiras” não infestam só a família de quem se fala, mas o país, ideia que sinto não ter sido melhor desenvolvida.

A crítica seguinte, da *Harvard Review*, é assinada pela editora e escritora iniciante Ally Findley (2021). Observação menos frequente, mas de mais de um crítico, para Findley o romance obriga uma leitura ativa para descortinar a história por trás dos relatos “concorrentes e às vezes contraditórios” dos três narradores. Adjetivos grandiosos como “impressionante”, “magistral”, “hipnótico” comparecem. Findley dá

uma atenção a mais para a personagem Elenir, cujas raízes indígenas fariam seu apagamento ainda mais pungente. Apesar disso, o forte entrecruzamento de história, classe, herança, memória, não é lido como coisa alheia, do Outro Brasil.

Forester McClatchey (2021) também é um crítico da Harvard Review, mas seu texto sobre Antonio sai pela *Washington Examiner*. Além de poeta, McClatchey tem formação na área de artes. Após um breve primeiro momento de elogios, logo se vê que não se trata de uma crítica positiva. Os pontos críticos estão resumidos na seguinte frase: “personagens vagos, prosa rígida e explosões metaficcional forçadas condenam o romance à monotonia”. Quanto à “wooden prose”, não se decide se viria “do português de Bracher ou do inglês de Morris”. Leitor de *I didn't talk*, afirma que o romance anterior “tende a ser íntimo, historicamente consciente e sombrio” e se decepciona frente às propostas do romance seguinte, para quem o que há de melhor são “anedotas” (cita dois episódios de violência) sobre Xavier e Teodoro. Se concede um elogio, retira-o seguida: há bons epigramas, mas são lugares comuns sem personalidade; a enumeração pode ser um recurso interessante, mas a que cita de Bracher teria elementos banais. A frustração de suas expectativas prejudica a análise do novo romance, como na sua leitura do personagem Benjamin, para ele “meramente um curioso”, mas que já foi fruto de melhores análises, como se verá adiante. Outro ponto que se destaca, dado algumas das discussões levantadas nesta tese, é a insatisfação quanto às descrições de São Paulo poderem “passar por quase qualquer cidade”. O contato com o que há de cosmopolita no Brasil também frustra.

Na revista *Asymptote*, por outro lado, *Antonio* é lido com muito entusiasmo e tem dupla atenção, já que, num segundo momento, Morris é entrevistado para falar sobre o processo de tradução desse romance em específico. Enquanto no *The New York Times* *Antonio* constou em uma lista semanal com três ou quatro indicações de lançamentos, na *Asymptote* ele foi o escolhido como homenageado em uma coluna de frequência mensal. Quem assina é a mestrandia em literatura comparada Nicole Bilan (2021). Ela é assistente de edição nessa revista e diz estar buscando seguir carreira na área da editoração. O texto é longo e elogioso. Bracher aparece como “uma das vozes mais poderosas da literatura brasileira contemporânea” e a leitora diz se comprazer em lê-la, com seus três narradores, “como quem se senta em volta de uma lareira ouvindo um parente contar histórias”. No entanto, em seguida explica que não se trata de uma “escuta” passiva, pois o narrado inquieta e aproxima leitor e

Benjamin: “ficamos chocados, confusos, inseguros e irados, como ele está”. Quanto a Morris, faz um elogio mais preciso que os habituais: ele teria conseguido manter na tradução sutilezas que distinguem os personagens em matéria de classe, religião e posições políticas. Além da, que se mostrou frequente, referência a *I didn't talk*, cita ainda uma conversa entre Bracher e o também vencedor do Oceanos Nuno Ramos (2019). O texto foi traduzido para o inglês por Morris e publicado na *Bomb Magazine*. Ambos, Bracher em especial, trocam sobre seu processo de escrita literária.

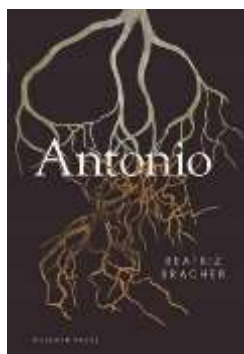
A referida leitura criativa sobre o personagem Benjamin é a suposição de Morris (2021) de um temor sobre a ascendência da loucura no filho que vai nascer; quem, afinal, dá nome ao livro. Essa impressão está registrada na sua entrevista à *Asymptote*, assim como sua iniciativa de procurar a New Directions com a proposta de traduzir *Não falei*.

Na *Kirkus Reviews* (2021) o romance é chamado de “filosófico” e “uma meditação elegante e nuançada sobre família, classe, percepção, doença e morte”. Destaca a construção da história por uma acumulação de detalhes gradualmente colhidos nos diferentes relatos – sujeitos aos filtros da memória e conflitos dos personagens inquiridos. Essas resenhas não vêm acompanhadas do nome de seu autor.

Na *Publishers Weekly* (2021), que tem o mesmo perfil, há uma breve apresentação informativa, sem assinatura, que destaca Bracher como “uma das mais fascinantes escritoras brasileiras contemporâneas”.

Apesar do atraso e de chegar na esteira da proposta de publicação de um outro romance seu, Bracher, ao que parece, tem tido um desempenho bastante razoável nos Estados Unidos, formando leitores que acompanharam seu novo lançamento. Há uma gradação nas críticas, que vão de um quase ignorar da circunscrição brasileira até a explicação do Brasil através do romance. O denominador comum (mesmo se com ressalvas) são as considerações sobre a forma: como o romance foi construído, a necessidade de uma leitura atenta que identifique as idiosincrasias de cada narrador.

6.19. ANTONIO NA INGLATERRA



Ano de lançamento no Brasil – 2007

Ano de lançamento na Inglaterra - 2022

Editora – Pushkin Press

Tradutor - Adam Morris

Sinopse - *Benjamim, um jovem à beira da paternidade, descobre um perturbador segredo de família: antes de seu pai nascer, seu avô paterno teve um filho com a mãe de Benjamim. Com os dois mortos, Benjamim recorre a três de seus confidentes para reconstituir a história de sua família: Haroldo, o melhor amigo de seu avô; Isabel, sua avó; e Raul, amigo de juventude do pai. Por meio de seus depoimentos conflitantes, cheios de pontos cegos e contradições, Benjamim vai aos poucos conhecendo os segredos e conflitos que destroçaram sua rica família; da busca do pai por um sentido na pobreza do sertão e de sua queda na loucura. Em prosa de grande sutileza e perspicácia penetrante, Beatriz Bracher constrói um retrato indelével de uma família e de uma sociedade em decadência* (PUSHKIN PRESS, 2023).

A tradução de Morris saiu na Inglaterra no ano seguinte, em 2022, pela Pushkin Press. Na capa, um desenho de raízes contra fundo preto que, conforme avançam em profundidade, mudam de cor, dando ideia de apodrecimento. Evoca, com carga negativa, origem, família, árvore genealógica, passado.

A Pushkin Press foi fundada em 1997 com o propósito de trazer literatura traduzida para a Inglaterra, mas só muito raramente a hispano-americana. A descrição do livro no *site* da editora enfoca o drama familiar. Pequena e independente, é verdade, mas não a ponto de justificar a ausência de repercussão dessa sua edição, afinal, esta própria pesquisa teve a oportunidade de atestar o potencial de retorno que a atenção de uma pequena editora pode trazer para suas publicações. Tendo sido bem-recebido nos Estados Unidos, também não atribuiria ao romance em si impeditivos para além dos intrínsecos também aos outros.

6.20. ACENOS E AFAGOS NOS ESTADOS UNIDOS



Ano de lançamento no Brasil - 2008

Ano de lançamento nos Estados Unidos – 2022

Editora – Two Lines Press

Tradutor - Edgar Garbelotto

Sinopse - *Depois de abandonar sua vida tradicional em uma Porto Alegre decadente, o narrador de Hugs and Cuddles zelosamente renova seu compromisso com um homem que chama de “o engenheiro”, um amigo de infância com quem teve um encontro sexual crucial. Muitos anos se passaram desde seu corpo-a-corpo pré-adolescente; em toda parte ao redor deles há uma nação em declínio. Representantes do estado brasileiro - todos, desde funcionários do governo até os mais pobres - perseguem incessantemente os transeuntes por doações para “a causa”, mesmo quando uma misteriosa praga assola. Não dê atenção a isso. Nosso narrador insaciável, levado a descobrir seu verdadeiro eu por meio de impulsos sexuais cada vez mais transgressores, está em uma jornada épica pelas sombras dessa sociedade disfuncional, porém cortês.*

O romance resultante é a declaração mais radical do falecido João Gilberto Noll: uma viagem nível Livro das Revelações até o fim do gênero e aos confins da expressão sexual e artística. Agilmente traduzido do português por Edgar Garbelotto, Hugs and Cuddles é uma fábula assumidamente explícita de fluidez que leva os leitores de centros de cidade decadentes aos corredores escuros de um misterioso submarino e a um casebre miserável na floresta tropical, onde, finalmente, nosso narrador encontra paz (Two lines press, 2023).

João Gilberto Noll foi um acontecimento na literatura brasileira contemporânea: a dissolução identitária, o trânsito nômade, as experiências ousadas com a linguagem e com a representação do corpo, tudo isso foi bem de encontro a discussões que ganhavam força na década de seus primeiros lançamentos. A recepção de seus livros nos Estados Unidos, quase toda póstuma, mostra ter ainda uma alta capacidade de inquietar. Noll foi um escritor fartamente laureado em vida em seu país e teve considerável circulação internacional: foi professor convidado em Berkeley, escritor residente no King’s College, na Rockefeller Foundation, no Iowa International Writing Program e premiado com uma bolsa Guggenheim. Mas há moderações. Na França tem apenas um livro traduzido, *O quieto animal da esquina*, por uma editora pequena, a Éditions Do. Nos Estados Unidos há surpreendentes cinco traduções, porém todas também por uma pequena editora, a Two Lines, e recentes, entre 2016 e 2022.

Quando uma editora opta por trabalhar exclusivamente com traduções nos Estados Unidos ou Inglaterra, é uma escolha consciente por baixo lucro. No caso da Two Lines, trata-se de uma empresa longa e amplamente comprometida com o tema. Em uma linha do tempo, a editora deriva do jornal *Two Lines: World Writing in Translation*, que iniciou suas atividades em 1993. Em 2000, uma de suas fundadoras

dá início a um projeto mais amplo de incentivo à literatura estrangeira e de valorização ao trabalho dos tradutores, a ONG The Center for the Art of Translation. No ano de 2013, finalmente, abrem-se à editoração de livros.

Em sua página de apresentação, quando destacam, como exemplos, nove nomes de escritores já publicados por eles, o mais próximo do Brasil, geograficamente, é o mexicano Yuri Herrera. De qualquer modo, a dedicação vocacionada da editora transparece também no caso de Noll. Em primeiro lugar, pela insistência. J. G. Noll não foi um dos autores destacados no texto de apresentação da editora, mas o foi em outra ocasião, em contexto que diz muito. Foi citado pelo editor Michael Holtmann (2021) quando questionado sobre os maiores riscos que a editora já assumiu enquanto um negócio: o longo compromisso, diz ele, com obras “difíceis de catalogar”. Continua: “Por um lado, não consigo imaginar uma editora comercial assumindo qualquer um desses livros; por outro, esses livros constituem a própria estrutura do que estamos tentando fazer, o que define a Two Lines Press”. Mesmo insatisfeitos com o retorno financeiro dessas traduções, seguiram traduzindo-o como que guiados por uma ideia de “missão” ou “dever”. A palavra “missão” e também “causa” aparecem textualmente nessa entrevista com a equipe, se referindo ao trabalho da editora de forma geral.

A edição estadunidense de *Acenos e afagos* foi lançada em outubro de 2022, felizmente uma data que ainda permitiu uma cobertura satisfatória por esta tese da sua recepção crítica nesse país. A capa traz a imagem de dois torsos musculosos sobrepostos, mais provavelmente masculinos.

Na sinopse do livro pela editora (TWO LINES PRESS, 2023), defende-se que a obra é o romance “mais radical” de Noll, com o que os críticos que não o liam pela primeira vez parecem concordar. Nesse mesmo texto, menciona-se o Brasil ficcionalizado, mas para dizer em seguida: não é do que se trata, e sim da jornada íntima do narrador, no que novamente os críticos, em um quase consenso, parecem concordar.

Houve uma mudança de mãos dentro da Two Lines a partir de *Lorde*. Adam Morris (o tradutor de *Antonio*) traduziu os dois primeiros livros de Noll publicados pela editora, *O quieto animal da esquina* e *Hotel atlântico*. Além de *Lorde* e *Acenos e afagos*, o novo tradutor, Edgar Garbelotto, assinou também *Harmada*.

Edgar Garbelotto é brasileiro, mas mora nos Estados Unidos há mais de vinte anos. Sua profissionalização na área da literatura tomou corpo apenas recentemente e as traduções que fez de Noll são o que há de maior destaque. Tem um primeiro romance de sua própria autoria escrito em inglês e português, mas ainda não publicado.

Garbelotto optou por mudar uma das palavras desse título de Noll. *Acenos e afagos* saiu nos Estados Unidos como *Hugs and cuddles*. Admitindo (GARBELOTTO, LAWLOR, SYCAMORE, 2022) que uma tradução possível de “acenos” seria “*nod*”, a opção por “*hugs*”, “abraços”, teve o fim, que considerou de maior importância, de preservar a eufonia do título: duas palavras ligadas por “e” com três sílabas, a tônica na segunda, iniciadas por uma mesma vogal e compartilhando uma mesma vogal na última sílaba. A opção por “*hugs*” trouxe, ao menos, a similitude por “*hugs*” e “*cuddles*” iniciarem por fonemas oclusivos semelhantes e ter uma mesma primeira vogal que é seguida por um som também oclusivo.

Forma de interação que tomou grande popularidade durante a pandemia de covid-19, a editora, junto às livrarias independentes Community Bookstore e Third Place Books, promoveu um debate sobre o livro a ser exibido ao vivo na plataforma Youtube. A conversa reuniu o tradutor, a escritora e ativista *queer* Mattilda Bernstein Sycamore e Andrea Lawlor, também escritora. Ambas podem ser consideradas nomes relevantes da literatura estadunidense contemporânea dentro do recorte LGBTQIA+, um público que claramente foi buscado pela Two Lines na promoção desse livro.

O vídeo tem 57 minutos de duração e, até a data de 31/12/2022, contava 50 visualizações, sendo que a média de visualizações desse gênero de produção no canal da livraria Third Place Books é 119.

Separando esse formato de conversa em falas individuais, começo pelo tradutor para passar, em seguida, às escritoras que cumprem aqui função de críticas literárias.

Garbelotto chama atenção para o fato de que, apesar de sua disposição afrontosa, o romance tem um ponto de partida tradicional: infância e memória. É curioso que o tradutor, nessa entrevista, deixa claras suas reservas em relação ao livro que, diz, “não é perfeito”, seria “um trabalho em processo”, embora conceda que

o próprio autor não quereria esconder isso, estaria compartilhando um tatear inconcluso de como contar tal história.

Sycamore é quem arrisca mais em sua leitura, quem mais se afasta do texto explícito buscando sua dinâmica mais abstrusa. Fala em um “entre” e um “além”, uma procura do narrador por um “lugar tranquilo” entre esses dois “espaços”. Também defende que o escritor brinca com o leitor e dá o exemplo da aparição, que lhe pareceu repentina e improvável, de uma esposa.

Lawlor comenta o ritmo do romance, que tira o fôlego em um movimento contínuo para frente propiciado pela fluidez sintática. Isso e a referência à preocupação do autor com cheiros, sabores e a mecânica do corpo parecem ter cunho elogioso. Apesar da editora ter, acertadamente do ponto de vista comercial, investido no público LGBTQIA+, Lawlor faz uma observação importante: que o livro não lhe parece identitário, no que Garbelotto completa: “é pós-identitário”.

Antes mesmo do lançamento, *Hugs and cuddles* figurou em uma lista de lançamentos aguardados para o segundo semestre de 2022, publicada na revista *The Millions*. Fundada em 2003, busca dar cobertura às novidades na área dos livros, arte, cultura. A referida lista é, na verdade, bastante extensa e vamos encontrar o romance de Noll já próximo do seu final. É composta por bem mais que cem livros, logo, tal empenho necessitou do esforço de várias mãos. *Hugs and cuddles* foi colhido por Carolyn Quimby (2022): escritora, editora e crítica literária ainda sem distinções. Suas duas linhas podem dar duas impressões erradas: de o romance ser póstumo (embora a tradução o seja) e de que a “nação enfurecida” em torno do personagem tem uma relevância maior do que tem de fato. Na sequência, referenda o autor com um trecho elogioso da escritora Jenny Offill sobre *Harmada*. Embora ainda não premiada, Offill já figurou em algumas listas de “melhores romances do ano”.

Começo a incursão pelos textos de crítica com Lily Meyer (2022), que já escrevera sobre *Resistance* na *Words without borders*. Aqui, ela publica na *NPR*, que trata de literatura de forma bem menos exclusiva que a outra plataforma, mas tem aproximação no aspecto da prestação de informação de qualidade sem fins lucrativos. Seu trabalho publicado na *NPR* deixa clara sua dedicação às literaturas estrangeiras. O texto que contém a crítica a *Hugs and cuddles* contempla outras duas obras e tem o título: “3 livros em tradução que pedem muito — e permitem ao leitor pedir muito em

troca”. Junto a um romance da escritora sul-coreana Kim Hye-jin e do cubano Jorge Enrique Lage, para Meyer, em meio à valorização da delicadeza como valor literário, são obras que tomariam o caminho oposto. Já de saída, declaram-se como um desafio, pondo o leitor em alerta e fazendo crescer suas expectativas. Conclui que os três livros fazem por merecer o enfrentamento de, por exemplo, no caso de *Hugs and cuddles*, ter “destruídos” puritanismos e escrúpulos sexuais. Conhecedora da obra do autor, estranha o desejo do narrador em se converter em esposa.⁶⁸ Sempre rara, há uma crítica à tradução, a inferência de que, se algo não soa bem, há de ser o tradutor que não soube “adaptar a prosa aos ritmos da língua inglesa”.

Essa tradução de Noll fez parte da história breve da revista *Astra Magazine*, que sobreviveu apenas dois números. Seu fim precoce é lamentando em um artigo no *The New York Times* (DWYER, 2022) que tem o acontecido como sintomático do estado de coisas das revistas literárias nos Estados Unidos. A *Astra* propunha-se a ser uma revista impressa de excelente acabamento editorial, atraiu nomes relevantes, tinha um orçamento planejado, teria vendido bem, para a média, nesses dois primeiros números, mas ainda assim uma avaliação do cenário decidiu pelo seu encerramento.

Jenny Wu (2022), quem escreveu sobre *Acenos e afagos*, pode ser tida como um dos signos da qualidade pretendida pela revista. É escritora, editora, historiadora da arte e tem um cardápio variado de experiências profissionais nessas áreas. É também uma viajante e tem familiaridade com a América do Sul. *Hugs and cuddles* não foi sua primeira leitura de Noll. Na contramão da sempre destacada “corporalidade” do livro, Wu trabalha a ideia do narrador reduzido a uma voz, pois seu corpo, com todas as transformações algo fantásticas, acabaria por, defende, se tornar imaterial. Daí, disserta sobre a especificidade dessa voz: ela tem o poder de alterar a realidade como queira. O parágrafo único e incoerente não seria composto por um solilóquio como o de Molly Bloom, mas pelas frases contidas e sólidas de um Édouard Levé. Munido dessa liberdade, o narrador se divide entre o impulso de contar a história e a “ginástica verbal”. Wu conclui, “é a voz distinta e a bravata estilística de João Imaculado, e não tanto o enredo, que os leitores se lembrarão”. Também arrisca questionamentos que, segundo ela, seriam feitos pelo livro ao leitor, sobre o se doar de forma total ou reconstruir uma sociedade baseada nos valores do protagonista.

⁶⁸ O estranhamento me pareceu sem razão, sendo o escritor tão afeito às metamorfoses, quanto mais nesse romance. A autoindução em esposa é uma experiência de sujeição compreensível.

Essa leitura, como se por trás do livro houvesse uma proposta de um novo modelo de sociabilidade, não encontrou eco, ainda assim, é uma crítica valiosa precisamente por arriscar ir além das referências triviais ao sexo, gênero e corpo.

Hugs and cuddles também foi resenhado na *Words without borders*, mas por Tobias Carroll (2022), escritor ainda sem notoriedade e editor na Vol. 1 Brooklyn, espécie de organização promotora de cultura com foco no entorno imediato. O contexto é uma relação de lançamentos do mês de outubro/2022. Tendo acompanhado os romances de J. G. Noll lançados em inglês, se sente à vontade para destacar os elementos em comum, que seriam a fluidez no trato com gênero, sexualidade e ambiente. Dito isso, *Hugs and cuddles* lhe parece o que melhor representa sua arte.

A *Publishers weekly* (2022) também informou o lançamento do livro, sempre com um pequeno texto sem autor, uma nota breve. O adjetivo “estonteante”, “*dizzying*”, para descrever a marcha do romance aparece não só nesse texto. Aqui, vem mais diretamente ligado à série de transformações experimentadas por João Imaculado.

A *Foreword Review* guarda semelhanças com a *Publishers weekly* em sua intenção, ser uma referência de informação para livreiros e bibliotecários sobre os últimos lançamentos, mas com ao menos três distinções importantes: o trabalho exclusivo com os lançamentos de editoras chamadas “*indies*” e resenhas mais longas e acompanhadas de autoria. Dontaná McPherson-Joseph (2022) assinou a de *Hugs and cuddles*, uma bibliotecária ativista por maior inclusão e receptividade nas bibliotecas públicas. Há um especial interesse pelo público LGBTQIA+. Ela integra a organização nacional Rainbow Round Table, vinculada à Associação Americana de Bibliotecas, voltada especificamente para esse público. Em McPherson-Joseph volta-se a comentar (nunca em forma de crítica) a ausência de intervalos no texto, seja na forma de parágrafos ou na de capítulos; uma falta de alívio em um monólogo difícil de acompanhar. Elogia a tradução “lírica e perfeita” de Garbelotto, lirismo que não deixa de valer mesmo com a crítica se referindo, em seguida, aos desejos licenciosos e sem espaço para dúvidas, sem disfarces, da visceralidade no estudo do próprio corpo e do corpo do outro.

Novamente, então, Noll chega já algo recortado ou enviesado. Talvez seja o momento de frisar que, no Brasil, seu público leitor sempre foi muito mais amplo. Ainda que fazer parte da literatura contemporânea brasileira mais estrita obviamente seja já um recorte, é como se na publicidade nos Estados Unidos sofresse outros dois, em primeiro lugar por ser literatura estrangeira, e em segundo pelo investimento no público LGBTQIA+. Isso dito, o fato é que a editora tem encontrado leitores e que, graças a isso, entre os autores trabalhados aqui, João Gilberto Noll é o mais traduzido nos Estados Unidos.

Hugs and cuddles compôs uma lista do *Buzzfeed* de recomendações entre os lançamentos de outubro de 2022. O texto é construído como um catálogo que tenta levar, em textos brevíssimos, cada gosto a encontrar o livro que lhe corresponda. No caso da obra aqui em questão, ela seria para “qualquer pessoa que queira sair do caminho comum para algo desconhecido e inesquecível”. Quem assina é David Vogel (2022), ator e vendedor de livros. Como crítico literário, sua contribuição de mais volume é mesmo na *Buzzfeed*, onde contribui para a formulação de listas, uma marca dessa plataforma. Entre as de Vogel, percebe-se seu interesse por literatura que enquadra como LGBTQIA+. As próximas duas críticas foram publicadas em portais dedicados a esse público.

A primeira, na *The Bay Area Reporter*, jornal impresso “a serviço da comunidade LGBT de São Francisco” em operação desde 1971. Jim Piechotta (2022), escritor e *drag queen*, além de crítico literário, fala em uma urgente necessidade do protagonista de *Acenos e afagos* por “conexões *queer*”. O adjetivo “urgente” aparece de novo ao final do texto para descrever a escrita do texto, urgência que, somada aos detalhes minuciosos, seriam, assevera, qualidades “da mais memorável erótica”. Isso pode ser verdade, mas a crítica pode dar a impressão, a um leitor desavisado, de que se trata de uma “febril literatura erótica”, expectativa que a maior complexidade da obra pode frustrar.

Hugs and cuddles figurou também em uma lista de seleção da *Passport Magazine* (2022). A revista é voltada para o público LGBT e, conforme o título indica, tem enfoque no turismo. As sugestões de livros se encontram na seção “*Airplane reads*”. Semelhante à construção da lista do *Buzzfeed*, aqui também o autor busca dar a cada público a obra melhor afinada, nesse caso, na verdade, uma indicação de presente para as celebrações de fim de ano. É por isso que, no caso do romance de

Noll, recomenda-se o livro à pessoa que for a mais “safada” na lista de presentes. O parágrafo traz a única menção à capa, feita pelo designer Rafael Nobre, que vem se destacando nessa linha de trabalho. A “brilhante” foto-colagem, já descrita, sugeriria tanto uma “paisagem misteriosa” quanto a superfície do cérebro humano. Desse ponto de partida, o crítico, de quem infelizmente não consta o nome, evoca os imagéticos Salvador Dalí, David Lynch e William S. Burroughs, tentando dar ao leitor uma melhor ideia da dinâmica entre surreal e explícita do livro.

A Two Lines preserva uma relação amistosa com livreiros que cultivam os mesmos interesses e valores. Além das livrarias que copromoveram a roda de conversa sobre o lançamento de *Hugs and cuddles*, na loja virtual da Epilogue Book Café (2022), abaixo da sinopse da editora, há uma opinião do livreiro sobre a obra. Embora depois o pequeno texto vá por outro caminho, começa pela, segundo ele, importância da exploração da disfuncionalidade da política brasileira no romance, o que alguns discordariam. Passando ao tema mais comum, diz ser difícil exagerar o quanto o livro é “pervertido”. Deixa em aberto se isso é uma crítica.

Na Avid Bookshop, especialmente ativa na defesa das livrarias independentes, é semelhante. O livro está marcado com a tarja “Staff pick” em sua loja online. A tarja é acompanhada de um brevíssimo comentário de Luis Alberto Correa (2022), que se autodefine como um livreiro gay, o que novamente demonstra o ótimo desempenho (para um livro brasileiro nos Estados Unidos) com esse público. Tentando definir o ritmo veloz e atordoante do livro, tema de muitas críticas, usa a imagem do toboágua.

A exemplo da Métaillé, a Two Lines (2023) também fez um trabalho extenso de recuperação da fortuna crítica de seu lançamento na imprensa. Na relação há ainda uma fala em nome de outra livraria, a Brazos, porém não encontrei a fonte, o que pode indicar texto não mais acessível ou mesmo uma conversa privada. O trecho é atribuído a Ülika Moats, que tem formação e pós-graduação na área das artes e design, mas juntou-se à livraria em 2014 e hoje exerce função de gerência. Também ela parece vir acompanhando com atenção os lançamentos de Noll no país, pois considera que *Acenos e afagos* pode ser sua maior conquista. O conteúdo explícito do livro, e seu à vontade, são claramente positivos.

Há ainda outras duas entradas na Two Lines de citações de livreiros que podem ter sido fruto de trocas que não ficaram registradas de outra forma. Isso é ainda mais

provável considerando que estão ligados a Third Place Books e Community Bookstore, que promoveram junto à editora o evento de lançamento do livro. Uma das falas em questão é do jovem livreiro Spencer Ruchti, da Third Place. Essa livraria conta com três unidades e está entre as que têm investido na ambiência para competir com as *megastores*, oferecendo não só a venda de livros, mas também serviços personalizados, eventos, envolvimento comunitário, área de refeição etc. Ruchti, precisamente, é o responsável pela promoção de eventos. As referências sexuais explícitas e potencialmente perturbadoras, na análise de Ruchti, tomam outro patamar: “Somente um escritor buscando o divino poderia compartilhar a imaginação insana, repugnante e sexual de Noll”. Arrisca dizer, embora conceda poder não estar suficientemente informado, que não há na literatura brasileira um narrador como esse de Noll, que “pratica o 'artesanato' de todos os gêneros, ao mesmo tempo em que parodia a linguagem fétida da pornografia e o 'inferno eterno da libido’”. Aqui de nosso lado, antes de discordar, é preciso se certificar se realmente outros nomes possíveis vão à altura do voo de Noll nesses aspectos.

A livraria Community Bookstore tem um perfil de atuação semelhante, e o comentário que consta no site da editora é igualmente atribuído à pessoa responsável pelos eventos nessa livraria, Noah Mintz. Ele foi o único a tecer considerações sobre o título, que disfarçaria a natureza “imunda” do livro. Sem tom de crítica quanto a isso, Mintz, que vem da área da Letras e é também tradutor, elogia a “coragem” do trabalho de Garbellotto, sem dúvidas pela mesma razão.

Não uma livraria, mas uma organização de auxílio a elas, há também uma citação ligada à Bookshop. Sua finalidade é reunir em um só lugar os anúncios das livrarias independentes. A fala é de um contribuidor, Justin Walls, que também é livreiro. Tem-se notícia de ter sido jurado em um concurso de melhores traduções do ano e é o responsável pelo projeto *Du mois monthly*, que consiste na eleição mensal de uma obra literária “exemplar” publicada em língua inglesa. Na Bookshop é possível, em página própria, conferir suas seleções e proceder para a compra do livro. Porém não parece ter sido tirada daí a citação, pois *Hugs and cuddles* não está entre elas. Do curto trecho, vale destacar a imagem do “calvário erógeno” com que Walls teria se referido ao livro.

Por fim, também nessa relação da Two Lines, há a fala de um escritor, o colombiano Juan Cárdenas, que é acompanhada não por informação de onde a fala

foi colhida, mas pelo título de seu romance, *Ornamento* (publicado nos Estados Unidos em 2020), a fim de melhor localizar de quem se trata. Considerando a proximidade de Cárdenas com o Brasil, sendo inclusive um tradutor de Machado de Assis, e a proximidade dessa sua profissão com a Two Lines, é possível que, não tendo encontrado a fonte dessa citação, ela também não esteja publicada e seja advinda de uma conversa mais privada, com o pedido de uma palavra sobre o lançamento. Além do elogio esperado à tradução, nesse seu comentário reproduzido na Two Lines, Cárdenas usa uma metáfora elegante para tentar explicar as desorientadoras transmutações do livro: seria como escutar a um *free jazz* tocado por um virtuoso.

Não houve tempo hábil para colher resenhas que possam ter surgido a partir do mês de janeiro de 2023, porém o que se tem até o momento dá satisfatória ideia da repercussão do lançamento dessa obra. Embora não tenha figurado nos periódicos de maior prestígio, e apesar da frequência com que o livro apareceu recortado em contextos LGBTQIA+ – que chama atenção comparativamente à crítica brasileira –, o número de críticas impressiona. Não só isso, é claro. O entusiasmo, a admiração, a formação de leitores fiéis, fazem com que a longa espera pela tradução, tão longa quanto a de *Antonio*, tenha também sido devidamente recompensada, embora não o suficiente para alcançar o escritor em vida.

6.21. *TORTO ARADO A CAMINHO NA INGLATERRA E NA FRANÇA*



Ano de lançamento no Brasil - 2019

Ano de lançamento na Inglaterra - 2023

Editora – Verso Books

Tradutor - Johnny Lorenz

Sinopse - *Nas profundezas do negligenciado interior da Bahia, duas irmãs encontram uma faca antiga debaixo da cama de sua avó e, momentaneamente mistificadas pelo seu poder, decidem provar seu metal. A violência arrepiante que se segue marca suas vidas e as une para sempre. Anunciado como uma nova obra-prima e o romance brasileiro mais importante deste século, essa fascinante e envolvente história sobre a vida dos agricultores de subsistência na região mais pobre do Brasil, três gerações após a abolição da escravidão naquele país, é ao mesmo tempo fantástica e realista, cobrindo temas de família, espiritualidade, escravidão e suas consequências e luta política (VERSO BOOKS, 2023).*

O romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, já tem dia, mês e ano marcados para seu lançamento na Inglaterra, 27 de junho de 2023. A tese não poderá alcançar esta data para analisar sua recepção crítica, mas, a fim de retardar o envelhecimento do que se vem tentando construir e alcançar, as vendas de direito confirmadas para a Inglaterra e França serão alvo de consideração.

O que se pôde rastrear foi coerente com o fato de *Torto arado* ser um dos maiores sucessos de público da literatura brasileira na história recente. A parcela leitora do país (um recorte envolvendo, em enorme medida, classe média e elite, assim como em outras paragens), satisfez no romance suas curiosidades sobre o “Brasil profundo” dos quilombos, da caatinga, do misticismo afro-brasileiro. São elementos suficientemente originais para se destacarem, no estrangeiro, como uma diferença que, vinda de mãos dadas com uma aclamação crítica retumbante, fez com que o autor rapidamente pudesse firmar compromissos contratuais com editoras de diversos países. O sucesso, mesmo ainda sem cruzar as fronteiras das línguas, fez com que a notícia sobre o romance chegasse em jornais como o *Le Monde* (“Um primeiro romance que abala o Brasil de Bolsonaro”, MEYERFELD, 2021) e no *The New York Times* (“Autores negros agitam a cena literária brasileira”, (LONDOÑO, 2022).

Na Inglaterra já se sabe, além da data, a editora, tradutor e capa. O romance sairá pela Verso Books, que derivou da conceituada *New Left Review* e que preserva sua orientação à esquerda. Ela tem boa circulação nos Estados Unidos, onde é

distribuída pela gigante Penguin Random House. Vê-se, então, que o parágrafo anterior se comunica bem com as especificidades da editora que veio a promover o livro em língua inglesa. O desenho escolhido para a capa lembra o estilo de Di Cavalcanti.

Além da Verso, aparece aqui pela primeira vez o tradutor estadunidense, filho de imigrantes brasileiros, Johnny Lorenz. Ele é um dos nomes menos comentados que estão por trás do sucesso editorial de Clarice Lispector nos Estados Unidos, promovido por seu biógrafo e tradutor Benjamin Moser. Após sua proposta de uma segunda tradução de *A hora da estrela*, seguida da biografia *Why this world*, assistiu-se a um verdadeiro *boom* de traduções da autora no país, onda que já dura mais de dez anos e ainda não arrefeceu. Lorenz foi o primeiro para quem Moser passou o bastão da tradução, em *Um sopro de vida* – para o qual fez o prefácio. A partir daí, passou a prefaciá-lo e editar outros tradutores, embora eventualmente tenha ainda ele mesmo assumido a tarefa, como no recente *The woman who killed the fish*. Além de *Um sopro de vida*, Lorenz também traduziu *A cidade sitiada*. Esses trabalhos lhe renderam menções honrosas em juris literários e bolsas de incentivo à tradução como a do National Endowment for the Arts, para a tradução de *Torto arado*. Importante comentar que, além de tradutor e poeta, Lorenz é também professor de língua inglesa na Universidade de Montclair e tem produção acadêmica sobre a literatura brasileira, como um artigo sobre as metáforas financeiras em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (LORENZ, 2012) e resenhas.

Quanto à França, embora ainda não se tenha divulgado editora e tradutor responsável, em entrevista para a revista Forbes, em junho de 2021, Itamar Vieira Jr (2021). admite que os direitos já foram vendidos para uma tradução naquele país.

Interessante notar que, mesmo com todo o barulho, nesses centros de referência não se vê a pressa característica em disponibilizar traduções dos grandes sucessos editoriais estrangeiros. Tudo leva a apostar que o livro terá uma boa recepção, porém sempre dentro das limitações compartilhadas entre os autores brasileiros: a tradução da Verso prevista apenas para o meio do ano de 2023, a da França que sequer se sabe, neste janeiro de 2023, por quais mãos e quando chegará o livro.

6.22. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS NÃO TRADUZIDOS

Concentrei meus esforços nas obras traduzidas e não pude empreender qualquer análise aprofundada sobre todas aquelas premiadas que não foram contempladas com traduções nesses espaços. Nesta seção, busco apenas proporcionar ao leitor informações elementares sobre gêneros, temas, e se se trata de escritor já traduzido.

Pareceu correto classificar aqui como não traduzido apenas lançamentos publicados até 2018, para ter em conta um intervalo razoável pós-publicação. Aí estão *Antonio* e *Acenos e afagos* como prova de que esses dados não têm data para deixarem de estar sujeitos a atualizações.

Nenhum livro de poesia ou contos foi traduzido, o que deixa claro que se trata de um desinteresse editorial pelo gênero, acima de tudo. Para fins de concisão, enuncio apenas cinco casos entre esses, por se tratar de escritores que já haviam tido livros anteriores traduzidos.

Um deles é Dalton Trevisan. Com um estilo bastante marcado na forma e no tema, um “retrato do Brasil” alinhado com o brutalismo e regado a sarcasmo, Trevisan já teve seu *O vampiro de Curitiba* traduzido pela Métailié e pela icônica Knopf. Mas assim ficou. Esse caso (assim como outros que se verão) deixa a impressão de que a repercussão não foi o suficiente para arriscar nova edição.

Também premiado por um livro de contos, *O voo da madrugada*, Sérgio Sant’Anna no passado havia sido traduzido por seu romance *Um crime delicado* em pequena editora na França. Esse romance certamente se beneficiou pela correspondência com uma ideia de lascívia brasileira, de um “fator Rio” e de toques policiais. A mesma lógica que uso com Trevisan precisa ser estendida a todos quando se nota que as traduções não tiveram seguimento. Agravante para Sant’Anna, que escreve também romances, a publicação de contos estrangeiros é uma excepcionalidade.

Caso semelhante, Edgard Telles Ribeiro também já era um romancista traduzido. Seu primeiro romance, *O criado-mudo* foi vertido para o inglês, alemão, espanhol e holandês. Para a língua inglesa, teve também traduzido *O punho e a*

renda, pela australiana Scribe. Ignorando o livro *Histórias mirabolantes de amores clandestinos*, nessa indústria avessa às narrativas curtas, Edgar T. Ribeiro segue sendo publicado. Seu *O impostor* (uma novela, justiça seja feita) está previsto para sair nos Estados Unidos pela editora Bellevue Literary Press em junho de 2023.

A poeta Marília Garcia foi publicada em língua inglesa (*The territory is not the map*), em uma editora pequena e sem fins lucrativos (Ugly Duckling), no mesmo ano em que lançava no Brasil seu premiado *Câmera lenta*. De 2017 para cá não se contam novas traduções.

Entre as narrativas longas, no período considerado, treze não foram traduzidas, um número que considero positivamente notável, posto ao lado das treze traduzidas.

Luiz Antonio de Assis Brasil tem dois livros traduzidos na França, *Breviário das terras do Brasil* e *O homem amoroso* (aparentemente não foi um título apelativo o bastante e se viu seguido pelo subtítulo “*Mésaventures d'un orchestre symphonique sous la dictature militaire brésilienne*”). Nota-se que, dentro da extensa obra do escritor, são escolhas bem marcadas, Brasil “*comme il faut*”. Já *A margem imóvel do rio* é um romance de geografia bem mais específica, passando-se nos pouco tropicais pampas gaúchos.

Silviano Santiago também é um escritor já traduzido, na França e Estados Unidos, por *Stella Manhattan*. O livro pode remeter o leitor ao “tesão brasileiro” e aborda o emergente tema “*trans*”. Nos premiados *O falso mentiroso* e *Mil rosas roubadas* não há o que se possa disputar com os gatilhos despertados por esse seu romance anterior. Em *Machado*, embora o ficcionalizado seja o representante primeiro da “alta literatura brasileira”, a obra de Santiago não traz à baila os anos áureos da carreira do escritor, ou sua juventude anunciadora. Traz os meses finais de seu desenlace, e isso com especificidades e, principalmente, com uma série de digressões e fantasias do autor (somadas à extensão do livro) que creio explicarem, em parte, o atual desinteresse.

O *Duas praças*, de Ricardo Lísias, pode fazer lembrar, por uma associação temática, o traduzido *A resistência*, de Julián Fuks. Lhe faltou, talvez (o que não se refere à qualidade, é apenas um esforço para imaginar o que funciona ou não para exportação), que a resistência à ditadura aparecesse mais como tema, problema, sentimento, inscrição na carne.

Com o prêmio de Teixeira Coelho temos outro “romance de resistência”, mas em *História natural da ditadura* essas são plurais, a ditadura brasileira é uma entre outras e há um desejo de refletir sobre o cerne, o íntimo do autoritarismo. Mais que tudo, o gênero pode ter sido uma barreira, misto de filosofia, ficção e poesia.

O *Ó* de Nuno Ramos é um acontecimento, romance que também desperta dúvida sobre sua classificação, inventivo, original. Embora destituído de “brasilidade”, a sensação causada interessou a tradutora Krista Marie Brune. Professora assistente no departamento de Espanhol, Italiano e Português da Penn State, Brune preparou um portfólio para a apresentação do livro, mas não recebeu uma resposta positiva das editoras procuradas (entre as quais as americanas Two Lines, de J. G. Noll, e New Directions, de B. Bracher)⁶⁹.

O cheiro do ralo, de Lourenço Mutarelli, coincidindo com a entusiasmada repercussão no Brasil, foi traduzido na França, mas *A arte de produzir efeito sem causa* não soube repetir a façanha.

O Outra vida, de Rodrigo Lacerda, é mais um exemplo daqueles romances que, a despeito da boa qualidade, talvez tenha sido excessivamente sobre “classe média e matrimônio” para conseguir se destacar.

Marina Colasanti é outra escritora entre os já traduzidos, em seu caso por uma obra de sua lavra infantojuvenil, *Uma ideia toda azul*, que saiu nos EUA por uma editora universitária. Isso concorda com sua posição no sistema literário brasileiro, onde é mais comumente associada à sua produção nesse gênero.

Em *O sonâmbulo amador*, de José Luiz dos Passos, tem-se um caso semelhante ao já descrito sobre o *Outra vida*, de Rodrigo Lacerda.

Elvira Vigna talvez seria uma forte candidata à tradução entre os premiados, não fosse seu romance *Por escrito* talvez uma excessiva expressão de que o país tem hoje cerca de metade de sua população classificada como uma classe média de concentração urbana, que cultiva hábitos cada vez mais estandardizados da cultura ocidental capitalista.

⁶⁹ Informações compartilhadas por e-mails trocados com a tradutora. BRUNE, Krista. **Sobre Ó**. Mensagem recebida por lohanna.machado@gmail.com em 14/04/2021.

Por fim, um candidato que poderia satisfazer pela diferença seria Alberto Mussa, com *A primeira história do mundo*. Seu *O enigma de Qaf* saiu tanto na França quanto na Inglaterra por pequenas editoras e, nessa mesma condição, também *O senhor do lado esquerdo* (França e Estados Unidos) e *O movimento pendular* (França, pela mesma editora de ...*Qaf*)⁷⁰. Não se tratava de interesse pelo Brasil na primeira tradução (poderia ser alegado apenas nos outros dois romances), parecia satisfazer outra demanda, por romances policiaescos⁷¹. A partir de *A primeira história do mundo*, apesar do apelo exótico e após três romances consecutivos lançados em um país ou outro, o interesse arrefece e não surgiram novas traduções.

⁷⁰ Como se vê, há um melhor desempenho nesse país, certamente impulsionado pelo trabalho de seu agente Stéphane Chao.

⁷¹ Sugestão do colega Henrique Balbi, pesquisador da obra de Mussa, *O enigma de Qaf* também teria se beneficiado de um interesse crescente pelo mundo árabe após eventos como o 11/09 e a guerra no Iraque.

7. EXERCÍCIO DE SÍNTESE DOS DADOS COLETADOS

A travessia por essas obras, até aqui, foi caso a caso e necessitava um texto mais descritivo e informativo. Parto para uma tentativa de síntese e análise das informações colhidas sobre esses livros. O direcionamento do olhar agora é para o que puder enriquecer as discussões levantadas no primeiro capítulo, servir de substância para suposições ou julgamentos pouco amparados, além de respostas, ainda que parciais, para perguntas levantadas.

Premiado pela primeira vez em 2003, o Portugal Telecom se abre em 2007 para escritores de todos os países de língua portuguesa. Trato aqui dos brasileiros que, entre 2003 e 2021, foram 47 dos 62 laureados. Entre esses premiados brasileiros, onze (ou 23%) foram – por hora – traduzidos em ao menos um dos espaços pesquisados. Esse número inclui Itamar Vieira Jr., cujo *Crooked Plow* se encontra já no prelo, mas, para fins de contabilização, não foi considerada sua tradução para o francês, do que se tem apenas notícia dos direitos vendidos (conforme adiantado). Também não será contabilizada nesta seção do trabalho a venda de direitos de *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, para a Charco Press. O negócio, que teve intermediação da agente Laurence Laluyaux, da RCW, foi noticiado em dezembro de 2021 (COMERFORD, 2021) e dizia ter previsão de lançamento em 2023. Após pouco mais de um ano, não se teve novas notícias sobre essa provável tradução, como por exemplo uma previsão mais firme sobre a data do lançamento ou uma divulgação oficial do tradutor responsável.

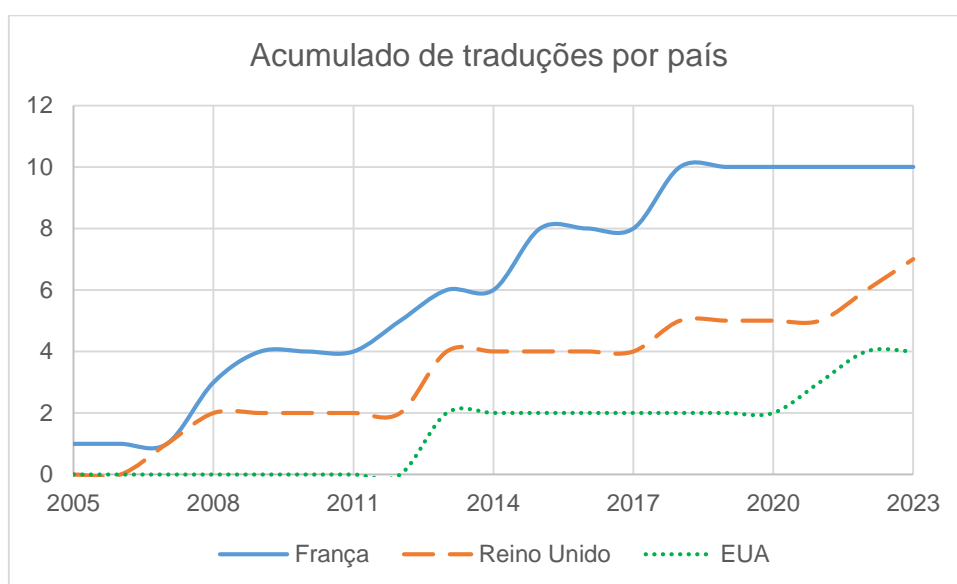
Desses autores, doze romances e uma novela foram traduzidos. Bernardo Carvalho não foi o único a ser contemplado pelo Portugal Telecom/Oceanos em três ocasiões; Silviano Santiago também o foi. Mas é sem par ter tido, além disso, as três obras traduzidas em ao menos um desses países.

Há uma pequena prevalência, nesta seleção, de escritores que já haviam sido traduzidos em algum desses espaços por obra anterior. Nesse grupo estão Chico Buarque, Milton Hatoum, Bernardo Carvalho, João Gilberto Noll, Arthur Dapieve e Beatriz Bracher. Entre os estreantes, contam-se Cristóvão Tezza, Sérgio Rodrigues, Rubens Figueiredo, Julián Fuks e Itamar Vieira Jr. Vejo esse equilíbrio de forma

positiva: mostra abertura a novas gerações de escritores e disposição, a depender do interesse, para aumentar a carta dos já publicados.

Os Estados Unidos publicaram quatro desses romances. No Reino Unido, foram sete traduções. A França não deixou quase nada de lado, publicou dez dessas treze obras (e, lembrando, dessas três que não traduziu, há fonte confiável sobre a venda de direitos de *Torto arado*). Essa posição significativamente à frente fica dentro do esperado. O gráfico abaixo, que indica o acumulado de traduções por país, acrescenta a esses dados uma leitura no tempo. Sobre a França, chamo atenção para a estagnação após sua última tradução, em 2018. Embora o Reino Unido também contenha períodos longos sem nenhuma publicação das obras deste *corpus*, vê-se que há um equilíbrio na distribuição dos seus intervalos, que sempre ocorreram e talvez estejam diminuindo. No caso francês, é a primeira ocorrência de horizontalidade em todo o período – e de relevância. Nos Estados Unidos, é notável que é o país onde essas traduções chegaram mais tarde, passando depois novo longo período sem novas publicações. Bem poderia, desta vez, umas levarem a outras. A hipótese não é sem razão. Enquanto em 2013, apesar da repercussão de *Spilt milk*, tivemos também um ignorado *The eternal son*, as traduções de Beatriz Bracher e Noll renderam, ambas, bons comentários.

FIGURA 2 - ACUMULADO DE TRADUÇÕES POR PAÍS



Fonte: autora

As traduções entre os dois países de língua inglesa aproveitam o trabalho do mesmo tradutor, mas suas respectivas mídias culturais só muito raramente comentam aquilo que não se publica dentro de suas fronteiras nacionais – ao menos nesse nicho. Nas vezes em que houve exceções, elas não foram protagonizadas pelos ingleses, mas sim pelos críticos estadunidenses, em especial no caso de *Resistance*. Considerando o bom potencial de distribuição da editora Verso nos Estados Unidos, podemos esperar que a tradução de *Torto arado* também seja lá comentada.

Pensando agora esses dois países em oposição à França, outro dado de grande importância é que as obras que se publicaram em ambos os idiomas (*Nove noites*, *Cinzas do Norte*, *O filho eterno*, *Leite derramado*, *A resistência*) receberam, com exceção de *Nove noites*, maior atenção da crítica literária nas traduções em inglês.

Antes de tentar alcançar um quadro geral a respeito das várias figuras envolvidas no processo de edição, tradução, promoção e debate desses livros, é preciso retomar que as análises são feitas buscando discernir o valor de cada um desses atores em seus próprios campos, ancorada na hipótese de que quanto mais prestigiosos, quanto mais são considerados “autoridades”, mais essa “aura” se transmite ao que vem por suas mãos. Tenho também como premissa que

No universo literário, se também o espaço das línguas pode ser representado segundo uma “figuração floral”, ou seja, um sistema em que as línguas da periferia são ligadas ao centro pelos políglotas e pelos tradutores, então será possível medir a literariedade (o poder, o prestígio, o volume de capital linguístico-literário) de uma língua não pelo número de escritores ou de leitores dessa língua, mas pelo número de políglotas literários (ou protagonistas do espaço literário, editores, intermediários cosmopolitas, descobridores cultos...) que a praticam e pelo número de tradutores literários – tanto para exportação quanto para importação – que fazem os textos circularem a partir dessa língua literária ou em sua direção (CASANOVA, 2002, p. 37)

São obstáculos observáveis, passando das considerações generalistas (das quais tentei dar ideia) sobre a insularidade da língua portuguesa (apesar do número de falantes, apesar de ser uma língua europeia...) e ajustando o foco para como isso afeta a difusão da literatura escrita nesta língua. Nesta etapa, ressalto o que Casanova

chamaria, então, de “baixa literariedade” da língua portuguesa, se confirmarmos nesses países que seus editores e associados não têm familiaridade com o português, os tradutores disponíveis são pessoas sem grandes distinções no campo literário de chegada, e que há falta de empenhados “intermediários cosmopolitas e descobridores cultos” em atuação.

Com tudo isso em mente, passo a costurar e condensar, afinal, essas recepções internacionais vistas antes individualmente. Avançarei por categorias: relação prévia dos escritores com o país-destino; considerações sobre os temas e características dos romances traduzidos; impacto da editora e do tradutor; participação em prêmios literários; escolha das capas; prestígio do jornal, revista ou correlato que publica a resenha; teor das críticas; nível de influência dos críticos que as escreveram.

Espaços de desejo como França, Inglaterra e Estados Unidos têm atraído artistas de regiões mais desprovidas em tradição literária, cinematográfica etc. para muito além de, digamos, uma tradução ou exibição em local de prestígio. Fugindo (mesmo intencionalmente) de períodos históricos de seus países que tenham sido sombrios para a cultura, ou bastando a insatisfação com um horizonte muito restrito, avançam para uma luta corpo a corpo onde seu trabalho possa ter não só mais alcance, mas maior valorização conforme validado por pares, intelectuais, críticos mais sonantes. São três países habituados a ser refúgio de artistas, mas o Brasil fez disso pouquíssimo uso até hoje, mesmo durante a ditadura. Entre os casos estudados aqui, o que há de mais próximo são Milton Hatoum, Chico Buarque, Bernardo Carvalho e João Gilberto Noll.

Hatoum efetivamente foge da ditadura e faz estudos na França, mas seu primeiro romance só sairia anos após seu retorno ao Brasil, e não encontrei benefícios dessa estada para seu desempenho enquanto escritor naquele país.⁷² Chico Buarque, embora a tenha visitado, preferiu a França pela Itália, com a qual tinha laços familiares. Entretanto, sua simpatia pela França é crescente e passa a se hospedar periodicamente na sua capital, mas não como uma tentativa de aproximação com o mercado livreiro ou com personalidades do sistema literário francês. São estadias

⁷² Convém não perder de vista que as traduções, e também essas residências, são aproveitadas em ambiente interno para prestígio do autor.

discretas, como uma fuga do nome, sem participar, por exemplo, de feiras literárias ou dar entrevistas acerca de seus livros. Bernardo Carvalho morou em Paris a trabalho, enviado pela Folha de S. Paulo, nos anos 1980⁷³. A experiência muniu o autor de intimidade com o país e o idioma, do que faz bom uso quando atende a convites e circula com desenvoltura divulgando suas traduções.⁷⁴ J. G. Noll, quase personagem de si mesmo, aventurou-se em diversas estadias criativas e profissionais fora do Brasil. Pareciam mais um desprendimento de seu lugar geográfico do que um desejo ou esforço real de migrar em definitivo. Acabados os compromissos firmados, retornava – e de novo partia. No país que foi seu principal destino, os Estados Unidos, suas traduções chegaram com demora, porém com uma dedicação empenhada da editora.⁷⁵

Para divulgar as obras traduzidas, sim, viaja-se. Bernardo Carvalho naturalmente se destaca, devido a essa sua circulação orgânica na França e à atenção de sua editora. Ele vem seguido pelo jovem Julián Fuks, especialmente em estada no Reino Unido, onde também ficou clara a importância do papel da editora. Como esperado, Sérgio Rodrigues compôs a delegação de escritores enviados ao Salão do Livro de 2015, para divulgação de *Dribble*, porém, outro retrato das assimetrias com o caso de *Maracanazo*, Dapieve não esteve presente. Cristovão Tezza esteve pelo menos na França para divulgação de seu romance. Por conta da data recuada, não me sinto segura de asseverar que Milton Hatoum não viajou para acompanhar o lançamento de *Cendres* ou *Ashes of the Amazon*, porém não há nenhum indício. Chico Buarque, como dito, não costuma usar de suas estadas em Paris dessa forma, quanto menos se deslocar para os Estados Unidos ou Inglaterra com este fim, o que tem coerência com a forma acanhada (estratégica?) com que divulga sua obra de ficção mesmo em ambiente doméstico. Também não há indício

⁷³ Com exceção de J. G. Noll, nota-se uma prevalência de Paris entre os destinos. O trânsito, especialmente dentro das universidades, do Brasil para os Estados Unidos cresce a olhos vistos, mas a França, central, quase única no século XIX, ainda exerce atração sobre o Brasil.

⁷⁴ Carvalho também foi correspondente nos Estados Unidos, mas não deixou disso rastros; ainda não foi traduzido naquele país.

⁷⁵ Para quem considerar que essa questão hoje seja antiquada, fato é que, mesmo se em outra configuração ou relevo, esses países continuam a receber esse gênero de imigração. No plano ao menos do desejo, quantos artistas brasileiros hoje não almejavam esse tipo de exílio em tempos de furtiva repressão no país? Às vésperas da eleição de Bolsonaro em 2018, Hatoum (2018) dizia em uma entrevista para o *Le Monde* que planejava deixar o país se as pesquisas se confirmassem. Escolheria entre Portugal e França. As pesquisas se confirmaram, mas não a partida. Para o continental e periférico Brasil, nota-se que, historicamente, São Paulo e Rio de Janeiro serviram de mecenas mais efetivas.

de deslocamento de Rubens Figueiredo, compreensível devido às limitações da editora, ou de Beatriz Bracher. A publicação de *Hugs and cuddles* foi póstuma.

No que tange à ambientação dos romances traduzidos, desses treze, oito podemos dizer que, para citar novamente Piers Armstrong (1999, p.156), correspondem ao “apetite internacional pelo Brasil”. São eles *Cinzas do Norte* e *Nove noites*, que se passam em grande medida na Amazônia; a periferia carioca em *Passageiro do fim do dia*; *O dribble* e *Maracanazo*, com o futebol bastante presente como tema e tecitura; *Leite derramado*, que faz um sobrevoo sobre pelo menos 150 anos da história brasileira; o quilombo de *Torto arado* e, por fim, *Antonio*, de Beatriz Bracher, o caso que mais titubeio. Questiono o quanto o “Brasil idílico” de Minas Gerais visto pela família de classe média liberada e intelectualizada de São Paulo, seus choques culturais, são exclusivas nacionais, mas é uma leitura perfeitamente possível e o livro foi também lido nesse sentido, inclusive na apresentação da primeira edição, a dos Estados Unidos.

Nos cinco restantes, apesar dos protagonistas nasceram no Brasil, bem poderia ser, em diferentes medidas, em outro país; as mudanças de endereço lhes trariam menos perdas, comparativamente, que nos romances do outro grupo, cujas alterações desse gênero poderiam até mesmo fazer desabar toda a estrutura. Houve nessas obras outros atrativos, naturalmente, mas talvez essa diferença, cinco de oito, não seja ruim. Importante ter sempre em mente, afinal, que são todos romances contemplados com um prestigioso prêmio literário brasileiro.

Antes destaquei alguns lugares-comuns sobre o Brasil visto de fora que podem ter ajudado a alavancar aqueles oito romances, aqui, elenco brevemente quais outros chamarizes podem ter sido os trunfos das outras cinco obras. Em *O filho eterno*, a raridade de uma autoficção⁷⁶ com seu tema, e a transnacionalidade dele, fizeram esse *best seller* brasileiro ultrapassar as fronteiras de quatorze países. A ditadura argentina, se não é, naturalmente, um “lugar-comum” nosso, é um dos da América do Sul e é tema de *A resistência*. Os casos de *O sol se põe em São Paulo* e *Simpatia pelo demônio* são de difícil análise, já que o autor conta com uma editora na França que invariavelmente publica suas novas obras, o que turva a avaliação. Por outro lado, é

⁷⁶ A qual é um dos gêneros da moda e vão por ela também *A resistência* e em menor escala *Nove noites*.

talvez o escritor mais cosmopolita, sendo mesmo uma marca sua o desenraizamento e o trânsito amplo. No caso de Noll, é chamativa a frequência com que o livro figurou em contextos LGBTQIA+. Faço uma aposta de que, em parte, isso seja reflexo de como a própria editora trabalhou a divulgação do livro. Parecem ter acertado. Primeiro, julgando pela frequência e entusiasmo com que o livro foi recebido. Segundo, julgando pelo lugar, um país reconhecido por seu ativismo nessa esfera, chegando a contar, para me ater ao tema, com uma organização nacional (já referida) para atender as necessidades desse grupo dentro do contexto bibliotecário.

Nenhum livro de contos ou poesia foi traduzido. Fica evidente que não se trata de tema, qualidade, novidade, e sim de gênero. Entre as narrativas longas, no período considerado, treze não foram traduzidas, número notável, o mesmo das obras que o foram. Como demonstrado, a maior parcela das obras desse grupo, das narrativas longas não traduzidas, não tem, de fato, os apelos temáticos típicos da imagem do país. Há autores já traduzidos (mesmo entre os premiados por contos e poesia), mas infere-se, não havendo seguimento, que os resultados do passado ficaram aquém do esperado, não inspirando novos investimentos.

Neste parágrafo, proponho uma leitura opondo esses dois grupos via prestígio das editoras. Prestígio, nota-se, não significa necessariamente volume de capital, mas sim qualidade literária e material do que publica, tradição, premiações recebidas por seus títulos etc. Também aqui não pensaremos em 13 traduções, mas em 21 publicações, cobrindo quando um mesmo livro foi publicado em mais de um país. Assim, a distância entre os dois grupos, com maior ou menor carga de referência ao imaginário sobre o Brasil, já se amplia. Antes 5 de 13 obras estavam afastadas desse apelo, mas neste novo recorte passam a ser 7 de 21, ou 1/3. Nessas sete publicações, quatro foram em editoras de alto ou médio reconhecimento, ou 57%. No outro grupo, das quatorze publicações, nove delas se deram por editoras com essas características, portanto temos apenas um pequeno aumento, 64%. Em outro ângulo, desse total de 22 publicações, 13, ou 61%, são das editoras mais tradicionais, um dado em si já interessante. Porém, seguindo esse recorte, só 30% delas não faziam parte das obras mais apelativas para o gosto do público estrangeiro em termos de Brasil.

Ainda sobre o porte das editoras aqui compreendidas, percebe-se um equilíbrio entre as seguintes categorias: grandes editoras ou editoras tradicionais hoje menores,

mas ligadas a um conglomerado editorial; editoras independentes bem estabelecidas e, em um terceiro grupo, editoras independentes emergentes, descontinuadas ou universitárias. Elas podem ser mais ou menos marcadas pelo posicionamento editorial em prol das traduções. Há editoras com coleções específicas para livros traduzidos e há pequenas editoras cujo foco é precisamente as traduções.

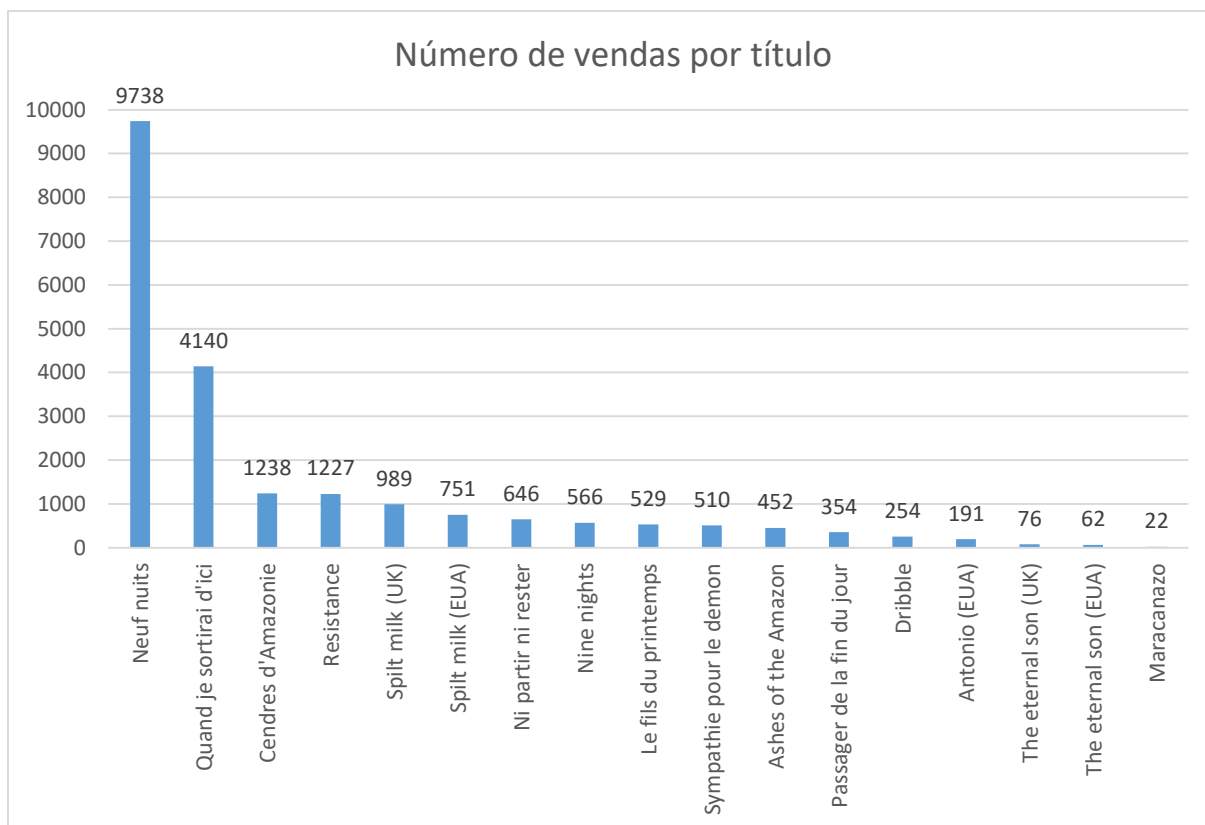
Uma breve recapitulação: B. Carvalho se solidificou com a Métailié, mas repercutiu pouco na Inglaterra e não voltou a ser publicado em língua inglesa. *Cinzas do Norte* foi a última tradução de Hatoum pela Bloomsbury e, na França, a publicação pela Actes Sud já representa uma queda em relação à sua editora anterior, a Seuil. *O filho eterno*, *best seller* nacional, sai nos três países, mas em editoras pequenas. C. Buarque também tem uma editora fiel na França, de qualidade globalmente reconhecida, a Gallimard. Suas editoras nos Estados Unidos e Inglaterra caem em estatura, mas a americana fez um trabalho excelente. Toda a divulgação da Seuil para *Dribble* resultou em uma repercussão apenas dentro da média deste grupo de livro. *Maracanazo*, numa editora muito menor e perdendo o *timing* do Salão, teve um desempenho ruim. A pequena editora de *Passageiro do fim do dia* foi encerrada não muito após seu lançamento. *A resistência* é um dos exemplos de que a pequena estatura da editora não é sinônimo de baixa visibilidade, o livro teve ótima circulação na Inglaterra, enquanto com a Grasset recebeu apenas uma crítica. A New Directions, editora de alguns dos maiores nomes da literatura americana e europeia publicada nos EUA, agora também é a casa da bem acolhida Beatriz Bracher. A Two Lines, apesar do pequeno porte, leva o mérito do investimento insistente e dedicado em Noll.

A circulação bem-sucedida de *Resistance* e *Hugs and cuddles*, mesmo advindos de duas das menores editoras, diz muito sobre os resultados potenciais de um trabalho individualizado e cuidadoso. Assim resume Chad Felix (2021), responsável pelo setor de vendas da Two Lines:

como publicamos um número relativamente pequeno de livros a cada ano, temos tempo e flexibilidade para experimentar coisas novas com cada um. Ou seja, limitações financeiras e uma missão convincente nos permitem abordar nosso trabalho de diferentes ângulos. É um benefício de uma forma distorcida.⁷⁷

⁷⁷ Nessa mesma entrevista, a Charco Press é citada pelo editor-chefe CJ Evans enquanto uma das editoras independentes que admira e, na lista do editor Michael Holtmann, aparece a New Directions.

FIGURA 3 - NÚMERO DE VENDAS POR TÍTULO. DATA DA ATUALIZAÇÃO DOS DADOS: REINO UNIDO, JANEIRO DE 2023; FRANÇA, AGOSTO DE 2021; ESTADOS UNIDOS, SETEMBRO DE 2021.



Fonte: dados coletados pela autora na Nielsen Bookscan (Reino Unido), Edistat (França) e Publishers Marketplace (Estados Unidos).

Antes de qualquer comentário sobre os dados acima, preciso reforçar que, no caso da França e Estados Unidos, eles estão atualizados apenas até o segundo semestre de 2021 (o que exclui da lista *Hugs and cuddles*, lançado em 2022). Por uma falha técnica, não consta número de vendas de *Le soleil se couche à São Paulo*. Especialmente no caso de *Antonio*, que tinha sido recém-lançado nos EUA em setembro de 2021, é cabível considerar um número significativamente superior hoje.

Gostaria de comentar esse gráfico dentro da discussão sobre o trabalho das editoras. B. Carvalho, C. Buarque, J. Fuks e J. G. Noll foram os autores mais resenhados e também os comentados com mais entusiasmo pela crítica aqui pesquisada. Isso está de acordo com o que aí se vê. Nos subcapítulos precedentes, trabalhei com dados que não os efetivos números de venda. Eles deixaram claro o esforço das editoras independentes Métaillié, Grove, Charco, New Directions e Two

Lines em fazerem esses seus lançamentos encontrarem público. Ignorando o caso de *Hugs and cuddles*, afirmaria que o gráfico também está em acordo com o que já vinha apontando até aqui. *Antonio*, com quase 200 exemplares vendidos em seis meses, também não me parece um número ruim. Ainda tendo em mente as pequenas editoras, chamo atenção para as cerca de 150 vendas a mais de *Passager de la fin du jour*, da extinta Books, em relação ao *Dribble*, da Seuil. Apesar dos recursos sem dúvida escassos, foi possível perceber esforço da parte da editora e, surpreendentemente, seu desempenho nas vendas dessa obra ficou significativamente superior ao daquela, mesmo com o preceptível investimento na figura de S. Rodrigues. Por fim, impressiona a diferença entre as vendas de *Cendres d'Amazonie* e sua escassíssima presença na mídia cultural. Atribuo isso ao nome que Hatoum já vinha formando no país com seus romances anteriores, o que há de ter gerado curiosidade sobre o novo título – além da editora que tem bom porte para sua distribuição.

A respeito dos tradutores, e lembrando o que sublinha Casanova (2002, p. 37) sobre a importância da presença do que ela chama de peritos e políglotas/tradutores no centro cultural alvo, aquele que consagra precisaria, além da intimidade com a literatura brasileira e o português, ser uma figura proeminente em seu espaço. Poderia afirmar que aqui não temos casos assim. Há Antoine Volodine, é verdade, mas o caso é enviesado. Vimos que a Seuil investiu no lançamento de *Drible*, entre a Copa do Mundo e a homenagem ao Brasil no Salão do Livro. O convite para que Volodine, recém-agraciado com o Médicis em 2014, participasse da tradução pode ter sido outra forma de *marketing*, mas não é com o Brasil que o escritor tem relações, e sim com Portugal, o que não se alterou de forma rastreável após esse evento.

John Gledson, que traduziu *Cinzas do Norte*, a depender de quem for perguntado na academia brasileira é um nome célebre, já em seu país não há reconhecimento que faça jus à sua carreira, provável consequência da falta de visibilidade de sua área de pesquisa, a qual tende a restringir o alcance do pesquisador. A “maldição”, aliás, é comum entre brasilianistas. Entre esses livros, partimos de Gledson, passamos por Alison Entekin e Daniel Hahn, tradutores premiados e em ascensão na área, até figuras praticamente anônimas. Novamente, afora o atípico Volodine, nos franceses pesa mais o anonimato. Ter sido a tradutora das obras de Saramago na França não foi o bastante para tirar Geneviève Leibrich do

anonimato, muito menos ter traduzido um número substancial da melhor literatura brasileira publicada no país⁷⁸. Alguns outros dos mais comentados tradutores de literatura brasileira o fizeram para a língua inglesa, a despeito da maior abertura do mercado editorial francês: Gregory Rabassa, Helen Caldwell, Benjamin Moser, John Gledson, ou mesmo a jovem Alison Entrekin.

Uma leitura pessimista dos dados até aqui apresentados é cabível, mas há mesmo participação em premiações a serem mencionadas. Na França *O filho eterno* foi agraciado com um prêmio dado por uma associação de psiquiatras, o Charles-Brisset. Hatoum e Buarque receberam o prêmio Roger Caillois não após a publicação dos romances aqui estudados, mas de posteriores, porém, sendo um prêmio pelo conjunto da obra, é como uma homenagem tardia. Anne-Marie Métaillé (2008) inscreveu *Neuf nuits* para o Femina e Médicis e relatou em entrevista que ele “estava perto de conseguir, mas disseram que não era consensual o suficiente”. As edições inglesas de *O filho eterno* e *Leite derramado* foram, respectivamente, *short listed* e *long listed* para o prêmio IMPACT, de Dublin. Os futebolísticos *O Drible* e *Maracanazo* foram inscritos em um prêmio francês (Jules Rimet) dedicado exclusivamente a obras literárias que versam sobre esportes. Por último, *A resistência* concorreu a um prêmio para livros estreados em um festival escocês. Aproveito para somar aqui a segunda edição de *Neuf nuits*, em resposta à primeira, de sete anos antes, que já se esgotava.

Sobre as capas, em termos de apelo, concluo que não se diferem muito das escolhas das editoras brasileiras, são ligeiramente mais apelativas ou óbvias. Dois casos de exceção são *O filho eterno* e *Leite derramado* lançados no Brasil em capa de cor sólida, logo da editora, título, nome do autor e primeiras linhas da narrativa, no caso da Companhia das Letras. Fora, suas editoras fizeram uso de imagens que ocupavam total ou parcialmente a capa. Em todos os demais casos leva-se pistas do conteúdo para a capa, mas (ignorando julgamentos da ordem do “bom gosto”) sem nada excessivo, e de forma compreensível tendo em mãos autores estrangeiros sem renome internacional. Também é verdade que a primeira edição de *Nove noites* no Brasil traz uma imagem que mal permite imaginar o enredo, mas se a Métaillé apelou para o exótico pondo a foto de um Bernardo menino de mãos dadas com um indígena

⁷⁸ Em parte, isso é um retrato da profissão do tradutor na geração da qual Leibrich faz parte, a qual, em suas quatro traduções das obras deste *corpus*, já estava na terceira idade. É notar quão recentes são as premiações para tradutores, a política editorial cada vez mais comum de se por o nome dos tradutores na capa dos livros etc.

na capa, é preciso lembrar que em edição posterior a Companhia das Letras também elevou a foto até a capa. Dado o tamanho do país, suas diferenças, o Brasil pode ser exótico dentro de si mesmo.

De forma geral, as traduções foram resenhadas numa ampla variedade de suportes nos três países, incluindo jornais, revistas, *websites* e *blogs*, *podcasts*, rádios e canais televisivos, dedicados, ou não, à literatura e à cultura. Há uma gradação de relevância que vai de jornais centenários a *blogs* pessoais, o que não significa que se trate simplesmente de uma linha diagonal. Se o prestígio dos últimos é pouco ou nada relevante nas esferas culturais mais altas e/ou tradicionais, em tempos de influenciadores digitais não se pode mais subestimar de todo a capacidade de *blogs* e *booktubers* de angariar, afinal, leitores. Um sinal disso é a seção “Dans la presse”, na página dedicada a *Sympathie pour le démon* no site da editora Métailié. Numa listagem sem distinção de importância a editora reuniu jornais, revistas e *blogs* de diferentes dimensões que comentaram o livro.

Viu-se que não há barreiras não ultrapassáveis ou severas indisposições prévias para a leitura e comentário da literatura brasileira nos meios mais significativos desses países. Nem por isso o acesso é para todos. A atenção que cada obra recebe vai do quase silêncio à recepção efusiva, mesmo com um mesmo romance em países diferentes. Defendo que esse fenômeno se dê em especial por ao menos um dos seguintes fatores: o reconhecimento que o nome do autor já conquistara; o investimento em publicidade (se há uma defesa ativa do título, enviam-se exemplares, traz-se o escritor ao país, inscrevesse-o em eventos, concursos, se há agenciamento literário...); a atração exercida pelo enredo do qual se informam previamente.

Quanto ao teor das críticas literárias, seu interesse mais frequente, ou explícito, é pelo estético, pelo gênero, forma, trama do enredo. Embora as obras que satisfazem as curiosidades sobre o Brasil tenham tido melhor desempenho nas escolhas editoriais, nota-se que a crítica especializada hoje resiste às estereotípias, ela lê o escritor das pequenas literaturas com as ferramentas e medidas comuns à função. É correto, porém permanece a preocupação de que se perca muito no trânsito, a depender da obra, ou que a perda prevista inviabilize o trajeto, já que é significativo o desnível entre o conhecimento do leitor culto inglês ou francês sobre o Brasil e o contrário. Ainda assim, o que há aqui são resenhas mais competentes e outras menos,

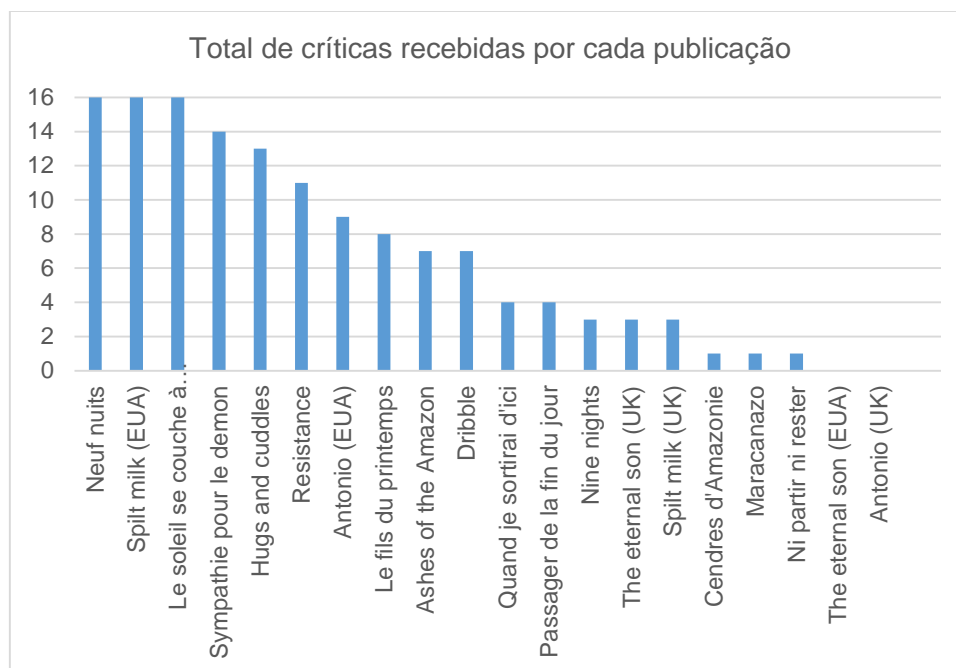
enxutas ou estendidas, mais ou menos atentas, pontos que despertam profundo interesse em um crítico e passam despercebidos por outro.

A carreira literária do escritor ou uma pequena biografia, sim, às vezes valeram um tema para esses textos, e as premiações concedidas pela crítica nativa acorrem como os esperados atestados de valor. Nos casos em que se tratava de um autor já publicado no país (B. Carvalho, M. Hatoum, C. Buarque, B. Bracher, J. G. Noll), com frequência os críticos demonstram conhecimento da obra anteriormente traduzida.

Entre os especialmente bem recebidos pela crítica há quatro destaques. Chamo a atenção para o tratamento autônomo recebido por estes escritores. Chico Buarque, Bernardo Carvalho, Julián Fuks e João Gilberto Noll tiveram elogiados entre os críticos os aspectos formais de suas obras, o ensaísmo, o cerebralismo, a engenhosidade e condução do desarranjo, a sobreposição de camadas, a exigência de uma leitura ativa, a ousadia, o domínio da linguagem – conforme se adequa em cada caso. São pontos que fizeram a admiração extrapolar o texto protocolar, estando-se diante de uma arte literária de alto valor segundo critérios caros àqueles profissionais. Isso inspirou comparações com nomes das referências desses críticos. A depender do romance de Bernardo Carvalho em questão, foi comparado a Tabucchi, Calvino, Naipaul, Conrad, Borges, Hitchcock, René Girard, Laclos, Stendhal, Proust, DeLillo, William Gass, Bolaño, Bataille, Adorno, Benjamin. Em Chico Buarque, citou-se Leonard Cohen, García Márquez, Che Guevara e Beckett. Com João Gilberto Noll compararam Édouard Levé, Dalí, David Lynch e Burroughs.⁷⁹ Há também a clara formação de um público leitor dos escritores que já haviam publicado nesses idiomas, pois foram frequentes as alusões e comparações dos críticos com suas leituras anteriores.

⁷⁹ Em sua dissertação que estuda a recepção de Bernardo Carvalho em Portugal, Cunha Neto (2018, p. 12) igualmente conclui que a leitura desse escritor (e de Chico Buarque) é mais “autônoma”, diferente de outro grande nome da literatura brasileira contemporânea, Milton Hatoum, cuja leitura penderia mais para o “regionalismo”.

FIGURA 4 - TOTAL DE CRÍTICAS, ENTREVISTAS, PARTICIPAÇÃO EM LISTAS, MENÇÕES RECEBIDAS POR CADA PUBLICAÇÃO



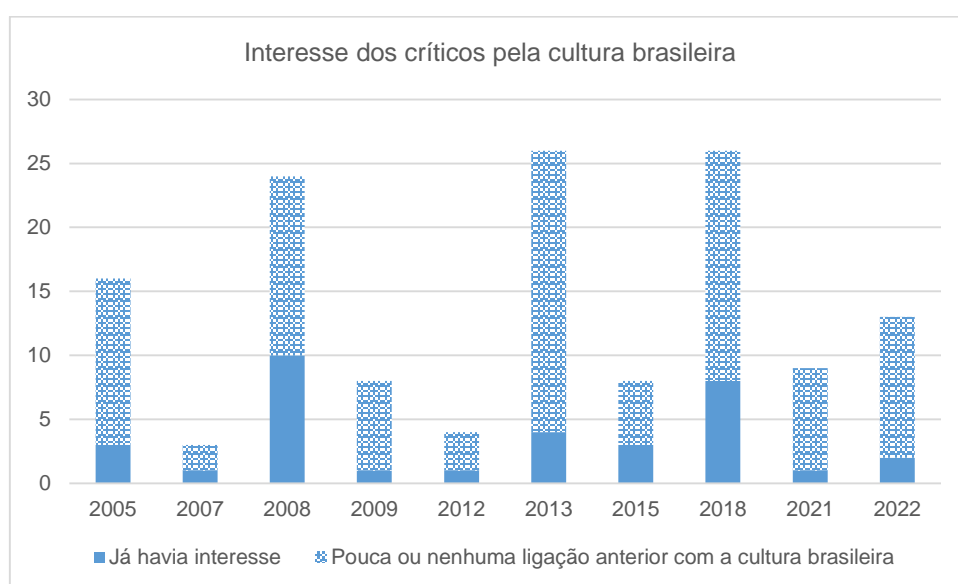
Fonte: autora

Sobre o calibre desses críticos que leem e comentam a literatura brasileira, considero que há uma gradação satisfatoriamente equilibrada partindo de figuras anônimas para profissionais mais reconhecidos na área do jornalismo cultural e da crítica literária. Na mesma lógica, os críticos que são também escritores partem dos mais anônimos passando pelos estreados premiados e chegando a nomes já bem consolidados em seus países de origem. No caso dos professores universitários, generalizando, essas obras foram comentadas por aqueles já próximos das literaturas latino-americanas (logo, profissionais de baixa “popularidade” em seus sistemas universitários de origem). Mais nos Estados Unidos que nos outros dois países é muito frequente a aparição do seguinte perfil: críticos jovens que vêm de graduações ou pós-graduações na área das artes (em especial a literatura, está claro), muitos tentando, além da escrita de crítica literária, escreverem eles mesmos as suas obras, ou traduzirem, ou editarem.

Em todos os grupos é notável a presença de uma categoria que poderíamos chamar de simpática às literaturas estrangeiras periféricas, em alguns casos o profissional tendo mesmo uma relação mais específica com a literatura brasileira. Essa parcela, no entanto, sequer forma maioria e convém evitar autodepreciações,

inferindo que os críticos com maior proximidade com a América Latina sejam figuras menos relevantes dentro de seus campos. Não necessariamente, quanto mais em países de tão intensa e histórica procura imigratória. Convidados a escrever em grandes meios de comunicação sobre a alta cultura, deveríamos inferir, pelo contrário, seu reconhecimento. Também é preciso ver com naturalidade que, havendo esse nicho de críticos, sejam eles os primeiros a travar contato com essa literatura e que tenham melhores meios de discernir seu valor e interesse ainda antes da leitura.

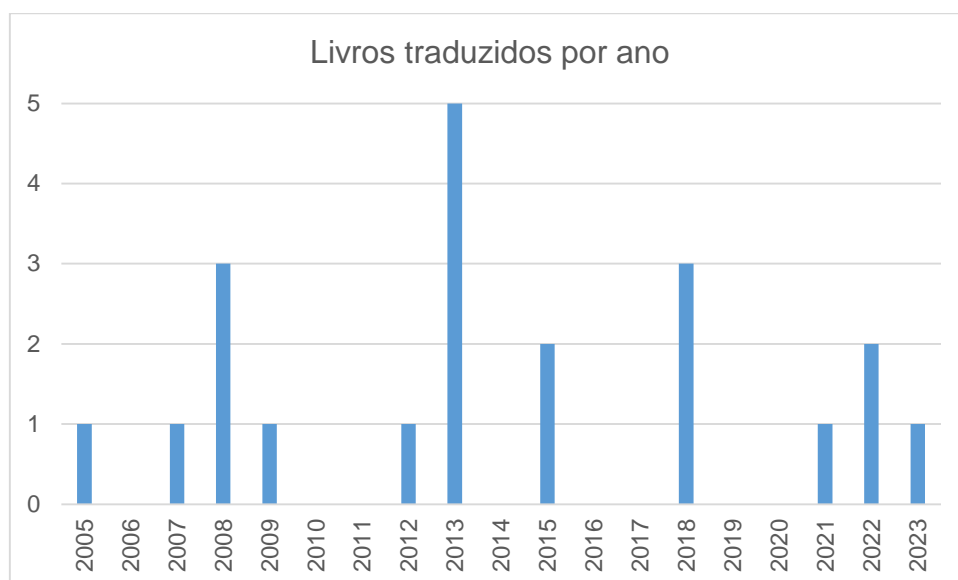
FIGURA 5 - INTERESSE PRÉVIO DOS CRÍTICOS PELA CULTURA BRASILEIRA



Fonte: autora

Conforme pesquisa de Gisèle Sapiro (2008, p. 93), comparando os períodos 1997-2000 e 2001-2005, a venda de direitos de obras literárias de língua portuguesa tiveram uma alta de 314,8%, número que, entre as dezenove línguas pesquisadas, só foi superado pelo grego e russo. Outros dados apresentados no correr desta pesquisa demonstraram que o interesse seguiu alto por pelo menos mais dez anos. Talvez tenha havido algo de sorte na coincidência entre um período de excepcional investimento em cultura dentro do país com um contexto global favorável às traduções, um “clima” transnacional atestado, por exemplo, pela pesquisa “*L’essor des traductions littéraires en français*”, de Sapiro e Bokobza (2008).

FIGURA 6 - TOTAL DE LIVROS DO CORPUS TRADUZIDOS POR ANO



Fonte: autora

Começando a premiar em 2003, próximo de $\frac{1}{4}$ dos vencedores brasileiros do Portugal Telecom/Oceanos foram traduzidos em ao menos um dos espaços pesquisados. Dado objetivo que carece de interpretação, a qual é transpassada por um quê de subjetividade: copo cheio ou vazio? Bernardo Carvalho (2018), em entrevista concedida à RFI logo após o primeiro turno das eleições de 2018, diz que, fosse ele um estrangeiro observando como o Brasil se comporta, reage politicamente, o que faz com seus conflitos sociais, também não lhe inspiraria respeito. Diz ainda que o Brasil seria visto internacionalmente como um país “pouco literário”, que não produziria “coisas intelectuais sérias”. Acrescento ainda uma consideração a mais sobre a poesia: ela é alta literatura hiperbólica. Seria esse país que Carvalho “imagina que imaginam” capaz de produzir poesia que se equivalha, que seja digna da atenção dos grandes centros culturais internacionais? Se Carvalho estivesse correto, seria uma explicação a mais para a ausência de poetas entre nossos escritores traduzidos.

Importante reforçar que se trata de um escritor experiente que podemos, com tranquilidade, catalogar entre os contemporâneos melhor recebidos na leitura internacional de sua obra, portanto impressão que importa. Também é possível a coexistência desse cenário descrito por Carvalho com o cenário das traduções que pulularam, do “Brasil está na moda”, do justificado otimismo. Para o escritor, no entanto, esses acontecimentos geraram uma fantasia: “Tem uma ilusão aí, da

literatura brasileira sendo publicada no mundo. Na verdade, a literatura brasileira não é lida, é pouquíssimo lida fora do país” (CARVALHO, 2018)⁸⁰. Concordo com o quanto fulcral é leitura, mas também nunca se perderá por se ter uma obra brasileira a mais disponível nas livrarias e bibliotecas de um país estrangeiro.

Como um esforço extra da tentativa de chegar à dimensão da penetração internacional da literatura brasileira nesse período, promovi uma comparação entre o prêmio Portugal Telecom/Oceanos e o francês Goncourt. Os dados foram colhidos no segundo semestre de 2021. Como o primeiro premia não a melhor obra de cada ano, mas as três ou quatro e sem distinção de gênero literário, também por ter se aberto cedo a todos os países de expressão portuguesa, isso dilui esses romances brasileiros enquanto o Goncourt contempla apenas romances e apenas um em cada ano. Feita essa ressalva, a celebridade do prêmio justificava a comparação.

No período entre 2003 e 2020, dos 18 romances premiados pelo Goncourt na França, 11 foram traduzidos no Brasil. Naturalmente o Oceanos premiou, por sua configuração, um número maior de romances (que, lembrando, foi o único gênero que atraiu as editoras estrangeiras) nesse mesmo período, 30 no lugar dos 18 franceses. 11 de 18 “goncourts” traduzidos no Brasil, 10 de 30 “oceanos” traduzidos na França. Distância. Porém, imaginemos, se o Oceanos premiasse também apenas um romance brasileiro por ano (no período em questão os premiados no Goncourt tinham naturalidade francesa), há uma significativa mudança de figura: em 18 anos de prêmio, 11 deles traduzidos aqui e 10 brasileiros lá. Proximidade de uma magnitude que justificaria causar assombro.

⁸⁰ Em um evento relativamente recente, o Conexões Itaú Cultural 2019, também Rogério Pereira (2020) resume que “após dois dias de intensas discussões com especialistas de várias partes do mundo, chega-se facilmente à constatação de que autores brasileiros têm um espaço muito tímido em países em que a literatura ganha legitimidade mundial: Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra”.

FIGURA 7 - ANO DE LANÇAMENTO NO BRASIL DAS OBRAS TRADUZIDAS

Fonte: autora

Os efeitos dos investimentos em cultura e política externa que antes geraram festejo foram atingidos, em ritmo cada vez mais acelerado, não só pelos cortes que se seguiram ao golpe de 2016, mas também por um processo de ridicularização do país cujas implicações são ainda difíceis de distinguir. Se acreditamos ter conquistado uma reavaliação positiva daquele julgamento de que fala Carvalho, testemunhamos a situação degradingolar. Naturalmente, “A perda de prestígio ou poder de um país e da sua língua na cena internacional tem consequências ao nível das atividades de tradução” (HEILBRON, SAPIRO, 2008, p. 31). Um gráfico como o anterior, apontando não o ano em que as traduções foram publicadas, mas o de seus lançamentos originais, pode ser um indício das consequências da má política, pois reflete o que estava sendo internacionalmente acompanhado e inspirando traduções. Como sempre, há os frutos temporários do tempo apagado, e são consideráveis os intervalos entre lançamento nacional e publicação de suas traduções no caso das literaturas de menor apelo comercial, então é preciso ainda um pouco mais de afastamento para avaliações mais precisas. Sendo de 4 anos a média entre o lançamento no Brasil e uma primeira tradução nesses polos, entre as obras pesquisadas, temos aí um claro escasseamento.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha leitura sobre os dados que colhi é precisamente isso, uma leitura. Sobre a base objetiva, outras interpretações, adições, contestações, não são só possíveis, mas solicitadas.

Tentando condensar a construção de meu argumento, vimos que a história das relações entre os diferentes sistemas nacionais é feita de profundas desigualdades. Não se trata nem mesmo de uma simples oposição Norte-Sul. Países da Europa-Central e leste europeu precisaram de contribuição de políticas de estado para que suas produções culturais nacionais também pudessem circular na União Europeia, e não apenas a nova moeda comum e a facilitação do trânsito de pessoas.

A literatura do Brasil, nesse contexto, teve suas possibilidades de movimentação extra-nacional prejudicadas por conjunturas de caráter geopolítico. Nisso influenciando até mesmo a sua língua, que tem capital linguístico-literário, ou “literariedade”, considerado baixo, nos termos avaliativos propostos por Casanova (2002, p. 33-37).

Os voos da literatura brasileira para fora de seu território foram, até recentemente, breves e de pouca altura. Essas observações não têm fundo nacionalista *à la* século XIX. O que se defende é um ambiente mais equânime e plural e são os países, em sua individualidade, que têm o maior interesse, e condições, de fazer a “sua” literatura ascender à participação nesse diálogo.

Todo o investimento que descrevi, afinal, deu resultado. O que aparece aqui, das traduções, é meramente um recorte, os números são muito superiores. Mas é um recorte que interessava, que pôde indicar que houve significativa procura pela literatura brasileira mais erudita⁸¹, que ela foi lida em alguns casos com franca admiração, que também houve espaço para temas que não se coadunam com as expectativas a respeito dos produtos brasileiros. Enfim, indicações de uma possível superação das influências do subdesenvolvimento nas expectativas desses leitores situados nos principais centros culturais de hoje.

⁸¹ Que não ficou a dever às traduções do francês para o português dos vencedores do prêmio Goncourt, por exemplo.

Aqui e ali, houve elementos nessas críticas que foram inferências puramente incorretas, como os ditos (por dois críticos) 150 anos que teria o narrador de *Leite derramado*, fazendo até com que se catalogasse o romance como literatura fantástica. Embora as críticas elogiosas sejam quase de praxe, até mesmo pelas leituras de encomenda, houve ocorrência eventual de críticas negativas, o que não me parece ruim. Está em acordo com a observação de que as ferramentas usadas para análise desses romances foram as comuns da atividade. Essas obras não foram olhadas de cima, nem com condescendência, nem com deslumbramento por um procurado exotismo. Também pudemos ver a falta de contexto fazer os romances perderem camadas: Machado de Assis não ter sido citado nas mais de vinte críticas (total) a respeito de *Leite derramado*; perder-se de vista que a família de *A resistência* imigra de uma ditadura latino-americana para outra, ou a aparente confusão do bioma da caatinga com o amazônico em *Antonio*.

Mas, se foi possível verificar abertura de tema, não o houve de gênero. Nem nossa melhor poesia, nem contos (na avaliação dos jurados do prêmio Portugal Telecom/Oceanos) foram contempladas com uma tradução. Mesmo a mistura de registros de Ó, que ainda é possível chamar um romance, teve, até o momento, sua tradução recusada.

Houve razões para acreditar que tudo não passava de novo voo, já em franco declínio⁸². Isso só indica o quão longe esse campo literário está de uma verdadeira autonomia. Do que depende a literatura francesa ou estadunidense, hoje, dos partidos políticos que estejam à frente de seus governos para serem lidas e ter seus vereditos internacionalmente respeitados?

As áreas da literatura comparada e dos estudos de tradução continuam seu franco processo de expansão de horizontes. Nessa pesquisa, trouxe críticas literárias de um sem número de revistas impressas, eletrônicas e portais de *internet* que se dedicam em parte ou integralmente à leitura de literatura estrangeira. A atmosfera geral continua sendo de abertura.

⁸² “Sárka Grauová, chefe do departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade Carolina de Praga, na República Tcheca, [declarou] “A política cultural brasileira simplesmente desapareceu” [...] Ao final da edição 2019 do Conexões Itaú Cultural, [...] confirmou-se que há um claro retrocesso nos últimos anos em relação à publicação de autores brasileiros em outras línguas” (PEREIRA, 2020).

Emprestando termos do léxico da economia, neste início de 2023 o Brasil voltou a ser visto na comunidade internacional como um “*player*”, um “*stakeholder*”. Sem exageros de otimismo, podemos esperar, em um futuro próximo, apesar da crise econômica em curso, tanto a retomada de projetos de iniciativa governamental na área da cultura e de uma política de *soft power*, quanto a recuperação de um olhar externo positivamente interessado em melhor conhecer o país. Quase chegamos a de novo tocar o chão; eis que veio novo sopro de vento?

9. REFERÊNCIAS

ABREU, M. Apresentação. IN: ABREU, M. (Org.) **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

ACTES SUD. **Cendres d'Amazonie**. 2023. Disponível em: <https://www.actes-sud.fr/node/14013>. Último acesso: 17/01/23.

AGÊNCIA LUSA. “Grandes Escritores Portugueses” editados no Brasil para quebrar barreira literária. **Observador**. 20/06/16. Disponível em: <http://observador.pt/2016/06/20/grandes-escritores-portugueses-editados-no-brasil-para-quebrar-barreira-literaria/> Último acesso: 28/02/17.

AGÊNCIA RIFF. **Autores**. 2022. Disponível em: <https://www.agenciariff.com.br/autores/>. Último acesso: 13/10/22.

ALVES-BEZERRA, W. Como os poetas terminam – literatura e indigência no Brasil. **Cult**, 21 de janeiro de 2019. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/literatura-e-indigencia-no-brasil/?fbclid=IwAR24S_yJiKgpKqt2HE14-UfXZO-vatKVXGFzrllwVbNpBGopdUVb1Nic12o#.XEeemqWWd1l.facebook Último acesso: 25/01/19.

ANDERSON, E. K. Resistance by Julián Fuks (translated by Daniel Hahn). **Lonesome Reader**, 05/11/18. Disponível em: <https://lonesomereader.com/blog/2018/11/5/resistance-by-julian-fuks-translated-by-daniel-hahn>. Último acesso: 11/01/23.

ANDRADE, F. S. Os despojos da revolta (Milton Hatoum). **Folha de S. Paulo**, 17/09/05. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/criticas-artigos/os-despojos-da-revolta-por-fabio-de-souza-andrade-folha-de-s-paulo-17092005>. Último acesso: 20/03/20.

ANTIGONE. Passager de la fin du jour, Rubens Figueiredo. Paperblog, **Magazine Culture**, 02/05/13. Disponível em: <https://www.paperblog.fr/6361807/passager-de-la-fin-du-jour-rubens-figueiredo/>. Último acesso: 17/01/23.

APPIGNANESI, L. Resistance by Julián Fuks review – battling with the past. **The Guardian**, 28/12/18. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/dec/28/resistance-julian-fuks-review>. Último acesso: 11/01/23.

ARMAN, L. K. André Clavel, voyageur jusqu’au bout des livres. **Le Temps**, 13/12/19. Disponível em: <https://www.letemps.ch/culture/andre-clavel-voyageur-jusquau-bout-livres>. Último acesso: 17/01/23.

ARMSTRONG, P. **Third world literary fortunes**: Brazilian culture and its international reception. Lewisburg: Bucknell University Press, 1999.

ASSIS, J. M. M. de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. IN: GIL, F. C. (Org.) **Ensaio sobre a formação do romance brasileiro**: uma antologia (1836-1901). Curitiba: UFPR, 2014.

ASSOCIAÇÃO OCEANOS. **Prêmio Oceanos**. Disponível em: <https://associacaoceanos.pt/premio-oceanos-2022/#> Último acesso: 19/01/23.

ATLAN, M. Bernardo Carvalho: Le soleil se couche à São Paulo. Entrevista com Bernardo Carvalho. **INA**, 18/11/08. Disponível em: <https://www.ina.fr/ina-eclaire-actu/video/3772275001/bernardo-carvalho-le-soleil-se-couche-a-sao-paulo>. Último acesso: 17/01/23.

ATLANTIC BOOKS. **Spilt Milk**. 2023. Disponível em: <https://atlantic-books.co.uk/book/spilt-milk/>. Último acesso: 18/01/23.

AUBEL, D. L'oeuvre de Satan. **Transfugue**, 11/18. Disponível em: <https://editions-metallie.com/wp-content/uploads/2018/10/editions-metallie.com-transfuge-novembre-2018.pdf>. Último acesso: 11/01/23.

AU CAFÉ LITTÉRAIRE DE CÉLINE. "**Passager de la fin du jour**", de **Rubens Figueiredo**. 09/07/13. Disponível em: <http://aucafelitterairedeceline.over-blog.com/-passager-de-la-fin-du-jour-de-rubens-figueiredo>. Último acesso: 17/01/23.

AUSSENAC, D. Dans un roman hommage tout en rebondissements, l'écrivain brésilien Bernardo Carvalho joue avec la narration et le rôle de l'écrivain. Noir et subtil. **Le Matricule des Anges**, nº 96, 09/08. Disponível em: https://lmda.net/2008-09-mat09649-bernardo_carvalho. Último acesso: 17/01/23.

BASTOS, D. Luciana Villas-Boas & Lucia Riff: Só conseguiremos ter uma presença consistente no exterior no momento em que recuperarmos nossa própria relação com a literatura brasileira. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 6, n. 12, 2014.

BAPTISTA, A. B. **A formação do nome**: duas interrogações sobre Machado de Assis. 1ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. Ideia de Literatura Brasileira com propósito cosmopolita. **Revista brasileira de literatura comparada**, n. 15, 2009, p. 61-87.

BARBERIE, M. et al. Pour une "littérature-monde" en français. Le monde des livres, **Le Monde**. 15/03/2007. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883572_3260.html Último acesso: 17/02/22.

BATTERSBY, E. Resistance by Julián Fuks — the fate of the 'Disappeared' in 1970s Argentina. **Financial Times**, 21/12/18. Disponível em: <https://www.ft.com/content/4dbae12c-fed3-11e8-b03f-bc62050f3c4e>. Último acesso: 11/01/23.

BIASSETTE, G. Football et cruauté dans la baie de Rio. **La Croix**, 18/03/15. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Culture/Livres-Idees/Livres/Football-et-cruaute-dans-la-baie-de-Rio-2015-03-18-1292487>. Último acesso: 11/01/23.

BIBLIOTECA NACIONAL. Consulta ao sítio eletrônico: <https://www.bn.gov.br/>.

BILAN, N. Announcing Our March Book Club Selection: Antonio by Beatriz Bracher. **Asymptote**, 14/04/21. Disponível em: <https://www.asymptotejournal.com/blog/2021/04/14/announcing-our-march-book-club-selection-antonio-by-beatriz-bracher/>. Último acesso: 12/01/23.

BLOOMSBURY. *Ashes of the Amazon*. 2008. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/uk/ashes-of-the-amazon-9780747596721/>. Último acesso: 10/01/23.

BOEDEEC, M. Bernardo Carvalho – Neuf Nuits. *Chronicart*, 14/12/05. Disponível em: <https://www.chronicart.com/livres/bernardo-carvalho-neuf-nuits/>. Último acesso: 17/01/23.

BOOKS ÉDITIONS. *Passager de la fin du jour*. 2023. Disponível em: https://www.books.fr/books_editions/passager-de-la-fin-du-jour/. Último acesso: 18/01/23.

BOUCHEZ, Y.; GATINOIS, C. JO 2016 - football: le Brésil face à l'Allemagne pour atténuer le traumatisme du Mondial. *Le Monde*, 20/08/16. Disponível em: https://www.lemonde.fr/jeux-olympiques-rio-2016/article/2016/08/20/jo-2016-football-le-bresil-face-a-l-allemande-pour-attenuer-le-traumatisme-du-maracanazo_4985598_4910444.html. Último acesso: 11/01/23.

BOURCIER, N. Le Brésil se lit cru. *Le Monde des Livres*, 18/03/15. Disponível em: http://www.lemonde.fr/livres/article/2015/03/18/le-bresil-se-lit-cru_4596348_3260.html. Último acesso: 26/06/17.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. As condições sociais da circulação internacional das ideias. *Enfoques* – revista eletrônica. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. IV-117, 2002.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRANDÃO, A. Cristovão Tezza lança "O filho eterno". *RFI*, 21/12/09. Disponível em: http://www1.rfi.fr/actubr/articles/120/article_15149.asp. Último acesso: 10/01/23.

BRASIL. Ministério da Educação. **Analfabetismo no país cai de 11,5% para 8,7% nos últimos oito anos**. 27/09/13. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/204-10899842/19110-analfabetismo-no-pais-cai-de-115-para-87-nos-ultimos-oito-anos>. Último acesso: 21/10/22.

_____. Ministério da Educação. *Instituto Machado de Assis – Apresentação*, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/191-secretarias-112877938/sesu-478593899/13443-instituto-machado-de-assis-apresentacao>. Último acesso: 13/10/22.

_____. Ministério da Educação. **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)**. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>. Último acesso: 21/10/22.

_____. Ministério das Relações Exteriores. **Portaria Interministerial nº 01, de 20 de março 2006**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 mar. 2006, 2006, Seção 1, p. 28.

_____. Ministério das Relações Exteriores. Rede Brasil Cultural. **Apresentação**. 2011. Disponível em: <http://redebrasilcultural.itamaraty.gov.br>. Último acesso: 13/10/22.

BRAZILIAN PUBLISHERS. **O que é o Brazilian Publishers?** 2022. Disponível em: <https://brazilianpublishers.com.br/>. Último acesso: 21/10/22.

BRENOT, P. Maracanazo. **En Jeu**, nº 19, 12/15. Disponível em: https://issuu.com/ufolep/docs/1-32_page_hautedef. Último acesso: 11/01/23.

BRU, C. Sympathie Pour Le Demon de Bernardo Carvalho. **Les obsédés textuels**. 20/11/18. Disponível em: <http://www.lesobsedestextuels.com/?post/2018/11/20/Sympathie-pour-le-D%C3%A9mon-de-Bernardo-Carvalho.-M%C3%A9taili%C3%A9#global-nav>. Acesso em: 2021

CAMPBELL, E. P. Spilt Milk. **Washington Independent**, 23/01/13. Disponível em: <http://www.washingtonindependentreviewofbooks.com/index.php/bookreview/spilt-milk>. Último acesso: 10/01/23.

CANAL LONDRES TV. **Flipside, Inglaterra - literatura brasileira no exterior**. Disponível em: <https://www.canallondres.tv/literatura-brasileira-no-exterior-flipside-inglaterra/>. Último acesso: 10/01/23.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007. 800 p.

CAPEL. **A internacionalização na universidade brasileira: resultados do questionário aplicado pela CAPES**. Edição e composição: Diretoria de Relações Internacionais. Brasília, 31/10/17. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf> Último acesso: 01/02/19.

CARREAU, N. In: LARMOYER, S. Les carnets du monde. **Europe 1**, 13/07/13. Disponível em: <https://www.europe1.fr/emissions/Carnets-du-monde/Les-carnets-du-monde-13-07-13-127406>. Último acesso: 11/01/13.

CARROLL, T. The Watchlist: October 2022. **Words Without Borders**, 07/10/22. Disponível em: <https://wordswithoutborders.org/read/article/2022-10/the-watchlist-october-2022-tobias-carroll/>. Último acesso: 18/01/23.

CARTER, S. Julián Fuks's Resistance. **Music & Literature**, 25/10/18. Disponível em: <https://www.musicandliterature.org/reviews/2018/10/25/julian-fuks-resistance>. Último acesso: 11/01/23.

CARVALHO, B. Bernardo Carvalho - Sympathie pour le démon. Librairie Mollat, 25/10/18a. Disponível em: <https://www.mollat.com/videos/bernardo-carvalho-sympathie-pour-le-demon>. Último acesso: 11/01/23.

_____. "Brasil virou um território da burrice", diz escritor Bernardo Carvalho. **RFI Brasil**, 09/10/18b. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/brasil/20181014-rfi-convida-bernardo-carvalho> Último acesso: 01/03/22.

_____. Entretien avec Bernardo Carvalho. **Institut National de L'Audiovisuel (INA)**, Double Je, 05/05/05a. Disponível em: <https://www.ina.fr/ina-eclair-actu/video/2827531001011/entretien-avec-bernardo-carvalho>. Último acesso: 09/01/23.

_____. Je hais les acteurs. **Libération**, 05/03/2005b. Disponível em: https://www.liberation.fr/week-end/2005/03/05/je-hais-les-acteurs_511830/. Último acesso: 09/01/23.

_____. **Um escritor na Biblioteca - Bernardo Carvalho.** [Entrevista concedida a] Christian Schwartz. Cândido, 2013. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-Bernardo-Carvalho>. Último acesso: 10/01/23.

CARVALHO, B; DELFINO J. P.; MELO, P. Le Rendez-vous de Saint-Malo. [Entrevista concedida a] Colette Fellous. **Radio France**, Carnet nomade, 07/06/14. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/carnet-nomade/le-rendez-vous-de-saint-malo-6006364>. Último acesso: 10/01/23.

CASANOVA, P. **A República Mundial das Letras.** São Paulo: Estação da Liberdade, 2002.

_____. Combative literatures. **New left review**, n. 72, nov-dez 2011.

_____. Consécration et accumulation de capital littéraire: La traduction comme échange inégal. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 144, 2002.

CHARCO PRESS. **Resistance.** 2023. Disponível em: <https://charcopress.com/bookstore/resistance>. Último acesso em: 18/01/23.

CLAVEL, A. Ombres et miroirs. **L'Express**, 31/10/08. Disponível em: https://www.lexpress.fr/culture/livre/le-soleil-se-couche-a-sao-paulo_815267.html. Último acesso: 17/01/23.

COLOMBANI, M. Littérature, amour et terrorisme. **Zibeline**, 28/09/18 a 05/10/18. Disponível em: <https://editions-metallie.com/wp-content/uploads/2018/10/editions-metallie.com-zibeline-du-28-septembre-au-05-octobre-2018.pdf>. Último acesso: 11/01/23.

COMERFORD, R. Charco signs Tenório's Jabuti-winning English debut. **The Bookseller**. 03/12/21. Disponível em: <https://www.thebookseller.com/rights/charco-snaps-jabuti-prize-winners-english-debut-1292701> Último acesso: 19/01/23

COMPTOIR DES VOYAGES. **Littérature du Brésil.** 28/12/17. Disponível em: <https://www.comptoirdesvoyages.fr/blog-voyage/bresil/top-9-des-romans-bresiliens/bra>. Último acesso: 17/01/23.

CONEXÕES ITAÚ CULTURAL. **Minc Leva 48 autores ao Salão do Livro de Paris 2015.** 10/12/14. Disponível em: <https://conexoesitaucultural.org.br/encontros-de-interrogacao/minc-leva-48-autores-ao-salao-do-livro-de-paris-2015/>. Último acesso: 18/01/23.

CORREA, L. A. Hugs and Cuddles (Paperback). **Avid Bookshop.** 2022. Disponível em: <https://www.avidbookshop.com/book/9781949641387>. Último acesso: 18/01/23.

CORTANZE, G. "Traque" intérieure en Amazonie. **Le Monde**, 22/09/05. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2005/09/22/traque-interieure-en-amazonie_691558_3260.html. Último acesso: 17/01/23.

COSTA, A. M. da. **John Gledson reescreve Milton Hatoum: a teoria e a experiência da tradução cultural.** Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP. São José do Rio Preto, p. 190, 2016.

COSTA, A. C. de S. DANTAS, M. P. Duas editoras e uma disposição: traduzir a literatura brasileira na França. **Revista Olho d'Água**, v. 13, n. 2, 2021, p. 71 a 88.

COSTA, D. Taxa média de desemprego de 2017 fica em 12,7% e bate recorde. **O Globo**, Economia, 31/01/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/taxa-media-de-desemprego-de-2017-fica-em-127-bate-recorde-22348188> Último acesso: 01/03/2019.

COUPRIT, A. Fêtes et trouble-fêtes dans l'œuvre de Milton Hatoum. **LETRÔNICA**. V. 5, n. 1, 2012.

CROM, N. Coup de Coeur. **La Croix**, 10/11/05a. Disponível em: https://www.la-croix.com/Archives/2005-11-10/COUP-DE-COEUR-par-Nathalie-Crom-_NP_-2005-11-10-249113. Último acesso: 09/01/23.

_____. Tendances par Nathalie Crom. **La Croix**, 06/10/2005b. Disponível em: https://www.la-croix.com/Archives/2005-10-06/Tendances-par-Nathalie-Crom-_NP_-2005-10-06-246585>. Acesso em 21 de out. de 2022.

CUNHA NETO, Umberto de S. **A circulação da obra de Bernardo Carvalho em Portugal**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

DACOME, C. M. **O prestígio na literatura: um estudo do campo literário brasileiro através do Portugal Telecom**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DAMROSCH, D. **What is world literature?** Princeton: Princeton University Press, 2003.

_____. (Org.) **World literature in theory**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013. E-book.

_____. World Literature, National Contexts. **Modern Philology**, Vol. 100, No. 4 (May 2003), pp. 512-531.

DARGE, F. À Avignon, Allemagne et Brésil font match nul. **Le Monde**, 09/07/14. Disponível em: https://www.lemonde.fr/culture/article/2014/07/09/avignon-allema-gne-bresil-match-nul_4453634_3246.html. Último acesso: 17/01/23.

DELORME, F. Percy Fawcett, héros d'une Amazonie rêvée. **Radio France**, Cultures Monde, Dans les pas des grands explorateurs, Épisode 1, 25/12/17. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/cultures-monde/percy-fawcett-heros-d-une-amazonie-revee-7872800>. Último acesso: 10/01/23.

DiMARTINNO, N. **Shelf Awareness for Readers for Tuesday**, December 18, 2012. 18/12/12. Disponível em: <https://www.shelf-awareness.com/readers-issue.html?issue=156#m3008>. Último acesso: 11/01/23.

DINIZ, L. R. A. **Política linguística do estado brasileiro na contemporaneidade: a institucionalização de mecanismos de promoção da língua nacional no exterior**. Tese (Tese em Linguística) – UNICAMP. Campinas, p. 396, 2012.

DOUSSOT, M. **Blogpasblog**, 2023. Disponível em: <https://blogpasblog.wordpress.com/>. Último acesso: 17/01/23.

_____. Le Soleil se couche à São Paulo. **Routard**. 15/10/08. Disponível em: https://www.routard.com/mag_livre/534/le_soleil_se_couche_a_sao_paulo_.htm. Último acesso: 17/01/23.

DWYER, K. Astra Magazine Had Creative Freedom and a Budget. It Wasn't Enough. **The New York Times**, 03/12/22. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/12/03/books/astra-magazine.html>. Último acesso: 18/01/23.

ECKERMANN, J. P. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida (1823-1832)**. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

EPILOGUE BOOK CAFÉ. **Hugs and Cuddles by Joao Gilberto Noll**, Translated by Edgar Garbelotto. 2023. Disponível em: <https://epiloguebookcafe.com/product/hugs-and-cuddles-by-joao-gilberto-noll-translated-by-edgar-garbelotto>. Último acesso: 18/01/23.

ERIZANU, P. Translated book sales are up, but Britain is still cut off from foreign literature. **The Guardian**, Books, 30/09/2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/sep/30/translated-book-sales-are-up-but-britain-is-still-cut-off-from-foreign-literature>. Último acesso: 03/05/2021.

ESTADÃO; RODRIGUES, M. F. A crise do mercado editorial brasileiro em cinco perguntas. **Estadão**, Cultura, 27 Dezembro 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,a-crise-do-mercado-editorial-brasileiro-em-cinco-perguntas,70002658690> Último acesso: 23/01/2019.

ETHNOLOGUE. **Summary by language size**. 2022. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/statistics/summary-language-size-18>>. Acesso em: 13 de out. de 2022.

FAIRY STELPHIQUE. Sympathie pour le démon, Bernardo Carvalho. **Mon féerique blog littéraire**, 06/09/18. Disponível em: <https://fairystelphique.wordpress.com/2018/09/06/sympathie-pour-le-demon-bernardo-carvalho/#comments>. Último acesso: 11/01/23.

FBN. Jorge Amado volta a ser o brasileiro mais traduzido, segundo o Programa de Apoio da Fundação Biblioteca Nacional. **Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior**. 19/08/2013. Disponível em: <https://bookcenterbrazil.wordpress.com/2013/08/19/jorge-amado-volta-a-ser-o-brasileiro-mais-traduzido-segundo-o-programa-de-apoio-da-fundacao-biblioteca-nacional/> Último acesso: 20/12/2016.

FELIX, C. Interview with an Indie Press: Two Lines Press. [Entrevista concedida a C. Segal] **Literary Hub**, 05/11/21. Disponível em: <https://lithub.com/interview-with-an-indie-press-two-lines-press/>. Último acesso: 18/01/23.

FERNIOT, C. L'autobiographie en sourdine. **L'Express**, 30/09/05. Disponível em: https://www.lexpress.fr/culture/livre/neuf-nuits_810498.html. Último acesso: 09/01/23.

FERREIRA, P. Brasil ainda tem 11,8 milhões de analfabetos, segundo IBGE. **O Globo**, Educação, 21/12/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-118-milhoes-de-analfabetos-segundo-ibge-22211755> Último acesso: 02/03/2019.

FERRO, T. O e-book e a crise do mercado editorial. **Época**, 08/08/2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/o-book-a-crise-do-mercado-editorial-22961284> Último acesso: 23/01/2019.

FINDLEY, A. Antonio. **Harvard Review**, 11/06/21. Disponível em: <https://harvardreview.org/book-review/antonio>. Último acesso: 11/01/23.

FITZ, E. Goethe's *Weltliteratur* and the World of Lusophone Letters: The case of Brazil. **Brasil/Brazil**: revista de literatura brasileira. Edição especial: a internacionalização da literatura brasileira. Nº 50, ano 27. Porto Alegre/Providence, 2014.

FOLIES D'ENCRE. **Maracanazo**. 2023. Disponível em: <https://www.editionsfoliesdencre.fr/catalogue/maracanazo/>. Último acesso: 18/01/23.

FRANLIN, L. A. ZUIN, D. C. EMMENDOERFER, M. Processo de internacionalização do ensino superior e mobilidade acadêmica: implicações para a gestão universitária no Brasil. **Revista internacional de educação superior**, v. 4, n. 1, 2018.

FRANZEN, J. In: Books of the year 2012: authors choose their favourites. **The Guardian**, 23/11/12. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2012/nov/23/books-of-the-year-2012-authors-favourites>. Último acesso: 10/01/23.

FREITAS, G. Obstáculos para a difusão da literatura brasileira no exterior. **Prosa**, O Globo, 17/09/2011. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/obstaculos-para-difusao-da-literatura-brasileira-no-externo-406028.html>. Último acesso: 21/06/2017.

FUKS, J. Julián Fuks sur la grande scène du Salon du Livre de Paris. **Printemps Littéraire Brésilien**, 18/03/18a, Disponível em: <https://www.facebook.com/printempslitterairebresilien/videos/1877770882247654/>. Último acesso: 11/01/23.

_____. "No Brasil, há um sentimento falso de reconciliação nacional", diz escritor Julián Fuks. [Entrevista concedida a] Adriana Brandão. **RFI**, 19/03/18b. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/brasil/20180319-rfi-convida-julian-fuks-brasil-sentimento-falso-reconciliacao-nacional>. Último acesso: 11/01/23.

_____. Novelist Julián Fuks: 'I never thought dark forces might make me leave Brazil'. **The Guardian**, 31/10/18c. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/oct/31/brazil-jair-bolsonaro-cultural-political-resistance-julian-fuks>. Último acesso: 11/01/23.

_____. Une fleur est née dans la rue. **Le Monde**, 27/06/13. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2013/06/27/une-fleur-est-nee-dans-la-rue_3437665_3232.html. Último acesso: 11/01/23.

FUMANERI, M. L. **Poesia e autonomia**: a construção do lugar do poeta na obra de Mário de Andrade e de Ferreira Gullar. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

G1. Lei Rouanet dá retorno de R\$ 1,59 ao país para cada R\$ 1 investido em projetos, diz ministério. **G1**, Pop&Arte. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/12/14/lei-rouanet-da-retorno-de-r-159-ao-pais-para-cada-r-1-investido-em-projetos-diz-ministerio.ghtml> Último acesso: 14/03/2019.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALLIMARD. **Quand je sortirai d'ici**. 2023. Disponível em: <https://www.librairie-gallimard.com/livre/9782070128174-quand-je-sortirai-d-ici-chico-buarque/>. Último acesso: 18/01/23.

GALVÃO, W. N. Os Estudos Brasileiros. In: **Desconversa** (ensaios críticos). Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

GARBELOTTO, E.; LAWLOR, A; SYCAMORE, M. Edgar Garbelotto, Mattilda Sycamore, and Andrea Lawlor discuss Hugs & Cuddles by João Gilberto Noll. **Third Place Books Events**, 03/11/22. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6RyKRBpZDQ&t=5s>. Último acesso: 18/01/23

GARDEL, A. On lit à la loupe. Entrevista com Bernardo Carvalho. **Transfugue**, nº 88, 05/15. Disponível em: https://issuu.com/transfuge/docs/pages_de_transfuge88-mai2015. Último acesso: 17/01/23

GAZIER, M. La fée anthropologie. **Télérama**, n. 2902, 24/08/2005.

GIL, F. C. **Ensaio sobre a formação do romance brasileiro**: uma antologia (1836-1901). Curitiba: UFPR, 2014.

GLASER, S. Contemporary Brazil, Captured in Two Novels and a Journalist's Collection. **The New York Times**, 24/01/20. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/24/books/review/brazil-resistance-julian-fuks-collector-of-leftover-souls-eliane-brum.html>. Último acesso: 11/01/23.

GLEDSON, J. **Dom Casmurro**: realismo e intencionismo revisitados. IN: Por um novo Machado de Assis: ensaios. Trad. Frederico Dentello. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Traduzindo Machado de Assis. **Scientia Translationis**, n. 14, 2013, p. 7-63.

GODWIN, G. Meet the Writers: Julián Fuks. Meet the Writers, **Monocle**, 29/12/18. Disponível em: <https://monocle.com/radio/shows/meet-the-writers/160/>. Último acesso: 11/01/23.

GOMIDE, B. B. Apresentação. In: **Nova antologia do conto russo**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

GRASSET. **Ni partir ni rester**. 2023. Disponível em: <https://www.grasset.fr/livres/ni-partir-ni-rester-9782246813422>. Último acesso: 18/01/23.

GRIMAL, C. La feinte de Pelé. **La Quinzaine**, nº 1124, 16/03/15. Disponível em: <https://www.nouvelle-quinzaine-litteraire.fr/mode-lecture/la-feinte-de-pele-1135>. Último acesso: 11/01/23.

GROVE ATLANTIC. **Spilt Milk**. 2023. Disponível: <https://groveatlantic.com/book/spilt-milk/>. Último acesso: 18/01/23.

GUEDES, M. I. C. **A literatura brasileira na França: tradução e recepção de Dois irmãos e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum**. Tese (tese em Estudos de Literatura) – UFF. Rio de Janeiro, 2015.

GUIMARÃES, F. Conexões Itaú Cultural – A primeira década. **Itaú Cultural**. 10/11/2017. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/conexoes-itaucultural-a-primeira-decada>. Último acesso: 04/01/2018.

GUIMARÃES, H. S. **Machado de Assis, o escritor que nos lê**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

GURRÍA-QUINTANA, Á. Fiction in Translation. In: Books of the Year. **Financial Times**, 29/11/13. Disponível em: <https://www.ft.com/content/f60b681e-529f-11e3-8586-00144feabdc0>. Último acesso: 10/01/23.

_____. The Rio Thing. **Financial Times**, 12/10/12. Disponível em: <https://www.ft.com/content/04a558cc-1209-11e2-b9fd-00144feabdc0>. Último acesso: 10/01/23.

HAHN, D. Ashes of the Amazon, By Milton Hatoum, trans John Gledson. **Independent**, 05/12/08. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/ashes-of-the-amazon-by-milton-hatoum-trans-john-gledson-1051758.html>. Último acesso: 10/01/23.

HATOUM, M. Election au Brésil : les intellectuels s'élèvent contre le candidat d'extrême droite. [Entrevista concedida a Raphaëlle Rérolle]. **Le Monde**. 26/10/2018. Disponível em: https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2018/10/26/au-bresil-les-intellectuels-s-elevent-contre-le-candidat-d-extreme-droite_5374882_3222.html
Último acesso: 19/01/2023

HATOUM, M. In: LANGELLIER, J-P. L'Amazonie pour tout horizon. **Le Monde**, Livres, 21/08/2008. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2008/08/21/l-amazonie-pour-tout-horizon_1086253_3260.html Último acesso: 25/02/2022.

_____[Entrevista concedida a Machado, L.; Nunes Filho, W. C.] **Olhares sobre a literatura brasileira no exterior**: uma entrevista com Milton Hatoum. Opiniões, n. 13, 2018.

HEILBRON, J. SAPIRO, G. La traduction comme vecteur des échanges culturels internationaux. In : SAPIRO, G. (dir.) **Translatio** : le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation. Paris: CNRS Éditions, 2008.

HELENA, L. A internacionalização dos pobres na agenda globalizada: uma reflexão em torno do intelectual escritor no mercado multicultural. **Brasil/Brazil**: revista de literatura brasileira. Edição especial: a internacionalização da literatura brasileira. Nº 50, ano 27. Porto Alegre/Providence, 2014.

HICKLING, A. Spilt Milk by Chico Buarque – review. **The Guardian**, 17/05/13. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2013/may/17/spilt-milk-chico-buarque-review>. Último acesso: 10/01/23.

HOLLANDA, F. B. de. **Chico Buarque - DVD - À flor da pele**. Dailymotion, 20/03/17. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x2291o5>. Último acesso: 10/01/23.

HOLTMANN, M. Interview with an Indie Press: Two Lines Press. [Entrevista concedida a C. Segal] **Literary Hub**, 05/11/21. Disponível em: <https://lithub.com/interview-with-an-indie-press-two-lines-press/>. Último acesso: 18/01/23.

IBGE. **Painel de Indicadores**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores.html> >. Acesso em: 21 de out. de 2022.

INSTITUTO CERVANTES. **30 ans des éditions Métaillé**: rencontre avec Bernardo Carvalho. 12/06/09. Disponível em: https://toulouse.cervantes.es/FichasCultura/Ficha56658_43_3.htm. Último acesso: 17/01/23.

JAGGI, M. Out of Amazonia. **The Guardian**, 15/11/08. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2008/nov/15/ashes-of-the-amazon-milton-hatoum>. Último acesso: 10/01/23.

JAMESON, F. *Third-World Literature in the Era of Multinational Capitalism*. **Social Text**, n. 15, outono de 1986, p. 65-88.

JONES, E. The crash of shoulders. **Times Literary Supplement**, 17/05/19. Disponível em: <https://www.the-tls.co.uk/articles/resistance-fuks-bolsonaro/>. Último acesso: 11/01/23.

KAILL, G. Resistance by Julian Fuks. **The Skinny**, 02/10/18. Disponível em: <https://www.theskinny.co.uk/books/book-reviews/resistance-by-julian-fuks>. Último acesso: 11/01/23.

KIRKUS. **An elegant and nuanced meditation on family, class, perception, illness, and death**. 27/01/21. Disponível em: <https://www.kirkusreviews.com/book-reviews/beatriz-bracher/antonio/>. Último acesso: 11/01/23.

_____. **Resistance**. 19/08/19. Disponível em: <https://www.kirkusreviews.com/book-reviews/julian-fuks/resistance-fuks/>. Último acesso: 11/01/23.

KONING, C. Paperback: Nine Nights by Bernardo Carvalho translated by Benjamin Moser. **The Times**, 16/11/07. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/paperback-nine-nights-by-bernardo-carvalho-translated-by-benjamin-moser-tlgdzbjsr2t>. Último acesso: 10/01/23.

LA CAVERNE DU POLAR. **Entretien avec Stephanie du blog Faitystelphique**. 17/06/19. Disponível em: <https://lacavernedupolar.wordpress.com/2019/06/17/entretien-avec-stephanie-du-blog-fairystelphique/>. 2021

LANÇON, P. La fable du Rat et du chihuahua. **Libération**, 28/09/18. Disponível em: https://www.liberation.fr/livres/2018/09/28/la-fable-du-rat-et-du-chihuahua_1681915/. Último acesso: 11/01/23.

LANÇON, P. Le dégoût du saké. **Libération**, 23/10/08. Disponível em: https://www.liberation.fr/livres/2008/10/23/le-degout-du-sake_155069/. Último acesso: 17/01/23.

LANGELLIER, J-P. L'Amazonie pour tout horizon. **Le Monde**, 21/10/08. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2008/08/21/l-amazonie-pour-tout-horizon_1086253_3260.html. Último acesso: 17/01/23.

LA NOUVELLE QUINZAINE. **Avalanche brésilienne**. N° 1124, 16/03/15. Disponível em: <https://www.nouvelle-quinzaine-litteraire.fr/mode-lecture/sommaire-1135>. Último acesso: 11/01/23.

LAPAQUE, S. Bernardo Carvalho, réflexions sur la violence. **Le Figaro**, 16/11/18. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/livres/2018/11/16/03005->

20181116ARTFIG00079-bernardo-carvalho-reflexions-sur-la-violence.php. Último acesso: 11/01/23.

LAPAQUE, S. Écrivains brésiliens à Paris: nos coups de cœur. **Le Figaro**, 18/03/15. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/livres/2015/03/18/03005-20150318ARTFIG00393-ecrivains-bresiliens-a-paris-nos-coups-de-coeur.php>. Último acesso: 18/01/23.

_____. Éloge de l'ombre. **L'Opinion**, 24/09/08a. Disponível em: https://lopinion.com/articles/litterature/2510_eloge-de-l-ombre. Último acesso: 17/01/23.

_____. Tokyo-Sao Paulo, aller-retour. **Le Figaro**, 13/11/08b. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/livres/2008/11/13/03005-20081113ARTFIG00417-tokyo-sao-paulo-aller-retour-.php>. Último acesso: 17/01/23.

LARSON, C. R. Three South American Novels. **Counter Punch**, 11/01/13. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2013/01/11/three-south-american-novels/>. Último acesso: 11/01/22.

LASSALLE, I. Bernardo Carvalho, *Neuf nuits* (Métailié). **Radio France**, 24/08/05. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/bernardo-carvalho-neuf-nuits-metailie-8695787>. Último acesso: 09/01/23.

LÊ, L. Bernardo Carvalho, violence et passion. **En Attendant Nadeau**, 11/09/18. Disponível em: <https://www.en-attendant-nadeau.fr/2018/09/11/carvalho-violence-passion/>. Último acesso: 11/01/23.

LE CHOIX DES LIBRARIES. *Neuf nuits*. [s.d.]. Disponível em: <http://lechoixdeslibraires.com/livre-14853-neuf-nuits.htm>. Último acesso: 2020.

LEFAIT, P. Le fils du printemps. **Nouveau Magazine Littéraire**. Disponível em: <https://www.nouveau-magazine-litteraire.com/le-fils-du-printemps>. Último acesso: 2020.

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

LE FIGARO. Biographie de Bernardo Carvalho. **Figaroscope**. 2023. Disponível em: <http://evene.lefigaro.fr/celebre/biographie/bernardo-carvalho-15842.php>. Último acesso: 17/01/23.

LE MONDE DES LIVRES. La deuxième sélection du Femina. **Le Monde**, 29/09/05. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2005/09/29/la-deuxieme-selection-du-femina_693966_3260.html. Último acesso: 10/01/23.

LES NOTES. **Le soleil se couche à São Paulo**. 01/07/08. Disponível em: <https://www.les-notes.fr/analyse/le-soleil-se-couche-a-sao-paulo/>. Último acesso: 17/01/23.

LESSA, R. A word from the editor. **Machado de Assis Magazine**, 5ª ed., 2015.

LIBRAIRIE MOLLAT. **Bernardo Carvalho - Neuf nuits**. 31/10/12. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=03UEY7FwSGs>. Último acesso: 10/01/23.

LIMA, F. In: CONEXÕES ITAÚ CULTURAL. Atores da Internacionalização: editores, tradutores e agentes literários – **10º Conexões**, 2018. Disponível em: <

<https://conexoeditaocultural.org.br/audiovisual-2/atores-da-internacionalizacao-editores-tradutores-e-agentes-literarios-10o-conexoes/>>. Acesso em 21 de out. de 2022.

LINDON, M. Chico Buarque et son vieillard de vivre. **Libération**, 12/01/12. Disponível em: https://www.liberation.fr/livres/2012/01/12/chico-buarque-et-son-vieillard-de-vivre_787660/. Último acesso: 10/01/23.

LINDOSO, F. Feiras internacionais: vale a pena ser país-tema? **O xis do problema**. 09/08/2011. Disponível em: <http://oxisdoproblema.com.br/?p=232>. Último acesso: 16/06/2017.

_____. Literatura brasileira no exterior: problema dos editores? **O Xis do Problema**. 09/05/2013. Disponível em: <http://oxisdoproblema.com.br/?p=1744>. Último acesso: 16/06/2017.

_____. O Português “é um obstáculo” para a difusão da literatura brasileira no exterior? **Conexões**, 14/07/2011. Disponível em: <http://conexoeditaocultural.org.br/biblioteca/o-portugues-e-um-obstaculo-para-a-difusao-da-literatura-brasileira-no-exterior/> Último acesso: 26/01/2019.

LONDOÑO, E. Black Authors Shake Up Brazil’s Literary Scene. **The New York Times**, 12/02/22. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/02/12/world/americas/brazil-black-authors.html>. Último acesso: 18/01/23.

LORENZ, J. The Faulty Metaphors of Finance in: Memórias póstumas de Brás Cubas. **Luso-Brazilian Review**, 2012. Disponível em: <http://lbr.uwpress.org/content/49/2/51.short>. Último acesso: 18/01/23

LOWE, E. Jorge Amado and the internationalization of brazilian literature. **Cadernos de tradução**, n. 31, p. 119-140, Florianópolis, 2013/1.

LUIS ALBERTO CORREA. **Twitter**. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/luisalcorrea>. Último acesso: 18/01/23.

MACEDO, D., GARCIA, G. Cresce procura pelo ensino do português do Brasil no mundo. **EBC**. Seção Educação. 04/05/15. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2015/05/cresce-procura-pelo-ensino-do-portugues-do-brasil-no-mundo>. Último acesso : 19/01/2018.

MAGRI, I. Existe literatura brasileira fora do brasil? **Miradas a la narrativa contemporánea latino-americana**. Heredia, Costa Rica, 2014.

MAHLER, A. Antonio. **Caesura**, 08/02/21. Disponível em: <https://caesuramaq.org/posts/antonio-beatriz-bracher-eleonore-koch> Último acesso: 17/01/2023

MAKOWSKY, J. Chico Buarque’s More Than a Little “Spilt Milk”. **Pop Matters**, 28/01/14. Disponível em: <https://www.popmatters.com/178320-spilt-milk-by-chico-buarque-2495694099.html>. Último acesso: 11/01/22.

MAYBURY-LEWIS, B. Brazilian studies in New England: sempre a lanterninha? **13th Brazilian Studies Association (BRASA) Conference**, 01/04/2016.

MCCLATCHEY, F. Antonio, or how novels fail. **Washington Examiner**, 29/04/21. Disponível em: <https://www.washingtonexaminer.com/opinion/antonio-or-how-novels-fail>. Último acesso: 12/01/23.

MCDOWELL, S. Entrevista concedida a JONES, E. Crossing the puddle: Charco Press. **Partisan Hotel**, [s.d]. Disponível em: <https://partisanhotel.co.uk/Charco-Press>. Último acesso: 11/01/23.

MCPHERSON-JOSEPH, D. **Hugs and Cuddles**. Foreword Reviews, 27/10/22. Disponível em: <https://www.forewordreviews.com/reviews/hugs-and-cuddles/>. Último acesso: 18/01/23.

MEET (Maison des Écrivains Étrangers et des Traducteurs). **Brésil**. 2023. Disponível em: <https://www.meetingsaintnazaire.com/Bresil-Videos.html>. Último acesso: 17/01/23.

MELLO, J. A. Égalités et inégalités de la réception de Bernardo Carvalho dans le marché littéraire français. **Iberic@I, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, n. 8, outono 2015, p. 161-172.

_____. **Literatura e crítica no Brasil hoje**. Brasília: Edições Carolina, 2017.

MÉTAILIÉ, A. M. Anne-Marie Métailié, la passionnée. [Entrevista concedida a] Astrid Eliard. **Le Figaro**, 28/07/08. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/livres/2008/07/28/03005-20080728ARTFIG00246-anne-marie-metailie-la-passionnee-.php>. Último acesso: 10/01/23.

_____. Anne-Marie Métailié présente Bernardo Carvalho - Sympathie pour le démon. **Librairie Mollat**, 08/09/18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SQooR8FzylA>. Último acesso: 11/01/23.

MÉTAILIÉ. **Le Fils du Printemps**. 2023a. Disponível em: <https://editions-metailie.com/livre/le-fils-du-printemps/>. Último acesso: 17/01/23.

_____. **Le Soleil se Couche à São Paulo**. 2023b. Disponível em: <https://editions-metailie.com/livre/le-soleil-se-couche-a-sao-paulo/>. Último acesso: 17/01/23.

_____. **Neuf Nuits**. 2023c. Disponível em: <https://editions-metailie.com/livre/neufs-nuits/>. Último acesso: 17/01/23.

MÉTAILIÉ. **Sympathie pour le démon**. 2023d. Disponível em: <https://editions-metailie.com/livre/sympathie-pour-le-demon/>. Último acesso: 11/01/23.

MEYER, L. 3 books in translation that ask a lot — and allow the reader to ask a lot in return. **NPR**, 26/10/22. Disponível em: <https://www.npr.org/2022/10/26/1131550848/3-books-in-translation-that-ask-a-lot-and-allow-the-reader-to-ask-a-lot-in-retur>. Último acesso: 18/01/23.

_____. In “Resistance,” Julián Fuks Takes the Fiction of Failed Writing a Step Further. **Words Without Borders**, 16/10/18. Disponível em: <https://wordswithoutborders.org/book-reviews/in-resistance-julian-fuks-takes-the-fiction-of-failed-writing-a-step-furthe/>. Último acesso: 11/01/23.

MEYERFELD, B. Un premier roman qui bouscule le Brésil de Bolsonaro. **Le Monde**, 10/10/21. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/series-d-ete/article/2021/08/10/un->

premier-roman-qui-bouscule-le-bresil-de-bolsonaro_6091079_3451060.html. Último acesso: 18/01/23.

MICELI, S. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45). In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTGOMERY, I. Nine Nights, by Bernardo Carvalho, translated by Benjamin Moser. In: Nativity Story. **The Guardian**, 03/11/07. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2007/nov/03/featuresreviews.guardianreview29>. Último acesso: 10/01/23.

MORETTI, F. Conjeturas sobre a literatura mundial. **Novos Estudos**, n. 58, novembro de 2000.

MORRIS, A. To Channel a Voice: Adam Morris on Translating Beatriz Bracher's Antonio. [Entrevista concedida a] Nicole Bilan. **Asymptote**, In Conversation, 22/04/21. Disponível em: <https://www.asymptotejournal.com/blog/2021/04/22/to-channel-a-voice-adam-morris-on-translating-beatriz-brachers-antonio>. Último acesso: 11/01/23.

MORTAIGNE, V. Mille-feuille familial. **Le Monde**, 16/02/12. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2012/02/16/mille-feuille-familial_1643987_3260.html. Último acesso: 10/01/23.

MUNIZ JR., J. DE S. SZPILBARG, D. Edição e tradução, entre a cultura e a política: Argentina e Brasil na Feira do Livro de Frankfurt. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 3 Setembro/Dezembro 2016.

NAKAMURA, L. L. **A profissionalização do escritor**: entre a literatura e o mercado. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2018.

NÉDELLEC, D. "Passager de la fin du jour" de Rubens Figueiredo chez Books éditions (Paris, France). [Entrevista concedida a Courrier des auteurs] **20 Minutes**, 10/04/13. Disponível em: <https://www.20minutes.fr/livres/1135227-20130410-20130410-passager-fin-jour-rubens-figueiredo-chez-books-editions-paris-france>. Último acesso: 11/01/23.

NEW DIRECTIONS. **Antonio**. 2023. Disponível em: <https://www.ndbooks.com/book/antonio/>. Último acesso: 11/01/23.

NIEVES, F. Chico Buarque's '*Spilt Milk*' sees Brazil through haze of memory. **Cleveland**, 02/12/12. Disponível em: https://www.cleveland.com/books/2012/12/in_chico_buarques_spilt_milk_i.html. Último acesso: 11/01/23.

NYE Jr., J. S. **Soft power**: the means to success in world politics. New York: PublicAffairs, 2009. E-book.

OLÁ BRASIL!. **Chico Buarque é famoso na França?**. 26/05/17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLvS5oeBiGg&t=3s>. Último acesso: 17/01/23.

ORTIZ, R. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 3, set./dez. 2013, p. 609-33.

ORTHOFFER, M. A. *Spilt Milk* by Chico Buarque. **The Complete Review**, 28/01/13. Disponível em: <https://www.complete-review.com/reviews/brazil/buarquec.htm>. Último acesso: 11/01/23.

PAOLETTA, K. Beatriz Bracher's Family Histories. **The Nation**, 20/07/21. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/culture/beatriz-bracher-antonio>. Último acesso: 11/01/23.

PARDO, C. V. As feiras internacionais do livro como espaço de diplomacia cultural. **Brasil/Brazil**: revista de literatura brasileira. Edição especial: a internacionalização da literatura brasileira. Nº 50, ano 27. Porto Alegre/Providence, 2014.

_____. Estrategias y procesos de internacionalización. Vender(se) y mostrar(se) en ferias internacionales del libro. IN: SANTOS, I. G. (et al). **La traducción literária**: nuevas investigaciones. Granada : Editorial Comares, 2016.

_____. O espaço do sistema literário brasileiro contemporâneo nos intercâmbios culturais transnacionais. IN: DALCASTAGNÈ, R. **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

PASSPORT MAGAZINE. **Best Holiday Gift Books for Travelers 2022**. 22/11/22. Disponível em: <https://passportmagazine.com/hot-type-for-the-holidays-best-holiday-gift-books-for-travelers-2022/>. Último acesso: 18/01/23.

PATAI, D. Machado em inglês: em busca de um nicho de mercado. In: ANTUNES, B. MOTTA, S. V. (Org.) **Machado de Assis e a crítica internacional**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PAYOT, M. Sergio Rodrigues: match à deux. **L'Express**, 26/04/15. Disponível em: https://www.lexpress.fr/culture/livre/sergio-rodrigues-match-a-deux_1673878.html. Último acesso: 11/01/23.

P. B. Rencontre avec l'écrivain brésilien Bernardo Carvalho. **Sud Ouest**, 22/11/19. Disponível em: <https://www.sudouest.fr/gironde/lege-cap-ferret/rencontre-avec-l-ecrivain-bresilien-bernardo-carvalho-2416587.php>. Último acesso: 18/01/23.

PELAJO, C. Brasil encerra 2014 com a menor taxa de desemprego já registrada. **G1**, Jornal da Globo, 29/01/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/01/brasil-encerra-2014-com-menor-taxa-de-desemprego-ja-registrada.html> Último acesso: 01/03/2019.

PENGUIN. **Nine Nights by Bernardo Carvalho**. 2023. Disponível em: <https://www.penguin.co.uk/books/358372/nine-nights-by-bernardo-carvalho/9780099470335>. Último acesso: 17/01/23.

PERES, A. M. C. A França de Chico Buarque. **O eixo e a roda**: v. 18, n. 1, 2009.

PEREIRA, R. Conexões Itaú Cultural 2019: contra o mero acaso. **Conexões Itaú Cultural**, 08/07/2020. Disponível em: <https://conexoesitaucultural.org.br/pesquisa/conexoes-itaucultural-2019-contra-o-mero-acaso/> Último acesso: 11/08/2021.

PERREAU, S. Bernardo Carvalho, Sympathie pour le démon. **Le Littéraire**, 07/10/18. Disponível em: <http://www.litteraire.com/?p=43711>. Último acesso: 11/01/23.

PIECHOTA, J. Hugs and Cuddles, by João Gilberto Noll. **Bay Area Reporter**, September 1-7, 2022. Disponível em: https://issuu.com/bayareareporter/docs/september_1_2022. Último acesso: 18/01/23.

POST, C. Fala proferida no 10º Encontro Conexões. Mesa "Atores da internacionalização: editores, tradutores e agentes literários". **Itaú Cultural**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rp6rHFLDics> Último acesso: 09/01/2022.

PRESTON, A. Julian Barnes, Sebastian Faulks, Leïla Slimani ... the best fiction for 2018. **The Guardian**, 31/12/17. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/dec/31/2018-best-fiction-julian-barnes-leila-slimani-novels-aminatta>. Último acesso: 11/01/23.

PSYCHOLOGIES. **Le Fils du printemps**. S.d. Disponível em: <https://www.psychologies.com/Famille/Etre-parent/Pere/Livres/Le-Fils-du-printemps>. Último acesso: 17/01/23.

PUBLISHERS WEEKLY. **Antonio**. 2021. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/9780811227384>. Último acesso: 11/01/23.

_____. **Hugs and Cuddles**. 2022. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/9781949641387>. Último acesso: 18/01/23.

_____. **Spilt Milk**. 2012. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/978-0-8021-2008-3>. Último acesso: 11/01/23.

PUJAS, S. Bernardo Carvalho et "Neuf nuits". **Avoir à lire**, 06/10/2005a. Disponível em: <https://www.avoir-alire.com/bernardo-carvalho-et-neuf-nuits>. Último acesso: 09/01/2023.

PUJAS, S. Tristes tropiques. **Avoir à lire**, 14/11/2005b. Disponível em: <https://www.avoir-alire.com/neufs-nuits>. Último acesso: 17/01/23.

PUSHKIN PRESS. **Antonio**. 2023. Disponível em: <https://pushkinpress.com/books/antonio/>. Último acesso: 18/03/23.

QUIMBY, C. Most Anticipated: The Great Second-Half 2022 Book Preview. **The Millions**. 14/04/22. Disponível em: <https://themillions.com/2022/07/most-anticipated-the-great-second-half-2022-book-preview.html>. Último acesso: 18/01/23.

RAMOS, M. Y. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. **Pesquisa e Educação**, São Paulo, v. 44, 2018.

RAMOS, N. Beatriz Bracher Interviewed by Nuno Ramos. **Bomb**, 28/01/19. Disponível em: <https://bombmagazine.org/articles/beatriz-bracher/>. Último acesso: 12/01/23.

REBRAC. Rede Europeia de Brazilianistas de Análise Cultural. Consulta ao sítio eletrônico. <https://rebracweb.wordpress.com/>

[RÉROLLE, R. Election au Brésil: les intellectuels s'élèvent contre le candidat d'extrême droite. **Le Monde**, 26/10/18. Disponível em: https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2018/10/26/au-bresil-les-intellectuels-s-elevent-contre-le-candidat-d-extreme-droite_5374882_3222.html. Último acesso: 11/01/23.](https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2018/10/26/au-bresil-les-intellectuels-s-elevent-contre-le-candidat-d-extreme-droite_5374882_3222.html)

RFI. Chico Buarque explica a Le Monde sobre pedido de visto de longa duração na França. **RFI**, 21/06/19. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/franca/20190621-tenho-muitas-reservas-sobre-o-pt-diz-chico-buarque-em-entrevista-le-monde>. Último acesso: 10/01/23.

RHODES, G. Book review: *The Eternal Son* by Cristovao Tezza. **Express**, 22/09/13. Disponível em: <https://www.express.co.uk/entertainment/books/431190/Book-review-The-Eternal-Son-by-Cristovao-Tezza>. Último acesso: 10/01/23.

RICHAUD, J. “*Le fils du printemps*”, de Cristovão Tezza. **BibliObs**, 28/08/09. Disponível em: <https://bibliobs.nouvelobs.com/romans/20090827.BIB3890/le-fils-du-printemps-de-cristovao-tezza.html>. Último acesso: 10/01/23.

RIFF, L. In: CONEXÕES ITAÚ CULTURAL. Atores da Internacionalização: editores, tradutores e agentes literários – **10º Conexões**, 2018. Disponível em: <<https://conexoeditaocultural.org.br/audiovisual-2/atores-da-internacionalizacao-editores-tradutores-e-agentes-literarios-10o-conexoes/>>. Acesso em 21 de out. de 2022.

RISSARDO, A. Contra o clichê: a prosa itinerante de Bernardo Carvalho e a recepção francesa. Anais do Congresso Internacional da **ABRALIC** de 2013. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434327115.pdf. Último acesso: 17/01/23.

_____. O enigma da literatura brasileira contemporânea na França: recepção, visibilidade e legitimação. Anais do XIV Congresso internacional da **ABRALIC**: fluxos e correntes, 2015, Belém, UFP, p. 1-12.

RIVAS, P. Littérature brésilienne: documents et monumento. **La Quinzaine Littéraire**, 16/06/2008.

ROCHA, J. C. de C. O novo brasilianista, em análise do prof. João Cezar de Castro Rocha. **Conexões**, 20/03/2015. Disponível em: <http://conexoeditaocultural.org.br/biblioteca/o-novo-brasilianista-em-analise-do-prof-joao-cezar-de-castro-rocha/> Último acesso: 08/07/2017.

RODRIGUES, S. France-Brásil: un cauchemar brésilien. **Le Monde**, 26/03/15. Disponível em: https://www.lemonde.fr/football/article/2015/03/26/france-bresil-un-cauchemar-bresilien-par-sergio-rodrigues_4600354_1616938.html. Último acesso: 11/01/23.

_____. Jules Rimet, Meu Amor. **Le Monde**, 12/06/14. Disponível em: https://www.lemonde.fr/coupe-du-monde/article/2014/06/12/jules-rimet-meu-amor-par-sergio-rodrigues_4436072_1616627.html. Último acesso: 11/01/23.

_____. **O Drible**. 10/12/15. Disponível em: <http://www.srodrigues.com.br/o-drible>. Último acesso: 11/01/23.

ROHTER, L. Topics to Make Brazil Squirm. **The New York Times**, 23/12/12. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/12/24/books/spilt-milk-by-chico-buarque.html>. Último acesso: 10/01/23.

ROINAT, C. L'écrivain brésilien Sérgio Rodrigues nous propose “Dribble”. **Nouveaux Espaces Latins**, 08/04/15. Disponível em: <http://www.espaces-latins.org/archives/29047>. Último acesso: 11/01/23.

_____. Sympathie pour le démon, le nouveau roman du Brésilien Bernardo Carvalho. **Nouveaux Espaces Latins**, 19/10/18. Disponível em: <https://www.espaces-latins.org/archives/71000>. Último acesso: 11/01/23.

RÓNAI, P. **Antologia do conto húngaro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: TopBooks, 1998.

ROSE, S. J. Métaphysique du ballon rond. **Livres Hebdo**, 13/02/15. Disponível em: <https://www.livreshebdo.fr/article/metaphysique-du-ballon-rond>. Último acesso: 11/01/23.

ROSENTHAL, O. Olivia Rosenthal raconte *Neuf nuits* de Bernardo Carvalho. In: Cinq livres que les écrivains nous conseillent pour l'été. **Les Inrockuptibles**, 04/10/13. Disponível em: <https://www.lesinrocks.com/livres/cinq-livres-que-les-ecrivains-nous-conseillent-pour-lete-1885-04-08-2013/>. Último acesso: 10/01/23.

ROSSIGNOL, V. Amazonia. **Livres Hebdo**, n. 406, 17/06/2005.

_____. Au pays du soleil couchant. **Livres Hebdo**, 13/06/2008.

_____. Corrompue, cupide et fière. **Livres Hebdo**, 19/03/15. Disponível em: <https://www.livreshebdo.fr/article/corrompue-cupide-et-fiere>. Último acesso: 17/01/23.

ROUSSEL-GILLET, I.; THOIZET, É. Une traversée du champ littéraire: 25 ans d'archives Télérâma. **L'Entre-deux**, nº 5, Présences contemporaines 1, 06/19. Disponível em: <https://lentre-deux.com/index.php?b=65>. Último acesso: 10/01/23.

RUFFATO, L. Leia a íntegra do discurso de Luiz Ruffato na abertura da Feira do Livro de Frankfurt. **Estadão**, Cultura, 08/08/2013. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>. Último acesso: 19/10/2018.

_____. Literatura (e) política de Ruffato – Encontro Conexões (áudio). **Conexões Itaú Cultural**, 20/03/2017. Disponível em: <http://conexoeditaucultural.org.br/mapeados/literatura-e-politica-de-ruffato-audio/>. Último acesso: 04/07/2017.

_____. Viver de literatura. **O Globo**, Coluna O estado da arte. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/viver-de-literatura-9777435>. Último acesso: 01/09/2013.

SÁ, D. S. de. O leitorado brasileiro em Manchester: política linguística e ensino de português como língua estrangeira. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 31-40, 2009.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SACKS, S. In the Wake of "Cloud Atlas". **The Wall Street Journal**, 07/12/12. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB10001424127887324640104578163103899474138>. Último acesso: 10/01/23.

SALGADO, M.; LIMA, F. A literatura brasileira no exterior. **Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano X – 2. 2º semestre de 2015. Entrevista.

SANCHEZ, C. *Spilt Milk*. **Santa Fe New Mexican**, Pasatiempo, 03/05/13. Disponível em: https://www.santafenewmexican.com/pasatiempo/books/book_reviews/spilt-milk/article_073eae36-b389-11e2-9a89-001a4bcf6878.html. Último acesso: 11/01/23.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. IN: **Uma literatura nos trópicos**. Recife: Cepe, 2019.

_____. Uma literatura anfíbia. In: **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SAPIRO, G. Du rôle des traductions dans la construction et la déconstruction des identités nationales. In : PERROT-CORPET, D ; GAUVIN, L. **La nation nommée Roman face aux histoires nationales**. Paris : Classiques Garnier, 2011.

_____. Les collections des littérature étrangère. In : SAPIRO, G. (dir.) **Translatio** : le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation. Paris: CNRS Éditions, 2008a.

_____. L'essor des traductions littéraires en français. In : SAPIRO, G. (dir.) **Translatio** : le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation. Paris: CNRS Éditions, 2008b.

_____. Situation du français sur le marché mondial de la traduction. In : SAPIRO, G. (dir.) **Translatio** : le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation. Paris: CNRS Éditions, 2008c.

_____. POPA, I. Traduire les sciences humaines et sociales : logiques éditoriales et enjeux scientifiques. In : SAPIRO, G. (dir.) **Translatio** : le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation. Paris: CNRS Éditions, 2008.

SARLO, B. **Borges, um escritor em las orillas**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015. E-book.

SCHIFFRIN, A. **O negócio dos livros**: como as grandes corporações decidem o que você lê. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SCHILLER, L. Brazil's Complex Past, Recounted from a Deathbed: Chico Buarque's 'Spilt Milk'. **Zyzyva**, 28/11/12. Disponível em: <https://www.zyzyva.org/2012/11/28/brazils-complex-past-recounted-from-a-deathbed-chico-buarques-spilt-milk>. Último acesso: 10/01/23.

SCHØLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHWARZ, R. Leituras em competição. In: **Martinha versus Lucrecia**: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCRIBE. **The Eternal Son**. 2023. Disponível em: <https://scribepublications.co.uk/books-authors/books/the-eternal-son-9781922247025>. Último acesso: 18/01/23.

SETHI, A. A Ship to Nowhere. **Times Literary Supplement**, 23/01/09. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/other-languages/english/a-ship-to-nowhere-times-literary-supplement-january-23-2009-by-anita-sethi>. Último acesso: 2020.

SEUIL. **Dribble**. 2023. Disponível em: <https://www.seuil.com/ouvrage/dribble-sergio-rodrigues/9782021182903>. Último acesso: 18/01/23.

SHAH, A. Resistance by Julián Fuks. **World Literature Today**, 2019. Disponível em: <https://www.worldliteraturetoday.org/2019/winter/resistance-julian-fuks>. Último acesso: 11/01/23.

SHOHAT, E.; STAM, R. Do eurocentrismo ao policentrismo. IN: **Crítica da imagem eurocêntrica**. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVIANO, S. Uma literatura anfíbia. **Alceu**, v. 3, n. 5, 2002.

SINGER, A. Julián Fuks en quête de son frère d'Argentine. **Le Monde**, 26/04/18. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2018/04/26/julian-fuks-en-quete-de-son-frere-d-argentine_5290837_3260.html. Último acesso: 11/01/23.

SISKIND, M. **Cosmopolitan desires**: Global modernity and world literature in latin américa. Evanston: Northwestern university press, 2014.

S. L. Le soleil se couche à Sao Paulo. *Carnets de Sel*, 24/08/08. Disponível em: <http://essel.over-blog.com/article-22195736.html>. Último acesso: 17/01/23.

SNEL. **Pesquisas**, 2022. Disponível em: <<https://snel.org.br/pesquisas/#1535467922268-4b0d099d-eca3>>. Acesso em: 13 de out. de 2022.

SO, J. This Week's Hot Reads: Dec. 17, 2012. **Daily Beast**, 17/12/12, atualizado em 2017. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/this-weeks-hot-reads-dec-17-2012>. Último acesso: 11/01/23.

SOLLE, Y. Les sentires de la mémoire. *Zone critique*. 13/01/2013. Disponível em: <https://zone-critique.com/2013/01/13/les-sentiers-de-la-memoire/> Último acesso: 28/07/2021

SOLYM, C. Prix Médicis: la dernière sélection avant le résultat du 5 novembre. **Actualité**, 21/10/08. Disponível em: <https://actualite.com/article/92541/prix-litteraires/prix-medicis-la-derniere-selection-avant-le-resultat-du-5-novembre>. Último acesso: 17/01/23.

SPÉZIA, K. **A literatura brasileira traduzida na França de 2000 a 2013**: uma perspectiva descritiva e sociológica. Dissertação (mestrado) Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 127 p., 2015.

STEINER, J. Au cœur des ténèbres. **Les Inrockuptibles**, 05/10/2005.

TAGUS PRESS. **The Eternal Son**. 2023. Disponível em: <https://www.umasspress.com/9781933227528/the-eternal-son/>. Último acesso: 18/01/23.

TENNINA, L. O Brasil fora de si – Encontro Conexões (2016). **Conexões Itaú Cultural**, 21/03/2017. Disponível em: <http://conexoesitaucultural.org.br/mapeados/o-brasil-fora-de-si-encontro-conexoes-2016/>. Último acesso: 04/07/2017.

TEZZA, C. Cristovão Tezza lança "O filho eterno". Entrevista concedida a Adriana Brandõ. **RFI Brasil**, 18/12/2009. Disponível em: http://www1.rfi.fr/actubr/articles/120/article_15149.asp Último acesso: 09/01/2023.

THE WORLD BANK. **Brazil**. 2022. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/country/BR?locale=pt>>. Acesso em 21 de out. de 2022.

THIESSE, A-M. **La création des identités nationales**. Paris, Éditions du Seuil, 2001.

THOMPSON, L. Ashes of the Amazon by Milton Hatoum. **The Telegraph**, 26/11/08. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/3563691/Ashes-of-the-Amazon-by-Milton-Hatoum.html>. Último acesso: 17/01/23.

THOMSON, I. Spilt Milk by Chico Buarque: review. **The Telegraph**, 04/10/12. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/culture/books/fictionreviews/9573627/Spilt-Milk-by-Chico-Buarque-review.html>. Último acesso: 10/01/23.

TONKIN, B. Boyd Tonkin: The View From Here. **The Independent**, Voices, Commentators, 20/06/2006. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/voices/commentators/boyd-tonkin-the-view-from-here-404781.html?fbclid=IwAR0T2kTyXVBJL9GccMXW6cDGst-6qukVIIqV2AikkLArRhTUS3eBZ8E3Qu0> Último acesso: 29/06/2022.

TORRES, B. Anne-Marie Métaillié: luta para divulgar autores brasileiros na França. **Jornal do Brasil**, Acervo, 02/11/2009. Disponível em: https://www.jb.com.br/index.php?id=/acervo/materia.php&cd_materia=479150&dinamico=1&preview=1 Último acesso: 27/06/2019.

_____. França é fundamental para o projeto de internacionalização da literatura brasileira. **O Globo**, Cultura, 22/03/2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/franca-fundamental-para-projeto-de-internacionalizacao-da-literatura-brasileira-15664887> Último acesso: 16/12/2018.

_____. Mesmo sem apoio, editoras francesas apostam em autores brasileiros clássicos e contemporâneos. **O Globo**, Cultura, Livros, 04/04/2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/mesmo-sem-apoio-editoras-francesas-apostam-em-autores-brasileiros-classicos-contemporaneos-15766728#ixzz3WMMFeYOqE>. Último acesso: 19/10/2018.

TORRES, M-H. **Traduzir o Brasil literário**: paratexto e discurso de acompanhamento. Tubarão: Copiart, 2011.

TWO LINES PRESS. **Hugs and Cuddles** by João Gilberto Noll. Disponível em: <https://www.catranslation.org/shop/book/hugs-and-cuddles/>. Último acesso: 18/01/23.

TZER ISLAND. **Spilt Milk by Chico Buarque**. 03/12/12. Disponível em: <https://www.tzerisland.com/bookblog/2012/12/3/spilt-milk-by-chico-buarque.html>. Último acesso: 11/01/23.

UNESCO. **Index Translationum**, 2022. Disponível em: <https://www.unesco.org/xtrans/bsstatlist.aspx?lg=0>. Acesso em: 08/10/2022.

UNIVERSITÉ BORDEAUX MONTAIGNE. **Rencontres littéraires avec le festival "Lettres du monde"**. 22/11/19. Disponível em: <https://www.u-bordeaux-montaigne.fr/fr/actualites/culture/annee-2019-2020/quatre-rencontres-litteraires-avec-le-festival-lettres-du-monde.html>. Último acesso: 18/01/23.

UNIVERSITY OF ROCHESTER. **Three Percent: About**. 2022. Disponível em: <http://www.rochester.edu/College/translation/threeppercent/about/>. Acesso em: 21 de out. de 2022.

VASCONCELOS, M. Patrícia Melo e Milton Hatoum revelam 'Brasis' aos britânicos. **BBC Brasil**, 05/06/02. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/020605_hatoummelomv.shtml. Último acesso: 2020.

VASSALLO, L. A literatura brasileira na América espanhola: sua recepção. **Revista eletrônica CELPCYRO**, vol. 2, agosto de 2011.

VEJMEKKA, M. Entre o exótico e o político : características da recepção e tradução de Jorge Amado na Alemanha, **Amerika**, 10, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amerika/4522>. Último acesso: 19/01/2023

VERSO BOOKS. **Crooked Plow**. 2023. Disponível em: <https://www.versobooks.com/books/4172-crooked-plow>. Último acesso: 18/01/23.

VIEIRA, N. H. Brazilian literature as world literature. **Brasil/Brazil**: revista de literatura brasileira. Edição especial: a internacionalização da literatura brasileira. Nº 50, ano 27. Editorial. Porto Alegre/Providence, 2014.

VIEIRA JR. I. Como Itamar Vieira Junior transformou andanças de 15 anos pelo Nordeste no livro mais vendido do Brasil. [Entrevista concedida a Mariana Weber]. **Forbes**. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformou-andancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/> Último acesso: 19/01/2023.

Leia mais em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformou-andancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/>

VOGEL, D. Hugs and Cuddles by João Gilberto Noll. In: Here Are All The Best Books Releasing In October. **Buzzfeed**, 10/10/22. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/farrahpenn/best-books-releasing-october-2022>. Último acesso: 18/01/23.

ULIN, D. L. “*Spilt Milk*” by Chico Buarque plays on memory, experience. **Los Angeles Times**, 21/12/12. Disponível em: <https://www.latimes.com/books/la-xpm-2012-dec-21-la-ca-jc-chico-buarque-20121223-story.html>. Último acesso: 10/01/23.

UNDP. **Human development index**. 2021. Disponível em: <<https://hdr.undp.org/data-center/human-development-index#/indicies/HDI>>. Acesso em: 21 de out. de 2022.

URQUHART, J. Ashes of the Amazon. **Financial Times**, 02/11/09. Disponível em: <https://www.ft.com/content/5529c776-c4e4-11de-8d54-00144feab49a>. Último acesso: 10/01/23.

WALKER, G. 2013 Rights List. **Anja Saile Literary Agency**, 25/04/17. Disponível em: <https://silo.tips/download/anja-saile-literary-agency>. Último acesso: 17/01/23.

WASSERMAN, R. R. M. Brasil in translation or, who reads a Brazilian book? **Brasil/Brazil**: revista de literatura brasileira. Edição especial: a internacionalização da literatura brasileira. Nº 50, ano 27. Porto Alegre/Providence, 2014.

WHITESIDE, S. The Eternal Son. **Bookoxygen**, 29/08/13. Disponível em: http://bookoxygen.com/?p=4520&can_use_cookies=yes. Acesso em: Último acesso: 10/01/23.

WHITTINGTON, B. Novel: *Spilt Milk* by Chico Buarque. **Litro**, 22/11/12. Disponível em: <https://www.litromagazine.com/literature/chico-buarque-spilt-milk>. Último acesso: 10/01/23.

WINCK, O. L. **Minha pátria é minha língua**: identidade e sistema literário na Galiza. Curitiba: Appris, 2017.

WITT, E. Review: Chico Buarque's "*Spilt Milk*". **The American Reader**, [s.d.]. Disponível em: <https://theamericanreader.com/review-chico-buarques-spilt-milk>. Último acesso: 10/01/23.

WOOD, M. Entre Paris e Itaguaí. **Novos estudos**, n. 83, março de 2009, p. 185-196.

_____. Um mestre entre ruínas. **Folha de São Paulo**, caderno +MAIS. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo, Caderno +mais!, 21 julho 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2107200207.htm>>. Último acesso em: 19/10/2018.

WORLD LITERATURE TODAY. **History**. 2022. Disponível em: <<https://www.worldliteraturetoday.org/history>>. Acesso em 13 de out. de 2022.

WReC. **Combined and uneven development**: towards a new theory of world-literature. Liverpool: Liverpool University Press, 2015.

WU, J. Prisoner of Love. **Astra**, 18/10/22. Disponível em: <https://astra-mag.com/articles/prisoner-of-love/>. Último acesso: 18/01/23.

WYATT, F. The Coming of "Caesura" — Sustaining the Freedom of Art. **The Arts Fuse**, 26/01/21. Disponível em: <https://artsfuse.org/220840/arts-interview-the-coming-of-caesura-sustaining-the-freedom-of-art>. Último acesso: 11/01/23.

XAVIER, W. R. de A. Romance brasileiro em tradução alemã: *O Guarany* e *Innocencia*, produto nacional e *best-seller* no longo século XIX. IN: ABREU, M. (Org.). **Romances em movimento**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas: Ed. da Unicamp, 2016.

XEXÉU, A. Depoimentos. **Chico Buarque**. 1988. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/textos?Tipo=3&Busca=guards> Último acesso: 19/01/2023.

ZUCCOLINI, J. L. Sympathie pour le demon. **Froggy's Delight**, 09/18. Disponível em: https://www.froggydelight.com/article-21080-Sympathie_pour_le_demon.html. Último acesso: 11/01/23.